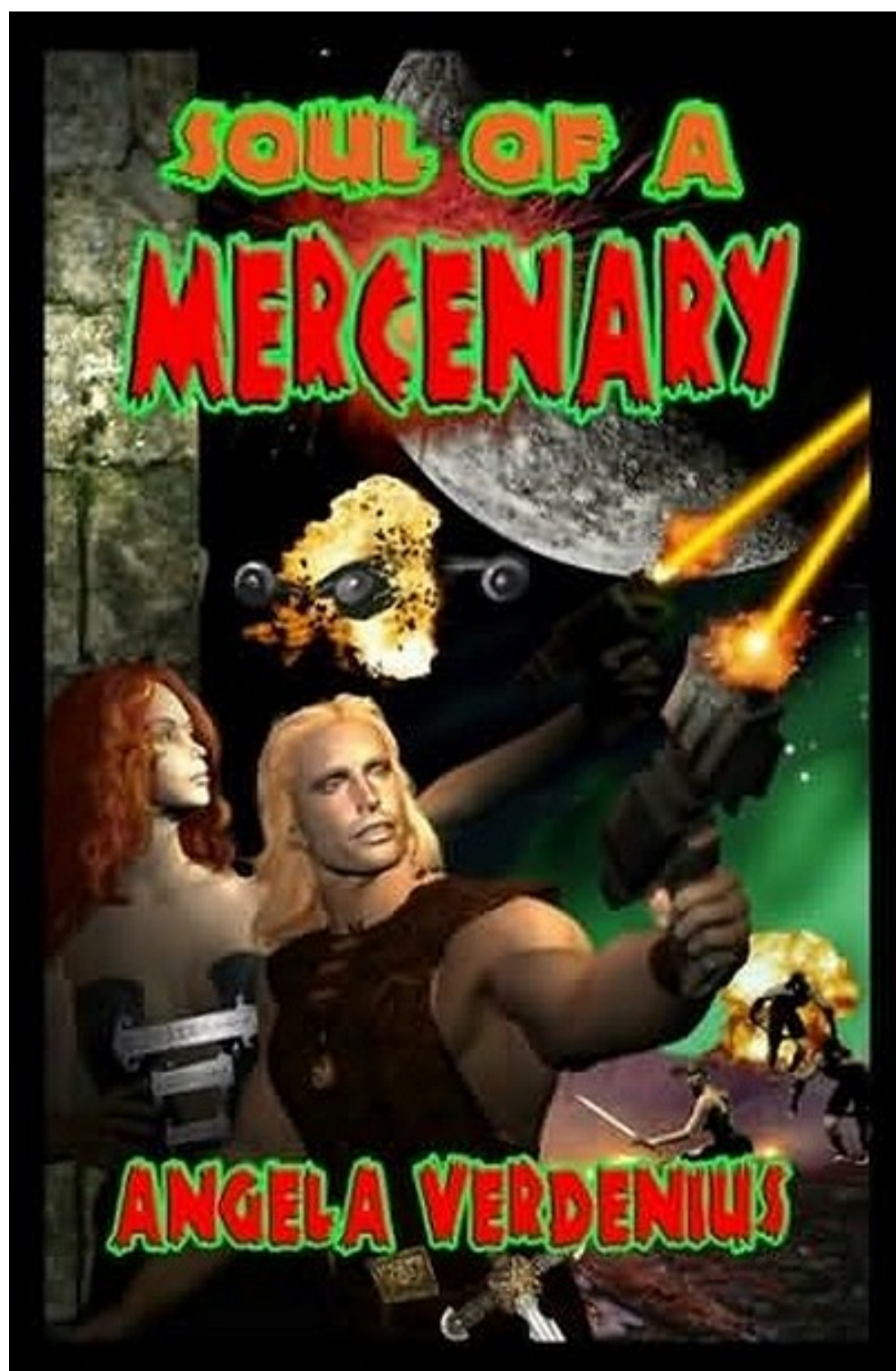


SOUL OF A MERCENARY





SÉRIE LOVE, HEART & SOUL

ALMA

DE UMA

MERCENÁRIA

SOUL OF A MERCENARY



ANGELA VERDENIUS



Envio: Bia

Tradução: Márcia Oliveira

Revisão Inicial: Ady Miranda

Revisão Final: Raquel

Leitura Final: Mary

Formatação: Ady Miranda

Informações sobre a série

1. Coração de uma fora da lei (Distribuído)
2. Alma de uma mercenária (Distribuído)
3. The Heart of the Betrayed (Revisão)
4. Love's Sweet Assassin (Na lista)
5. Soul of a Hunter (Na lista)
6. Love's Bewitching Thief (Na lista)
7. The Heart of the Forsaken (Na lista)
8. Soul of a Witch (Na lista)
9. The Heart of a Traitor (Na lista)
10. Soul of the Forgotten (Na lista)
11. Love's Beguiling Healer (Na lista)
12. Heart of a Peacekeeper (Na lista)
13. Soul Of a Predator (Na lista)
14. Love's Winsome Warrior (Na lista)
15. Heart of a Smuggler (Na lista)
16. Soul Of a Guardian (Na lista)
- 17 - Love, Heart And Soul Moments (Na lista)
- 18 - Shattered Soul (Na lista)

Resumo

Guerreira, mercenária... o perigo e a morte a persegue, mas a loucura é a companheira mais ameaçadora para Reya, por causa de um segredo obscuro que consome a sua alma.

O amor fará o comerciante Maverk segui-la ao Setor de Outlaw e no pesadelo crescente estender a mão para ela e libertá-la do seu passado sangrento.

Dedicatória

Para meu irmão André, minha cunhada Sue e minha doce sobrinha Chloe. Continuem a viver os seus sonhos.

Para Leslie Hodges, editor chefe, meu coração sentiu-se agradecido, por tudo o que você fez.

Para Richard Stroud — extraordinário artista!

E como sempre, para minha mãe, Doreen. Amo-te.

Introdução

Encostada à parede, Dana aliviou a dor de seu tornozelo ferido.

—É um daqueles sacos que selam a saída do cheiro?

—Sim. — Reya lançou um olhar sem graça para o grupo de comerciantes. —Você não terá que se preocupar com a carcaça fétida em sua nave.

—Que alívio. — Maverk voltou-se suavemente, embora por dentro ele não estivesse nada calmo. Ele queria sacudi-la, porque sabia que ela estava deliberadamente tentando deixá-lo doente.

—As larvas não vão cair no chão.

Esquecendo a sua agitação, agora ele queria bater nela.

—Eu tenho a imagem.

—Você? — Endireitando-se, ela olhou-o firmemente. —Você realmente tem bonitão? Você já viu um corpo morto?

—Sim.

—Depois de alguns dias?

—Sim.

—Depois de cozinhar no sol quente e os animais selvagens terem se banquetado sobre ele?

Sua garganta travou, mas ele se recusou a permitir a ela a satisfação de sabê-lo.

—Sim.

Duvidosamente, ela olhou para ele.

—Vermes, insetos e tudo?

Não. O cadáver que tinha visto estava congelado.

—Um homem morto foi o que vi Reya. Você quer começar uma descrição gráfica sobre isso?

—Basta saber que você está preparado.

—Obrigado pela preocupação.

—Não me agradeça. Eu não quero ninguém vomitando em minhas botas.

—Você está querendo uma luta, moça?

—Não iria perder o fôlego, bonitão.

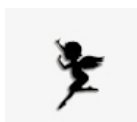
Capítulo 1

A fortaleza estava sob ataque, mas não por armamentos sofisticados e aviões de caça; correntes elétricas na atmosfera faziam qualquer coisa eletrônica queimar rapidamente. Não, o líder dos invasores pensava consigo mesmo severamente, naves espaciais e lasers estavam fora de questão neste planeta abandonado.

Espadas, lanças, flechas e aríetes¹ não estavam. Zormar podia ouvir os cavalos batendo os cascos e bufando no abrigo das árvores que estavam amarrados. Eles estavam nervosos pelos gritos e pelo cheiro de sangue.

O baque contínuo do aríete soou ritmicamente no ar, uma vez que bateu nos enormes portões de madeira e a voz áspera de seu comandante soou conforme ele dava incentivo.

Ele conhecia as muralhas da fortaleza e não demoraria muito para que os invasores rompessem a sua resistência.



—Maldição do inferno! — Vanc caminhou para cima e para baixo no grande salão. —Quão perto estão?

—As portas estão segurando, por enquanto.

—Quem é o líder dos agressores? Zormar não tem cérebro para fazer isso!

O soldado engoliu sob o olhar furioso do mestre da fortaleza.

—Eu ouvi sussurros que é...

A porta abriu com uma pancada e um soldado cambaleou com uma flecha saindo de seu ombro.

—As paredes! Eles estão escalando as paredes de todos os lados!

Rosnando sua raiva e desembainhando a espada, Vanc correu para fora, para a batalha. Olhando incrédulo para as imponentes paredes, viu o topo das escadas de metal em todos os lugares. Seus arqueiros estavam aglomerados nas passarelas. Eles disparavam flechas para baixo, nos invasores, enquanto apenas um mínimo de

¹ Um **aríete** é uma antiga máquina de guerra constituída por um forte tronco de freixo ou árvore de madeira resistente, com uma testa de ferro ou de bronze a que se dava em geral a forma da cabeça de carneiro. Os aríetes eram utilizados para romper portas e muralhas de castelos ou fortalezas.

soldados pressionava por trás deles. Para baixo no portão o baque do aríete ainda podia ser ouvido e a maioria de seus soldados estava lá, prontos para enfrentar os invasores quando o portão finalmente cedesse.

Era um ardil inteligente.

—As paredes! As paredes! — ele gritou enquanto corria até os degraus de pedra que levava à passarela que circundava o interior da muralha. —Soldados para as paredes! Nosso perigo vem de lá!

Suas palavras sufocaram quando ele fez uma parada abrupta no topo. Quatro arqueiros cambalearam para trás, flechas saíam de seus peitos e caíram para trás ao longo da passarela, despencando para a morte abaixo, no pátio.

O primeiro dos invasores veio por cima do muro e Vanc encontrou-se olhando para olhos verdes gelados, tão frios que congelou seus ossos. Eles eram as últimas coisas que veria, antes da morte reclamá-lo, por um golpe de espada no coração.

Ele caiu morto aos pés da bonita guerreira.

Seus soldados dispararam para frente, mas já era tarde demais. Invasores fervilhavam por cima do muro, liderados por outra mulher guerreira.

Suas espadas flamejavam impiedosamente conforme elas seguiram adiante para levar os invasores à vitória, as duas jovens guerreiras lutavam mais ferozmente que seus companheiros do sexo masculino.



Com as mãos nos quadris, Zormar ergueu-se e sorriu. A *fortaleza era sua, enfim!* Ele não tentou enganar-se pensando que poderia ter feito isso sozinho. Não, ele tinha outros para agradecer por sua vitória, e onde estavam eles? Apertando os olhos através da névoa espessa da fumaça que enchia o pátio, o que procurava lentamente apareceu. Caminhando apertada entre os soldados, ela veio em direção a ele com sua companheira ao seu lado. Inconscientemente, os soldados se separaram para deixá-las passar através de suas fileiras.

Ele olhou-as, observando como se erguiam acima dos homens no pátio por pelo menos uma cabeça. Elas estavam vestidas iguais, com saias de couro, que vinham ao meio da coxa, coletes sem mangas que eram atados na frente, botas de couro cru até abaixo

dos joelhos e sem dedos, as luvas revestidas de metal que vinham até os cotovelos. Pequenos aros de prata perfuravam as suas orelhas, dois na direita e quatro na esquerda e cada uma usava uma banda de prata lisa em torno de seu braço esquerdo. Elas andavam com passos longos, ágeis, suas espadas ensanguentadas estavam embainhadas em suas costas e tinha sangue respingado sobre suas roupas e pele. Sujeira e fumaça manchavam seus rostos, mas não escondiam a sua beleza.

Ele não foi enganado, no entanto. Estas guerreiras possuíam grande velocidade, força e habilidade quando se tratava de luta. Ele, por exemplo, não iria cruzar o seu caminho.

Levantando os olhos, estudou-as quando pararam diante dele.

Dana aquela com o cabelo loiro, era ardente. Olhos castanhos escuros cuspiendo fogo e ela tinha o péssimo hábito de olhar para baixo, diretamente para os homens, esfregando-lhes no nariz o fato de terem errado o caminho. Ela era uma verdadeira 'odeia homens'.

A outra guerreira tinha os cabelos vermelhos com cachos selvagens, puxado para trás em um rabo de cavalo que caía pelas costas até a cintura. Acima do nariz arrebitado estava um par de olhos verde gelados. Frios. Mortais. Como a própria mulher.

Não, ele não iria atravessar o caminho dessas mulheres guerreiras Reeka, estas mercenárias. Agora que a fortaleza estava dominada, iria pagá-las e enviá-las em seu caminho. Embora, se pudesse convencê-las a permanecer em seu emprego, nenhum outro senhor distrital fora da lei ousaria atacá-lo.

—Reya, eu gostaria que reconsiderasse e permanecesse por um tempo.

—Não. Nosso trabalho está feito. Tudo o que queremos é o nosso salário e seguiremos o nosso caminho.

Zormar suspirou e balançou a cabeça. Virando-se para seu comandante, ele ordenou:

— Traga o dinheiro.

—E os cavalos. — acrescentou Dana.

—E os cavalos. — Zormar ecoou.

Dentro de minutos os dois cavalos de guerra foram trazidos para frente e as Reekas montaram rápidas e facilmente. Zormar entregou uma bolsa para Reya. Ela abriu-a, olhou para dentro, conferindo o conteúdo. *Sim, a prata estava toda lá.* Ela colocou a bolsa por trás da sela, acenou para Zormar e sem outra palavra, rodeou para sair da fortaleza, Dana seguiu atrás dela. Os cascos dos cavalos batiam nas pedras do calçamento.

Com um encolher de ombros, Zormar virou. Agora que a fortaleza era dele, tinha outras coisas para pensar, não em mercenárias. Além disso, como todos sabiam, se alguém tivesse necessidade das guerreiras Reeka, só tinham que colocar um aviso acima nas tabernas e divulgar a informação. Mais cedo ou mais tarde, Reya e Dana iriam aparecer.



Em pé na janela do quarto, Tenia olhou para fora sobre a cidade. Edifícios brancos deram uma imagem de frieza sob o sol quente de verão e o som do riso das crianças flutuou até ela.

Mãos grandes repousaram sobre seus ombros e ela foi puxada para trás, contra o peito musculoso.

—O que tem moça?

—Eu me preocupo com Reya. Ela se foi há um ano e as coisas que eu ouvi, me preocupa.

Darvk suspirou. Sim, sua cunhada também o preocupava.

—Moça, não há muita coisa que possamos fazer. Teríamos que arrastá-la de volta para cá.

A cabeça dourada inclinou para trás e os belos olhos violeta tinha um brilho de diversão em suas profundezas.

—Você realmente acha que poderia arrastá-la, ou Dana, de volta contra a sua vontade?

—Por você, eu o faria. — Olhos quentes e amorosos olharam para ela.

—Sério, Darvk, elas trilham uma linha fina. Um passo errado e elas poderiam ser banidas de novo.

Colocando a mão suavemente sobre o seu estômago arredondado, onde seu bebê esperava para nascer, ele procurou tranquilizá-la.

—Reya e Dana lutam para os fora da lei, é verdade, mas contra outras pessoas não cumpridoras da lei. Enquanto elas continuarem a fazer isso, não podem ser consideradas ilegais. Isso só pode acontecer se elas atacarem inocentes.

—Eu sei. — Ela suspirou transferindo mais uma vez seu olhar para fora da janela. —Eu tinha pensado que tudo se resolveria uma vez que nós fôssemos perdoadas, mas parece que eu estava errada. Algum demônio a conduz para frente.

—Reya?

—Quem mais? Ela é tão fria por dentro, que eu temo que um dia ela vá quebrar.

Ele esfregou a sua barriga confortavelmente.

—Preocupa Maverk também.

Ela colocou a mão sobre a dele.

—Ele não diz isso, mas sente falta dela. Ela saiu enquanto ele estava fora, em uma viagem de negócios, lembra? Eu não acho que ele, realmente, vá perdoá-la por isso.

—Não, mas ele não poderia tê-la segurado, mesmo se estivesse aqui. — Darvk sorriu levemente. —Garret não ficou muito feliz quando Dana a seguiu, também.

Girando nos braços de seu marido, Tenia olhou para ele séria.

—Eu queria a minha irmã aqui para o nascimento do nosso filho.

—Mas ainda faltam três meses, moça.

—Vai levar pelo menos esse tempo para encontrá-las. — Ela franziu os lábios. —Talvez eu devesse sair e procurar.

—Não! — Ele franziu a testa com firmeza. —Nós podemos enviar mensagens.

—Que elas podem não receber. Eu tenho um pressentimento forte que Reya está em apuros.

—Algum perigo?

—Em relação a ela mesma.

—Ah, então o nascimento do bebê é apenas uma desculpa para ela e Dana voltarem?

Suplicando, ela olhou para ele.

—Um pouco. Tenho tanto medo por ela. Ela está em um caminho de autodestruição e ninguém sabe por quê. Se eu pudesse vê-la, falar com ela.

—Você acha que ela vai se abrir e dizer-lhe o seu segredo escuro? — Darvk acariciou seu rosto suave com ternura. —Isso é extremamente improvável moça.

—Mas eu preciso tentar. — Lágrimas brilhavam em seus olhos. —Ela é minha irmã, Dana é minha prima e também trilha um caminho perigoso.

Ele a ninava junto a ele.

—Muito bem, moça. Vou mandar alguém para encontrá-las e dar a sua mensagem do nascimento do bebê em breve.

—Obrigada. — Ela beijou-o suavemente. —Quem você vai enviar?

Um brilho diabólico iluminou os olhos azuis intensos.

—Oh, este é, definitivamente, um trabalho para Maverk e Garret. Eles estavam procurando uma desculpa para ir e procurar essas duas moças!

Tenia riu.



O barman olhou para cima quando os dois homens entraram no bar da taberna quase deserta, no início da manhã. Nervosamente ele tomou seus contornos. Eles eram enormes, cada um com pelo menos dois metros de altura, elevando-se sobre o porteiro brutal, que se inclinou sonolento contra a parede. Seus peitos por baixo dos coletes abertos, sem mangas, ondulavam com músculos e os braços inchavam com o movimento. Calças de material grosseiro deslizavam longamente sobre fortes pernas e estavam enfiadas dentro de botas de salto baixos.

Os dois homens se aproximaram do bar e agora ele podia vê-los mais claramente. O da esquerda tinha olhos castanhos e cabelos longos e loiros, amarrados na nuca, enquanto o da direita tinha olhos cinzentos e longos cabelos castanhos que pendiam soltos. Ambos ostentavam um aro de prata pequena em sua orelha esquerda.

O barman suspirou com alívio. Ele reconheceu os dois jovens, eles não poderiam ter mais de vinte e dois ou vinte e três anos e eram comerciantes Daamen. Ele sentiu alívio. Foras da lei tão grandes quanto estes dois gigantes, poderiam destruir o lugar facilmente. Os Daamens tinham amor por brigas, mas não eram fora da lei e não causavam danos deliberadamente. Ao contrário dos bandidos que viviam nesse assentamento de Kyro.

—Bom dia, amigos. — ele cumprimentou. —O que posso fazer por vocês?

—Eu sou Maverk. —O loiro assentiu satisfeito. —Este é meu amigo Garret.

O barman concordou.

—Simet é o meu nome.

—Bem, agora Simet, estamos precisando de algumas informações.

Imediatamente seus olhos ficaram mais atentos.

—Isso não é saudável aqui na fronteira do Setor Outlaw².

² Fora da lei

Maverk riu.

—Relaxe, eu não estou procurando por recompensas!

—Não. — Garret acrescentou. —O que buscamos é uma informação sobre duas moças.

—Moças? — o rosto de Simet se desanuviou. —Há um par no andar de cima.

—Não são estas. — Maverk sorriu. —Nós procuramos por duas Reekas.

—Ah, eu os reconheço agora. Vocês são uma parte da tripulação Daamen que limpou o nome das guerreiras Reekas dois anos atrás?

—Nós somos. Agora, sobre as...

—Ainda me lembro da luta entre as Reekas e os soldados Inka aí na frente e como vocês, gigantes, entraram na briga. Que noite foi aquela!

—Er... sim. As duas que procuramos...

—Não pode ser Tenia, aquela dos cabelos dourados. — Simet informou-lhes com conhecimento de causa. —Ela se casou com seu capitão. Então deve ser a irmã mais velha dela, Reya.

Com alívio, Maverk agarrou a oportunidade.

—Exatamente!

—E uma loira, — Garret acrescentou. —um pouco impetuosa.

—Um pouco? — Simet ergueu as sobrancelhas. —Não sei sobre ser pouco. Elas são quase tão altas quanto vocês dois são. Mas de fogo, sim, Dana é de fogo, tudo bem. Não como Reya, ela pode congelar um homem com um olhar a menos de vinte passos!

—Você, obviamente, as conhece, então?

—Certamente que sim. — Ele descansou os cotovelos confortavelmente no bar. —Elas chegaram aqui cobertas de sangue e sujeira de uma batalha com um senhor de distrito, estavam procurando um lugar para descansar.

Os olhos de Garret se iluminaram de repente.

—Qual é o quarto em que estão?

—Oh, não estão mais aqui. Isso foi há duas semanas.

—Onde estão agora? — Maverk perguntou, exasperado.

Simet bateu no queixo pensativo e seu rosto se iluminou.

—Elas estavam indo para outro emprego.

—Onde?

—Agora eu não sei. Aquelas guerreiras não são de dizer nada.

—Então, como você sabe que elas estavam indo para outro emprego?

—Porque elas são mercenárias, com espadas sob contrato. — O barman olhou para ele com nojo. —Elas estão procurando por senhores da guerra do distrito, você sabe!

Maverk coçou a cabeça.

—Tudo bem, quais são os senhores do distrito que estão lutando agora?

—Você está brincando!

—Não.

—Deixe-me ver. — O sarcasmo banhava a resposta. —Onde você gostaria que eu comesse?

Maverk esfregou o rosto cansado.

—Basta anotá-los e nós vamos verificar o mais próximo assentamento deles.

—Você não fala sério.

—Estou falando sério.

Vinte minutos depois, os comerciantes deixaram a taverna com um pequeno pedaço de papel na mão de Maverk. O barman soube de seis batalhas diferentes e estavam na lista. Duas em Ulon, uma em Lanta e duas em Vendor.

Maverk sabia que eles iriam levar cerca de uma semana para cobrir os três planetas. Esperava que não tomasse tanto tempo para encontrar as guerreiras Reeka.

Capítulo 2

Reya acordou com o coração batendo forte e o suor encharcando-a. Olhando através das brasas frias da fogueira, ela ficou aliviada ao ver que Dana ainda dormia pacificamente. Silenciosamente se levantou e caminhou para o rio próximo, onde lavou o rosto na água fria.

Por que não podia esquecer? Ela olhou para seu reflexo nas águas calmas. Os gritos, a agonia, a descrença atordoada, o horror que assombrava os seus sonhos.

—Esqueça isso. — ela sussurrou asperamente. —O que aconteceu está feito. Nada pode mudar isso.

—Está tudo certo, irmã?

Olhando por cima do ombro, ela viu sua prima olhando para ela com preocupação.

—Tudo bem. Acordei você?

—Você não iria pedir desculpas se tivesse. — Dana bocejou.

Uma sobrancelha escura arqueou zombeteiramente.

—Você me conhece tão bem. Agora vigie enquanto eu tomo banho.

—Vou trazer os cavalos para beber enquanto estiver lá, e vou também trazer a nossa roupa suja. Você pode lavá-las enquanto você estiver na água.

—Eu disse que estaria me banhando, não lavando a roupa suja. — retorquiu Reya, tirando a roupa e entrando no rio.

Estava frio, claro e refrescante. Dana voltou logo levando os cavalos de guerra e um pacote de roupas, juntamente com um pedaço de sabão, que ela jogou para sua irmã guerreira.

Elas passaram a manhã se banhando, nadando, lavando e secando a roupa e relaxando antes de avançar para Mathos. Uma vez lá, elas parariam os cavalos, poriam as mochilas nos ombros com os discos de viagens conectados, em seguida, procurariam uma taverna.

Reya sentiu os fora da lei e os marginais de toda espécie, observá-las com olhares gananciosos e hostis, mas sabia que ninguém se aproximaria. Elas eram bem conhecidas no Setor Outlaw e eram um enigma. Duas bandidas perdoadas escolhendo viver no Setor Outlaw e trabalhar para os senhores da guerra dos distritos era algo inédito, mas havia um código tácito no Setor— não faça perguntas. Portanto, ninguém fez.

Ao entrar na taberna ocupada, as Reekas empurraram o seu caminho através da multidão barulhenta e aqueles que se voltaram para reclamar, encontravam um olhar glacial e afastavam-se com um frio na espinha.

—Posso ajudá-las, guerreiras? — Suando o barman limpou a cerveja derramada sobre a áspera madeira da barra.

—Um quarto. — respondeu Dana. —Duas camas.

—Cinco dinnos. Acima das escadas, quinta porta à direita.

Ele entregou a chave ao longo da barra para elas. Reya subiu as escadas, Dana seguiu atrás dela e encontraram o quarto. Era pequeno e simples. A porta era na parede lateral.

—Bem, veja aqui. — Dana girou a cabeça em torno dele. — Nosso banheiro privado.

Reya espiou pela janela.

—A varanda, tal como ela é. Há um beco abaixo, para que possamos sair por uma ou outra extremidade. Bom.

—O que mais uma guerreira pode pedir? — Deixando cair à mochila, Dana caiu para trás na cama. —Colchão encaroçado, banheiro privado e uma fuga rápida, se necessária. É o céu!

—Frango assado soa como o céu para mim.

—Agora que você está falando. Vamos.

Encontraram a taverna ainda mais lotada, e procuraram a tranquilidade relativa de uma mesa de canto distante. Sentada de costas para a parede, Reya chamou a atenção de uma garota da taverna, que correu para servi-las.

—O que vai ser guerreiras? Cerveja?

—Galinha assada e água.

—Não temos frango. Temos carne.

—Certo. — Ela encolheu os ombros. —Rosbife e legumes.

—Volto logo. —A moça da taverna se virou, evitando por pouco ter seu amplo bumbum apertado.

Dana viu com desgosto quando ela deu um sorriso malicioso para o homem antes de correr para longe.

—Mas que porco!

—Hmm? A mulher?

—Não. Ela é dissimulada. Ele não gostaria de tentar apalpar-me.

Reya estudou os ocupantes da sala.

—Procurando uma luta já?

—Não. — Dana tamborilava a ponta dos dedos sobre a mesa. — Então, novamente, já tem quase uma semana desde que saímos de

Zormar. Acho que estou ficando entediada. E você? — Ela não recebeu nenhuma resposta e olhou para sua prima, notando seu olhar. —O que há de errado?

Reya não respondeu imediatamente. Seus olhos estavam fixos no gigante abrindo caminho através da multidão em direção a sua mesa. Seus olhos castanhos olhavam diretamente para ela, com um tênue sorriso curvando os lábios firmes.

—Bem, o inferno. — ela murmurou.

—O que é isso? — Dana começou a levantar, quando ela pegou o laser, o seu olhar varrendo a sala.

Reya segurou-a pelo braço.

—Não se alarme irmã. Não há perigo, mas o seu tédio está prestes a ter um fim.

Seu olhar caiu sobre Maverk, então ela gemeu quando deslizou passando para seu companheiro, que sorria.

—Merda! O que eles estão fazendo aqui? — Ela caiu na cadeira com uma carranca.

Aproximando-se da mesa, Maverk estudou o rosto da mulher que ele tinha visto pela última vez há um ano. Sentada na taverna lotada, sua frieza era como um manto invisível, separando-a do esmagamento da humanidade. Olhos frígidos olhavam para ele em um rosto inexpressivo.

—Olá, Reya. — Ele sorriu para ela.

—Você está muito longe de casa, bonito.

—Como você está?

Ela não respondeu e ele sentou-se na cadeira em frente.

Sentado ao lado dela, Garret sorriu para a loira carrancuda.

—Então, meu doce, você sentiu minha falta?

—Como um buraco na cabeça. — Dana retornou com mau humor.

—Eu vejo que você sentiu. O meu coração se alegra ao saber disso.

—Continue falando bobagem e eu vou cortar a sua língua fora.

—Você me fere profundamente. — Felizmente, ele apoiava o queixo em um punho.

—Não tanto quanto eu gostaria. Que diabos você está fazendo aqui?

Olhando para Maverk, que ainda estava estudando Reya em silêncio, ele cutucou:

— Você ou eu?

—O quê?

—Diga-lhes por que estamos aqui.

—Oh, sim. — Maverk coçou o queixo.

—Negócios? — Reya perguntou com tédio gelado.

Maverk deu-lhe um sorriso devastador que parecia não ter qualquer efeito sobre ela.

Ele tinha, só que ela não demonstrava, recusando-se a reconhecer o leve saltitar de seu batimento cardíaco, quando olhou para o arrojado comerciante bonito.

—Não, moça, nós fomos enviados para buscá-las.

Dana ficou ereta na cadeira.

—O quê? Quem diabos quer isso?

—Você vai ter que baixar o tom das maldições quando nossos filhos chegarem. — Garret sorriu para ela.

—Eu não vou ter filhos com você! E fique fora disto.

—Vamos ter filhos. — Ele piscou sugestivamente. —E eu vou ser uma parte significativa disso.

Incapaz de parar o rubor avermelhado rastejando em suas bochechas com as suas palavras, ela se virou e nitidamente o ignorou. *Porco arrogante com os seus olhos risonhos e palavras sugestivas!*

Reya não retirou o seu olhar de Maverk quando a moça da taverna colocou os pratos de comida fumegante diante dela e Dana.

—Os senhores desejam o mesmo? — A moça falou com um sorriso para os comerciantes.

—Sim, moça, estaria bem. — Maverk deu-lhe um breve aceno.

—Qualquer outra coisa... — Ela parou quando o olhar frio da guerreira cortou para ela. —Acho que não.

Quando ficaram a sós, mais uma vez, Reya pegou o garfo e espetou um pedaço de batata.

—Então, bonitão, você foi enviado para nos buscar. Correto?

Ele viu os vermelhos lábios macios perto do garfo.

—De certa forma. — O garfo foi retirado lentamente de sua boca e seus rins apertaram. —É mais como um pedido.

—Eu vejo. — Uma sobrancelha escura arqueou com curiosidade leve. —Você vai me dizer de quem é esse pedido que você traz?

—Sua irmã.

Ela espetou mais alimentos.

—Tenia. — Ela balançou a cabeça, pensativa.

—Sim. — Quando ela não disse mais nada, ele perguntou: — Você não quer saber o que ela pede?

—Eu estou esperando você me dizer.

Ele socou para baixo o ligeiro aumento de aborrecimento.

—Você sabia que ela está grávida?

As sobrelhas de Dana quase bateram com a linha fina.

—Tinha? Grávida?

—Sim. Seis meses. — Garret respondeu. —Seis e meio, agora.

Reya olhou para Maverk.

—Ela está bem? — Ele balançou a cabeça. —Bom.

Ele não podia acreditar quando ela voltou para a refeição.

—Você não quer saber o seu pedido?

—Eu estou esperando você me dizer. — Seus ombros delgados encolheram. —Você me procurou. Diga-me ou não.

Seu temperamento normalmente calmo começou a incendiar. Não eram muitos que eram capazes de despertar sua ira, sua natureza feliz fazia isso difícil de fazer, mas esta bruxa de cabelos de fogo nunca deixou de fazê-lo com suas respostas geladas.

—Sua irmã pediu que você estivesse lá para o nascimento de seu primeiro filho.

—Eu vejo.

A moça da taberna voltou com as refeições dos comerciantes, mas não se demorou. A tensão na mesa era fácil de sentir.

Os comerciantes trocaram olhares quando Reya continuou a comer. Dana lançou-lhe um olhar perplexo, mas manteve silêncio.

Finalmente, Maverk disse:

— Vamos embora de manhã.

—Adeus.

Incerto que ele tinha ouvido corretamente, ele piscou.

—O quê?

Seu olhar sobre o rosto acendeu despachando-o.

—Adeus.

—Você não vem? — Garret estava incrédulo.

Ela tomou um gole da caneca de água fria.

—Não agora.

—Quando? — Maverk perguntou, desconfiado.

—Quando eu estiver pronta.

—E quando, exatamente, será isso?

Engolindo o último pouco da água, ela pôs a caneca de volta na mesa.

—Você não precisa saber disso.

—Então o que eu digo a Tênia? Que você vai voltar quando estiver pronta?

—Sim. Já acabou, Dana?

Ela encolheu os ombros e empurrou o prato.

—Claro.

—Você não terminou de comer, Dana. — Garret protestou.

—Não tenho fome. Você me fez perder o apetite.

Quando Reya se levantou o olhar de Maverk caiu sobre o laser no coldre da cintura. Ela estava pronta, como um aviso para entregar a morte a quem ousasse atacá-la.

Passando por ele, ela foi levemente surpreendida pelo repentino aperto em seu pulso. Com qualquer outra pessoa ela teria atacado, mas com ele, ela apenas olhou com desdém gelado.

—Há mais alguma outra coisa?

—Sim. — Ele enfrentou o seu olhar. —A sua resposta não é boa o suficiente.

—Isso é tudo o que você vai conseguir, bonitão.

Liberando a mão, ele deu um sorriso apertado.

—Então nós vamos ficar por aqui até me dar uma resposta melhor.

Sem outra palavra que ela foi embora, seguida por Dana.

—Eu nunca pensei que ela fosse agir assim. — disse Maverk sobriamente.

—Nem eu. Reya sempre foi muito chegada a Tenia e pensei que ela fosse aproveitar a oportunidade para voltar para o nascimento.

—Acho que vou ter que esperar até que elas estejam prontas para ir. — De repente, ele sorriu. —O que você diria sobre isso, meu amigo?

Garret levantou o garfo em saudação.

—Eu vou comer a isso!



No quarto, Reya amarrou a espada em suas costas e pegou sua mochila.

Dana olhou-a com perplexidade.

—O que você está fazendo?

—Indo embora.

—Mas o que você me diz de Tenia? E o bebê?

Reya espiou pela janela.

—Estou mais feliz por minha irmã do que você jamais poderia imaginar.

—Então por que não estamos indo para lá?

A mochila foi colocada na varanda.

—Ela vai ficar bem sem mim.

Correndo pelo quarto, Dana pegou o braço dela.

—Ela pediu que você estivesse lá!

—Eu sei.

—Então por que não estamos indo? Você não se importa?

—Eu me preocupo mais do que você jamais vai saber.

—Diga-me por que, então. E não me dê esse olhar de donzela gelada, pois não funciona para mim.

—Ela vai ficar melhor sem mim, assim como o bebê.

—Eu não entendo.

O silêncio encheu a sala por alguns segundos antes de Reya abrir a boca para responder, mas não conseguia dizer as palavras.

Pela primeira vez desde que sua líder havia retornado de uma de suas missões de mercenária, durante os seus anos de fora da lei, Dana viu a desolação em seus olhos. Havia infelicidade e horror à espreita neles. Tão rapidamente quanto apareceu, desapareceu e mais uma vez, eles eram frios e vazios.

—Eu tenho minhas razões. — Reya tocou seu braço. —Mas isso não a impede de retornar com os comerciantes.

—O quê? Isso é tudo que você vai dizer? *Vamos lá!*

Reya balançou as pernas sobre o peitoril da janela.

—É tudo que posso dizer. Diga a Tenia que eu a amo. — Ela pulou para a pequena varanda.

—Maldição! — Pegando sua própria mochila e espada, Dana saiu pela janela.

—Ruiva teimosa e comerciantes idiotas! Vocês todos acabarão me matando!

—Onde você está indo?

—Com você, é claro. Você não está pensando em ir a nenhum lugar sem mim.

—Você não tem...

—Sim, eu vou. Além disso, vai ser chato em Daamen. Tenia não vai me deixar brigar, de qualquer maneira, nenhum dos homens vai lutar comigo e as mulheres são muito pequenas. Chato. — Ela sorriu de repente. —Furtivo é de longe muito mais divertido!

—Dana, — Reya hesitou. —eu não quero que você venha a menos que queira.

—Você acha que eu quero ser enfiada em uma nave com Garret? Não me insulte.

—Muito bem, vamos embora.

Elas deixaram a taverna através do beco. Depois de vender os cavalos de guerra nos estábulos, elas se afastaram do estabelecimento em discos de viagem.



Os Daamens só perceberam na manhã seguinte que as Reekas tinham escapado, elas estariam a quilômetros de distância.

—Maldição! — Maverk bateu na barra. —Você tem certeza que ninguém viu as duas bruxas saindo?

—Desculpe. — O barman levantou as mãos nervosamente. — Elas deixaram o dinheiro em seu quarto para pagar a hospedagem e a comida, isso é tudo que eu sei.

Xingando, Maverk caminhou em direção a brilhante luz solar.

Garret endireitou-se de sua posição encostado ao batente da varanda.

—E agora? Será que vamos voltar e dizer a Tenia que sua irmã vem quando ela estiver pronta?

—Não. Eu disse que ia esperar até que ela nos desse uma resposta decente e nós o faremos. Vamos acompanhar essas duas e obter uma resposta direta delas. Eu quero saber o que está acontecendo dentro da cabeça da bruxa!

Garret sorriu com aprovação.

—Eu estava esperando que você fosse dizer isso.

—Vamos lá, vamos voltar à nave e ver se podemos encontrar suas trilhas usando o rastreador *viscomm*.

Ele estava xingando ainda mais quando percebeu que as guerreiras haviam usado um dispositivo de bloqueio para manter-se fora de rastreamento. As moças escaparam por enquanto, mas não, ele prometeu, por muito tempo.

Capítulo 3

Dana se arrastou ao longo da trincheira em suas mãos e joelhos até que chegou a sua prima, que estava agachada olhando através dos binóculos.

—É melhor valer a pena os *dinnos*, isso é tudo que posso dizer. Há quatro sangrentos dias que esta batalha está sendo travada!

Reya continuou a pesquisa sobre a fortaleza em ruínas.

—O que você está reclamando agora? Você não pode dizer que está entediada.

Uma embarcação de combate guinchou com a sobrecarga, passando e soltando as suas mini-bombas sobre as ruínas da qual o poder de fogo inimigo foi devolvido. A embarcação foi atingida e explodiu em um inferno de fogo.

—Dane-se isso tudo para o inferno! — Ela empurrou o binóculo para o jovem fora da lei ao seu lado. —Eu disse a ele que arma de combate está nessas ruínas!

—Shaque não pensa assim. — Zac respondeu.

—Shaque é um idiota. — disse Dana.

—Onde ele está? — O olhar de Reya foi para cima e para baixo na trincheira.

—No abrigo abaixo. — Zac respondeu.

Reya sacudiu a cabeça para Dana e eles fizeram o seu caminho para baixo da trincheira. Uma vez que as paredes subiram mais elevadas, se levantou e caminhou ao longo vivamente. Em torno deles, homens gritaram ordens e corriam em volta e para trás. Alta, ela podia ver as embarcações de luta, em ambos os lados, atravessando o céu, e podia ouvi-los explodir um e outro. Um lado estava protegendo as trincheiras, enquanto o outro protegia as ruínas da fortaleza. Ambos os lados tinham a intenção de destruir o inimigo da forma que podia.

As guerreiras entraram no abrigo. Era pouco mais de um telhado de zinco e os lados com uma abertura em cada extremidade. Reya olhou para o homem magro e seus dois comandantes.

Uns olhos aborrecidos se arregalaram quando ela entrou com Dana.

—Reya.

—Eu disse que uma arma de caça estava nessas ruínas.

Shaque balançou a cabeça lentamente.

—Você fez. Eu deveria ter escutado, mas agora é tarde demais.

—Precisamos destruir essa arma. — afirmou Dana.

—Como podemos? Toda vez que eu envio uma nave de combate para explodi-la, ela é destruída!

—Envie tropas terrestres. — um dos comandantes sugeriu.

—Não é bom. — Reya balançou a cabeça. —Os aviões de caça do seu lado irão pegá-las.

—Então o que você sugere? — Shaque perguntou cansadamente.

—Eu vou entrar.

—Vamos. — Dana afirmou.

—É suicídio. — ele se opôs, apesar de seus olhos brilharem.

—Não há escolha. — respondeu Reya. —Dois de nós têm mais chances de conseguir, do que uma tropa...

Uma forte explosão enviou sujeira chovendo em cima deles.

Gritos encheram o ar e um homem tropeçou com sangue escorrendo do lado de seu rosto.

—O equipamento do inimigo está rompendo a linhas e tendo mais acesso direto! Sua arma está derrubando as nossas embarcações do céu!

Outra explosão abalou, mais perto, lançando todos eles fora de seus pés. O homem caiu em cima de Reya e ela olhou para cima em seu olhar fixo. Ela empurrou o corpo dele e ele caiu de lado. A explosão tinha arrancado a parte de trás da cabeça dele.

Dana ajudou-a a levantar. Silenciosamente elas olharam para Shaque enquanto ele se levantava trêmulo.

—Dê-me uma arma de contra ataque. — Reya estendeu a mão.

Sem argumento, ele entregou-lhe o pacote contendo os pequenos explosivos mortais.

—Eu vou mandar os lutadores para liberação de cortinas de fumaça.

Ela passou as tiras da embalagem sobre sua cabeça e no peito. Dana a seguiu para fora e juntas elas pesquisaram a trincheira em ruínas. Zac estava deitado, morto, não longe delas.

Por um breve instante Reya se sentiu velha. Velha, e tão cansada dessa luta.

Dana tocou seu braço.

—As bombas de fumaça já vão cair. Temos que ir agora.

Seu lapso de concentração desapareceu e a frieza familiar tomou conta dela, segurando seu coração em um punho gelado. Ela olhou a área rapidamente, observando à fumaça ondulante e grossa que caía entre as trincheiras e as ruínas.

A arma inimiga estava atirando descontroladamente, chamas alaranjadas dançavam na fumaça escura. Naves revidavam nos céus com os lutadores de Shaque.

—Vamos.

Mergulhando através da fumaça espessa, elas sabiam que cada passo podia ser o último, cada tiro disparado podia atingi-las e derrubá-las no seu caminho. Mas, como sempre, não pensavam sobre isso, elas eram sinceras em suas intenções de parar a arma e acabar com a batalha.

Não foi difícil encontrar a sua localização. O piscar laranja e o rugido entregaram a posição. Reya encostou-se contra na parede, sugando respirações profundas. Acima dela, nas paredes, os bandidos inimigos estavam pulverizando laser na fumaça grossa, não percebendo o perigo que estava mais próximo, mas eles suspeitavam.

—Podemos encontrar uma abertura e entrar, ou podemos jogar isso ao longo da parede e esperar pelo melhor. — Dana enxugou a testa com as costas da luva sem dedos.

—Ou podemos fazer as duas coisas para ter certeza. — Reya sugeriu.

—Vamos juntas; cobrindo uma a outra.

—Sim. Vamos.

Tinha muitos buracos na parede, seria relativamente fácil para entrar. Escorregaram para dentro e se esconderam atrás de uma pilha de escombros, quando um grupo de bandidos inimigos passou por elas.

Reya cutucou sua prima conforme as duas se aproximavam. Em meio à gritaria e confusão, ninguém percebeu que dois homens foram puxados para trás da pilha de pedras ou ouviu seus grunhidos, logo eles estavam inconscientes.

Reya vestiu uma calça cinza e uma camisa branca suja, puxando o chapéu azul sobre o cabelo e enfiando sua trança para dentro. Dana fez o mesmo.

Elas caíram no chão para se proteger quando uma das embarcações de Shaque que passava sobre suas cabeças pulverizaram a área com fogo laser.

—Bastardos estúpidos! — Dana amaldiçoou quando blocos de pedra da parede choveram sobre elas. —Eles estão tentando nos matar?

Reya olhou em volta dos escombros.

—Agora é a melhor ocasião para ir. Mexa-se!

Correndo agachadas através do pátio, saltaram sobre os corpos e se esquivaram dos bandidos que corriam com firme determinação para as paredes. Elas derraparam em uma parada contra a porta de madeira que levava para a grande arma.

Silenciosamente, Reya dividiu os seis dispositivos entre elas. Dana tomou-os severamente e ambas olharam, uma para outra em entendimento. Se uma fosse derrubada, a outra continuaria até que a arma fosse destruída ou ambas fossem mortas.

Reya cuidadosamente abriu a porta.

—Ei, vocês dois!

—Bem, o inferno. — ela murmurou.

Olhando por cima do ombro, Dana respondeu de volta com voz rouca:

— O quê?

Os olhos do bandido se arregalaram no belo rosto de quem falava, pois não havia como esconder isso.

—Inimigo! Inimigo para combater... — Ele terminou com um gorgolejo e ela parou de atirar seu laser.

—Isso está piorando. — Dana declarou o óbvio com as sobrelanceiras levantadas.

Os bandidos voltaram os lasers para as guerreiras. Abrindo a porta pesada, Reya entrou com Dana em seus calcanhares.

—Maldição! — Dana exclamou quando um feixe de laser bateu através da porta e por pouco não perde a bota.

—Vamos! — Reya agarrou um punhado da camisa de sua prima e arrastou-a aos seus pés. —Para as escadas!

Três bandidos se encontraram com elas a meio caminho da escada.

—Apanhei você bastardo! — O primeiro riu triunfante.

Reya arrancou o boné roubado e sua trança grossa caiu sobre seu ombro, seus olhos arregalaram.

—Merda! — um rangeu. —São Reekas!

Foi a última coisa que ele disse, quando as guerreiras dispararam seus lasers, tomando vantagem da surpresa dos bandidos. Dando um longo olhar para os corpos caídos, saltaram sobre os bandidos mortos e subiram as escadas. Muito abaixo delas vinha o som de botas batendo nos degraus de pedra. Outros bandidos estavam chegando rapidamente atrás delas.

Elas correram até os últimos degraus e irromperam pela porta de madeira no topo. Dana fechou-a e passou o trinco, efetivamente bloqueando-a.

Os dois bandidos que manipulavam a enorme arma de caça se viraram, havia choque em seus rostos.

—Que diabos? — Um chegou a pegar o laser no coldre da cintura.

—Nem sequer pense nisso. — avisou Dana secamente. —Espero que os meninos saibam voar.

—O quê? — O bandido de meia-idade empalideceu, seus olhos estavam fixos sobre o laser apontado para ele, sem hesitação.

—Está vendo essa parede? — Ela acenou com o cano do laser. —Vocês dois estão saindo por ela e acabou.

—Você está brincando!

Puxando os explosivos do saco, Reya prendeu-os no controle da arma.

—Não, nós não estamos. Vocês podem ir por cima do muro voluntariamente, ou a explosão enviará vocês através dela.

Então ouviram o som de alguém batendo na porta de madeira.

—Abre suas putas!

—Não é bom. — Dana apertou os olhos para os dois bandidos. —Rapidamente, senhores, saltem e acabou.

—Você não pode... — A objeção terminou em um grito quando ela queimou um buraco em seu boné.

—Pare de andar ao redor e apenas os mate. — Reya ordenou concisamente. —Então me dê os seus explosivos.

—Eu adoro dar uma mãozinha! — Dana riu quando os dois bandidos subiram no muro e saltaram, gritando.

—Você está sentindo-se generosa, hoje? — Reya pegou os três explosivos que sua prima entregou a ela. —Ou seja, dois inimigos estão fora, quantos estarão a caminho, se não atirar primeiro?

Uma explosão soou e partes da porta de madeira racharam sob o fogo do laser, vindo perigosamente perto de onde Dana estava.

—Isso pode funcionar de duas formas. — disse ela e abriu fogo na porta.

Reya franziu a testa para os explosivos que tinha colocado anteriormente.

—Uh—oh.

—O que quer dizer, 'uh—oh'?

—Esses explosivos são duvidosos. Eu espero que você saiba como voar, irmã.

—Você não quer dizer... — Dana gemeu. —Claro que não!

—Temo que sim. — Reya deixou cair o saco. —Os temporizadores estão indo três vezes mais rápido. Toda esta área vai explodir em trinta segundos, em vez de cinco minutos.

Com uma última explosão de fogo de laser na porta para deixar os seus perseguidores para trás, as guerreiras passaram para a parte superior da parede. A porta finalmente cedeu sob o fogo, quando o laser aumentou e os bandidos chegavam através da porta.

—Lá estão elas! Fogo!

Reya e Dana saltaram. A sensação de queimação disparou no ombro de Reya, mas ela não tinha tempo para se preocupar com isso. O chão veio correndo para cima e, instintivamente, enrolou-se em uma bola, batendo na grama dura e rolando para parar um segundo mais tarde. Cambaleando em seus pés, ela viu sua prima começar a correr mancando logo atrás dela.

—Corra! Rápido, Reya! Corra!

Fogo inimigo choveu em torno delas e ela agarrou Dana, deslizando o braço em volta de sua cintura e apoiando-a em uma corrida incrível.

Elas não tinham ido muito longe quando uma grande explosão rugiu e pedra, metal e homens voaram para o ar em um arroto de fogo e fumaça.

A força do golpe impulsionou as guerreiras para frente e elas caíram no chão, cobrindo a cabeça com seus braços. Vagamente ouviram a embarcação de Shaque disparando sobre suas cabeças e, de repente, as tropas de seu terreno foram rompendo a cortina de fumaça.

Agora que a grande arma estava destruída, as ruínas da fortaleza foram tomadas por Shaque.

Reya e Dana sentaram-se lentamente e viram que a batalha começou, numa última tentativa desesperada para decidir o vencedor.

Enquanto ela observava o enxame das tropas de Shaque ao longo da fortaleza em ruínas, como formigas raivosas na carne, uma imagem veio espontaneamente à mente de Reya. No meio da fumaça, cheiro de fogo e carne queimada, ela pensou nos olhos castanhos alegres em um rosto bonito e uma boca marcante rindo. Maverk. Ele estava lá fora, procurando por ela? O que pensaria se a visse agora, vestida com a roupa de um bandido morto, coberta de fuligem, poeira e sangue? Será que ele sentiria nojo? Desprezo?

—Reya?

Momentaneamente confusa, ela piscou. *Que diabos ela estava fazendo, pensando no comerciante Daamen agora?*

—Você está sangrando. Você foi atingida no ombro. — Dana olhou para ela com os olhos avermelhados. —Sente-se para que eu possa verificá-la.

Acabando com a imagem mental do rosto de Maverk, ela fez como ordenado, depois de primeiro descartar as roupas emprestadas.

—Ferida de laser. — Sua prima franziu a testa e sondou com cuidado. —É profundo, mas eu acho que ficará bem - utilizando uma tira rasgada da camisa envolveu a ferida. — Isso vai mantê-la por enquanto.

Quando ela terminou, Reya inspecionou o tornozelo de sua prima e anunciou:

— Torcido. Você teve sorte.

—Sorte? Dói!

—Não seja como um bebê. Aí vem o médico. Você quer que ele olhe isso?

—Só se eu quiser morrer.

O pequeno e magro médico veio ofegante, com Shaque em seus calcanhares.

—Vocês guerreiras fizeram isso! — Shaque esfregou as mãos alegremente. —Graças a vocês, a batalha foi vencida por mim!

—Sem brincadeira. — Dana disse secamente.

Seus olhos caíram sobre o ombro de Reya, fixos na faixa sangrenta.

—Você foi ferida?

—Apenas um arranhão. — Em pé, ela ajudou Dana a levantar.

—Bom muito bom. — Seu olhar mudou para a fortaleza onde todos os sons da batalha tinham parado.

As Reekas trocaram olhares irônicos. Agora que a luta foi vencida, o seu interesse no seu bem-estar tinha acabado.

—Pague-nos e nós iremos embora. — Reya disse.

—Hmm? Oh, encontre Zac, ele vai buscá-lo para você.

—Ele está morto, nas trincheiras.

—Oh, está certo. Muito bem, volte para as trincheiras e eu vou buscá-lo para você.

—Muito gentil da parte dele. — murmurou Dana, e seguiram Shaque em ritmo mais lento devido ao seu mancar.

As trincheiras estavam desertas, exceto pelos cadáveres. Ele entrou no abrigo e pegou um pequeno saco em uma caixa de madeira, debaixo da mesa, entregando-o para Reya.

—Espere um minuto. — Dana agarrou seu braço.

—O que é isso?

—Apenas aguarde enquanto ela confere.

—Você não confia em mim?

Reya olhou para ele.

—É claro. Você não tentaria nos enganar, não é, Shaque?

Ela olhou para ele com seus olhos gelados.

—Claro que não.

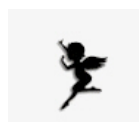
—Então você não vai se importar em esperar, enquanto eu verifico o dinheiro, depois nós seguiremos o nosso caminho.

Ele sorriu com firmeza.

—Vai ser um prazer.

O dinheiro estava todo lá, como ela sabia que estaria. Ninguém ousava enganar as mercenárias Reekas, mas não confiava em ninguém, ela nunca baixava a sua guarda.

Elas tomaram o seu caminho não muito tempo depois, uma de suas naves de batalha as pegou e transportou para longe dali.



Sentados um diante do outro na tosca mesa de madeira da pequena taverna vazia, os comerciantes Daamen sombriamente consideravam suas canecas de cerveja.

—Bem, esta é a segunda semana e não estamos mais perto de encontrá-las. — Garret suspirou.

—O piloto da embarcação do planeta disse que levou Reya e Dana para fora daqui a uma semana. — Maverk esfregou os olhos cansados. — Nós só chegamos esta manhã, meu amigo. Vamos olhar em volta, em breve.

—Você acha que há alguma verdade no boato de que uma batalha foi travada a noventa quilômetros daqui?

—É verdade, filho. — O idoso dono da taverna apareceu na mesa. Ele entregou um prato de sanduíches, que foi pedido antes pelos comerciantes. —A batalha não terminou há muito tempo.

—Será que duas guerreiras Reekas estavam lá?

—Agora eu não posso responder. — Ele olhou para fora da janela de vidro sujo nas proximidades. —Você poderia perguntar-lhes, pois elas estão chegando agora.

Ele se afastou e Maverk sorriu.

—Ah, há! Nós as encontramos e você estava pronto para desistir!

—Não, eu não estava! — Garret se opôs com indignação. —Eu estava um pouco desanimado.

—Bem se alegre, eu ouvi seus passos na varanda.

—Vamos levantar-nos e cumprimentá-las?

—Não, acho que vou deixar as moças nos descobrirem por si mesmas. — Os olhos de Maverk brilhavam de antecipação.

Garret trocou de assento para que pudesse se sentar ao lado de Maverk e ver a porta.

Quando ela se abriu e as Reekas entraram, os sorrisos desapareceram de suas faces. Descrentes, eles viram as saias e coletes sujos de fuligem, manchados de sangue seco respingado sobre eles, poeira e sujeira presa às suas peles curtidas. Dana estava mancando e Reya tinha um curativo ensanguentado em seu ombro.

Elas caminharam em linha reta até o bar e deixaram as suas mochilas caírem no chão empoeirado.

—Duas camas. — Reya disse ao dono da taverna. —Onde estão os chuveiros?

—E duas canecas de água fria. — acrescentou Dana ansiosamente.

Ele despejou a água e empurrou a canecas geladas sobre o bar. Elas levantaram sedentas as canecas aos seus lábios.

—Dois quartos com uma cama em cada, no andar de cima, números dois e quatro. Banheiro entre eles. — Ele deslizou duas chaves através do bar. —Dois senhores estão perguntando por vocês.

Reya baixou a caneca.

—Onde eles estão?

—Lá. — Ele apontou o polegar para o final da sala.

Ela se virou e congelou no local. Dana engasgou e cuspiu a água quando viu os dois gigantes caminhando tristemente para frente.

—Bem, o inferno. — Reya colocou a caneca sobre o bar.

—Maldição! — Dana limpou a boca com as costas da sua luva empoeirada. —O que eles estão fazendo aqui?

Reya não respondeu, inclinando-se para pegar sua mochila. Ela, então, ajeitou para pegar as chaves fora da barra. Virando-se, começou a subir as escadas, sua caminhada era firme e sem pressa.

Dana andou atrás dela, então ela xingou cruelmente quando seu tornozelo ferido bateu em sua mochila esquecida. Ela agarrou a barra para não cair.

Ao vê-la se debatendo, Garret correu para frente e rapidamente virou-a em seus braços, embalando-a contra o peito.

—Deixe-me ajudá-la, moça.

—Ponha-me para baixo, idiota!

—Não seja tão teimosa.

Voltando-se para a comoção, o olhar de Reya caiu sobre sua irmã guerreira lutando nos braços musculosos do comerciante.

—Ela não quer sua ajuda.

Dana empurrou seus ombros.

—Eu vou bater sua inspiração para fora em um minuto!

—Você tem duas opções. — ele informou a ela. —Ou nos meus braços ou sobre o meu ombro.

—Maldito seja! — rugiu ela, sabendo por experiência do passado que ela não era páreo para o Daamen de maior força. — Reya!

Deixando cair à mochila, Reya andou para frente, a queima de seu ombro incomodando por um momento.

—Eu estou avisando você apenas uma vez, comerciante, coloque-a para baixo. *Agora.*

Capítulo 4

Segurando a mochila de Dana na mão, Maverk ficou ao lado de seu amigo.

—Ou que, Reya?

—Eu não tenho escrúpulos em brigar com você, bonito. Escrúpulo nenhum.

—É mesmo? — Seu olhar pairou sobre a guerreira preguiçosamente antes de retornar para enfrentar o seu olhar hostil. —Ambas estão feridas e no final das contas, você está pronta para cair. Quanto sangue você perdeu?

—Isso não é de sua conta.

—Será que você quer cair aqui? Tenho certeza que Tenia não gostaria que eu deixasse a sua irmã deitada em uma poça de seu próprio sangue no chão de uma taverna.

—Sim. — Garret acrescentou. —O sangue está vazando por baixo da bandagem em seu ombro. Sua luva está embebida com ele.

Dana parou de se debater e olhou para ela de perto, com o rosto manchado de fuligem e carrancudo de preocupação.

—Droga, Reya! Por que você não me contou?

—Porque eu não fiz. Estou bem.

—Está bem, não é? — Maverk a observava de perto. —Então por que você está balançando?

—Se você está tão preocupado, bonito, nos deixe em paz para que possamos nos limpar e descansar.

—Desculpe moça, não posso fazer isso. O que Tenia diria...

—Tenia não está aqui.

Observando a preocupação nos olhos de Dana, quando viu o sangue pingando no final da luva de Reya e viu sua prima balançar levemente, Garret perguntou em voz baixa:

— Você quer que ela lute contra nós na sua condição?

—Se você me colocar para baixo...

—Eu não vou fazer isso. — Seus braços a apertaram. —Você está mancando e eu vou levá-la para seu quarto, com ou sem luta. Mas você consegue olhar honestamente para a sua irmã guerreira e deixá-la lutar contra nós agora?

—Coloque-a para baixo, Garret. — Reya ordenou.

Ele manteve o olhar em Dana.

—Você pode?

Com uma maldição silenciosa ela olhou para Reya.

—Está tudo certo, irmã. As dores no meu tornozelo são maiores do que eu pensava.

—Dana...

—Honestamente. Agora podemos subir o inferno lá para cima para que eu possa olhar a sua ferida?

Por uns longos e tensos cinco segundos Reya olhou fixamente para ela, antes de assentir abruptamente e inclinar-se para recuperar a mochila.

Maverk já estava lá antes que ela pudesse fazê-lo, chicoteando-a para fora, debaixo de sua mão. Endireitando-se, ele olhou para ela com seriedade.

— Conduza o caminho.

Isso a provocou sem fim, apesar de sua raça ser alta e normalmente elevava a cabeça e ombros acima da maioria dos homens, os comerciantes Daamens eram ainda mais altos. O topo da cabeça dela ficava ao nível do queixo de Maverk e sua força, de longe, ultrapassava a sua própria. O fato era que os Daamens eram mais do que páreo para as Mulheres Guerreiras Reeka em combate desarmado, por sua altura, largura e seu amor a luta. E ela estava, de repente, muito cansada para cuidar de Dana e tentar combater Maverk e Garret.

Ela, provavelmente, acabaria por cima do ombro do comerciante loiro e levada para o seu quarto.

Decidida a manter seu orgulho intacto, ela se virou e caminhou para a escada no canto, subindo dois degraus de cada vez.

Maverk a seguiu, Garret trazendo Dana em seus braços, seguia atrás deles. Maverk ficou aliviado quando ela optou por não lutar, pois, embora ele soubesse que ia ganhar facilmente, não queria machucá-la mais do que ela já estava.

A lesão doía, ele sabia, pois enquanto muitos não perceberiam, ele a tinha conhecido por tempo suficiente para notar que segurava rigidamente o lado ferido.

Abrindo uma das portas dos dois quartos alugados, Reya entrou com cautela, seu olhar vasculhando em torno e rapidamente andou ao longo dele, parando em um ponto da janela. Os quartos estavam ao longo da frente da taverna. Se necessário, elas poderiam sair, subindo pela janela e varanda, em seguida, pulando para baixo para a estrada.

Virando-se, ela encontrou Maverk atrás dela estendendo a sua mão.

—Dê-me a chave para o quarto de Dana e Garret vai cuidar dela.

Ela desviou o olhar para onde Garret estava com sua prima em seus braços. Ao aceno de Dana, entregou a segunda chave e ele saiu com seu amigo.

Foi com alívio que Reya fechou e trancou a porta atrás dela, caindo contra ela momentaneamente. Ela não queria que Dana soubesse sobre as suas feridas. Ela empurrou as duas sem piedade para partir e chegar ao assentamento. Os aviões de caça pousaram a 450 quilômetros de distância da fortaleza arruinada, tal como foi acordado, usando os discos de viagem e viajando durante a noite elas cobriram a distância rapidamente, parando apenas para descansar o tornozelo de Dana. Mas pelo menos agora podiam descansar sem a preocupação de que inimigo dos bandidos buscasse vingança. A menos que elas fossem realmente azaradas, ela estimava que tivessem dois ou três dias para recuperar suas forças antes que qualquer um dos bandidos vencidos chegasse ao assentamento. Se tivesse algum.

Normalmente, elas estariam bem longe da área por este tempo, mas o tornozelo lesionado de Dana a fez viajar duro e seu próprio ombro latejava e queimava. Era muito ruim que aquele idiota do médico de Shaque fosse tão desajeitado.

Reya tirou roupa limpa da mochila e fez seu caminho para o banheiro. Ela ia ver seu ombro e limpar, em seguida, ia resgatar sua prima de Garret, que agora devia, provavelmente, estar proclamando o seu amor eterno por ela e deixando-a louca.

Sacudiram a maçaneta.

—Reya? — Maverk chamou. —Abra a porta.

Ignorando-o, ela fechou a porta do banheiro, garantiu que a porta contígua ao quarto de Dana também estivesse trancada. Pelo menos poderia tomar um banho em paz e com tranquilidade, sem medo de ter que enfrentar os comerciantes.

Garret assistiu Maverk espreitar longe da porta trancada e ir para as escadas. Sorrindo, ele entrou no quarto ao lado de Reya, tendo uma Dana suja de fuligem em seus braços, tão facilmente como se ela fosse uma criança. Chutando a porta para fechar, com o salto de sua bota, ele andou até a cama e a sentou.

Imediatamente ela começou a se levantar e ele colocou a mão no ombro dela, empurrando-a de volta para baixo, na cama.

—Eu preciso verificar Reya. — Ela franziu as sobrancelhas para ele.

Ajoelhando-se diante dela, ele estendeu a mão para a bota empoeirada.

—Maverk vai cuidar dela, moça, enquanto eu cuido de você.

—Vou cuidar de mim mesma!

—Agora não, meu amor. — Ele sorriu para ela. —Não há necessidade de fazer isso enquanto eu estou aqui.

—Cai fora demônio! — ela disse rudemente. —Eu quero um banho!

Ele inclinou a cabeça ao som do chuveiro ligado no quarto ao lado.

—Eu diria que a sua prima está tomando banho. — Ele riu para ela. —Você é tão bonita quando está irritada. Seus olhos cospem fogo e você franze os lábios.

Ela enviou-lhe um olhar fulminante.

—E você é um pote cheio de mer... — Suas palavras foram cortadas com um grito quando, com os olhos brilhando, de repente, ele se inclinou para frente e apertou os lábios contra os dela, suas mãos sobre seus braços a puxavam para mais perto.

Ela lutava com as mãos empurrando sem eficácia em seu peito. Devido à falta de espaço entre eles, ela estava sem espaço para chutá-lo. Então percebeu como macios, quentes e sensuais eram os seus lábios, quão bom o seu beijo era, como...

Maldição! Que diabos havia de errado com ela? Seus olhos se arregalaram em descrença com seus próprios pensamentos traidores.

Os lábios de Garret se afastaram dela e ele sorriu para a expressão em seu rosto.

—Como daquela vez, não é?

Seus olhos brilhavam com raiva.

—Seu filho da puta toque-me novamente e eu...!

—Vai me matar, sim, eu sei, mas qual é o caminho a seguir! — Em pé, ele caminhou até a porta fechada e pegou a mochila. —Você tem algumas ataduras de reposição aqui?

—Para quê? Para amarrar você?

—Não seja assim, meu amor. Para o seu lindo tornozelo, é claro.

—Não até eu ter o meu banho! — ela rosnou. —E eu vou cuidar do tornozelo!

—Agora, qualquer um que a ouvisse, pensaria no quanto é ingrata comigo por eu ter proposto cuidar de você. — Ele sorriu e incrivelmente, conseguiu ser ainda mais bonito e bem-humorado. —

Nós não podemos ter isso. Será que outro beijo adoçaria a sua disposição, meu amor?

Através da porta, Reya podia ouvir a sua prima xingando e ela não pode deixar de sorrir um pouco. Embora não conseguisse entender a conversa, ela não tinha dúvida de que ele irritou-a. Dana era volátil e mal-humorada, na maioria das vezes. Num campo de batalha, era uma das mais ferozes guerreiras e com o pensamento mais lógico que já tinha visto. Sim, em uma batalha ela era uma verdadeira guerreira. Em uma discussão, era impetuosa com uma língua irritadiça.

A sensação de ardor trouxe sua atenção de volta para o ombro. Junto com a sujeira e fuligem que escorreu com a água para o ralo, corria também uma fina corrente carmesim.

A ferida estava sangrando. Desajeitadamente ela amarrou uma toalha em seu corpo para tentar conter o fluxo do sangue, enquanto se secava e se vestia rapidamente. Seus cabelos caíam em cachos úmidos e rapidamente ela penteou o emaranhado e puxou-o por cima do ombro não lesionado. Puxando a toalha, ela virou as costas para o pequeno espelho rachado sobre a pia. Esticando o pescoço, tentou olhar por cima do ombro para ver como a ferida estava.

Não muito bem. Tinha uma aparência crua, a pele ao redor estava vermelha. Uma faixa de pele enegrecida permanecia em um lado.

—Droga. —murmurou, sabendo que teria que pedir a Dana para cortar a pele morta, antes que infeccionasse e a envenenasse ao entrar na sua corrente sanguínea.

Descalça, ela saiu do banheiro, segurando a toalha desajeitadamente sobre a ferida. Entrando no quarto, parou e olhou para o homem, calmamente esperando em pé junto à janela.

Vendo o seu olhar indo para a porta fechada e de volta para ele, ele levantou uma chave entre o polegar e o indicador.

—Os donos das tavernas têm sempre outras chaves, moça, mas foi uma boa tentativa.

—O que você quer Maverk?

Ele ergueu a outra mão e ela viu a bolsa de primeiros socorros.

—Felizmente, o proprietário também tem isso.

—Bom para ele. Deixe-a sobre a cama e tome o seu caminho para fora.

—E como é que você vai cuidar dessa ferida, hmm? Seus braços não são feitos de borracha, você sabe.

—Você notou. — Suas palavras quase pingavam pingentes de gelo. —Dana vai me ajudar.

—Ela está tendo seu tornozelo atendido por Garret.

—Ela estará livre em breve. — Reya sentiu a umidade escoar através da toalha e moveu-a ligeiramente, enrijecendo com a sensação de queimação.

—Sente-se na cama e deixe-me ver esse ferimento.

—Eu estou bem.

Impacientemente Maverk jogou os primeiros socorros na cama.

—Em uma batalha de força entre nós, Reya, você será a perdedora. Além disso, com o que você está tão assustada? Comigo?

—Você? — As sobrancelhas subiram arrogantemente.

—Sim, eu. Você não quer que eu cuide de sua ferida. Talvez esteja com medo que eu vá machucá-la?

O desprezo amarrava as suas palavras.

—Isso nem sequer merece uma resposta, bonito.

Seus olhos entraram em confronto, nenhum dos dois cedeu, até que ele perguntou:

— Você pode se dar ao luxo, nesta zona de batalha de foras da lei, de perder mais sangue?

Ele falou a verdade e ela tinha que admitir isso. Mas a guerreira tinha que superar os sentimentos pessoais e com um breve aceno de cabeça, foi até a cama.

Ele a viu sentar na borda e girar ao redor, até ficar de costas para ele. Sentada de pernas cruzadas, ela puxou a toalha longe e ele sugou o fôlego ao ver a ferida irritada que marcava a carne macia.

—Você vai ter que cortar fora a parte escurecida. — Virando a cabeça, ela olhou para ele por cima do ombro. — Será que você pode lidar com isso, bonito?

—Você pode?

—Não se preocupe comigo. — Ela enfrentou a parede novamente.

Esse era todo o problema, ele pensou. Reya não quer que ninguém se preocupe com ela. Na verdade, parece determinada a se isolar de qualquer pessoa que se preocupe com ela.

—Não há anestesia. — Ele pegou a tesoura.

—Basta ir em frente.

Suas entranhas apertaram quando ele cortou uma tira de pele negra.

—Certifique-se de cortar até a pele boa. — ela instruiu sem emoção.

Será que a donzela de gelo não tem sentimentos? Cada corte que fazia, ele sentia, enquanto ela ficava sentada inabalável.

Com alívio, ele colocou a tesoura para baixo e eliminou a pele enegrecida antes de enxugar e colocar o antisséptico na ferida.

Ela sentia cada pedacinho disso, a dor do corte e o agulhão da loção, mas não foi a primeira vez que ela tinha sido tratada sem analgésicos. Ela duvidava que fosse a última. No entanto, aqueles que a tinham assistido com seus ferimentos, nenhum havia afetado-a assim.

Para um homem enorme, o toque de Maverk era surpreendentemente gentil; seus dedos eram firmes quando ele aplicou o remendo autoadesivo.

Seu batimento cardíaco acelerou com o calor das mãos dele em seus ombros. *Perda de sangue*, ela tentou tranquilizar-se. Em nada tinha a ver com a força dura dele atrás dela, única, o aroma limpo de macho que flutuava em seus sentidos quando ele se inclinou para frente para dizer a ela:

— Concluído.

—Já era tempo! — ela retrucou, virando ao redor e se levantando. —Adeus!

Calmamente ele reembalou os primeiros socorros.

—Você é muito boa nisso, não é?

—O quê? — Tentando recuperar a compostura, ela se moveu para a janela.

—Em dizer adeus, ou não dizer. Fugir como um ladrão na noite é o que você é boa, para ser mais preciso.

—Não se esqueça de ser boa em matar, bonitão. Sou excelente nisso.

Carrancudo, ele deixou cair os primeiros socorros na cama.

—Você parece orgulhosa disso. Não é?

Sem olhar para ele, puxou a pesada cortina de renda ligeiramente aberta em seu lugar.

—O orgulho vem antes da queda, bonitão. Somente um tolo se orgulha em fazer coisas perigosas também.

—Então você admite os perigos que você passa?

—Eu nunca neguei.

—Então, por que fazê-lo?

—Por que não? — Ela reagiu, com tom entediado.

Ele se aproximou.

—Você prefere enfrentar o perigo a sua própria irmã?

A cortina caiu de volta no lugar e ela se virou para olhar para ele.

—Essa é a minha decisão, bonito.

—Diga-me por que. — ele pressionou os olhos começando a escurecer com uma mistura de aborrecimento e frustração.

—Isso é da minha conta, não da sua.

—Talvez eu vá fazer isso da minha conta.

Seu ombro queimou e ela sentiu cansaço, que tentou esconder desesperadamente do comerciante. *Não devia mostrar nenhuma fraqueza.* Esta era uma regra que seguiu por muito tempo para descartar agora.

—Você não pode. — Ela começou a passar por ele.

—Então eu talvez vá trabalhar para mudar sua mente. — Um braço musculoso deslizou em volta da sua cintura. —Começando com isto.

Reya se sentia tão cansada que não reagiu no segundo em que ele a agarrou. Antes que percebesse a sua intenção, ela foi puxada em seus braços e ele se apossou dos lábios dela.

No primeiro choque dos seus lábios tocando sua boca, ela instintivamente atacou com seu joelho. Mas não conseguiu porque ele apertou-a contra a parede, fora de seu equilíbrio, uma de suas mãos entrelaçadas em seus cachos para segurar a sua cabeça e a outra mão em concha sobre a ferida para impedi-la de tocar a parede.

Ela recuperou o equilíbrio, mas antes que pudesse trazer o joelho para cima em sua virilha, ele se inclinou sobre ela, empurrando duro com o corpo maior, pressionando contra o dela mais suave, suas longas pernas prendendo as dela.

Todos os pensamentos de bater-lhe desvaneceram quando se deu conta de seus lábios se movendo firmemente contra os dela, tão quentes e sensuais, habilmente persuadindo uma resposta. Verdade, ele segurou-a prisioneira em seus braços, algo que nenhum homem jamais fez, mas não era ameaçador ou desagradável.

Sentindo o esmorecimento da sua resistência, seu poder sobre ela suavizou, deslizando seus dedos pelos cachos úmidos que se revoltaram por cima do ombro. Nenhum homem ousava forçar-se com uma guerreira Reeka e a maioria evitava até um olhar, mas ele não. Seu comportamento frio o atraiu; fazendo-o ansiar para derreter o gelo que a cercava e revelar a paixão que ele estava certo que queimava profundamente dentro dela.

Uma parte dessa paixão deslizou através das paredes frias do seu controle e ele sentiu o abrandamento de seus lábios, a tensão

desapareceu de seu corpo quando ela se inclinou contra ele. Suas mãos agarraram seus ombros largos, sua boca se abriu com um gemido rouco.

Sua língua afundou nas profundezas aquecidas de sua boca, saboreando a doçura e ele aprofundou o beijo, sua masculinidade endurecendo e seu desejo crescendo para combinar com o dela.

A mão esquerda dele abandonou seu cabelo e deslizou para baixo, para seu seio e ela sentiu a palma pressionando e amassando levemente através de seu colete. Um incêndio piscou através de suas veias, uma agitação na boca do estômago que serpenteava seu caminho para baixo em direção ao lugar secreto entre suas coxas.

Maverk quebrou primeiro o contato, fechando os olhos, com respiração instável, a testa encostada na dela.

—Moça, você faz meu sangue ferver!

As palavras romperam o véu nebuloso que obscurecia sua mente tão maravilhosamente.

—O quê?

Ele olhou para ela com um sorriso caloroso.

—Você me faz sentir como nenhuma outra já conseguiu.

A paixão fugiu e ela o empurrou com força, a queima no ombro fazendo-a estremecer internamente.

—Fique longe de mim! Eu não preciso de você!

Surpreso, ele a liberou.

—O quê?

Com as pernas tremendo Reya passou por ele, parou no meio do quarto, então se virou lentamente, com cuidado para enfrentá-lo.

—Saia.

A ternura foi substituída com uma carranca.

—Você não pode negar suas respostas para mim, Reya. Você me quer.

—Eu não preciso de você. — Ela apontou para a porta com um dedo trêmulo. —Agora saia.

Seus olhos se estreitaram.

—Você está enganada, moça. Todo mundo precisa de alguém, mesmo você.

—Especialmente eu, não preciso. — Ela engoliu quando manchas escuras começaram a piscar diante de seus olhos. —Eu não preciso de ninguém. Vou dizer a você só mais uma vez, bonitão. Saia.

A qualquer minuto ia cair, ela podia sentir isso. *Mas não na frente de ninguém, por favor.* Não diante deste homem que a fez sentir coisas que ela não queria.

Vendo-a vacilar, ele saltou para frente, um braço envolvendo em torno de sua cintura.

—Deixe-me! — ela sussurrou, com uma mão sobre os olhos. — Eu não preciso de você!

Então tudo ficou escuro.

Apanhando-a, Maverk embalou-a em seus braços e levou-a através do quarto para a cama, colocando-a com cuidado sobre ela. Colocando-a parcialmente ao seu lado, ele apoiou um travesseiro em suas costas para impedir que o ombro ferido tocasse no colchão.

Ele checou a respiração e sentiu seu pulso, que batia forte. Perda de sangue, infecção e cansaço da batalha, tinham combinado para enfraquecê-la, um estado que nunca tinha visto antes de agora. Ela sempre tinha sido tão calma e fria, sem recuar ou buscando repouso. Vê-la em um estado tão vulnerável levantou um sentimento de proteção nele.

Ele estudou o rosto pálido, o comprimento e espessura dos cílios escuros fazendo meias-luas em suas maçãs do rosto altas, seus suaves lábios entreabertos. Cabelos grossos enrolados em todo o travesseiro e para baixo por cima do ombro em selvagem vermelho-ouro.

Delicadamente, ele esfregou o polegar sobre a suavidade do seu lábio inferior cheio.

—Moça, você pode pensar que não precisa de mim, mas agora não está em condições de discutir. O fato é que agora precisa de mim. — Ele delicadamente retirou um cacho perdido em volta de seu rosto. —E eu estou aqui por você.



Depois de descobrir o que aconteceu com sua prima, Dana queria ficar com ela, mas Garret ordenou que voltasse para a cama. Os dois Daamens observaram as sombras escuras de cansaço e dor sob seus olhos e eles queriam ter certeza que ela não ia acabar como Reya.

—Quando ela chamar por você, eu venho buscá-la. — Maverk prometeu.

—Você não pode me dizer o que fazer! — Dana passou por ele, mancando dolorosamente.

Garret pegou o braço dela.

—Reya precisa descansar e você também.

—Droga, eu sei que vou precisar de um maldito descanso, mas depois que eu ver a sua recuperação!

—Isso é loucura moça, nós estamos aqui para cuidar dela e de você.

—Nós não precisamos de seus cuidados!

—Você está quase dormindo onde está, e se continuar empurrando-se pelo caminho como Reya fez, vai acabar totalmente exausta como ela. Então estará à mercê de qualquer bandido que procura uma matança fácil. É isso que você quer?

—Sou uma guerreira e mercenária, Garret, e vocês são comerciantes. Quem você acha que sabe mais sobre isso?

—Obviamente nós, vendo como você não está pensando direito. — Vendo as faíscas de raiva em seus olhos, acrescentou. — Eu não posso acreditar que você irá permitir que o orgulho tolo possa superar o bom senso e arriscar a vida de sua prima.

—Eu nunca arriscaria sua vida!

—Seja honesta, Dana. Se uma de suas outras irmãs guerreiras estivesse aqui agora, não teria de ir para a cama e permitir que ela cuidasse de Reya?

Condenado maldito, por ser tão lógico. Olhando do rosto pálido de sua prima, deitada em cima da cama e para Maverk, Dana mancou para frente e enfiou um dedo duro no seu peito.

—É melhor você tomar conta dela direito, comerciante, ou eu vou estripar-lhe e deixar que os comedores de carniça façam uma festa em suas entranhas.

—Vou guardá-la com a minha vida.

—Eu espero que sim, ou viver não vai valer a pena. — Ignorando o braço oferecido por Garret, ela saiu mancando do quarto.

Ele a seguiu pelo corredor. Na porta de seu quarto, ela hesitou e olhou para ele em pé fora do quarto de Reya, observando-a com preocupação.

—Algo errado, moça? Posso te ajudar em alguma coisa?

—Não. — Ela mordeu o lábio inferior, hesitou novamente, então disse suavemente. —Prometa-me que vai ficar comigo e me chamar se Reya precisar.

Seu rosto suavizou em um sorriso.

—Por minha honra, Dana.

Com um aceno brusco, ela entrou no quarto.

Uma vez que a porta estava fechada, Garret pegou uma cadeira e colocou-a diretamente na frente de sua porta, então se sentou e

esticou as pernas longas. Ele queria ter certeza que a moça loira ardente tivesse o descanso que precisava, bem como manter um olho em seus amigos. Em um lugar como este, no Setor Outlaw, era sábio manter um olho em todos os inimigos que foram feitos e as Reekas tinham feito muitos, enquanto lutavam pelos senhores distritais. E seus inimigos eram os inimigos dos Daamens. Só um tolo não estaria em guarda, neste momento.



Puxando uma cadeira ao lado da cama em que Reya dormia, Maverk sentou-se para monitorar seu progresso.

O sol afundou e a lua se levantou. Ele ligou uma lâmpada pequena no canto do quarto, permitindo uma luz fraca para preenchê-lo. Verificando-a mais uma vez encontrou-a dormindo pacificamente, então se sentou novamente na cadeira.

Várias horas depois, ele acordou com os gemidos torturados.

Capítulo 5

Instantaneamente alerta, ele inclinou-se para frente e pousou a mão em sua testa, sentindo o calor de sua pele. Ela estava ardendo em febre, agitando-se aflita na cama.

—Tão quente. — Os olhos estavam fechados, a testa franzida. —Parece o deserto... naquele dia...

Correndo para o banheiro, Maverk voltou com um pote de água fria e duas toalhas de rosto. Colocando o pote em cima da mesa pequena ao lado da cama, ele sentou na cadeira. Espremendo um dos panos, gentilmente enxugou o rosto corado.

—Dia terrível...

—Isso é correto moça. — ele disse suavemente. —Você está aqui agora, não no deserto.

—Deserto. O vento sopra e está tão quente. Há areia em minhas roupas e meu cabelo... tão quente, suja e suada... mas temos que continuar...

Ele limpou a garganta e os ombros, por um minuto a frieza parecia acalmar a jovem guerreira, mas então seu rosto tornou-se rígido.

Levantou o braço, com os dedos ligeiramente flexionados.

—Não é o som do vento... não, Starn, não é o vento. Choro. Gritos. É o som de agonia... —Ela se agitou sem descanso, sua respiração vinda mais rápida.

—Shiii. Descanse moça, descanse.

—Há algo lá fora! — Seus olhos abriram-se, em seguida, estreitaram-se contra o brilho de um impiedoso sol. —Algo está lá fora e se aproximando!

Sua voz o gelava, o mau presságio nela fazendo que o cabelo na parte de trás de seu pescoço subisse.

—Starn, pegue o comandante. Mexam-se!

De repente, Maverk percebeu que Reya estava revivendo uma batalha que ela lutou, em sua mente confusa estava repetindo as cenas.

—Já acabou, moça. — Ele alisou o cabelo para trás na testa quente. —Você está segura.

—Eu gostaria que isso acabasse... os gritos pararam... o que é isso, Starn? Ele quer que nos movamos à frente? — Ela franziu a testa para a parede distante. —Muito bem, passe a ordem... esta areia, coçando...

Ele continuou a banhar o rosto e os ombros, enquanto ela murmurou em voz alta. Ele ouviu as sentenças vagas, desconexas, imaginando-a no deserto com o sol queimando em cima dela.

Ela mexeu-se inquieta, as longas pernas esbeltas deslizando para cima e para baixo das cobertas, de repente ela endureceu e sua mão pegou seu amplo pulso perto de seu ombro. Seu olhar vidrado voltou-se para ele. Era assustador saber que enquanto ela olhava para ele, não era a ele que Reya via, mas outra pessoa.

—Os gritos pararam... o silêncio depois de tantas horas é alto... não há som, só o som do vento... ele está morrendo agora, também... tudo ainda está lá, ainda continua. — Seu olhar cintilou e ela sussurrou: — Eu não gosto... isso me enerva... alguém está lá fora...

Tremendo, Maverk olhou para cima para ver a cortina esvoaçante na brisa suave que vinha através da janela. O aperto em seu pulso trouxe sua atenção de volta para ela.

—Fumaça. Há cheiro de fumaça e eu posso vê-la sobre as dunas... Como três espirais. Há outro cheiro. Starn diz que cheira a carne cozinhando... — Ela estremeceu. —Estamos rastreando mais perto agora, em nossas barrigas há areia quente, Vexa e eu. Ele tem a minha idade, mas ele parece muito mais jovem, parece ter dezessete. Estamos olhando por cima da duna de areia. — Ela fez uma careta. — Queimados... três pessoas... chegamos mais perto... Estou segurando meu laser... mais... eles estão todos negros, sem cabelo, eles foram queimados... — Sua respiração ficou presa.

Ele sentiu-se mal. Deus, o que ela tinha visto há três anos? Corpos queimados? Deslizando o pulso de sua mão, ele embalou a mão suavemente na sua. As próximas palavras o fizeram sentir ainda mais doente.

—Estou procurando por uma semelhança com alguém que eu conheço. Vexa não tem utilidade, ele está vomitando... as tripas para cima, pobre garoto... um deles se move... abriu os olhos ... não, ele ainda está vivo! — Reya choramingou então sua voz reforçada, embora sufocada. —Não pode falar comigo... Eu acho que é um homem, mas está tão mutilado... suplicando... olhos que querem que eu o mate... — Seu outro braço se levantou com dificuldade, sua mão segurando um laser imaginário. —Eu atiro. Ele está morto. Vexa está chorando. Ele não deveria estar aqui... Eu o fiz ir de volta para os outros... — Mais desarticulada murmurando, muito baixo para Maverk entender.

Com uma mão, ele continuou a banhar o rosto corado de febre, limpando o fio de suor de sua testa.

Sem aviso, seus olhos se arregalaram e ela cerrou os dentes.

—Agora nós sabemos de onde vêm os gritos... os corpos estão deitados ao sol... Eu vou mais perto para ver, afinal de contas, eu sou a batedora. O povo tem sido esfolado... — Seus olhos tinham escurecido, horror preenchendo as profundezas frias... —vivo. Eu sei que pelas marcas da areia quente que eles estavam vivos quando foi feito... sinto-me doente, tão doente... — Ela apertou a mão à boca, apertando os olhos fechados. Resolução brilhou nas profundezas frias quando ela mais uma vez olhou para Maverk, não focando nele, mas em uma memória distante. —Nós não podemos voltar agora, já é muito tarde. Quem fez isso... estamos cercados... Eu posso senti-los... assistindo... — Incomodada ela se mexeu na cama, seu olhar em busca do quarto. —Aproximando-se... eu rastejo de volta para Vexa e os outros. Os homens estão preocupados... alguns perto do pânico. Tolos. Não devem entrar em pânico. Devem ficar juntos, Comandante. É nossa única chance. — Aflita ela jogou sua cabeça. — O comandante está próximo ao ponto de ruptura e ele quer que nós nos separemos. Ouçam-me! — Irritada, com os olhos fixos no rosto desesperado de Maverk. —Diga-lhe que não há segurança em números e devem ficar em um grande grupo, diga-lhe!

—Eu vou dizer-lhe, moça. — Ele engoliu o nó na garganta. — Não se preocupe, ele sabe. Você está segura.

—Nós não estamos! — O olhar tornou-se vazio, firme e frio. Os olhos de uma mercenária. —Vexa, diga que os homens devem ficar em um círculo, ombro a ombro, voltados para fora. Agora, caramba! Agora! — Ela puxou sua mão acentuadamente, os seios subindo e descendo suave e depois agitado. —Eles estão com medo... os corpos. Estou com medo também, mas eu não posso mostrá-lo ou todos nós vamos desmoronar... eles estão olhando para mim, à espera de ordens... não devo mostrar nenhuma fraqueza, nenhuma fraqueza. — Sua cabeça virou sobre o travesseiro e ela ouviu atentamente. —Eles estão chegando... posso ouvi-los... o som de pano áspero na pele, sussurros, risos. Risos?

Tenso e com dor no coração, ele observava impotente como uma aurora de consciência horrorizada enchia os olhos que se voltavam para ele, incrédulos.

—Não pode ser... é... ou melhor, eu não posso dar a ordem, não posso... isso é terrível e eu estou vendo eles chegarem... sobre as dunas de areia... rindo... tão ansiosos pelo nosso sangue, se

aproximando... — Seus olhos estavam fortemente abertos, com horror. — Rindo, facas reluzentes, conversando animadamente. Daqui... vejo... uma corrente feita de orelhas humanas em volta do pescoço... outros vestindo jaquetas. — Sua voz era rouca, grossa, com horror, e o tremor arruinava o seu corpo. — Eu tenho que dar a ordem... — Ela se esforçou para trás no colchão, liberando a mão de Maverk, empurrando as imagens para longe, mesmo quando ela gemia em um sussurro rouco, — Eu dei a ordem errada! É a pessoa errada! — batendo com as mãos sobre seus olhos, ela chorou, as lágrimas escorrendo entre os dedos e molhando o travesseiro. — Perdoe-me, perdoe-me...

Ele jogou o cabelo para trás da sua testa e ela apertou a mão entre as suas, quando ela olhou para o rosto compassivo com desespero, em total desolação.

— Eu tive que... perdoe-me... eu tive que...

Suas palavras suaves não lhe deram nenhum conforto. Apertando a mão contra o rosto, seu corpo era torturado com a força de sua angústia.

Maverk fez a única coisa que ele podia pensar em fazer. Deitou ao lado dela na cama, ele a segurou em seus braços e embalou-a perto dele.

Reya pressionada contra ele, soluçando.

Aos poucos, a angústia de Reya diminuiu e sua respiração tornou-se mais calma. Sentindo sua testa, Maverk ficou aliviado por sentir que sua pele estava fria. A temperatura caiu, ela havia superado a febre. Mas ele não se levantou da cama. Em vez disso, abraçou-a na segurança de seus braços.

Ele havia descoberto algo importante, parte de algum segredo obscuro. Agora ele estava determinado a descobrir o resto, o que tinha acontecido.

Segurando-a em seus braços, seu corpo dobrou até que sua cabeça ficou aninhada em seu peito, onde ela poderia ouvir a batida constante e reconfortante de seu coração, Maverk sabia que tinha de ajudá-la.

Sabia que tinha que ajudar a mulher que ele amava.

A revelação de que ele amava Reya não foi nenhuma surpresa verdadeira. Lá no fundo, ele sempre soube. No início, ela tinha sido simplesmente a irmã irritantemente fria de Tania, alguém que ele reivindicou a força para sua própria proteção, quando as Reekas estavam fora da lei. Mas com o tempo, sua afeição por ela havia crescido despercebida, em afeto, então veio o amor.

Ele pensou em voltar no ano seguinte a graça das Reekas, quando ele tinha ido muitas vezes ao assentamento Reeka em Comll, ajudando a reconstruir o assentamento, entre as suas viagens de negócios. Ele a havia observado naqueles momentos, incansavelmente trabalhando lado a lado com suas guerreiras irmãs e o povo de Daamen e Saalm. Como líder das Mulheres Guerreiras Reeka, ela sempre foi friamente cortês com todos. Ela tinha pelas irmãs guerreiras um verdadeiro amor e carinho, mas mesmo com elas, retinha alguma coisa.

Outra coisa que ele percebeu foi a sua inquietação com as crianças. Ela se distanciava delas, desencorajava os seus avanços e tentativas de amizade, com uma palavra fria e uma rejeição desinteressada. Era algo bastante incomum, já que as outras guerreiras claramente as idolatravam.

Ele tinha visto os olhares preocupados que Tenia tinha lançado sobre a sua irmã mais velha, a preocupação estava gravada em seu rosto. Depois, houve a inquietação crescente que tomou conta de Reya conforme o assentamento estava quase completo. Em sua última visita, pouco antes do inverno, ele a tinha visto muitas vezes empoleirada no muro de pedra, enquanto olhava para fora, sobre os campos, para as colinas, uma figura solitária. Quando ele retornou após o inverno, ansioso para vê-la novamente, ela tinha ido embora. Ela havia deixado Tenia para governar, em seu lugar.

Ele não tinha percebido, então, que a amava. Ele tentou manter o controle sobre seus movimentos, como um amigo interessado, ou assim ele disse para si mesmo. Ao longo do ano, tinha ouvido notícias sobre ela de outros comerciantes e amigos, mas sua preocupação cresceu quando ele percebeu que ela tinha voltado para a vida de mercenária.

Seu primeiro instinto, ele se lembrou, foi encontrá-la e arrastá-la de volta. Mas a mãe de Darvk tinha falado para ele ficar de fora, apontando que Reya era uma moça livre, capaz de ir onde quisesse, ele não tinha razão legítima para obrigá-la a voltar. Então, ele teve que se contentar com as notícias dela.

Mas agora ela estava aqui, com ele e não tinha intenção de deixá-la ir. Claro, Reya teria algo a dizer sobre isso, então ele decidiu não informá-la do seu amor, ainda. Além disso, tinha que desvendar o mistério do seu segredo, o que a fez ficar tão inquieta e infeliz.

Dana devia saber o segredo, afinal, ela foi companheira constante de sua prima. Ele a perguntaria de manhã.

Tendo decidido as coisas para sua satisfação, Maverk apertou seu domínio sobre a guerreira adormecida em seus braços.

Fechando os olhos, ele dormiu.



A luz solar filtrou através da janela e o som da maldição de um homem era alta no início da manhã e Reya despertou instantaneamente. Ela se levantou na cama, com cada sentido em alerta. Um riso se seguiu e ela relaxou. Pessoas só estavam de passagem, na rua abaixo.

—Moça, calma. — disse uma voz profunda de sono.

Reya endureceu seu olhar incrédulo na figura musculosa que descansava sobre a cama, a sua cama, ao lado dela. Longos cabelos loiros estavam despenteados sobre o travesseiro e os olhos castanhos sorriam facilmente para ela, os seus lábios sensuais estavam curvados.

—Bom dia.

—O que você está fazendo na minha cama? — ela exigiu com raiva.

—Eu dormi com você a noite toda. — Aqueles olhos condenáveis tinham tomado um ar sensual, ardendo sem chamas. — Você certamente se sentiu bem em meus braços.

Levantando-se de joelhos, ela olhou para ele.

—Eu não!

—Sim, você fez. — Maverk levantou uma mão para mostrar um fio longo e ondulado de cabelo vermelho-dourado. —Você deixou este no meu peito onde repousou sua cabeça.

Ela franziu a testa para ele, não querendo admitir que ele falasse a verdade, mas era inegável. O pensamento dele compartilhando sua cama fez uma sensação estranha na boca do estômago. Inquieta, ela fez o que sempre fazia, colocou a frieza e distanciamento sobre si, como um manto, distanciando-se do belo comerciante.

—Você não quer saber por quê? — perguntou ele.

—Sem dúvida, você vai me dizer. — Movendo-se para o final da cama, ela escorregou fora dela.

Unindo as mãos atrás da cabeça, ele a viu passar por cima e para a janela.

—Você teve uma febre na noite passada.

—Então você dormiu na minha cama?

—Não. Eu coloquei-me ao seu lado para abraçá-la quando você chorou.

Ele podia vê-la se endireitando para trás, até mais, se isso era possível.

—Eu não choro.

—Você fez na noite passada.

Ela estudou-o por um minuto inteiro, antes de dizer, com uma nota de rejeição em sua voz.

— Adeus.

Sentando, ele balançou as pernas para o lado da cama e descansou os cotovelos nos joelhos.

—Uh,uh, moça. Até você me dar uma resposta direta a respeito de por que você não vai voltar, para estar com Tenia, vou ficar com você.

—Minha razão não é de sua conta.

—A felicidade de sua irmã é. Ela me pediu para procurá-la e isso torna o assunto da minha conta.

—Você está desperdiçando seu tempo. — Ela caminhou em direção ao banheiro.

—Oh, eu não penso assim. — Bocejando, ele levantou e se espreguiçou.

Depois de um olhar mordaz, ela fechou a porta do banheiro em seu rosto sorrindo.

Chorando? Dormindo em seus braços? Reya olhou no espelho. Vagas lembranças dele dando-lhe banho na face, a voz baixa e como ele confortou-a no calor da noite, voltou. *Ela tinha chorado?* Ele não diria isso, se não fosse verdade, pois sempre falou a verdade e ele não tinha motivo para mentir. *Por que ela tinha chorado?*

Um arrepio agitou sua espinha quando fragmentos do pesadelo voltaram, um pesadelo de corpos sem pele e risos insanos.

Tremendo, ela tirou a roupa e entrou no chuveiro. Ela virou-se na água fria e estava embaixo da queda gelada com um suspiro. A frieza ajudou a desviar seus pensamentos da alma destruída no dia a dia, que se esforçava para esquecer, mas nunca conseguiu fazer. Ele estava sempre lá, à espreita, saltando para ela com total clareza, sempre que alguma coisa acontecia para lembrá-la disso. O riso da criança, um grito, um dia quente, ou a incerteza pouco antes de uma batalha, quando ambos os lados esperavam o outro para fazer o primeiro movimento, tudo era um lembrete.

Aquele dia amaldiçoado a assombrava. A paz do assentamento Reeka reconstruído zombava dela. Entre as felizes irmãs guerreiras, ela estava fora do lugar, um negrume estragava o brilho de uma nova vida. Depois do que ela tinha visto e feito naquele deserto, não poderia voltar para uma vida pacífica. Ela não merecia ter uma. Em cada rosto infantil feliz e olhos de guerreiras pacíficas, via a devastação que ela ordenou.

Não, a paz não era para ela. Ela era uma lutadora e uma mercenária. Ela só podia agradecer a Deus que nenhuma das suas irmãs guerreiras tinha ido com ela nessa missão.

Impacientemente Reya desligou a água e saiu para se secar e vestir. Virando as costas para o espelho rachado, ela olhou por cima do ombro, para o ferimento nas costas. Uma mancha de sangue seco, fraca, aparecia. Através da ferida, nada fresco. Bom, ele tinha parado de sangrar.

Saiu do banheiro através da porta ao lado do quarto de Dana, ela encontrou sua prima cuidadosamente puxando suas botas.

O rosto de Dana se iluminou ao vê-la.

—Está tudo bem! Graças a Deus. Como você se sente?

—Bem.

—Bem? Irmã você estava sangrando como um porco e nunca me disse. O que diabos esteve fazendo?

—Eu sabia que você ia perguntar. — Ela encostou à parede. — Como está o tornozelo?

—Bem.

—Quero ouvir a verdade.

—Eu poderia dizer o mesmo para você.

Seus olhares se encontraram e Reya reconheceu sua própria determinação refletida nos olhos de sua prima. Ambas tinham um temperamento forte, teimoso, inquieto e disso nasceu uma profunda compreensão e carinho, uma proximidade que, às vezes, as fazia se confrontarem.

Reya sorriu.

—Eu me sinto como uma merda.

Os olhos castanhos brilharam.

—Idem.

—Não diga para o comerciante idiota e loiro, ou ele vai me amarrar à cama.

—O mesmo vale para o de cabelos castanhos.

—Quer uma mão para descer as escadas para quebrar o jejum?

Dana olhou incisivamente para os pés descalços de sua prima.

—Quer uma mão para colocar as suas botas?

—Eu acho que posso gerenciar.

—Ótimo. Estou morrendo de fome. Pegue as suas botas e vamos embora.

De volta em seu quarto, Reya puxou as suas botas e um punhal amarrado a uma coxa, seu laser para seu quadril. Quando Dana se juntou a ela, elas abriram a porta para encontrar os Daamens esperando por elas. Eles estavam inclinados contra a parede com os braços cruzados sobre o peito grande.

—Eu poderia levar você, moça. — Garret endireitou-se ao lado dela.

—E eu poderia abrir um buraco através de você, — retrucou Dana. —Cai fora!

—Venha comigo e eu vou. — Ele piscou sugestivamente.

—Eu não iria com você mesmo que fosse o último homem no universo.

—Você não teria que vir comigo. Eu gostaria de ficar aqui e trabalhar para repovoar o universo.

—Em seus sonhos!

—Oh, nós temos uma grande diversão nos meus sonhos. — Ele sorriu sonhadoramente. —Você e eu fazendo...

—Cale a boca! — Empurrando-o de lado, ela mancava para descer as escadas, com raiva envergonhada. —Fique longe de mim, seu palhaço!

Felizmente, ele a seguiu descendo as escadas.

—Não é possível fazer isso, você é a luz da minha vida eu estou aqui para ajudar você e...

—Então me ajude, caindo fora!

—Agora eu sei que você não quer dizer isso. Você só está irritada pela dor em seu tornozelo. Você gostaria que eu massageasse a tensão, minha querida?

—Tome suas palavras floridas e empurre-as até o seu...

—Estamos rabugentas esta manhã, não estamos? Você gostaria que eu a carregasse?

—Não!

Reya ouviu com um sorriso interior de diversão. Garret era o único homem capaz de envergonhar a sua prima com suas palavras sugestivas e olhos ardentes. Dana, normalmente, ria na cara de qualquer homem que mostrasse interesse nela, em seguida, despachava-o insensivelmente com algumas bem escolhidas palavras desagradáveis, certificando-se de esvaziar, mesmo o mais ardoroso

admirador. Exceto que aquelas mesmas palavras desagradáveis arremessadas contra! Garret, simplesmente o fazia sorrir e continuar alegremente em seu caminho, totalmente com a intenção de carregá-la junto com ele.

Ele a amava. Qualquer tolo podia vê-lo, mesmo que ele não parecesse ter percebido isso ainda. Para dizer a verdade, ela não estava tão certa de que Dana não retornasse alguns sentimentos próprios. Por que razão mais, ela ficava tão afobada em torno dele?

O pensamento limpou a diversão para longe. Ao acompanhá-la, Dana descartou qualquer possibilidade de uma vida normal. Claro, ela estava inquieta e se estabelecer não era fácil, mas com o homem certo e circunstâncias...

Ela parecia bastante feliz no assentamento Reeka, então por que o deixou?

Caminhando ao lado dela, Maverk notou o olhar perturbado, revelado por um breve instante, enquanto ela olhava para seu amigo e sua prima, que ainda estava lançando insultos à medida que descia as escadas.

—Garret não irá forçá-la, moça.

—Eu sei. — A máscara sem emoção estava de volta.

—Você parece perturbada.

—Não é nada.

Lado a lado, eles começaram a descer as escadas.

—Você sempre diz isso, moça, mas é.

Cautelosamente seu olhar varreu a sala, um hábito que tinha salvado sua vida mais de uma vez.

—Como quiser bonitão.

—Se eu fosse fazer o que quero Reya, eu jogaria você sobre meu ombro e a levaria de volta para casa, agora mesmo.

—Você não gostaria de experimentar.

—Você não iria querer me empurrar, — ele voltou calmamente.

—Ah, Garret e Dana encontraram uma mesa vazia.

Capítulo 6

A taverna não estava muito ocupada neste momento da manhã e o barman se aproximou de sua mesa.

—O que vai ser amigos?

—Frutas, — respondeu Reya.

—Que tipo?

—Variadas.

—Ok. — Ele voltou sua atenção para Dana. —E você?

—O mesmo.

—Não para mim, — disse Garret apressadamente. —Eu gostaria de um café da manhã com bacon, ovos, e batatas fritas.

—Não, para por aí. — Dana recostou-se na cadeira. —Você quer esvaziar a sua despensa, não é?

—Não sonharia com isso, moça, mas é bom saber que você está tão preocupada com minha saúde.

—Você precisa ser tão alegre o tempo todo?

—Estou sempre alegre quando estou perto de minha amada.

Firmemente determinada a ignorá-lo a partir de então, ela entrou em um carrancudo silêncio.

Maverk acenou para o barman.

—Eu vou querer o mesmo, um café da manhã.

Ele voltou sua atenção para Reya do lado oposto em que estava e estudou o seu perfil, enquanto ela olhava para fora da janela, para a rua. Ele se perguntava o que se passava em sua mente, o que ela pensava enquanto contemplava a sujeira e a variedade de foras da lei, com aparência rude e suas famílias que caminhavam pela rua.

Reya desejava que ele não a olhasse assim, avaliando, aquele olhar castanho sondando os seus pensamentos. Se ele soubesse como ela estava ciente dele sentado ali, com seu colete de couro entreaberto, o peito liso e seu interessante abdômen ondulado e as curvas de seus músculos rígidos, um mapa que seus dedos formigavam para explorar e traçar...

Maldição do inferno! Isso nunca aconteceria!

Ela virou a cabeça e encontrou o seu olhar.

—O quê?

Com interesse, ele observou o rosa fraco tingindo suas maçãs salientes do rosto.

—Eu só estava me perguntando o que você estaria pensando.

Você nunca vai saber.

—Isso não é de nenhum interesse para você.

—Você ficaria surpresa. Seus pensamentos são sempre de interesse para mim.

—Sua vida deve ser muito chata se os pensamentos de uma mercenária lhe interessam.

—Tente-me.

Homem amaldiçoado era como um cachorro com um osso, ela pensou com frustração crescente. Decidindo acalmá-lo de uma vez por todas, ela se inclinou para frente, descansando os braços cruzados sobre a mesa e perguntou em voz baixa.

—Você realmente quer saber o que está na mente de uma assassina?

Um arrepio agitou sua espinha quando seus olhos sem emoção e entediados se fixaram nele, mas ele se recusou a deixar o seu olhar vacilar, supondo que ela estava tentando enervá-lo.

—Sim.

Ele nunca soube se ela queria dizer-lhe ou não, porque um vagabundo alto, de botas, desviou sua atenção. Seus olhos piscaram para a porta, uma mão deslizou rapidamente para fora da mesa e desapareceu por baixo da mesma.

Seus olhos se estreitaram, no mesmo instante Dana respirou fundo.

— Bem, veja lá!

Os comerciantes se viraram em seus assentos para ver quem capturou o interesse da guerreira.

Maverk sentiu uma onda quente de raiva crescer contra os homens que ele via, as cordas, lasers e chicotes em seus quadris.

Caçadores de recompensas. Os mesmos que o haviam drogado e a tripulação de Darvk, dois anos antes, então tinham tomado Reya e Tenia, pendurando-as em forcas em Oslow. Só a chegada a tempo, dos Daamens e Argons, tinha impedido suas mortes. Mesmo agora, ele ainda podia ver as duas irmãs torcendo e balançando no final das cordas.

Seus punhos cerraram ao lado dele e ele sentiu a raiva de Garret.

—Acalmem-se, meninos. — Dana falou. —Se eles não são de ninguém, eles são nossos.

—Sim. — Reya colocou uma mão em seu pulso. —Relaxe bonito, nós vamos lidar com eles.

Ele se virou para ela, em protesto, apenas para ver um brilho nos olhos profanos e o olhar que as guerreiras trocaram.

O barman chegou com uma bandeja e colocou os pratos de comida diante de seus clientes.

—Uma coisa mais. — Reya acenou com a cabeça na direção do bar. —Vê aqueles homens lá?

Ele olhou para os oito caçadores de recompensa com uma carranca.

—Sim, eu os vejo.

—Queremos comprar-lhes uma bebida, uma para cada um.

—O quê?

—Uma bebida. Uma Rasburg, barman, uma para cada um deles.

Seu rosto clareou e com uma risada, ele correu para fazer sua encomenda.

—Você está louca? — Maverk exigia. —Esses bastardos penduraram você e ainda compra-lhes uma bebida?

Selecionando um pêssego, ela mordeu-o com prazer.

—Estamos do mesmo lado agora, lembra?

O barman falou com os caçadores de recompensas e começou a despejar copos grandes de Rasburg. O líquido era amarelo. Os caçadores olharam ao redor, o líder continuou olhando até que seus olhos caíram sobre as duas mulheres guerreiras, observando-o da mesa próxima da parede.

—Sorria para Cormac. — murmurou Dana zombeteiramente.

Os pálidos olhos cinzentos do caçador de recompensas se estreitaram.

Reya levantou o pêssego em meia saudação e inclinou a cabeça, olhando-o firmemente.

Ele voltou seu olhar sem piscar, em seguida, ergueu a taça em uma saudação curta, antes de voltar para o bar.

Maverk não podia acreditar, o seu olhar alternava rápido dos caçadores de recompensas para as guerreiras, que comiam as frutas e observavam com calma.

—Droga, você é difícil de ser civilizada conosco e ainda assim você compra uma bebida para aquela escória! — Garret cuspiu com raiva, olhando para Dana.

Olhos divertidos piscaram momentaneamente para ele, antes de voltar para os caçadores de recompensas.

—Seja grato, não odeio você.

—O que você quer dizer?

—Paciência.

Os caçadores beberam seus copos e enviaram mesuras para as Reekas, zombando.

Maverk sentiu a temperatura em seu sangue aquecer, com as expressões em seus rostos.

—Lá vem o golpe de misericórdia, agora. — Reya mordeu uma maçã. — Olhe bonito. Asseguro a você, é uma visão que vale a pena ver.

Os dois comerciantes viraram novamente em seus lugares para ver o magro barman sobre o balcão começar a falar com os caçadores, apontando para a garrafa. Um olhar atordoado atravessou seus rostos e eles viraram a cabeça para olhar para as Reekas, que levantaram as mãos em uma saudação suave.

Em poucos segundos os caçadores correram para fora, com mãos sobre a boca e o som de ânsia de vômito era claramente ouvida.

O barman riu, acenou para os comerciantes espantados e entrou pela porta, de volta para a cozinha.

Maverk e Garret olharam curiosos para as guerreiras, que estavam sorrindo abertamente uma para a outra.

—O que foi isso?

Reya riu suavemente.

—Rasburg é urina de rato misturada com uísque.

Dana riu das expressões chocadas.

—Ainda acha que fomos muito agradáveis com aqueles bastardos?

Maverk começou a se levantar.

—Os caçadores de recompensas vão estourar por aqui a qualquer segundo, querendo derramar o seu sangue!

Com os olhos frios ainda brilhando de tanto rir, Reya balançou a cabeça.

—Não, eles não podem. Muitos idiotas consideram Rasburg uma mistura que dá força. Muitos não sabem o que ela contém. Tudo o que fizemos foi ser amigável.

—É uma vergonha que os caçadores não gostaram. — Dana enxugou os olhos alegremente.

—Quem gostaria? — Retomando o seu lugar, seus lábios se contraíram com a memória dos seus rostos chocados.

Por um instante eles compartilharam um momento íntimo de calorosa camaradagem, então Reya disse silenciosamente.

— Lá vem Cormac para nos agradecer. Sente-se bonito, ele não vai tentar nada.

O caçador de recompensas encabeçava o grupo que parou na mesa. Prontos para vir em defesa das Reekas ao menor sinal de retaliação, os comerciantes mantiveram um olhar atento sobre os sete caçadores irritado que estavam seguindo ele.

Os olhos duros de Cormac olharam para baixo e perfuraram Reya.

—Devemos agradecer-lhe por seus... pensamentos gentis.

—Oh? — Ela levantou uma sobrancelha.

—As bebidas.

Os poucos ocupantes da taverna olhavam com antecipação silenciosa, em seus rostos, um querer de derramamento de sangue que enojava os comerciantes.

—Ah, as bebidas. — Seu olhar nunca deixando seu rosto, ela deu uma mordida pequena no damasco. —Foi um prazer, não foi, irmã?

—Com certeza. Aproveitou, não é? Um sabor muito original, eu entendo.

—Único, de fato. — Os olhos duros passaram ao longo dos quatro ocupantes da mesa, persistindo em Maverk, antes de correr de volta para Reya.

—Sem dúvida, nossos caminhos ainda se cruzarão novamente.

—Por que não? Afinal, estamos do mesmo lado agora, não estamos?

As narinas estreitas queimaram.

—Eu não diria isso.

—Ocorre agora. — Seu sorriso era de um frio mortal. —Nós dois matamos por dinheiro.

—Eu não mato todos aqueles que eu caço. — disse ele com frieza igual.

—Isso não é o que eu ouço.

Maverk estava tenso, querendo saber se ela estava errada e os caçadores atacassem. Ela o empurrou com força suficiente, com certeza.

—E o que você ouviu guerreira? — Cormac consultou em voz baixa.

Mordendo mais um pedaço de damasco, os olhos vagando preguiçosamente, ofensivamente, ao longo dos caçadores, antes retornando a ele.

—As notícias voam como você sabe. Quando foi a última vez que você trouxe alguém de volta vivo?

Os olhos pálidos piscavam.

—Se há um mandado de '*vivo ou morto*', não vejo razão para desperdiçar as leis, o dinheiro e tempo.

—Deus nos livre. — disse Dana. —Nós não queremos isso.

Inclinada para frente, Reya contemplava o rosto sem emoção acima dela.

—Posso felicitá-lo por um trabalho bem feito, caçador de recompensas. Apenas alguns escorregam do seu alcance, sim?

As palavras caíram entre eles, a mensagem não dita era clara. As Reekas tinham escorregado de seu alcance muitas vezes e agora elas foram perdoadas pela Nave da Paz Intergaláctica e estavam além do seu alcance.

Ele olhou para ela por alguns instantes e depois disse baixinho:

— Obrigado pela urina de rato. — Sacudindo a cabeça para seus homens, todos eles se afastaram.

Quando se aproximaram da porta Dana gritou:

— O prazer é nosso, Cormac. A qualquer tempo, sim?

Apenas o endurecimento da sua coluna revelou que a provocação tivesse batido em casa. Os caçadores deixaram a taverna.

—Empurrou-o um pouco, não é? — Garret franziu o cenho.

—Não muito longe, só o suficiente, obviamente. — Ela encolheu os ombros. —Ele é um desmancha-prazeres!

—Você fez isca dele. — Maverk perfurou Reya com os olhos. —E se ele decidir retaliar? Nós estamos sentados com a sensação de alvos.

—Lembre-se, você disse que estava interessado no que estava na mente de uma mercenária?

—Sim.

—Autopreservação. — Ela trouxe sua mão por debaixo da mesa e ele se viu olhando para o cano de um laser. —Cada momento que os caçadores estavam aqui, isto estava pronto na minha mão.

Olhando do laser para seu rosto, viu a determinação mortal em seus olhos.

—Um movimento errado e ele teria ido direto para o inferno. — Reya botou o laser no coldre.

—Ele sabia disso?

—Ele sabia. — Ela se levantou devagar. —Nós, comedores de carniça, sabemos o que os outros pensam.

Seu rosto apertou.

—Você é muito diferente dele.

—Eu sou? — Sua voz era suave e mordaz. —Nós dois somos alugados por dinheiro. Nós dois caçamos e matamos. Nossa única diferença é que ele faz isso para a lei e eu faço isso por mim mesma. — Sem outra palavra, ela caminhou para fora da taverna.

Pela janela viu-a sentar em uma cadeira, ao sol. Inclinando para trás contra a parede, ela levantou suas pernas para sustentar seus saltos sobre a mesa diante dela, então cruzou os tornozelos e colocou as mãos atrás da cabeça.

—Ela está deliberadamente tentando fazer-se um alvo fácil? — Ele virou um olhar perplexo para Dana, que estava despreocupadamente devorando um pêssego.

Ela lhe lançou um olhar de desprezo.

—Dê-lhe algum crédito por seu cérebro!

—Então o que ela está fazendo lá fora, a céu aberto?

—Enquanto os caçadores estão no assentamento, ninguém vai chamar a atenção para si. Qualquer rancor vai esperar para ser tratado quando eles saírem, com ou sem o que procuram.

—Eu vejo.

—Você? — Ela lambeu os dedos, sem perceber o olhar quente de Garret para sua boca, enquanto o fazia. —Eu sinceramente duvido.

Empurrando o prato de comida intocado para o lado, Maverk inclinou-se com os braços cruzados sobre a mesa, com seus olhos fixos em Dana.

—Então me diga, porque eu quero entender.

Ela estudou o rosto bonito.

—Vamos, moça, é tão ruim que eu queira entendê-la um pouco? Afinal, ela é a irmã da esposa do meu amigo e eu, também sou um amigo de sua irmã. Para a paz da mente de Tenia e seu bebê, devemos ter um pouco de compreensão e paz entre nós.

—Isso é um golpe baixo.

—Mas necessário.

Dana olhou para fora da janela, para a figura solitária de sua prima, antes de mover seu olhar para o loiro comerciante.

—Não há muito a dizer. O que você quer saber? — Ela levantou a mão em aviso. —Eu não prometo responder a tudo.

Era mais do que ele esperava dela.

—Tudo bem. Primeiro, por que ela deixou o assentamento Reeka?

—A primeira vez que estávamos caçando fora, ou a segunda, quando deixamos voluntariamente?

—Bonitinha. A segunda vez.

—Eu não sei e essa é a verdade. Ela estava inquieta a maior parte do tempo e tornou-se mais assim, perto da conclusão.

—Você não sabe a razão?

—Reya não diz muito sobre seus sentimentos. — Ela considerava o comerciante de forma constante. —Eu não posso forçá-la a dizer.

—Bastante justo. — Distraidamente, ele pegou uma laranja e começou a descascá-la. —Então ela estava inquieta. E depois?

—Uma noite ela me disse que estava saindo pela manhã. Perguntei por que e ela me deu um olhar que eu não podia entender e simplesmente disse: *'Isto não é para mim'*. Saímos pela manhã, bem antes do amanhecer, para que ninguém pudesse nos ver.

—Assim, ninguém sabia que você ia? — Garret consultou.

—Não. Reya sabia que alguém iria dar o alerta para os Daamen, Tenia e Connie, que viriam e tentariam convencê-la a ficar.

—E você.

Ela deu de ombros, um elevar elegante e forte dos ombros magros.

—Sim. De qualquer forma, saímos. Quando subimos acima do assentamento, ela olhou para trás e para baixo. Estava tranquilo, sabe? O cheiro da primavera no ar, todas essas coisas. Por um minuto pensei que ela iria mudar de idéia e permanecer. — Sua expressão ficou pensativa. —Foi a única vez que eu vi tanta tristeza em seus olhos, mas tão rápido como veio se foi, então ela se virou e caminhou para longe. Nós não voltamos desde então.

—Como vocês acabaram lutando de novo? — Garret inclinou braços cruzados, mastigando a sua torrada.

—Vagamos por aí. — Dana colocou uma uva na boca mastigou e engoliu pensativa. —Nós nos mudamos de lugar para outro, pegando o ônibus planetário. Reya parecia determinada a colocar muito espaço entre nós, Comll e Daamen. Um dos ônibus quebrou e pousamos em Ylan, na proximidade do Setor Outlaw.

Maverk ouvia com interesse.

—Um dos nossos antigos clientes nos viu e ofereceu um emprego como mercenárias contra outro senhor do distrito. Estávamos sem dinheiro e parecia uma boa ideia.

—Reya estava feliz de estar lutando de novo?

Ela respirou profundo, obviamente, tentando compensar sua mente quanto mais para lhe dizer.

—Tão ruim assim? — Ele sondou suave, mas persistente.

Ela baixou as uvas ao prato.

—Eu não diria que ela estava feliz com isso, eu diria que recebeu isso. Ela luta com determinação mortal, concentrando-se na batalha, não dando folga. — Seu rosto tornou-se levemente perturbado. —Ela se arrisca para além do que somos pagas.

—Você se preocupa com ela. — afirmou Garret calmamente.

—Sim, acho que ela sempre foi calma e fria. Com a morte de sua mãe, a liderança no início da nossa corrida, durante os anos fora da lei a tornaram assim. Mas houve uma mudança em sua...

Maverk deu uma facada no escuro.

—Quando ela voltou de uma missão mercenária, três anos atrás?

Assustada, ela olhou para ele.

—Como você sabe? O que ela disse?

—Nada. E você?

—Nada, — suspirou Dana. —Reya voltou da missão com uma desolação nos olhos que assustou a todas nós. Ela estava tão ausente, evitando a nossa companhia o dia inteiro, passando o tempo no rio. Ela não nos queria com ela e Connie, que mantinha guarda a certa distância, informou que...

—O quê? — ele perguntou quando ela vacilou. —Ajude-me a compreender, pois ela teve um pesadelo na noite passada e chorou como se o seu coração fosse quebrar.

—Ela não teve esse pesadelo por um tempo, ou não que eu saiba. Desde aquele dia no rio, eu não a tenho visto chorar.

—O que aconteceu no rio?

—Connie disse que ela passou muito tempo na água, esfregando-se violentamente com o sabão, até que este acabou então ela subiu no banco e chorou por muito tempo. Ela continuou e continuou e ao anoitecer voltou para a caverna e estava mais uma vez fria e composta, só que desta vez havia algo faltando, um pedaço dela se fora. Ninguém poderia dizer o que, mas era como se ela tivesse se distanciado de nós todos. Não de uma forma perceptível, mas podemos senti-lo. Ela amava as crianças, mas agora estava inquieta em torno delas. — Dana apertou os dedos em uma dispensa súbita. —Isso é tudo o que há para dizer. Eu não sei. Você vai ter que perguntar o que a persegue.

O olhar de Maverk era afiado.

—Então você acha que algo a assombra?

—Alguma coisa assombra a todos nós. Todo mundo carrega um fardo, só que alguns são mais pesados que outros.

Garret estudou-a com curiosidade.

—Por que você escolheu ir com ela? Você não se sente em casa no assentamento?

—O que há para mim? Você consegue me ver tendo uma família, sendo uma fazendeira? Eu escolhi ir por duas razões, primeiro porque eu não estava contente, a segunda para vigiá-la.

—Você acha que ela precisa ser vigiada? — Maverk perguntou, preocupado.

—Talvez, '*observar*' seja a palavra certa. Um amigo é o que ela precisa. Se ela não tem companhia, alguém para se preocupar, então eu temo que a última parte de sua alma, que ainda vive, vai murchar e morrer.

As palavras bruscas o fizeram estremecer, mas ele podia ver a verdade em si.

—Então, você optou por ser essa pessoa? — Garret perguntou.

—Ela é minha prima e guerreira irmã.

—E sobre a sua vida?

Dana sorriu.

—Ela tentou me convencer disso, acredite. Amaldiçoou, xingou e ameaçou, em seguida, disse que desejava nunca ter confidenciado seus planos para mim. Ela estaria fora antes do amanhecer, mas eu sabia que ia tentar esgueirar-se, então eu fiquei acordada a noite toda a observando. Eu a encontrei fora do assentamento e lá fomos nós.

—Será que ela se preocupa com você?

—Oh, sim, embora não pareça. — Levantando-se, ela se espreguiçou. — Isso é tudo que eu sei. Se você quiser saber mais, precisa descobrir com Reya. Eu estou indo tomar banho.

Garret a olhava mancar para subir as escadas.

—As primas são próximas.

—Sim. Acho que vou passear e conversar com Reya.

—Você vai perguntar a ela sobre esse pesadelo?

—Acha que ela vai responder?

—Duvido. — Um traço de um sorriso atravessou o rosto de seu amigo.

—Eu também. — Maverk pegou um pêssego. — Não, eu vou perguntar quando ela planeja voltar para Daamen.

—Boa sorte.

Saindo para a varanda, os olhos foram diretos para a relaxada figura esbelta inclinada na cadeira, era a imagem do relaxamento total. Não, ele não iria obter respostas, empurrando-a, mas poderia

pelo menos agitá-la. Um brilho diabólico iluminou seus olhos e moveu-se para a mesa.

Olhando fixo para as colinas distantes, Reya se recusou a reconhecê-lo.

Ele sentou na cadeira ao seu lado e copiou a sua postura, unindo as mãos atrás da cabeça e levantando suas longas pernas, cruzando-as na altura dos tornozelos, com os calcanhares descansando sobre a mesa.

—O que você pensa que está fazendo, bonito?

—Você uma vez disse que se os homens fossem como moças, o universo seria um lugar melhor, então eu estou tentando.

—Você não foi construído como uma mulher, muito menos pensa como uma.

—Verdade. Mas eu fui construído para uma mulher. — Ele inclinou a ela um olhar brilhante. — Certa parte do meu corpo é feita para se encaixar perfeitamente dentro de uma mulher.

—Você é nojento.

—Depois de passar uma noite em meus braços fazendo amor, você vai pensar diferente. — Sua voz era suave como o veludo.

Sua bota caiu no chão e sua cadeira caiu em todas as quatro pernas.

—Com o inferno!

—Eu prometo a você, não vai ser um inferno. — Seu olhar tinha uma faísca, fraca e latente. —Quer que eu lhe mostre? Nós podemos ir lá em cima agora.

—Nós não estamos indo a qualquer lugar, seu bastardo eloquente!

—Bastardo eu não sou, mas eloquente, bem, há coisas que eu posso fazer com a língua que vai fazer você gemer...

—Diga mais uma palavra e eu vou cortá-la fora! — Ela se levantou.

—Ah, então a donzela de gelo tem um temperamento! — Ele sorriu para ela.

—Maldito seja, Maverk... — Ela parou, quando um passo na varanda alertou-lhe que alguém se aproximava.

Num lugar como este, poderia ser amigo ou inimigo.

Capítulo 7

Olhando em volta, ela encontrou um par de tristes olhos azuis desbotados, em um rosto enrugado. Aflitas faces gravadas em dor, um homem e uma mulher idosos estavam olhando para ela tristes.

Com um olhar Maverk notou as suas roupas desbotadas, remendadas e um buraco nas botas.

—Você é Reya, a mulher guerreira Reeka? — a velha perguntou com uma voz enferrujada.

—Sim, — ela respondeu com cautela.

—Zac falou de você. Você lutou com ele para Shaque?

Zac estava morto, mas a partir da descrição que ele havia dado deles, com carinho, não muito tempo depois que ela o encontrou, este velho casal só poderia ser os seus avós. Ela se mexeu desconfortavelmente.

—Sim, eu lutei.

Maverk observava com curiosidade. Quem era esse Zac e por que Reya estava tão pouco à vontade? Ele sabia pela maneira como os seus dedos estavam flexionados ao lado dela, em seguida, enrolados em um punho, que ela estava desconfortável.

O velho acenou com a cabeça.

—Você ganhou?

—Sim. — Ela se perguntava se eles sabiam da morte do seu neto e amaldiçoou silenciosamente. Alguém tinha que dizer-lhes. — Eu temo ter más notícias.

—Zac está morto. — Ele abaixou a cabeça.

—Sinto muito, — Reya disse rigidamente. —Foi rápido. Ele não sofreu. — *Ela esperava.*

Maverk baixou as pernas da mesa e sentou-se em linha reta.

—Nós sabemos. — A velha com seus lacrimejantes olhos azul mostrou a profunda dor que sentia. —Nós viemos pedir-lhe um favor.

—Um favor?

Colocando seus braços sobre a mesa, Maverk se inclinou para frente com curiosidade. *O que no universo poderiam estes idosos querer com uma mercenária?*

—Meu nome é Zina, meu marido é Chut. Zac viveu conosco desde que seus pais, nossa filha e seu marido, morreram em um incêndio quando ele estava com três anos. Ele era tudo que tínhamos.

Reya não disse nada, avaliou o velho casal, imaginando o que eles queriam com ela. Vingança por sua morte, talvez?

Zina hesitou e Chut deu um passo à frente, inclinando a cabeça para trás para olhar para Reya.

—Gostaríamos de pedir que você venha conosco para trazer o nosso neto para casa.

—Casa? Ele está enterrado lá fora agora.

—Não, nós tivemos notícias que os corpos foram deixados para apodrecer.

Maverk sentiu sua pele arrepiar com o pensamento, mas não viu nenhuma emoção no rosto de Reya.

—Eu vejo. — disse ela lentamente. —Você quer que eu vá com vocês e o traga de volta.

Zina acenou com a cabeça cheia de esperança.

—Sim.

—Ele não vai estar nada bonito de se ver, agora. Você sabe o que fazem os animais selvagens com os corpos.

—Reya! — Maverk, chocado, ficou em pé.

O olhar do casal virou-se para o gigante elevando-se acima deles, seu corpo musculoso e áspero parecia fazê-los recuar com cautela, até que o rosto perigosamente de boa aparência se virou para eles e viram compaixão nos olhos marrons.

—Fique fora disso, — advertiu Reya, sem dar-lhe um olhar. — Eles precisam saber o que vão encontrar, se decidirem ir em frente.

—Nós vamos em frente, — Chut voltou calmamente. —Nós vivemos em uma área remota, guerreira. Sabemos o que se passa lá fora, mas não faz diferença. Zac é o nosso neto e ele vem para casa com a gente.

—Se você pretende levá-lo de qualquer maneira, por que você precisa de mim?

Maverk não podia acreditar em sua insensibilidade.

—Maldição do inferno, Reya...

Chut levantou a mão, acalmando.

—Paz, comerciante. Sua amiga é apenas cautelosa, e aqui, é o que garante uma vida longa. Guerreira, nós precisamos de sua proteção.

—Ah. — Era como ela suspeitava.

Zina botou a mão no bolso e retirou uma pequena bolsa. Soltando a corda na parte superior, ela derramou um punhado de moedas sobre a mesa.

—É tudo o que temos, mas de bom grado queremos pagá-la.

Reya e Maverk olharam para as moedas. Eram quatro moedas lamentáveis.

—Isso é tudo que você tem? — Reya transferiu o seu olhar de volta para Zina. —Nada mais?

A raiva rastreou ao longo da espinha de Maverk. *Que diabos ela estava fazendo? Pedir mais dinheiro? Era tarde demais para ela, afinal? Ela teria tanto sangue-frio que pediria mais dinheiro para um casal de idosos, obviamente, muito pobres? Será que ele a tinha subestimado?* O pensamento o fez sentir-se muito doente e seu coração bateu forte dentro do seu peito maciço.

—É todo o dinheiro que nós temos. — Zina hesitou antes de puxar a sua pulseira de casamento fora de seu pulso fino e colocou-a ao lado das moedas. —E isso.

Reya contemplou as poucas moedas e a pulseira de casamento em silêncio, antes de perguntar suavemente:

— Você vai me pagar isso para proteger vocês dois durante a recuperação do corpo de Zac?

—Sim. — respondeu Chut.

—Por favor, — implorou Zina. —Ajude-nos.

Em silêncio, pensativo, Reya olhou para longe, sobre as colinas e um minuto inteiro se passou antes que ela baixasse o olhar.

—Muito bem, eu irei.

Lágrimas cintilaram nos olhos desbotados de Zina, que apertou as mãos.

—Obrigada, oh, obrigada!

—Quando partimos? — Chut perguntou ríspidamente.

—Nós não. Eu vou.

—O que você quer dizer?

—Vocês voltam para casa, os dois.

—Ir para casa? — Zina repetiu, cada vez mais alarmada. —Ele é nosso neto!

—Ele é. — Reya reuniu as moedas na palma da mão. —E você quer que eu os proteja enquanto vamos pegá-lo. Posso levá-lo mais rápido sozinha e sem perigo para vocês.

—Não. — Chut deu um passo à frente. —Eu insisto que vamos...

—Vocês só vão me atrasar. Ou eu vou sozinha buscar o seu corpo, ou eu não vou.

Zina olhava em lágrimas para o marido, Maverk sentiu-se terrível por eles, mas ele ficou aliviado que Reya não iria deixá-los ir. Embora quando estivessem sozinhos, ele pretendia dar-lhe a maior

bronca da sua vida, deixaria que ela soubesse o que ele pensava do seu sangue-frio e quanto Tenia ficaria esmagada se soubesse quão baixo sua querida irmã mais velha tinha afundado.

—Por favor, — Zina sussurrou: — Você tem que entender. Nós nos despedimos com palavras amargas. Nós não queríamos que ele fosse lutar por Shaque, mas ele insistiu, porque precisava do dinheiro. Ele morreu por nós.

—Pessoas morrem por uma série de razões, — Reya disse sem rodeios. —Ele morreu porque acreditava ser uma causa honrosa. Não torne isso um desperdício, colocando em riscos a si mesmos ao tentar recolher o corpo. Eu vou fazer isso.

O casal de idosos se entreolhou, impotentes, então Chut balançou a cabeça lentamente para a mulher e virou-se para a alta guerreira.

—Muito bem. Vamos acampar fora do assentamento e aguardar seu retorno.

—Não. Vocês vão voltar para casa. — Reya pegou a pulseira de casamento de Zina e pesou na sua mão. —Isso será mais seguro do que ficar aqui. Onde você mora?

Seus ombros caíram em derrota.

—Em Hamos, 20 quilômetros ao sul daqui.

—Eu sei disso. Vou ver vocês em um ou dois dias.

Zina sussurrou:

—Obrigada. — e eles começaram a se afastar.

—Uma coisa mais.

Eles viraram as costas, os olhos tristes olhando para ela.

—Sim?

Reya estendeu a mão, as moedas no meio da palma, a pulseira de casamento no topo da pilha lamentável.

—Vocês esqueceram isso.

Maverk sentiu como se seu coração fosse explodir de orgulho. Ele queria apertá-la e cobri-la com beijos.

—Mas... mas... — Zina gaguejou.

Tomando os três passos necessários para trazê-la perto, Reya tomou a mão na dela e devolveu suavemente, até que as palmas das mãos estivessem alinhadas. Silenciosamente, ela levantou a mão acima da de Zina e derramou o dinheiro na palma da mão em concha, então colocou a pulseira de casamento em torno do pulso fino.

Ela olhou para o casal sem fala, e repetiu:

— Um ou dois dias, — virou-se e entrou na taverna.

Eles trocaram olhares surpresos com Maverk, que sorriu com orgulho.

—Essa é a minha garota.

—Reya é a sua mulher? — a expressão de Chut ainda estava atordoada com as ações da guerreira fria.

—Sim, ela é. — Ele piscou. —Isso é só uma questão de tempo, antes que ela perceba!



Dana estava olhando para fora da janela de seu quarto, quando Reya entrou e disse:

— Eu vou voltar para pegar o corpo de Zac.

—Ah, isso explica a conversa com aquele casal de idosos.

—Eu vou pegá-la no caminho de volta.

—Você não vai a lugar nenhum sem mim.

—Seu tornozelo está bastante torcido. Você fica.

—Com o inferno! Eu vou com você ou atrás de você! — A carranca de Dana agora era total.

—É muito perigoso. Eu não vou correr o risco de novas lesões.

—De jeito nenhum, irmã. Você vai, eu vou.

—Todos nós vamos. — afirmou uma voz profunda.

Elas olharam ao redor, para ver os comerciantes em pé na porta.

—Eu vou. — corrigiu Reya.

—Não, nós quatro iremos. — Maverk entrou no quarto. —Temos uma nave espacial de viagem. Podemos ir e voltar do local da batalha, sem o perigo de correr de bandidos no caminho.

—Eu não preciso de sua ajuda.

—Você a terá de qualquer maneira.

—Além disso, isso significa que Dana pode ir sem medo do perigo adicional para ela, — acrescentou Garret, cruzando os braços e encostado à ombreira da porta. —Todo mundo ficará feliz.

Ansiosamente, Dana lançou-se sobre a ideia.

—Pela primeira vez esses imbecis estão certos. Podemos fazer o trabalho mais rápido e Zac voltará para casa muito mais rápido. E eu posso ir com você, o que, — seus olhos se estreitaram, — eu vou fazer de qualquer maneira.

Os olhos de Reya cintilaram de um rosto determinado para outro, ela sabia que, neste caso, era três contra um. Seu olhar

pousou no rosto de Maverk. Talvez a ideia não fosse tão ruim assim. O comerciante iria ver os corpos, sabendo que alguns deles ela havia matado, e ele, com certeza, teria nojo dela e deixá-la-ia sozinha.

Isso era tudo o que ela merecia depois do que tinha feito no passado...

—Muito bem. — Ela assentiu com a cabeça fria. —Saímos de manhã.

—Onde você está indo? — Garret perguntou quando ela passou por ele.

—Vou conseguir uma bolsa mortuária, que manterá o cheiro da decomposição e da morte dentro dela.

Eles ouviram o som de suas botas batendo na escada de madeira.

Lançando-lhes um olhar divertido, Dana perguntou:

— Ainda acham que ela não se importa comigo?

—Fazendo você ficar por causa de seu tornozelo, você quer dizer? — Garret franziu o cenho. —Não é o mesmo tornozelo que você torceu há dois anos?

—Você se lembra disso?

—Lembro-me de tudo sobre você.

—Não fique descuidado. — Ela olhou para ele com cautela, embora seu coração tenha acelerado com as suas palavras. —Na verdade, eu o torci mais duas vezes desde então.

—Ele vai ficar muito mais fraco, — ressaltou com preocupação. —Não é de admirar que Reya se preocupe com você assim.

—Está tudo bem!

—É?

Nenhum deles notou Maverk saindo do quarto e fechando a porta silenciosamente atrás dele.

—Sim!

O grande comerciante desdobrou seus braços e desencostou da parede.

—Isso não é verdade e você sabe disso.

—Como você sabe?

Parando a meio metro de distância, ele estudou o seu rosto altivo.

—O fato de você ter torcido tantas vezes.

Ela deu um passo para trás, mas foi interrompida pela janela atrás dela.

—Para trás.

Sua mão apareceu e pairou diante dela e seus olhos se estreitaram. Esperando que ele fosse agarrá-la, ela foi pega completamente de surpresa, quando ele gentilmente acariciou a sua bochecha.

—No fundo de seu coração você sabe a verdade sobre isso, moça. Quanto tempo você pode seguir a sua guerreira irmã por aí com um tornozelo que está ficando mais fraco pelas quedas e lutas?

—O que você está sugerindo? — ela exigiu veementemente. — Que eu não sou boa o suficiente para lutar? Que eu sou inútil?

—Não, inútil nunca, você sempre luta bem, mas cada vez mais você aumenta o perigo para si mesmo e para Reya. Porque você acha que ela tentou fazer você ficar aqui?

—Ela precisa de mim!

—E de quem você precisa? — O rosto normalmente alegre de Garret, estava grave.

—Ninguém!

—Não? Dana todo mundo precisa de alguém.

—Não seja ridículo.

—Negue tudo que quiser, mas você precisa dela tanto quanto ela precisa de você.

—O que você quer dizer? — Ela deu uma tapa na mão que estava no seu rosto. —O que você está dizendo, caramba?

—Você teme não ser necessária, você teme não ter propósito na vida.

Seus olhos se arregalaram.

—Isso é mentira! Não temo nada!

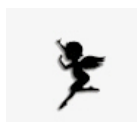
—Você teme e um dia eu vou provar a você que tem um propósito na vida.

—E o que é isso?

Inclinando a cabeça, ele roçou os lábios nos dela rapidamente, em seguida, ele puxou de volta e afastou-se, antes que ela tivesse tempo de retaliar.

—Você vai descobrir moça. Vejo você mais tarde.

Ele deixou uma guerreira conturbada atrás dele, no quarto.



Encontrando o salão da funerária, Reya entrou na penumbra do edifício. Automaticamente ela ficou de lado, de costas para a parede, o seu olhar deu uma varredura na sala rapidamente.

Caixões de madeira áspera de vários tamanhos estavam contra a parede. Seu olhar buscou e encontrou o agente funerário atrás do balcão, no canto distante, limpando as unhas.

—Como posso ajudá-la? — ele olhou-a entrar, enquanto empurrava o cabelo preto e gorduroso da testa.

—Eu quero um saco de corpo e um caixão decente.

—Estes são decentes!

—Eu quero um caixão lixado e polido até brilhar, ele deve ter alças prateadas.

Ele empalideceu sob o seu olhar frio, mas ela não perdeu o brilho de cobiça nos olhos dele.

—Isso vai custar um extra.

—Quanto? — Ela descansou as palmas das mãos sobre o balcão.

—Cinquenta dinnos.

Estreitando os olhos, ela se inclinou para frente.

—Você não estaria tentando me enganar, não é, homenzinho? Eu não gosto quando as pessoas fazem isso.

Recuando, ele nervosamente correu um dedo dentro do colarinho sujo.

—Claro que não, Reya. Para você eu poderia fazer um acordo especial. — Como seu silêncio continuou, ele gaguejou, — Trinta dinnos.

—Trinta dinnos. — Ela balançou a cabeça abruptamente. —Com o forro de cetim.

—Forro? — ele guinchou incrédulo.

Um braço delgado disparou de repente, uma mão forte agarrando um punhado de sua camisa e transportando-o através do balcão.

—Sim cetim, forro e pronto amanhã de manhã. Entendeu?

—S-sim, c-claro.

Empurrando-o para trás, ela soltou sua camisa e alisou-a com uma tapinha rápida.

—Bom. Vejo você depois.

O suor escorria pelo seu rosto, enquanto a observava sair.

Virando na porta, ela deu-lhe com um olhar mortal.

—É melhor que seja um bom trabalho, homenzinho. Eu vou inspecioná-lo quando voltar.

Nervosamente seu engolir subia e descia.

—Vou começar agora.

Deixando o prédio, ela caminhou pela rua principal, sentindo-se inquieta e temperamental. A agitação era algo que ela estava acostumada, o mau humor não.

A rua estava se tornando rapidamente lotada e ela teve que tecer o seu caminho através do esmagamento da humanidade, embora a maioria deles abrisse caminho para ela, depois de apenas um vislumbre de seus olhos. Ela sabia o que eles viam apenas o afastamento refletia.

Divertiu-a ver os homens recuando, com os olhos luxuriosos, mas ainda com medo, o respeito relutante ou o não gostar aberto nas faces das mulheres.

Muitos dos homens usavam calças ásperas e camisas de materiais feitos em casa, os vestidos das mulheres eram de vários comprimentos e estilos. Crianças corriam em meio à multidão, com os olhos e os dedos em busca dos bolsos dos viajantes incautos.

Parando em uma mesa atulhada de frutas e legumes, ela pensou no casal de idosos fazendo seu caminho para casa e fez sinal para a dona da barraca, que atendeu com rapidez. Reya apontou para vários produtos que ela queria e uma grande caixa logo estava cheia com as mercadorias.

—Há um homem e uma mulher idosos indo na estrada ao sul.
— Ela ergueu um extra de cinco dinheiros e os olhos da proprietária da barraca se arregalaram. —Faça com que esta caixa seja entregue à eles.

—Claro. — A mulher fez menção de pegar as moedas, mas Reya segurou-as fora do seu alcance.

—Você sabe, — disse ela em advertência. —Se isso não chegar a eles, eu volto para ver você.

A mulher empalideceu.

—Vou mandar o meu próprio filho fazê-lo.

Ela entregou as moedas para ela.

—Não diga a eles quem enviou.

—Mas e se perguntarem?

—Não diga a seu filho e ele não será capaz de dar-lhes uma resposta.

A proprietária da barraca observou a guerreira alta desaparecer na multidão, então chamou seu filho. Quando um jovem de dezesseis anos apareceu, ela lhe entregou a caixa com as instruções da Reya e enviou-o em seu caminho.

Das sombras da entrada de uma taberna, Maverk observava. Ele estava seguindo Reya à distância, havia visto e ouvido cada ação

e palavra que ela tinha dito. Por que ela se esforçava para ser um calo, para distanciar-se e não deixar ser sabido que ela se importava?

A Reeka era um quebra-cabeça, ele olhou para frente para solucionar.

Olhando para trás, ela viu sua figura elevar-se acima da multidão e seu aborrecimento cresceu quando ela percebeu que ele a estava seguindo. *Condenação! Quem lhe deu o direito de me espionar? Para ver todos os seus movimentos?* Seus pensamentos foram desviados por um homem do outro lado da rua cheia de gente, atrás de Maverk. Era um caçador de recompensas, com os olhos na multidão, em busca de alguém. Ela parou. *Quem o carniceiro está procurando?* De repente, ele mergulhou na multidão e outro caçador de recompensas apareceu em sua linha de visão, empurrando contra a multidão.

O seu sangue gelou. *Eles tinham visto sua presa.* Ele andara aos empurrões e um grito assustado soou, seguido por uma maldição.

—Pequeno bastardo! Cuidado!

—Ele está fugindo!

—Volte aqui!

Um terceiro caçador de recompensas apareceu em torno do canto dos estábulos e um quarto empurrou Maverk, passando por ele na varanda.

A multidão de pessoas se separou, pouco antes de Reya e uma pequena figura colidirem. Ela agarrou seu ombro.

—Deixe-me ir! — O rapaz torceu freneticamente nas garras fortes.

Cabelos pretos como carvão caía sobre os olhos negros e seu corpo era magro e rijo. Ela o reconheceu imediatamente, mesmo depois de dois anos, desde que ela o tinha visto pela última vez. O reconhecimento ocorreu em seus olhos e sua boca se abriu em surpresa.

Empurrando-o de volta por trás dela, Reya olhou a multidão rapidamente, sua altura dando uma vantagem, ela via onde os caçadores de recompensas estavam. Todos os quatro estavam vindos em sua direção, embora ainda não tivessem reparado nela.

Mantendo um controle apertado sobre o ombro do jovem, ela virou-se e empurrou-o em direção a uma barraca nas proximidades que vendia bugigangas e joias. A mesa estava coberta com um pano que atingia o chão. Silenciosamente ela pressionou seu ombro e

apontou para ele. Ele não precisava de explicação, caindo de joelhos e correndo debaixo, o pano caiu atrás dele para escondê-lo da vista.

Calmamente, ela estava em pé diante da mesa quando olhou para uma joia. O proprietário da barraca, um homenzinho com olhos brilhantes, abaixou a cabeça sobre o anel que ele pegou e passou a polir diligentemente.

Gritos se aproximavam e ela sabia que os caçadores estavam chegando, mas foi o calor repentino ao seu lado e o formigamento que lhe varreu o braço, alertando-a para sua presença.

—Isso é conhecido como ajudar um criminoso. — as palavras de Maverk eram uma carícia quente em seu rosto. —Você gosta da pulseira que você segura?

Ela não olhou para ele.

—Eu não tenho idéia do que você quer dizer, bonitão. Quanto à pulseira, está tudo certo.

—Isso é uma pulseira de casamento. Você está tentando me dar uma dica?

Soltando-a como se estivesse em brasa, o seu olhar zangado virou-se para ver os quentes olhos divertidos.

—Com o inferno!

Ele sorriu, mas antes que ela pudesse acrescentar algo mais, os caçadores de recompensas saíram do meio da multidão e se encontraram cara-a-cara com eles.

Cormac deu um passo à frente, com os olhos apertados.

—Eu suponho que você não viu um jovem andar nesse caminho?

—Qual deles em particular? — ela voltou-se com curiosidade leve. —Há jovens em todos os lugares.

Os duros olhos cinzentos cravaram nela.

—O irmão de Sinya.

—Você caça crianças agora? Mas que mudança agradável.

—Ele não é uma criança. E quanto a você, comerciante?

Coçando a cabeça, Maverk franziu o cenho.

—Como que ele se parece?

—Não se preocupe. — Cormac moveu seu olhar para Reya novamente. —Você não pensaria em ajudar um criminoso, não é? Esse é o tipo de coisa que pode tornar você uma foragida de novo.

—Estou aterrorizada. Isso me faria uma mulher má?

Com um gemido interno, Maverk percebeu que ela estava deliberadamente provocando os caçadores de recompensas,

novamente. Assim como aqueles que os rodeavam. A rua estava em silêncio, um silêncio de antecipação estava no ar e em cada rosto.

—Nós estamos inspecionando a mercadoria, — Maverk disse suavemente.

A boca de Cormac se contraiu.

—É mesmo?

Reya encolheu os ombros.

—Pense no que você quiser caçador. Talvez você gostasse de procurar no lugar?

Uma picada de desalento percorreu Maverk quando ela balançou o braço em volta e apontou para a mesa.

—Venha ver se eu escondi o jovem bandido debaixo da mesa. Aqui, eu vou até levantar o pano para você.

Os olhos do dono da barraca ficaram vidrados com esse anúncio. Maverk enrijeceu quando a viu alcançar o pano e começar a levantá-lo lentamente.

Ela olhou zombeteiramente para os caçadores.

—Peguem suas armas para o bandido grande e mau, rapazes.

Cormac cuspiu uma maldição quando um riso silencioso atravessou as pessoas que assistiam, ele sacudiu a cabeça bruscamente para os seus homens.

—Vamos continuar a busca!

Eles se afastaram e Maverk soltou um suspiro de alívio. A promessa de derramamento de sangue terminou, a multidão parecia decepcionada e ouve murmúrio sobre o assunto. Reya deixou cair o pano e se endireitou.

—Como você sabia que ele ia recuar? — Maverk perguntou.

—Eu não sabia.

—Você blefou?

Ela não respondeu. Em vez disso, levantou o pano novamente. Como ela suspeitava, não havia nenhum sinal do jovem. Aproveitando a distração, o irmão do pirata do espaço tinha escapado.

—Suponha que ele visse o seu blefe, moça? Então o quê?

—O menino está desaparecido e Cormac não o achou, então não há nenhum ponto para pensar no que não aconteceu.

Ela saiu e deixou Maverk balançando a cabeça.

Capítulo 8

As ruas estavam escuras e desertas, só com briga de estranhos, ou gritos pontuando a escuridão, o estalo agudo de um laser dando um único lampejo de luz na ocasião estranha. Uma noite normal para um assentamento na proximidade do Setor Outlaw. Apenas os muito corajosos ou muito estúpidos andavam pelas ruas à noite.

Com um toque irônico de seus lábios, Reya sabia em qual categoria ela se encaixava. Ela caminhou ao longo do calçadão, fazendo as batidas abafadas de suas botas na madeira e um laser amarrado a sua coxa.

Tola, provavelmente. Ela estava tensa e tinha sido assim desde que os comerciantes tinham aparecido ontem. A tensão tinha aumentado constantemente durante todo o dia, especialmente quando descobriu que em todos os lugares que se virava, ela pegava um vislumbre dos olhos quentes, longos cabelos loiros e desgrehados, uma boca sorrindo e ombros largos. *Droga, Maverk parecia estar em toda parte!* Será que ele achava que ela precisava de sua proteção ou algo assim?

Seu ressentimento crescia a cada minuto que passava, assim como a tensão e as dores nos ombros e pescoço. Havia apenas uma forma de aliviá-la e essa era a razão pela qual andava pelas ruas de um assentamento fora da lei, tarde da noite. Ela não poderia ferir Maverk, Tenia nunca iria perdoá-la, pois tinha um carinho especial pelo amigo de seu marido, então, ao invés, Reya estava esperando que alguma escória marginal fosse atacá-la nas ruas, então poderia botar para fora sua agressividade, sobre ele — ou eles.

A escória marginal do assentamento que descobriu Reya, não era feita de burros. Ninguém atacava uma Mulher Guerreira Reeka e saía ileso. A reputação de Reya como uma mercenária impiedosa era bem conhecida, mesmo nas áreas mais isoladas.

Eles também não atacavam os comerciantes Daamen. Os comerciantes eram enormes, muito musculosos e com um amor pela luta. Só um idiota iria atacar o loiro gigante que andava pelas ruas com uma expressão sombria no seu, normalmente, rosto sorridente.

Um Daamen furioso era duas vezes mais perigoso em uma luta.

Reya desistiu e com desgosto voltou para seu quarto. *Malditos homens! Covardes inúteis! Onde estava a escória quando você queria bater em alguém?*

Ela tentou a porta de Dana e encontrou-a fechada, da mesma maneira que tinha estado quando tinha saído algumas horas atrás.

Bom, sua prima ainda dormia. Ela lançou um olhar para o quarto ao lado, que os comerciantes compartilhavam. Sem dúvida aqueles imbecis estavam roncando, agora.

Ela entrou em seu quarto com cautela, com o laser na mão, mantendo-o engatilhado até que ligou a lâmpada que iluminava o quarto. Trancando a porta atrás dela, soltou o coldre do laser e colocou-o perto da mochila.

Talvez um banho quente fosse ajudá-la aliviar a tensão, embora ela duvidasse disso. Ela estava totalmente desperta e ansiosa para uma luta, mas em quem queria bater muito, estava dormindo pacificamente. *Bastardo*.

Entrando no banheiro, ela despiu-se e entrou no banho, esfregando-se alegremente com o sabão perfumado de rosas. Seu modo de vida significava que, às vezes, ela tinha que passar dias sem um banho ou ducha, assim, vivia coberta de sangue, suor e sujeira. Ela adorava momentos como este, quando tinha pleno acesso à água quente.

Secando-se, ela saiu e enrolou a toalha em volta dela e enfiou o final da toalha segura entre os seus seios cheios. Passou a escova através de sua cabeleira espessa de cabelos encaracolados, abriu a porta do banheiro e ficou com uma carranca irritada.

—Que diabos você está fazendo aqui?

Botando a chave-mestra que usara para ganhar a entrada para o seu quarto em cima da mesa ao lado da cama, Maverk se levantou de repente.

—Vigiando você.

Fechando a porta do banheiro, ela retrucou:

— O que você quer?

Ele viu-a passar por cima, para verificar a fechadura, com os olhos acompanhando as suas pernas longas, musculosas nas panturrilhas e coxas tonificadas. A toalha cobria apenas os seios e descia até as coxas.

Encontrando a porta fechada, ela virou-se, caminhou de volta e parou no meio do quarto, dobrou os braços e deu ao comerciante um olhar hostil.

—Eu perguntei o que você quer, bonito.

Ele podia pensar em algumas coisas, uma em particular, que seria ela mesma. Em vez disso, ele exigiu duramente,

— O que você estava fazendo, andando sozinha pelas ruas até quase meia-noite?

—Cuidando dos meus negócios, que é algo que você não aprendeu a fazer.

Seus lábios apertaram e involuntariamente seu olhar foi atraído para eles. *Para um homem, ele tinha os mais sensuais lábios, firme e quente, bem torneados e...*

Ela quebrou seus pensamentos abruptamente, quando ele respondeu.

—Sua segurança é o meu negócio, enquanto estou com você.

—Meu Deus! O grande protetor. Bem, deixe-me dizer uma coisa, bonito. Eu estive me protegendo por anos e consegui fazê-lo perfeitamente bem.

—Você chama andar sozinha por ruas perigosas durante a noite, de se proteger? — Ele caminhou até estar diretamente na frente dela, com as mãos nos quadris magros.

Ela se irritou quando teve de inclinar a cabeça ligeiramente para trás, para olhar nos seus olhos. Ela tinha o maior prazer em olhar para baixo, sobre a maioria dos homens.

—Você estava me seguindo de novo? Você não tem nada melhor para fazer?

—Não quando você insiste em fazer algo estúpido.

—Depende da sua idéia de estupidez. Eu sabia o que estava fazendo.

As características entediadas de seu temperamento inflamaram mais.

—Suponho que você estava procurando briga?

O silêncio que seguiu fez seus olhos se estreitarem, quando ele percebeu que tinha atingido a verdade.

—Muito bem, bonito, você pega rápido. — Ela girou se afastando. —Agora, vá para a cama como um bom menino.

Sua mão disparou, pegando seu braço e balançando-a de volta, para enfrentá-lo.

Incisivamente, ela olhou para sua mão.

—Solte-me.

—Não, até você me dizer por que você saiu à procura de uma luta.

Ela teve o suficiente de ordens de Maverk. Avançando rapidamente, ela levantou a perna e bateu seu calcanhar bruscamente atrás de seu joelho, empurrando-o com força com o ombro, ao mesmo tempo.

Com um baque surdo e uma maldição, ele bateu no tapete fino. Empurrando-se para cima sobre os cotovelos, ele olhou para cima, para a guerreira em pé aos seus pés, com os braços cruzados.

—Você deve aprender o que significa ‘*soltar*’, bonito.

—Você é uma moça de coração frio e teimosa demais para seu próprio bem. — Ele fez uma careta.

—Paus e pedras, bonito. Agora saia.

Ele se levantou, enquanto ela observava com indiferença.

—Acho que vou procurar uma companhia mais quente, — ele rosnou.

—Faça isso.

Arrebatando a chave-mestra da mesa, ele foi para a porta.

Ela agarrou o braço dele.

—Dê-me isso!

Segundos depois, ela bateu no tapete, deitada de costas, com o peso dele prendendo o seu corpo ao chão.

Ele sorriu para o seu rosto furioso.

—Você só tinha que perguntar se eu queria dar-lhe alguma coisa, moça.

—Eu quis dizer a chave, seu grande imbecil! Saia de cima de mim!

—Gosto muito da idéia de você embaixo de mim. — diversão tingia as suas palavras.

—Deixe-me levantar ou eu...

—O quê?

Reya balançou seu punho para ele, mas Maverk estava esperando por isso e capturou-lhe o pulso na mão.

—Tcs, tcs, você não é muito amigável, moça.

—Seu filho da puta!

Pegando seu outro pulso, ele puxou seus braços acima de sua cabeça e prendeu os dois pulsos, facilmente, com uma só de suas grandes mãos.

—Você pode ganhar mais batalhas com doçura do que amargura, meu amor.

Frustração ondulou através dela e ela tentou empurrar um joelho para cima em sua virilha, mas ele apenas usou a sua perna para prendê-la ainda mais.

—Vá para o inferno!

—Vamos lá, a sua boca pode fazer coisas melhores do que maldizer. — Ele sorriu maliciosamente. —Vamos experimentar e...

—Calado!

Torcendo seus pulsos, ela lutou contra ele. Ela não tinha idéia do que seu corpo se contorcendo sob Maverk faria com ele, mas fez. Sentindo cada curva suave e firme da sua figura esbelta e forte, ele se apertou tanto para se segurar sobre ela que seu autocontrole rapidamente desapareceu.

Tentando se torcer para longe dele, ela, de repente, sentiu a ponta da toalha entre os seus seios se soltar e congelou. Não se atrevendo a olhar para baixo, manteve seu olhar preso no rosto de Maverk, que agora refletia preocupação em vez da diversão enlouquecedora.

—Moça, o que está errado? Eu a machuquei? — Ele começou a empurrar-se para levantar.

—Não se mexa! — ela gritou em pânico, enquanto sentia a toalha escorregar dela.

Liberando seus pulsos, ele franziu a testa, mas não parou o seu movimento de levantar.

—Eu não entend... — Suas palavras foram sufocadas pelo espanto, por que as mãos dela agarraram seu colete e puxou-o de volta para baixo, sobre ela.

—Não se mova, — ela sussurrou.

Agora, mais curioso do que preocupado, pois se ela tivesse se machucado, não haveria nenhum jeito que fosse puxá-lo de volta para baixo, ele olhou-a com interesse cada vez maior, quando notou o rubor rosa em suas bochechas e o olhar que evitava o dele.

—Qual é o problema?

—Você!

As sobrancelhas subiram provocantes.

—Não me diga que você me quer?

Seus olhos não eram mais frios, mas queimado com fúria.

—Seu idiota! Minha toalha caiu!

Seus olhos vagavam lentamente para baixo da sua garganta suave, deslizando sobre os ombros e ainda mais para baixo, para onde seus seios macios foram pressionados contra o peito dele. Ele podia ver o canto da toalha para fora, debaixo do braço.

Ele se tornou consciente da sensação de seus seios nus contra o seu peito nu, no momento preciso que Reya o fez.

Seus olhos brilharam ao encontro do seu olhar mortificado.

—Oh, não! Não sai, não!

—Resolva o que quer, — ele respondeu num tom de voz rouco que fez os olhos dela afiarem.

—Isso é culpa sua!

—O melhor erro que eu já fiz.

Em alarme, ela observou o calor de seus olhos, a curva sensual de seus lábios e a até então desconhecida sensação da pele de um homem contra seus seios. Seu peito tinha a pele lisa, com ondas duras de músculos, e sua suavidade parecia moldar-se a ele, seguindo as subidas e descidas.

Havia uma dureza contra o seu estômago também, uma dureza que ela sentiu através da calça do homem acima dela.

Ela olhou para o rosto de Maverk, chocada com o desejo que poderia sentir em seu corpo e ver em seus ardentes olhos castanhos. Ela sentiu seus mamilos endurecendo contra o peito dele, uma onda de calor no poço de seu estômago que descia em espiral para baixo até o âmago de sua feminilidade.

—Reya. — Sua voz era baixa, gutural e pulsava com uma paixão que a assustava.

—Maverk, não... — O protesto foi interrompido por seus lábios.

Ele a beijou suavemente, acalmando seus movimentos de pânico com seu corpo e mãos, persuadindo uma resposta dela, que ela não queria dar. Mas agora que ele a tinha indefesa pegou o que desejava, desde seu último beijo, outro gole de sua boca de mel.

Ele segurou-lhe os pulsos para baixo em cada lado da cabeça, suas mãos mergulhando nas ondas encaracoladas, que se agrupavam no tapete.

Lábios firmes moviam-se sedutoramente contra os seus, mais suaves, descontroladamente a língua procurava a entrada. Sua luta enfraqueceu e ela não ficou ciente de quando parou de resistir e começou a responder os seus beijos. Tudo que ela sabia era que este comerciante loiro estava fazendo sua cabeça leve, imprudente e quente de uma só vez e queria mais dele. Abrindo a boca, ela provou-o ansiosamente.

Liberando um de seus pulsos, moveu a mão para baixo entre seus corpos, para acariciar seus seios macios em sua palma, esfregar o seu polegar através do mamilo, com o monte generoso enchendo a mão.

Gemendo quando um raio queimou através dela com o toque certo, ela arqueou-se contra a palma calejada dele.

Seus lábios deslizaram para o lado de sua garganta e ele apertou os beijos, mordiscando-lhe a pele sensível, deixando uma trilha úmida em chamas na sua esteira. A outra mão já não segurava seu pulso cativo, em vez disso, seus dedos estavam entrelaçados

com os dela, espremendo delicadamente, quando ela própria flexionou na paixão irracional contra os seus.

Ela pensou que ia morrer quando seus lábios encontraram o seu mamilo e ele aninhou o broto dolorosamente ereto, antes de fechar sobre ele puxando-o profundamente em sua boca quente. Ele lavou-o com sua língua, enquanto a outra mão deslizou em seu braço para massagear o outro seio suavemente. Cada movimento de seus lábios puxava uma corrente quente invisível que a atingia eroticamente no seu lugar privado de mulher, fazendo seu sangue ferver e chiar ao longo de suas veias.

O cheiro limpo do seu corpo com o cheiro de rosas subjacentes encheu os sentidos de Maverk. Ardente, limpa e, oh, tão doce, como ele sabia que seu quente lugar secreto seria, o mesmo lugar que ele doía para enterrar sua masculinidade.

Ele sabia que dentro da guerreira de gelo, havia uma paixão dormente. O que ele não tinha adivinhado, jamais poderia ter adivinhado, era o fogo que queimava uma vez despertado. Seu corpo com curvas tão generosas era quente e macio, movia-se sensualmente contra ele, pressionando mais e mais perto ainda, até que o calor de sua pele parecia queimá-lo. E como uma mariposa em volta de uma chama, ele saudou o calor, procurou o centro de sua flamejante paixão, as chamas lamberam seu desejo ardente, que entre eles, era rápido e rugia como um inferno.

Sua masculinidade latejava dura e ereta entre seus corpos. Deixando seu seio, ele desenhrou a si mesmo de volta até seus lábios, alegando sua boca ávida de posse feroz, devastando a quente caverna de mel.

Sua mão livre estava entrelaçada em seu cabelo, então foi escorregando até as suas costas. Viajou ainda mais para baixo para deslizar sob o colete de couro e ela sentiu o calor de sua pele suave e a leve umidade do seu suor, enquanto arrastava a mão lentamente na suas costas e sobre os músculos que ondulavam e o puxou com os seus movimentos.

—Deus, Reya, eu preciso de você, — sussurrou Maverk contra seus lábios. —Deixe-me amar você.

Amor. Ninguém jamais tinha lhe oferecido o seu amor. Ela olhou profundamente em seus olhos ardentes e muito para trás nos recessos de sua mente, uma voz gritou um aviso,

— *Não faça isso! Não faça isso!* — enquanto uma voz mais forte atravessou e argumentou: — *Por que não? Você o quer. Você quer um gostinho de ternura. Faça isso. Pegue o que ele oferece.*

Maverk viu o lampejo de indecisão nos seus olhos, olhos que não eram mais frios, mas queimavam com paixão, cristalinos com o desejo. Ele sabia que devia recolher-se e dar-lhe tempo para escolher, mas estava em um ponto sem retorno. Ele queria esta moça por um longo tempo. Agora que a tinha, não queria deixá-la ir. Uma vez que ela conhecesse o gosto do amor que ele lhe oferecia, estava certo de que ela iria derreter o último gelo da sua resistência. E ele doía com a necessidade. Ele precisava da mulher guerreira, queria-a e estava determinado a tê-la.

—Maverk, eu... — Mais uma vez as suas palavras foram cortadas por seus lábios.

Com a maré de desejo que a enchia, a voz de advertência dentro de sua cabeça sumiu e Reya entregou-se à paixão que corria através dela.

Maverk conseguiu tirar os ombros para fora do colete, mas desistiu da idéia de descartar a calça quando ela agarrou seus ombros e pressionou mais. Não havia nenhuma maneira de fazer isso. Empurrando a cintura de suas calças para baixo, passado seus quadris magros, ele livrou seu pênis, que saltou livre, quente, duro e latejante.

Sem pensamento consciente, ela separou suas coxas e ele abaixou-se entre elas. Seus quadris embalaram-no e ela dobrou os joelhos, seu olhar queimando dentro dele.

A ponta de sua masculinidade cutucou a entrada quente e úmida de seu corpo e ele empurrou para frente, enchendo-a e esticando-a, enterrando-se ao máximo dentro da sua passagem apertada.

Na doação de sua virgindade ela engasgou em voz alta e Maverk parou instantaneamente. Deixou cair sua cabeça para beijá-la ternamente, um orgulho totalmente masculino cresceu através dele com o conhecimento de que ela era virgem, que não tinha conhecido nenhum outro homem, exceto ele e ela nunca iria conhecer outro, ele prometeu a si mesmo.

Ela começou a se contorcer embaixo dele e ele balançou os quadris suavemente, sendo recompensado por seu gemido de prazer. Agarrando seu braço com as mãos, apertando seu bíceps protuberante, as costas de Reya arquearam quando ele pressionou quentes beijos na sua garganta e fez suas estocadas mais rápidas.

Ele sentiu como se estivesse em chamas e tinha certeza que não poderia segurar por muito mais tempo. Sua passagem lisa parecia esquentar sua dureza de veludo, os músculos dentro dela, bem

tonificados pela equitação e lutas, espremendo seu pênis, quase o fazendo explodir em êxtase.

—Ah, moça, — ele ofegou, levantando a cabeça para olhar para ela, — Eu acho que não posso esperar mais!

Ela abriu os olhos e eles estavam preenchidos com um fogo verde.

—Então, leve-me, Maverk... agora!

As palavras foram um estopim para um barril de pólvora. Apoiando-se em seus braços, ele empurrou duro e rápido em seu corpo aquecido, uma e outra vez, retirando-se e empurrando de volta, enterrando-se profundamente dentro dela.

Era como se ela estivesse à beira de um dos buracos negros que pontilhavam o espaço. A qualquer minuto ia cair pela borda em algum lugar que não tinha conhecimento, mas que sabia, instintivamente, fosse algo necessário, um lugar que este homem poderoso e vigoroso iria mandá-la. Enchendo-a e ela nunca havia conhecido nada parecido.

O suor de seus corpos corria junto e suas respirações se misturavam quando ele a beijou, mais e mais, beijos de boca aberta que devastavam a sua boca e tomavam posse dela, tão certo como ele fazia com seu corpo.

O fogo dentro dela agora era um inferno feroz e estava tensa contra o homem acima dela, recebendo cada impulso.

Suas mãos deslizavam sob seus quadris, inclinando-a para ganhar mais penetração e ele gemeu na ondulação das paredes da sua vagina, os músculos contraíram em torno de seu pênis, sua bainha, apertada e quente puxando-o, segurando sua masculinidade em um aperto erótico.

Arqueando para trás, ele explodiu em seu corpo, estremecendo enquanto ele sentia a sua contração em torno dele, o seu clímax vindo junto com o dele. Ele cerrou os dentes e esvaziou dentro dela, ela recebeu o que ele lhe deu, profundamente dentro de si.

Drenado, ele caiu em cima dela, sentindo-se tão fraco como um gatinho recém-nascido e apoiando sua cabeça sobre o ombro dela.

Sua respiração estava irregular e alta, eles lentamente voltavam do buraco negro da queima da paixão em que tinham mergulhado.

Após vários minutos, Maverk tomou consciência de que eles ainda estavam no chão. Ele tirou as calças e começou a ficar em pé.

—Não, — ela sussurrou. —Minha toalha escorregou fora.

Ternamente, ele sorriu para baixo com seus olhos sonolentos, reconhecendo a expressão saciada neles. Seu rosto estava lavado pela paixão e sonolento, como consequência de seu ato de amor explosivo.

—Depois do que acabamos de fazer, você se preocupa com isso? — ele brincou suavemente.

Como uma criança cansada ela esfregou os olhos com as palmas das mãos e sua ação puxou as cordas do seu coração.

—Eu tenho uma idéia. — Escovou um beijo na orelha dela.

—O quê?

—Coloque seus braços ao redor do meu pescoço e eu vou colocar um braço em torno de seu corpo e segurá-la perto, enquanto eu me levanto tudo bem? Dessa forma, você estará contra mim o tempo todo e pode preservar sua modéstia.

Ele disse isso com um estado de espírito sonhador e ela concordou.

Cuidadosamente Maverk se levantou, segurando-a perto como havia prometido. Ela ajudou, até que ficou em pé, segurando a toalha juntamente com uma mão na frente dela.

Em seu bocejo, ele varreu-a em seus braços e caminhou até a cama para colocá-la no colchão. Deitando ao lado dela, ele a puxou para seus braços.

Sonolentos, quentes e saciados, eles dormiram.

Capítulo 9

Pouco antes do amanhecer, Reya acordou. Imediatamente, ela tornou-se ciente de três coisas. Primeiro, o homem adormecido ao lado dela na cama, segundo seu próprio estado de nudez e em terceiro lugar, uma desconhecida dor fraca entre as coxas.

A memória veio à tona e ela fechou os olhos em angústia. *Não! Isso não poderia ter acontecido! Isso não poderia ter acontecido!*

Mas tinha acontecido. Ela tinha que reconhecê-lo, especialmente porque uma pequena mancha de sangue sujava a toalha de banho e era uma prova de sua virgindade perdida.

Cuidadosamente ela saiu da cama e foi em silêncio até o banheiro, onde tomou um banho, o *spray* de água limpou o seu atordoamento, clareando a sua mente. No momento em que ela se vestiu e saiu do banheiro, estava mais uma vez no controle de suas emoções. Até que avistou o homem dormindo em sua cama.

Estudou-o, a forma como o cabelo loiro grosso estava espalhado sobre o travesseiro, o rosto bonito com a mandíbula quadrada, nariz reto e maçãs do rosto cinzeladas. Um rosto forte, como o próprio homem. Mesmo relaxado durante o sono, a sua tremenda força irradiava para fora.

Caramba! Balançando por perto, ela olhou para fora da janela. *O que ela tinha feito? Depois de tudo o que tinha acontecido no passado!*

Quando Maverk acordou viu Reya em pé na janela, a luz pálida do amanhecer tocava as bochechas com uma carícia que ele desejava imitar. Percebendo a expressão congelada, ele sabia que não ia ser tão fácil como pensava, em derreter a sua resistência.

Isto foi reforçado quando ele pôs as pernas para o lado da cama e sentou-se lentamente.

—O que aconteceu foi um erro. — Sua voz era como o vento de inverno.

—Reya...

—Isso não pode acontecer novamente. — Ela se virou para olhar para ele. —Isso não vai acontecer novamente.

O distanciamento em seu rosto lhe doía.

—Moça, não há nada para se envergonhar sobre o que fez...

—Não vai se repetir e, tanto quanto eu sei, acabou.

—Acabou? — Ele se levantou. —Você não pode simplesmente descartar-me, como se nunca tivesse acontecido.

Afastando-se da janela, ela manteve a cabeça erguida.

—Eu já fiz isso.

—Você fez? Bem, eu não rejeitei isso, não mesmo, deixe-me dar-lhe a dica. E quando a isso não acontecer de novo...

—Não vai.

Ele suspirou.

—Reya, eu sei que você está confusa agora e eu entendo isso, mas eu acho que devemos conversar...

—Há um monte de coisas que deveríamos ter pensado primeiro, como o risco de um bebê.

Seus olhos desceram até a sua cintura delgada, rodeada por um cinto de couro largo.

—Bebê?

—Sim, querido, — ela disse sarcasticamente. —Ou você se protegeu quando fizemos isso?

—Não *fiz* isso, moça, mas *fizemos amor*.

Um rubor fraco tingiu o seu rosto.

—Será que fizemos?

—Fizemos amor. — Sua voz era um ronronar quente que fez os cabelos em seus braços arrepiar deliciosamente.

—Chame do que quiser, mas um bebê não pode ser descartado, neste momento.

—Isso não é uma preocupação. Vou casar com você e nós vamos ter o bebê.

—Eu não quero um e não vou casar com você.

Com os olhos quentes, ele se aproximou.

—Será que o casamento comigo será tão ruim, moça? E ter os meus filhos?

—Isso é a última coisa que eu quero.— Com a chave na mão, ela se virou e caminhou para a porta.

—Onde você está indo?

—Garantir que não haverá um bebê.

Ele estava do outro lado do quarto antes que ela tivesse a chave na fechadura, agarrando-lhe o pulso e puxando-a para encará-lo.

—Que diabos você vai fazer?

—Não entre em pânico, bonitão. Estou simplesmente indo a uma herbarista que conheço. Ela vai ter algo que eu possa tomar para impedir a concepção. *Eu espero*.

Ele viu uma centelha fraca de incerteza em seus olhos, uma dica de medo e disse baixinho:

— Não.

—Não? Que diabos você quer dizer? Eu não posso ter o risco de um bebê.

—Você não tem. A bordo da minha nave eu tenho algo que posso lhe dar

—Você tem algo para evitar a gravidez?

—Sim.

Ela balançou a cabeça, de repente.

—Não se preocupe eu vou...

—Não, você não vai. — Ele pegou a chave da mão dela. —É minha responsabilidade e não vou deixar você tomar algo que pode não funcionar, ou pode muito bem envenená-la.

—Eu vou ficar bem.

—Você disse que não quer um bebê. Você prefere o risco de ter um ou talvez ter a certeza de evitar, com o que eu vou lhe dar?

Ela hesitou dividida entre dizer-lhe para ir para o inferno e sabendo que a sua era a decisão certa. Engolindo seu orgulho, ela balançou a cabeça. Ela podia ser teimosa, mas não era estúpida.

—Bom. — Ele destrancou a porta. —Quando chegarmos a nave, eu vou dar para você.

Sua nave. Ela estaria em estreita proximidade com ele. Ela gemeu mentalmente.

—Sob as circunstâncias, eu não penso...

Ela não ia se livrar dele tão facilmente, especialmente agora!

—Até onde você estiver preocupada não existe nenhuma circunstância, lembra? Eu já concordei em ajudá-la sobre isso...

—Eu nunca pedi por isso.

—... E eu pretendo fazê-lo completamente, então eu vou vê-la em breve, hmm? Eu vou descobrir se os outros estão acordados.

A porta foi fechada firmemente na cara dela. Ela olhou para ele, em seguida, virou-se para onde estava sua mochila. Fumegante, atirou algumas coisas para ela e prendeu o laser no seu cinto. A espada ela escorregou na bainha e amarrou nas suas costas, para fora do caminho, mas ao alcance quando necessário.

Dana estava mancando no quarto, meio vestida, quando Reya bateu na porta.

—Entre.

—Você não está pronta ainda?

—Ai, Ai. — Sentando na cama, ela começou a puxar suas botas.
—Estamos irritadas esta manhã?

—Eu só quero acabar com isso. — Reya foi até a janela e olhou para o sol nascente. —Será que podemos despistar os comerciantes e escapar?

—Teve outro desacordo com Maverk?

Tristemente, ela pegou a madeira do parapeito.

—Algo assim. Não.

—Limpe a lama para mim. — Dana bocejou despreocupadamente.

—Cansada?

—Sono perturbado. — Ela mancou até o banheiro, deixando a porta aberta, enquanto escovava os dentes e penteava os cabelos. — Algum casal me acordou com seus gemidos. Você teve sorte de não ouvi-los.

Sinos do inferno! Reya se alegrou que sua prima não pudesse ver seu rosto vermelho.

—Você esteve ouvindo?

—Uh. Sim. — Ela limpou a garganta.

—Como está o seu tornozelo esta manhã?

—Tudo bem. Você está bem? Você está estranha.

—Claro que estou bem. — Ela tentou um sorriso.

Dana lançou-lhe um olhar duvidoso quando passou pela porta.

—Só se apresse certo? Eu vou verificar se o caixão está pronto.

Observando-a sair com pressa do quarto, Dana ficou intrigada com sua prima, normalmente fria e calma, estava tão afobada. Encolhendo os ombros, ela arrumou suas coisas na mochila, em seguida, prendeu o coldre de laser no seu cinto.

Trazendo seu pé para cima, para descansar na cama, ela o deixou cair rapidamente, com uma maldição que murmurou contra a dor que atingia o seu tornozelo ferido.

—Sente-se, que eu vou fazer isso, — sugeriu Garret, entrando no quarto.

Ela fez uma careta para ele, por cima do ombro.

—Devo informar-lhe como fazer sua negociação?

Se aproximando, ele sorriu.

—Não.

—Então não me diga como fazer minhas coisas.

—Tudo bem, não vou lhe dizer. Só vou fazer isso sozinho. — Caindo em um joelho ao lado dela, ele estendeu a mão para os laços que pendia para baixo do fundo do coldre.

—Fique longe de mim! — Ela se afastou rapidamente.

A cama prendeu-a por trás dos joelhos e ela teria caído de volta nela se ele não tivesse rapidamente agarrado-a pelo seu cinto e puxando-a para frente.

Com uma exclamação assustada, ela estendeu as mãos para agarrar seus ombros largos, impedindo-a de cair em cima dele.

Aproveitando-se da sua surpresa momentânea, ele puxou os laços em torno de sua coxa, sentindo a flexão de sua bem tonificada musculatura.

—Você fez isso de propósito!

Uma sobranceira arqueou para cima.

—Eu salvei você de cair, meu amor. Ou será que era o que você queria, cair de volta na cama, junto comigo?

—Cai fora! — ela praguejou, arrumando os laços.

Capturando os pulsos com facilidade, ele olhou para ela.

—Não temos que lutar sobre tudo, moça? Você não pode apenas aceitar a minha ajuda?

—Eu não preciso de sua ajuda! Agora pare de me amolar e deixe-me em paz!

—Amolar você? — Lentamente ele se levantou sobre ela. —Eu não '*amolo*' você, Dana.

—Não? — Ela puxou-lhe os pulsos, mas seu controle estava apertado. —Você está sempre me levantando ou me pegando! Eu não sou seu brinquedo sangrento!

Isso provocou ira em seus olhos.

—Eu estou tentando impedi-la de ferir-se. Você insiste em andar com o tornozelo ferido, quando você deveria estar descansando e empurra-se quase além de sua resistência. Estou apenas tentando ajudá-la.

—Bem, não! Eu sobrevivi antes, sem a sua ajuda e eu vou fazê-lo no futuro!

—É mesmo? — Irritado, ele soltou-lhe os pulsos e andou pelo quarto indo para a porta. —Tudo bem, eu vejo você mais tarde.

—Já vai tarde! — Ela gritou e deu um passo adiante.

Olhando para ele, ela esqueceu a mochila no chão e tropeçou sobre ela e pousou no chão com um baque e um suspiro de dor.

Girando ao redor, ela empurrou-se em uma posição sentada, com uma careta. Em quatro passos largos ele estava do outro lado do quarto e abaixou ao lado dela, com uma mão descansando um pouco acima do seu tornozelo lesionado, sua outra mão segurando o seu calcanhar.

—Não!

Transferindo o seu olhar do pé lesionado para seu rosto, viu a mistura de dor e frustração em seus olhos.

—Você feriu seu tornozelo...

—Eu sei que machuquei meu maldito tornozelo novamente, caramba! Estou sempre... — As palavras pararam abruptamente e ela virou o rosto. —Apenas deixe ir, certo?

Todos os traços de raiva fugiram e, cuidadosamente, ele abaixou o pé no chão, chegando a colocar um dedo sob o queixo e inclinar a sua cabeça para encará-lo. Como ele suspeitava, um brilho de lágrimas enchia seus olhos.

—Ah, Dana, — ele disse suavemente. —Você reconhece a fraqueza de seu tornozelo?

—Não! — Ela tentou piscar as lágrimas, mas já era tarde demais e uma escapou e escorregou para baixo, na sua bochecha. Horrorizada por permitir que ele a visse em tal estado, ela apressadamente varreu-a com as costas de uma mão e empurrou-o com a outra.

—Vá embora, maldito! Deixe-me sozinha!

Ele não se moveu um centímetro. A ternura encheu a batalha de emoções que ele viu assolar nos olhos expressivos: negação, medo e frustração.

—Moça, não há nenhuma vergonha em chorar, muito menos na minha frente.

—Eu não estou chorando, — ela respondeu antes erguendo os olhos para dentro dos olhos apaixonados e sentindo um formigamento ou alguma coisa totalmente diferente, descer na sua espinha.

—Garret, o que você está...

Seus lábios desceram, movendo-se suavemente em cima dos dela, não exigindo qualquer coisa, mas, ao invés, dando conforto.

Foi um beijo que fez todos os pensamentos fugirem de sua mente. A ternura sincera a atordoava e agitava. O perfume masculino e limpo dele encheu seus sentidos, ela estava ciente do calor de sua pele e as batidas constantes de seu coração sob a palma da mão, que ainda repousava sobre seu peito.

Ela experimentou uma sensação de perda quando ele levantou a cabeça e o calor de sua boca deixou a dela. Seu olhar estava cuidando quando ele olhou para ela e ela olhou para ele, chocada ao perceber que gostou bastante de beijar este Daamen.

Com o pensamento nervoso, ela umedeceu os lábios com a ponta de sua língua, saboreando-o imediatamente.

—Dana, eu...

Tudo o que ele estava prestes a dizer ela nunca conheceu, porque a porta abriu de repente.

—Você está pronta, não é? A carroça está lá na frente... Oh.

Suas bochechas ruborizaram. Reya ficou parada na porta, seu olhar atropelou sua prima, uma sobranalha arqueou interrogativamente.

—Eu caí, — murmurou Dana defensivamente.

—Caiu?

—Tropecei em minha mochila.

O olhar inquiridor moveu para Garret, que disse facilmente,

— Eu estou ajudando-a.

—Eu vejo, — respondeu impassivelmente Reya. —A carroça está na frente com o caixão e o carroceiro espera para nos levar a nave.

—Eu estou indo. — Dana começou a levantar-se.

Vendo as linhas brancas de dor gravadas em torno de seu rosto, Reya deu um passo à frente, mas Garret foi mais rápido. Ele deslizou o braço em volta da cintura de Dana e puxou-a com facilidade.

—Eu vou enfaixar o tornozelo de novo e nós estaremos logo lá em baixo, — ele disse para Reya.

Dana esperava que ela argumentasse, ficou surpresa quando não o fez e enviou-lhe um olhar.

—Não vai demorar muito. — Dana tentou parecer indiferente.

Depois de dar outro olhar, Reya concordou e saiu.

O silêncio encheu o quarto, enquanto Garret a levava de volta para a cama, sentando-a com cuidado na beirada e alcançando o curativo sobre a pequena mesa ao lado deles.

—Deixe as botas, — ela disse apressadamente quando ele estendeu a mão para os laços, acrescentando: — Vai dar apoio. — Ela limpou a garganta, tentando ignorar o salto errático de seu pulso, que ainda não tinha dissipado após o seu beijo. —Além disso, se eu tirá-la agora, eu não conseguiria colocá-la novamente.

Ele olhou para seu pé, considerando, vendo as botas de couro macio, com tiras de couro cru enrolada sobre ela. Finalmente, ele concordou.

—Você está certa, moça. Vamos deixar como está, até mais tarde.

Ela levantou-se e tornou-se totalmente nervosa quando ele ficou de joelhos diante dela.

Ele pegou a mão dela.

—Não fique envergonhada. Eu beijei você e você, obviamente, gostou.

—Eu não!

—Você é uma mulher sensata. — Garret a considerou. —Por que insiste em enganar a si mesma?

—Tudo bem, eu achei... legal! — ela explodiu, com as bochechas vermelhas.

Seus olhos enrugaram nos cantos em uma diversão súbita.

—Isso é um começo.

—Se meu tornozelo não estivesse tão dolorido, eu chutaria você com ele! — Arrebatando-lhe a mão ao seu alcance, ela mancava sobre a mochila e abaixou-se para pegá-la do chão.

Em pé, ele olhou-a com interesse.

—Para minha sorte, hein? Talvez seja melhor eu aproveitar de sua incapacidade enquanto posso.

Endireitando-se, ela fez uma careta por cima do ombro.

—Eu posso não ser capaz de chutar você, mas ainda posso atirar. Lembre-se disso, na próxima vez que você se sentir brincalhão, comerciante.

Ele sorriu.

—Quer que eu leve a sua espada, meu doce?

—Tente não se cortar com ela.

Ele riu, e com uma irritada carranca ela mancou para fora do quarto.

Fora da taberna havia uma carroça com um caixão brilhante no meio. Reya e Maverk sentavam-se em lados opostos no chão da carroça.

Vendo Dana, Reya se levantou e foi até a traseira. Dana jogou a mochila na carroça e tendo ajuda de sua prima, virou-se com cuidado para cima e sentou no chão. Garret seguiu-a e sentou ao lado de Maverk.

O jovem que conduzia a carroça olhou por cima do ombro para verificar se eles estavam todos prontos e Reya assentiu, ele bateu as rédeas e os dois cavalos foram para frente.

O silêncio encheu a carroça enquanto ela viajava através do assentamento, até o cais de carga, onde a nave estava. Cada um dos ocupantes da carroça estava preso em seus próprios pensamentos.

Maverk pensando sobre a paixão que tinha traçado para a vida com Reya, animado em saber se ela iria corresponder-lhe. Ela poderia revestir-se em camadas de gelo, mas ele estava determinado a derreter cada camada e finalmente revelar o calor que ele sabia que estava escondido debaixo das barreiras de gelo. Ele também pretendia descobrir o segredo que escurecia o seu espírito. Até que ele fizesse isso, ela nunca estaria livre dele.

Por trás da fachada calma, Reya escondia o tumulto produzido através dela. O que no universo a fizera jogar toda a cautela ao vento e permitir que Maverk fizesse amor com ela? Para aceitar os seus beijos quentes, responder, apreciá-los e o pior de tudo, para ter seu corpo doendo com a lembrança deliciosa de cada carícia, beijo e a sensação de seu corpo contra o seu próprio? Ela deve estar cansada do que realizou para permitir que qualquer homem a tocasse. Não havia lugar em seu futuro para um homem e uma família.

Ela ainda podia ouvir a sua declaração de que ele queria se casar e tê-la por sua companheira. Ele estava disposto a ter filhos com ela e, a julgar pelo calor de seus olhos, o pensamento de uma vida com ela tinha a sua aprovação de todo o coração. O coração dela parecia um pedaço de chumbo em seu peito. Não, depois do que tinha feito, não havia futuro para ela em uma família. Ela de todas as pessoas, não merecia. Seria um escárnio a tudo o que acreditava.

Olhando fixamente para os edifícios que passavam por eles, parte de Dana queria vociferar e bufar com Garret, por trazer no seu rosto as preocupações crescentes sobre seu tornozelo debilitado, com o conhecimento de que seu ferimento agora, facilmente, poderia causar mais do que um pouco de perigo em uma batalha, para si mesma e para Reya. Outra parte de si queria rastejar em seu abraço forte e gritar, o que em parte a chocou. Desde quando ela queria voltar para um homem para ser confortada? Talvez não fosse só o tornozelo que estivesse doente, mas sua mente também.

Garret se perguntava o que seria necessário para fazer Dana reconhecer seu tornozelo debilitado e o perigo que causava em seu estilo de vida. O que ele poderia oferecer em troca para ela deixar a vida de mercenária e retornar com ele para Daamen, antes que fosse tarde demais e sua teimosia e lesões a levassem a ter sérios problemas, quando ele poderia não estar por perto para ajudá-la?

O cocheiro sentiu o mal-estar na parte de trás da carroça e alegrou-se quando a nave de viagem Daamen veio a vista. Quaisquer problemas que atormentassem essas guerreiras e esses gigantes, ele não queria saber. Isso deixaria doente qualquer forasteiro curioso.

Capítulo 10

As naves de viagem Daamen eram menores e mais elegantes do que as grandes naves de comércio e, Reya pensou apreciativamente, muito mais rápido. A tarefa desagradável pela frente, seria feita muito mais rápido.

Pegando o caixão, Maverk e Garret o levaram até a rampa e para o porão de carga.

Reya pagou o cocheiro e com um aceno para ela, ele balançou as rédeas. Ela observou-o sair antes de voltar-se para a nave.

—Quer saber se isso foi uma boa idéia? — Dana surgiu ao seu lado.

—Não foi uma das nossas melhores.

—Nem um pouco.

Elas ficaram em silêncio. A verdade da sua declaração ficou pendurada no ar, entre elas.

Finalmente, Dana disse:

— Desculpe-me irmã.

—Por quê?

—Se não fosse por meu maldito tornozelo, não teríamos necessidade dos comerciantes.

Reya encolheu os ombros.

—Talvez fosse o melhor. Esses comerciantes vão ver os corpos e saber que eu fiz alguns deles...

—Nós.

—Isso é o que eu quis dizer. Nós fizemos isso. Éramos uma parte disso. Eles vão dar uma boa olhada, ficar com nojo e nós não seremos incomodadas por eles novamente.

—Isso será o fim deles, tudo bem.

Reya pensou no vazio, anos congelados esperando por ela. *Solitários anos. Longos anos.* Ela estava abalada com os seus pensamentos sombrios quando os comerciantes aparecem na rampa.

—Vocês moças estão prontas para sair? — Garret chamou.

Reya assentiu.

—Vamos.

Dana mancou atrás dela e Garret usou toda a sua força de vontade para não varrê-la em seus braços e carregá-la para dentro

da nave. Apertando os olhos em aviso, ela se lançou em seu caminho, Dana tinha, obviamente, adivinhado exatamente o que ele estava pensando.

Maverk teria rido em voz alta da expressão resignada no rosto de seu amigo, só que tudo o que podia sentir no momento era simpatia, por que sabia que tinha a mesma expressão. Reya não tinha sequer se preocupado em olhar para ele, enquanto caminhava até a rampa.

Ela não parecia, mas estava intensamente consciente do seu olhar a seguindo por todo o caminho para a nave. Ela veio até parar ao lado de sua prima dentro do porão de carga.

Garret puxou uma alavanca ao lado da porta aberta e levantou a rampa sem problemas, fechando a porta e cortando a luz do sol, pois estava selada. A luz do porão cintilou brilhante.

Os comerciantes olharam para as guerreiras e por um simples segundo a tensão crepitou no ar carregado, com a consciência do homem para a mulher e vice-versa.

Reya quebrou o momento, ajoelhando ao lado do caixão e retirando o saco mortuário negro. Fechando o caixão, ela o deitou em cima da tampa. Suas ações foram deliberadas, a mensagem em seus olhos claros era para Maverk ler, quando ela olhou para ele. Eles estavam indo recolher um homem morto. Isso era tudo.

Encostada à parede, Dana aliviou a dor de seu tornozelo ferido.

—É um daqueles sacos que selam a saída do cheiro?

—Sim. — Reya lançou um olhar sem graça para o grupo de comerciantes. —Você não terá que se preocupar com a carcaça fétida em sua nave.

—Que alívio. — Maverk voltou-se suavemente, embora por dentro ele não estivesse nada calmo. Ele queria sacudi-la, porque sabia que ela estava deliberadamente tentando deixá-lo doente.

—As larvas não vão cair no chão.

Esquecendo a sua agitação, agora ele queria bater nela.

—Eu tenho a imagem.

—Você? — Endireitando-se, ela olhou-o firmemente. —Você realmente tem bonitão? Você já viu um corpo morto?

—Sim.

—Depois de alguns dias?

—Sim.

—Depois de cozinhar no sol quente e os animais selvagens terem se banquetado sobre ele?

Sua garganta travou, mas ele se recusou a permitir a ela a satisfação de sabê-lo.

—Sim.

Duvidosamente, ela olhou para ele.

—Vermes, insetos e tudo?

Não. O cadáver que tinha visto estava congelado.

—Um homem morto foi o que vi Reya. Você quer começar uma descrição gráfica sobre isso?

—Basta saber que você está preparado.

—Obrigado pela preocupação.

—Não me agradeça. Eu não quero ninguém vomitando em minhas botas.

—Você está querendo uma luta, moça?

—Não iria perder o fôlego, bonitão.

—Ótimo. Vamos para a cabine de controle e você pode me dar as coordenadas para chegar a este lugar.

Pegando sua mochila, Reya seguiu os homens para a plataforma elevatória, Dana foi logo atrás dela. Chacoalhando e fazendo barulho até o segundo andar, ela parou no início do corredor.

Um breve olhar ao redor mostrou-lhe que do lado esquerdo era a cabine de jantar, a cabine de controle a direita, seguida por três camarotes em cada lado do corredor. No final, um conjunto de escadas que conduziam para as armas a laser situadas no topo da nave espacial.

Na cabine de comando, ela informou para Maverk as coordenadas e assistiu-o digitar no computador. Seus olhos seguiam os movimentos dos dedos e espontaneamente veio a memória os mesmos dedos movendo-se sobre seu corpo nu, tocando e acariciando, deixando-a selvagem. Um calor inundou as regiões baixas e ela gemeu interiormente. *Isso ela nunca faria de novo!* Ela tinha que fazer este trabalho rapidamente e fugir deste comerciante Daamen!

—São apenas 60 quilômetros de distância, nós estaremos lá em quinze minutos. — Ele ajustou um dos interruptores no painel de controle.

Ela respirou um suspiro de alívio, para dentro. Elas poderiam pegar o corpo de Zac, entregá-lo aos seus avôs e livrar-se dos comerciantes ao meio-dia. Então, ela seria capaz de voltar à sua existência normal, de luta e esquecimento, ficando tão apanhada na batalha que não teria tempo para pensar nem no bonito comerciante de mãos hábeis, ou nos horrores que se escondiam no fundo da sua

mente, prontos para atacar quando se atrevia a deixar baixar a guarda.

Maverk virou em torno da cadeira.

—Poderia muito bem relaxar na cabine de jantar até chegarmos lá.

Dana e Garret já estavam lá, sentados sobre os bancos que, como todo o mobiliário, eram presos ao chão.

Sentando à mesa, Maverk observou Reya perambular em torno da cabine, com movimentos ágeis e controlados.

—Não vai sentar? — ele perguntou facilmente. —Nós poderíamos ter um jogo rápido de cartas, enquanto esperamos.

—Eu não jogo.

—Pena. Um jogo de *strip poker* tornaria as coisas interessantes.

Não se preocupando em responder a essa sugestão provocante, ela caminhou até a pequena biblioteca e passou um dedo sobre a lombada dos livros empilhados ali.

—Você lê muito, bonitão?

Ele descansou seus antebraços sobre a mesa.

—Sim, eu gosto de um bom livro. É a melhor coisa depois de uma boa moça.

—O que vem primeiro? — ela perguntou sarcasticamente. —Ou não sabe?

—Claro que sim. Depois de ter uma boa mulher, eu leio um bom livro. Pena que eu não tinha um bom livro esta manhã. Quebrou meu padrão normal.

Ela estava contente por estar de costas para os ocupantes da mesa. Isso lhe deu um tempo para esfriar suas bochechas aquecidas. *Maldito! Ele sempre consegue chacoalhar a minha compostura!*

Vendo o endurecimento de sua coluna, ele sorriu. Essa observação tinha certamente batido no ponto! Ele estava determinado a fazer com que ela não esquecesse a magia que tinham compartilhado nas horas escuras, antes do amanhecer. O que o lembrou de outra coisa.

Dana estava discutindo acaloradamente com Garret, que estava atraindo-a impiedosamente. Despercebido por eles, ele escorregou do banco e caminhou até Reya.

Sentindo o seu calor atrás dela, ela virou-se para enfrentá-lo imediatamente.

—A prevenção de que falamos esta manhã, está em minha cabine, — disse ele calmamente.

Disposta a não deixar as suas bochechas ficar vermelhas, ela balançou a cabeça.

—Venha comigo.

Ela o seguiu até sua cabine de dormir. De pé na porta, ela a estudou com interesse.

A cama era grande, um armário embutido para a direita e uma grande mesa sobre a qual estava um computador com uma cadeira diante dele. Como em todas as naves espaciais, o mobiliário era preso ao chão.

Seu olhar varreu as paredes e parou em duas grandes pinturas em frente à cama.

—Quem fez isso? — ela deixou escapar, com surpresa.

Maverk, que tinha acabado de abrir a gaveta de cima da mesinha ao lado de sua cama, seguiu o olhar dela.

—Gostou deles, não é?

Ela olhou para as pinturas. Em uma delas, uma mulher seminua estava entrando em um rio, a água batendo em suas coxas. Estava de costas para o espectador, mas tinha se virado de maneira que parte do rosto aparecia rindo por cima do ombro. Os turbulentos cachos vermelho-ouro caindo em cascata pelas costas e estavam engenhosamente dispostos por cima do ombro para esconder a visão real do seu seio, mas não o contorno do mesmo. Cada curva do corpo forte e esbelto estava delineada pelo brilho do sol e o brilho claro do rio. Pálidos olhos verdes brilhavam com diversão.

Era uma pintura sensual, sedutora em sua inocência.

A segunda pintura foi feita à luz do luar. A mesma mulher, desta vez vestida com roupas de guerreira, estava olhando para uma estátua de uma mulher guerreira e um homem, eles estavam abraçados, a estátua do homem apontava para fora e a estátua feminina seguia a direção de sua mão, com seu olhar cego. Ambos estavam sorrindo eternamente. A mulher de carne e sangue, aos pés da estátua, não estava. Seu belo rosto estava pensativo, triste e havia um olhar perdido nos olhos assombrados e gelados. Uma mão estava levantada tocando fugazmente a base das estátuas, que estavam ao nível da sua cabeça. Os turbulentos cachos vermelho-ouro estavam confinados em uma grossa trança. O luar sombreava a estátua e a mulher, enfatizando a cena assustadora.

Em ambas as pinturas, a mulher era Reya.

Ela se lembrou da cena do rio. Ela, Tenia, Dana e algumas guerreiras irmãs tinham estado tentadas pelo frio das águas claras, num dia quente. Foram alguns meses após as Reekas terem sido

perdoadas e estavam se recuperando em Daamen. Dana disse que não iria entrar na água, para o caso de "*qualquer um desses homens de sangue quente estar ao redor!*" e algumas das guerreiras a tinham jogado no rio. Na luta que se seguiu, todas elas caíram na água completamente vestidas. Dana tinha amaldiçoado e Reya, que estava vadiando para dentro do rio sozinha, tinha olhado para trás, sobre o ombro e riu, divertida por ver sua prima, normalmente bem vestida, molhada e despenteada.

—Você estava lá naquele dia! — Ela virou-se para enfrentar Maverk acusadoramente.

—Só por um tempo muito curto. Um grupo de nós tinha chegado ao rio para um mergulho, mas vocês, moças, já estavam lá.

—Você ficou, obviamente, tempo suficiente para uma boa olhada!

Ele tirou a tampa do frasco pequeno que ele segurava.

—Não tanto quanto eu gostaria de ter ficado. Um do nosso grupo é um pintor e depois que ele deu uma olhada em você, ele foi direto para casa e pintou o que você vê.

—Então, como você conseguiu isso? — Seu coração bateu loucamente com o pensamento dele ao vê-la nua naquele dia.

—Eu fiz-lhe uma oferta que não poderia recusar. — Segurando a garrafa entre os dedos, Maverk caminhou até ela. —Pelos dois, tanto a cena do rio, como a cena da lua.

A cena da lua. Sua mente foi subindo de volta para esse tempo, apenas um mês depois do casamento de Tenia com Darvk, quando a estátua de seus pais mortos tinha sido erguida nos jardins. Vulya estava apontando para fora e Karana estava olhando na mesma direção, um símbolo de um olhar para o futuro juntos. Ela retornou aos jardins após a cerimônia ter terminado e a lua estava alta no céu noturno. Deve ter sido o momento perfeito para ver as estátuas de seus pais mortos e pensar na promessa de futuro e de uma vida livre. Mas não foi, pois, quando ela olhou para as estátuas, as visões do horror a encheram, a missão em que ela tinha sido uma mercenária, a missão em que tinha feito o imperdoável. Chegando a tocar o mármore frio, duro, agradeceu a Deus que seus pais não estarem vivos para sentir desgosto por ela, como eles certamente sentiriam. Como qualquer um sentiria se descobrisse, inclusive a sua querida irmã. Quem não sentiria?

—Você desperdiçou o seu dinheiro, — disse ela asperamente. — E o espaço da parede.

—Oh, eu não sei. — Ele estudou seu rosto. —Meu amigo pintor estava bastante impressionado com você como modelo. Ele espiou você nos jardins não muito tempo depois das estátuas serem erguidas, em uma de suas andanças noturnas. Ele correu direto para casa e fez esta pintura. Foi a primeira das duas.

—Seu amigo tem mau gosto na escolha de seus modelos.

—Você acha? — Cruzando os braços, ele inclinou a cabeça para o lado, estudando as pinturas.

Ela podia sentir o rosto ficar quente quando observou seu olhar demorar na cena do rio, nas curvas da mulher nua. Ela mesma.

—Você se importa? Eu me sinto como se você estivesse invadindo a minha privacidade!

—Você?

—Maldito seja! — Ela virou-se com uma tempestade interior, mas foi forçada a uma parada brusca pela mão dele capturando o seu braço.

Girando ao redor para dar-lhe uma explosão verbal, encontrou-o segurando o frasco pequeno.

—O que é isso? — ela rosnou. —Afrodisíaco?

—Um pouco tarde para isso agora. Fomos lá e fizemos isso sem qualquer ajuda. Isto, — ele olhou dela para a garrafa e de volta novamente para suas feições. —É para evitar qualquer resultado da nossa...

—Nem mesmo diga! Quanto devo tomar?

—Um gole é suficiente.

Ela pegou a garrafa dele, seus dedos se encostaram e causaram uma série de arrepios que subiram pelos seus braços. Seus olhos se encontraram por cima da garrafa. Entre eles, palavras não ditas, lembravam com clareza a intimidade sensual que tinham compartilhado poucas horas atrás.

—Você não tem que tomá-lo. — Sua voz era calorosa e vibrante.

—Eu faço. — A resposta dela foi atada com um desespero que ela não sabia que estava lá. —Um bebê não sobreviveria em meu mundo.

—Poderia sobreviver no meu, na verdade, poderia crescer e florescer.

—Você quer que eu tenha um bebê, em seguida o entregue para você?

—Não. Nós dois poderíamos compartilhá-lo.

As palavras calaram na cabine, era um convite para virar as costas para a vida de mercenária e introduzir uma vida de calor. Compartilhar risos e crianças. Para ser parte de uma família, em vez de uma solitária no frio.

Seus olhos estavam tão sombrios como um dia de inverno com nuvens carregadas.

—Você não sabe o que me pede Maverk.

—Então me diga.

—Se eu lhe dissesse você...

—O que, moça? O que eu faria? — Ele segurou seu olhar penetrante, querendo que ela, finalmente, revelasse o segredo que a assombrava.

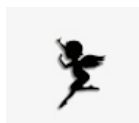
Ela ficou estarelecida. *O que estava errado com ela?* Por um momento de loucura, ela quase deixou escapar a verdade do passado para ele. *Se ele soubesse, se sua irmã descobrisse...*

—Você não quer saber. — Tomando um gole saudável da garrafa, ela a entregou para ele, virou-se e caminhou para fora da cabine.

Maverk olhou para as duas pinturas. Desde que as tinha visto, ele as queria, precisava delas. Toda noite ele adormecia contemplando-as, perguntando sobre a moça retratada na noite e no dia, assombrada pela tristeza e felicidade passageira. *Sim, ele havia obtido as pinturas e ele queria a mulher.* Reya seria sua e não havia nada que ela pudesse fazer ou dizer para fazê-lo mudar de idéia.

A voz de Garret zumbiu no interfone e veio do alto-falante.

—Nós chegamos meu amigo e o lugar se parece com uma sangrenta fábrica de carne.



Sentada em cima do caixão, no porão de carga, Reya trançava seus cachos rebeldes em uma trança grossa. Dana estava sentada ao lado dela. Nenhum das duas falava, mas era um silêncio confortável, duas primas muito próximas e irmãs guerreiras.

Os comerciantes entraram no porão de carga sobre a plataforma elevatória fazendo barulho. Caminhando até a rampa fechada, Garret empurrou a alavanca para o lado e para cima, abriu a rampa e abaixou-a ao chão.

As Reekas levantaram-se, Reya descendo para pegar o saco. Virando-se, ela observou que os comerciantes tinham lasers amarrados nas coxas. Talvez não fossem tão idiotas, depois de tudo.

Capítulo 11

Saindo da nave e descendo a rampa, Maverk sentiu o cheiro de carne podre no sol quente, corpos espalhados pelo chão, o cheiro era de morte e destruição.

O mau cheiro virou o seu estômago e ele sentiu Reya olhando para ele.

—Está tudo certo, bonitão? — ela perguntou. —Talvez você deva ficar dentro...

—Não se preocupe comigo, — ele respondeu secamente.

Em todos os seus anos de viagem, ele foi a alguns lugares que, literalmente, fedia a corpos sujos. Este lugar lembrou-lhe das masmorras sob a fortaleza do Império Inka, onde ele e seus amigos tinham resgatado Reya, sua irmã e duas mulheres guerreiras, apenas esse era pior.

—Zac não ficou perto das trincheiras? — Dana coçou a cabeça pensativa.

Reya assentiu.

—A menos que os cães selvagens tenham arrastado o corpo para mais longe.

—Inferno, espero que não. — Ela se esticou vagarosamente. — Eu não gostaria de tentar localizá-lo com este calor.

Os Daamens trocaram olhares incrédulos com a forma prosaica como as guerreiras falavam.

—Podemos começar a nos mexer? — Garret exigiu.

—Suscetível. — Dana sorriu.

Reya liderou o caminho através do lixo, de detritos e corpos caídos.

—Eu aviso que Shaque não estava preocupado com os seus próprios homens.

—Deixaram onde eles caíram. Qualidades da verdadeira liderança. — Dana parou perto de um corpo com uma cabeça meio destruída. —Este não é Jemon?

—Eu acho que sim. Ele está usando as mesmas roupas. — Reya inclinou mais perto e concordou. —Sim, é. Estava faltando o polegar da mão direita, lembra?

—Oh, certo.

Passando por cima do corpo, elas continuaram andando.

Maverk estava se sentindo doente e pelo rosto pálido de seu amigo, ele não estava sozinho.

Larvas e insetos eram abundantes no sangue preto coagulado, feridas abertas atestavam a presença de animais silvestres que faziam um banquete nos cadáveres. Ele podia ver uma matilha de seis cães selvagens deitados à sombra na borda da floresta, nas proximidades, que ofegantes observavam os pesquisadores com seus brilhantes olhos vermelhos, seus estômagos estavam inchados com sua festa de carne doce.

O suor escorria no rosto de Maverk. Ele se concentrou nas duas guerreiras à frente dele, para não parar, cair de joelhos e esvaziar o conteúdo de seu estômago no chão.

Aproximando-se das trincheiras, Reya manteve os olhos nos montes de sujeira, enquanto estudava os cadáveres que pontilhavam a área.

—Lá. — Dana apontou para um cadáver deitado de barriga para cima, metade dentro e metade para fora da trincheira.

Maverk e Garret assistiram a abordagem do corpo. Dana considerou o estado dele, enquanto Reya lançou o saco de corpo no chão e abriu-o, separando os lados para que ele ficasse plano.

—Nós vamos levantá-lo. — Maverk avançou rapidamente, com a intenção de entrar na trincheira.

—Não se incomode. — Reya estendeu a mão para agarrar o braço do cadáver. —Mantenha a vigilância no entorno.

—Por quê?

—Qualquer um que venha para recolher os seus mortos ou nos adicionar à pilha.

Dana pegou o outro braço do cadáver.

—Na contagem de três. Um, dois, três!

Insetos caíram fora da parte de baixo do corpo, quando ele se soltou para fora da trincheira.

O suor escorria pelo rosto de Garret e ele virou-se para engolir o ar fresco, mas o cheiro da morte foi tudo o que conseguiu para os seus pulmões.

Reya olhou para Maverk.

—Não fique tão chocado, bonitão.

—Como você consegue ficar em torno de tanta morte?

—Alguns desses cadáveres estão apodrecendo aqui porque eu os matei.

—Por que você faz isso?

Tomando um aperto firme nos ombros do cadáver, ela acenou para Dana, que agarrou os tornozelos. Juntas levantaram o corpo sobre o saco de corpo, acertando os lados para cima e fechando-o.

Endireitando-se, ela nivelou um olhar firme para ele.

—Porque eu sou paga para fazer isso.

Isso inflamou a sua ira.

—Você tinha a opção de viver em paz, Reya.

—Eu escolhi não fazer isso.

Ele girou o braço em torno, em um amplo arco.

—Você prefere viver em um inferno como este?

—É o meu inferno.

—Você vai, um dia, acabar sendo um cadáver em um campo de batalha! É isso que você quer? — ele cuspiu selvagememente.

—Não seja dramático. — Ajoelhando-se, ela puxou o saco com o corpo em uma posição sentada. —Eu vou morrer um dia. Onde será ninguém sabe.

Colocando os braços em volta do saco, Dana puxou mais para cima e Reya içou-o sobre seu ombro.

Carrancudo, ele caminhou para frente.

—Vou levá-lo.

—Você faria melhor em manter os olhos no entorno. — Reya puxou o laser de seu coldre.

—Você vai atirar em mim?

—Não, seu tolo. Olhe atrás de você.

Girando ao redor, Garret se virou com seu laser na mão, vendo um grupo de dez homens aparecem fora da floresta e caminhar pelas bordas para observá-los.

—Vamos começar a voltar, — Dana sugeriu.

Garret olhou para ela.

—Quem são eles?

—Eles são conhecidos como "*catadores*", um grupo que segue as batalhas e aparecem após a luta, para pegar qualquer coisa valiosa que estejam nos corpos.

A pele de Maverk arrepiou.

—Deixando-os limpos? Os corpos?

—Nunca ouvi falar deles, — disse Garret com desgosto.

—Não sabemos muitos sobre eles. — Reya começou a voltar para a nave. —Eles chegam quando o campo de batalha está vazio de pessoas vivas.

—Cubra a frente, Garret, — Dana ordenou. —Maverk, observe o nosso lado e eu vou cobrir nossas costas.

—Eles estão aqui para pegar os mortos, — argumentou Garret. —Por que eles se preocupariam conosco?

—Eles não estão acima de matar os vivos.

Enquanto ela falava, cinco dos dez homens começaram a conversar e um apontou para eles e falou com o homem ao lado dele, que acenou com a cabeça.

—Comecem a se mexer, — Reya disse. —Estável, não se apressem.

—Não podemos correr? — Maverk perguntou secamente, mantendo seu laser direcionado sobre os catadores, seis dos quais faziam lentamente o seu caminho.

—Não mostre medo.

Eles estavam a meio caminho de volta para a nave, quando os seis catadores que os seguiam pegaram os lasers e começaram a disparar.

—Maldição! — Dana xingou. —Fogo!

Ela derrubou dois em rápida sucessão, enquanto Maverk derrubou um. Os sete catadores restantes correram para frente, disparando os lasers.

—Agora nós podemos correr, — Reya disse ironicamente.

Dana tentou ignorar a dor em seu tornozelo, tratando disparar mais rajadas, matando um quarto coletor.

Agarrando-lhe na altura da cintura, Garret a ergueu fora de seus pés e correu para a nave, suas longas pernas fecharam a distância com facilidade. Ela não lutou, mas usou seu ombro como um suporte para firmar sua mão com o laser e continuou disparando.

Maverk ficou ao lado de Reya, mas depois caiu atrás dela. Olhando por cima do ombro, ela o viu levantar e continuar correndo. *Idiota desajeitado tinha obviamente que tropeçar.*

Ele encontrou-se com ela e todos eles correram para a rampa, Garret puxou a alavanca e eles entraram no compartimento de carga.

Soltando o corpo, Reya agachou do outro lado da abertura e disparou seu laser, ouvindo os gritos quando os disparos mortais acertaram dois catadores. Ela parou quando a rampa cortou o campo de batalha de vista e foi selada.

Eles estavam seguros.

Saltando para o elevador da plataforma, Garret subiu ao segundo andar, para a cabine de controle, para dar ignição aos motores.

Dana soprou uma mecha de cabelo fora do rosto.

—Bem, essa foi uma corrida agradável.

Em pé e guardando o laser, Reya estudou sua prima.

—Você está bem?

Seus olhos caíram para seu tornozelo latejante.

—Estou bem.

Reya franziu o cenho. O tornozelo estava se tornando um problema.

—Depois de entregar o corpo de Zac, vamos nos refugiar em algum lugar seguro e dar-lhe tempo para curar.

Sabendo que era inútil argumentar, Dana suspirou e balançou a cabeça.

—E você, bonitão? Aproveitou a vista?

Ele inclinou-se contra a parede.

—O que você acha?

Uma sobancelha arqueou.

—Está um pouco pálido. Suponho que o campo de batalha não é bom para você?

Empurrando-se na posição vertical, Maverk olhou para ela.

—Não era isso que você queria? Ver-me doente?

—Você insistiu em ir. Eu nunca forcei você.

Ele começou a avançar, mas tropeçou e caiu.

Instintivamente, ela saltou para frente, com as mãos fortes agarrando a parte superior de seus braços e perguntou com voz afiada.

—O que está errado?

—Parece que eu fui atingido, moça.

Uma mão fria apertou em torno de seu coração.

—Onde?

—Perna, — ele respondeu com os lábios apertados.

Olhando para a mancha se espalhando sobre a apertada calça marrom, ela também viu o sangue em seu colete. Puxando-o de lado, expôs uma ferida sangrenta, cercada com pele negra.

—Você pode ir para a sua cabine com ajuda?

Concordando, ele amaldiçoou a fraqueza que invadia os seus membros, tornando-o muito fraco contra a guerreira em frente a ele, a sala sacudia vertiginosamente diante de seus olhos.

Reya grunhiu com o seu peso.

—Dana, me dá uma mão.

Uma de cada lado do grande comerciante envolveu seus braços ao redor de sua cintura e ele apoiou os braços em torno de seus ombros.

—O sonho de um Daamen, — brincou Maverk cansado. —Uma moça bonita de cada lado.

—Claro bonitão. Vamos.

Lentamente, eles fizeram seu caminho para a plataforma elevatória e subiram para o segundo andar.

À medida que passaram pela cabine de controle, Garret olhou.

—O que aconteceu? O que há de errado?

—Ele foi atingido, duas vezes, — respondeu Dana. —Qual é a sua cabine?

—Esta aqui. — Garret abriu a porta. —Aqui, eu vou levá-lo...

—Basta dar-me os primeiros socorros, — Reya ordenou. —Nós podemos lidar com ele.

Ao invés de perder tempo discutindo, ele fez como ordenado. Quando voltou, encontrou seu amigo deitado em seu beliche, seu colete manchado de sangue descartado no chão. Reya estava cortando suas calças, expondo a perna ferida para a inspeção.

—Eu vou ter que cortar a pele queimada para evitar a infecção. Vai doer. Acha que você pode lidar com isso, bonito?

Um sorriso triste apareceu.

—Tenho lidado com a sua língua de navalha, não tenho?

Ela sentiu uma estranha pontada no peito, mas impiedosamente esmagou-a, não querendo saber o motivo para isso.

Dana colocou um prato com antisséptico no chão, ao lado do beliche e entregou um par de tesouras para sua prima.

—Eu vou cuidar da perna dele, você cuida do seu lado.

—O que posso fazer? — Garret perguntou preocupado.

Reya subiu para o lado de Maverk.

—Traga duas agulhas para que possamos remendá-lo.

Os próximos quinze minutos foi um borrão de dor para Maverk, com as Reekas cortando a pele morta e enegrecida, das beiradas das feridas a laser e costurando a pele boa. Foi com alívio que ele sentiu os abençoado remendos autoadesivos sendo colocados sobre as feridas. Seu olhar se deslocou para uns preocupados olhos cinzentos.

—Alguma coisa que eu possa fazer? — Garret enxugou o suor da testa de seu amigo com uma toalha pequena.

Ele sorriu fracamente.

—Eu tenho duas moças lindas com as mãos em cima de mim, o que mais eu poderia pedir?

—Faça piadas, como você gosta. — Reya levantou-se e olhou para ele. —Apesar de não serem perigosas, as feridas causaram alguma perda de sangue e você estará fora de ação por um dia, pelo menos. Descanso é o que você precisa.

—É mesmo? — Ele tentou empurrar-se em uma posição sentada, estremeceu com a dor e caiu.

Garret pressionou-o de volta na cama.

—Ouça a moça, meu amigo. Ela levou tiro suficiente vezes em sua vida, para saber o que está falando.

Afundando no beliche, ele fechou os olhos, com o teto girando acima dele.

—Vou descansar por enquanto, sim, mas me acorde quando chegarmos ao assentamento do casal idoso.

—Eu vou.

—Vá dormir — disse Reya secamente. —Venho vê-lo mais tarde.

Em pé, ela se virou para sair com seus companheiros, apenas para ser parada por um aperto surpreendentemente firme em seu pulso. Olhando para baixo, viu a grande mão de Maverk segurando em torno de seu pulso e levantou os olhos para encontrar o seu olhar.

—Fique comigo.

—Não há nada de errado com você, que o sono não possa resolver bonito.

—Por favor.

Ela franziu a testa, impaciente.

—Ouça...

Ele suspirou.

—Eu sei que estou sendo problemático...

O truque da simpatia não funcionou.

—Você tem esse direito. Você é uma dor na bunda, bonito. Tenho um cadáver no porão que precisa ser selado em um caixão e eu quero fazer isso. Venho verificar você mais tarde.

Liberando seu pulso, ele observou a sua saída da cabine, seguida por Dana.

Garret olhou preocupado para ele.

—Você quer que eu fique?

—Para ternamente limpar minha testa? — Maverk fez uma careta. —Obrigado, mas não, obrigado! Verdadeiramente, eu estou bem, um pouco fraco, mas bem. Eu estava esperando que certa guerreira ruiva fosse dar-me o seu toque suave. Mas eu perdi.

Alívio e divertimento apareceram no rosto de Garret.

—Não é possível ganhar sempre, amigo.

—Nós podemos tentar.

—Descanse um pouco. Vou ajudar as moças a carregar o corpo para o caixão. Você vai ficar bem?

Com um aceno seu Garret saiu da cabine.

Fechando os olhos, Maverk cedeu ao cansaço e caiu num sono profundo.



Cadáveres estendiam as mãos para ele, olhos cegos implorando por misericórdia, suas bocas abertas em gritos silenciosos de agonia, enquanto cães selvagens rasgavam pedaços de carne de seus membros. O cheiro de carne em putrefação estava em todo lugar. Vermes caíam da boca de um cadáver, quando ele sussurrou-lhe.

—Reya. — O sussurro tornou-se mais alto. —Reya fez isso comigo.

—Não! — Maverk tropeçou para trás, quando a monstruosidade avançou. —Não!

Uma figura apareceu por trás do corpo em decomposição, uma guerreira alta, com cachos vermelho-dourados agitando ao vento. Uma máscara mortuária de ouro cobria o seu rosto, mas os olhos verdes gelados brilhavam. Com suas mãos erguidas ela segurava uma espada afiada.

—Não! — ele gritou com horror.

—Estes corpos estão aqui porque eu os matei, — Reya disse friamente e a espada cortou para baixo, cortando a cabeça do cadáver que gritava ao se separar do corpo.

Ele caiu no chão com um spray de sangue preto e grosso, os outros cadáveres tropeçaram de volta, com um terror mortal da impiedosa mulher guerreira, caminhando em direção a eles.

—Reya, não! — Maverk implorou. —Por favor, não!

A máscara de ouro virou para ele.

—Eu causei a morte de alguns desses homens, bonitão. Matei-os.

A espada cortou para a esquerda e direita, corpos caíram no chão, seus gritos soando em seus ouvidos. Ele tentou chegar a ela, para detê-la. Sua pele estava ficando tão cinza como as dos cadáveres. Seus passos eram lentos e pesados, mas ele obrigou-se para frente.

Finalmente, chegou até ela, segurando seu braço e puxando-a ao redor. Ele gritou. A máscara estava chorando sangue, vermelho e espesso, se espalhando até cobri-la, fazendo os cachos vermelhos caírem flácidos. Sua pele começou a apodrecer.

—Estou perdida, Maverk, perdida. — Sua voz soou áspera em seus ouvidos, desaparecendo. —Não há esperança para mim...

Debatendo em torno de seu beliche, Maverk estremeceu, acordando. Seu coração trovejava e corpo estava úmido de suor, ele olhou ao redor da cabine. Estava sozinho. Foi apenas um sonho, um pesadelo horrível, o culminar da morte e destruição que tinha visto no campo de batalha.

—Os pesadelos são uma forma da mente liberar o horror que se vê, — disse uma voz rouca.

Virando a cabeça, viu Reya sentada na poltrona do outro lado da cabine. Ela tinha uma perna dobrada com o tornozelo apoiado no joelho oposto, os cotovelos sobre os braços e as mãos cruzadas, o queixo pequeno descansando sobre eles. Os insondáveis olhos verdes olhavam para ele.

—Reya. — Ele enxugou o rosto com uma mão.

—Então o que você sonhou, bonito? Morte e violência?

—Nada. — Fechando os olhos por um instante, ele se encolheu, lembrando os gritos dos cadáveres.

—Você chamou meu nome.

—Eu não sei o que falei.

—Muito bem, então. Você gritou o meu nome, enquanto você dormia.

—Gritei? — Ele queria que ela parasse de investigar.

—Você me pediu para parar. Parar o que, bonito? O assassinato?

Cuidadosamente, ele sentou-se. Rangendo os dentes contra a dor dos ferimentos, ele descansou as costas contra a parede.

—Deve ter sido um sonho, você está suando muito.

—Talvez eu esteja com febre, você já pensou nisso, moça?

—Você não está, — afirmou sem rodeios. —Eu verifiquei, quando cheguei aqui.

Os olhos castanhos brilharam.

—O que é um pensamento agradável.

—Não fique animado e não tente evitar o assunto.

Ele estudou o distanciamento de sua expressão, o silêncio absoluto da guerreira sentada no lado oposto. Seu olhar varreu para baixo para as suas pernas fortes.

Reya lutou contra o impulso de levantar-se. Ela sabia que ele não podia vê-la descruzar as pernas, mas quase imaginava que ele pudesse ver diretamente sua feminilidade. Baixando a perna agora, iria dizer-lhe com seu olhar nervoso que nunca faria.

Valentemente ela ignorou a onda de calor em suas regiões privadas.

—Eu acho que você não vai me responder.

Seu olhar voltou ao seu rosto calmo.

—Há outras coisas que eu prefiro fazer a falar sobre sonhos, moça. — Sua voz era sedutora, rouca.

Reya levantou-se rapidamente.

—Você não quer... conversar? — ele demorou sugestivamente.

Uma sobrancelha fina arqueou.

—Pense que você está... conversando?

—Estou mais até do que você poderia imaginar. — Ele sorriu maliciosamente. —Sente-se ao meu lado e vamos conversar...

Reya caminhou até a porta.

—Descanse um pouco, bonitão.

—Venha agora, moça, qual é a pressa?

—Eu tenho um cadáver para entregar em cinco minutos.

Ele ficou sóbrio.

—Estamos no assentamento de Zac?

—Sim. Fique aqui. — Ela acrescentou quando ele fez menção de se levantar: — Vou cuidar dele e você pode estar no seu caminho.

—Estar no meu caminho?

—Você fez o que você disse. Você nos ajudou a entregar o corpo. Seu trabalho acabou. — Ela saiu da cabine.

Maverk olhou para a porta vazia e balançou a cabeça lentamente.

—Errado, moça. Meu trabalho está apenas começando.

Capítulo 12

Maverk observou as galinhas gritando e bicando o chão, vagueando com prazer entre o assentamento de cabanas de madeira e de pedra, espalhadas. Um casal de cães de caça e vários gatos, preguiçosamente viam os visitantes.

Reya e Garret deixaram o caixão no chão antes de chamar Zina e Chut. O pequeno grupo de colonos se reuniu com reverência silenciosa em torno do comerciante gigante e da notória Reeka. Maverk e Dana ficaram na abertura da nave, no topo da rampa, observando em silêncio.

Ajoelhando-se ao lado do caixão, Zina descansou uma mão sobre a madeira polida.

—Não podemos arcar com o caixão, Reya.

—Isso não me custou nada.

—Mas...

—Foi um favor que me deviam nada mais.

—Obrigado. — Chut olhou para ela com os olhos cheios de lágrimas. —Sua bondade é mais do que esperávamos.

—Sim. — Zina falou com a voz trêmula. —As histórias que dizem sobre você são falsas.

—Não se iluda, pois você ficará muito decepcionada se o fizer. Onde você pretende enterrá-lo?

Uma lágrima escorreu em seu rosto.

—Por trás de nossa morada, sob o pessegueiro. Zac adorava os pêssegos, ele sempre ia comê-los, logo que amadureciam.

Dana observou secamente,

— Lembre-me para não comer os pêssegos da árvore se eu passar por aqui novamente. O fertilizante não concordaria comigo.

—Isso é uma coisa cruel e desagradável para dizer. — Maverk olhou incrédulo para ela.

—Então, não me dê ouvidos.

Soprando o ar, ele estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas Garret e Reya levantaram o caixão novamente, prendendo a sua atenção.

—É melhor segui-los.

—Sim. —Automaticamente ela sentiu o laser preso na coxa e a adaga na cintura.

—O que você está fazendo? Estas são pessoas simples, de luto!

—Dentro ou fora do luto, as pessoas nestas partes podem ser perigosas. As únicas pessoas simples aqui são aquelas que baixam a guarda. Não se esqueça de levantar a rampa.

—É seguro, ninguém pode entrar na nave, mas somente nós mesmos. O campo de força está ativado.

Reya franziu a testa quando os viu fazendo seu caminho em direção a ela, ambos mancavam.

—Por que vocês não esperam aqui? — Ela estudou o rosto de Maverk e moveu seu olhar para sua guerreira irmã. —Isto não vai demorar muito.

—Nem sonhar em perder o enterro. — Dana acrescentou, então, olhou para a desaprovação de Garret — O quê?

Ele balançou a cabeça.

—Eu vou dizê-la mais tarde.

—Eu já tentei isso — disse Maverk. —Não funcionou.

Reya olhou para trás, por cima do ombro para Garret, que estava em frente ao caixão.

—Você está vindo ou você gostaria que eu levasse isso por mim mesma?

—Estou indo, moça.

Eles seguiram Zina e Chut para a clareira atrás da última cabana de pedra na borda. Árvores estavam no alto da floresta, lançando sombra fresca no fundo verde. Caminhando ao redor da cabana, viram o buraco perto do pessegueiro. Os colonos andavam atrás dos avôs e dos carregadores do caixão, com Maverk e Dana mancando na parte de trás.

Quando o caixão foi baixado ao solo ao lado do buraco, dois colonos correram para frente e prenderam cordas nas alças.

Zina começou a chorar, os soluços brotando e fazendo os ombros frágeis tremerem.

—Eu quero vê-lo!

Maverk, Garret, Dana e Reya se entreolharam. Chut estendeu a mão para a tampa do caixão.

Reya tocou no seu braço.

—Não é uma boa idéia.

Olhos cheios de lágrimas olharam para ela.

—Ele era nosso neto.

—Sim, ele era. Agora vamos colocá-lo para descansar.

O velho casal olhou para o rosto distante da guerreira, que olhava para trás constantemente.

Dando um passo à frente, Maverk colocou a mão sobre os ombros frágeis da velha.

—Isso só vai causar dor, Vovó Zina.

Ela olhou em seus olhos quentes.

—Ele é meu neto.

—E ele está em casa novamente, se contente com isso, — ele respondeu suavemente. —Deixe-o descansar.

Chut deslizou o braço em volta dos ombros dela.

—Ele está certo. Vamos colocar Zac para descansar.

Concordando silenciosamente, ela baixou a cabeça. Quatro homens se adiantaram e pegaram a corda.

Recuando para o lado de Garret, Maverk esperou em silêncio respeitoso.

Quando o caixão foi baixado para as profundezas escuras da terra, Reya se virou e caminhou de volta para o assentamento.

Após o funeral simples, Maverk foi em busca dela e encontrou-a encostada na parede frontal da casa de Zina com os braços e tornozelos cruzados.

—Você tinha que sair?

Ela focou em seu rosto.

—O quê?

—Você não podia ter esperado até que acabasse antes de ir embora? — Para aliviar a dor afiada no seu lado e coxa, ele mudou seu peso ligeiramente.

—Eu não era necessária. — Ela olhou de volta para a estrada de terra esburacada que levava para fora do assentamento, passando pela nave de viagem Daamen e para longe.

—Provavelmente, mas você poderia ter dado seus respeitos tanto para Zac como para seus avôs.

—Meus respeitos? — Os lábios macios torceram ironicamente. —É a última coisa que eles precisam.

—Não são bons o suficiente para você?

Não, ela pensou, é o contrário.

—Eu nunca teria pensado isso.

Vendo Dana mancando em direção a eles com Garret ao seu lado, Reya endireitou.

—Pense o que quiser bonitão.

—Isso é tudo que você vai dizer?

—Sobre o quê? — Franzindo a testa, ela observou o progresso doloroso de sua prima.

—A cerca de não dar seus respeitos a esse pobre garoto! —
Tinha sido um dia longo, cheio de emoções conflitantes, a dor de suas feridas combinada com a fraqueza pela perda de sangue, fez o seu normalmente bom humor e paciência, desaparecer rápido.

—Exato. Dana, você vai ter que descansar o tornozelo. Saia por um tempo.

Maverk suspirou interiormente, sabendo que a atenção de Reya agora estava focada em sua irmã guerreira. Cuidadosamente, ele recostou-se contra a parede.

—Eu sei, eu sei, — Dana grunhiu. —Eu vou sair em breve.

—Nós poderíamos ir para a floresta... — Reya começou.

—Você pode descansar em Daamen e ver Tenia ao mesmo tempo — Maverk sugeriu.

—Não.

Curiosamente, Dana observava.

—Você precisa de um lugar seguro para ela descansar, moça. Por que não combiná-lo com a visita a sua irmã?

Tomando o braço de Dana, Reya começou a levá-la embora.

—Vamos fazer nosso caminho e encontrar um lugar para descansar.

Carrancudo, Maverk empurrou para longe da parede.

—Reya, eu...

Zina e Chut apareceram de olhos vermelhos, mas compostos. Chut falou para Reya que havia parado com a visão deles.

—Gostaríamos de pedir que você e seus amigos ficassem para a noite e compartilhasse a nossa comida.

—Obrigado, mas...

—Por favor. — Zina tocou seu braço hesitante. —Você não tomou o nosso dinheiro por trazer o nosso neto para casa. Pelo menos, vamos pagá-la desta forma.

Reya entendia essas pessoas, pobres, mas orgulhosas.

—Muito bem.

—Obrigado. — A velha sorriu. —Eu vou ter uma refeição pronta em duas horas. Será no por do sol. São bem-vindos para passar o tempo em nossa casa, se quiserem.

—Acho que vou aproveitar esse tempo para explorar a área um pouco. Ao por do sol então Zina.

O casal de idosos acenou com a cabeça e desapareceu na sua cabana. Maverk e Garret olharam para Reya. Ela deu a Maverk um olhar frio, antes de ir embora.

—Onde ela está indo? — Maverk perguntou.

—Verificando a área, — respondeu Dana.

—Vocês, moças, nunca descansam? — Garret perguntou. — Nunca relaxam?

—Claro que fazemos.

—Quando?

—Quando é seguro. — Testando seu peso sobre o tornozelo, ela franziu a testa. —Maldita coisa!

—Exatamente quando é seguro? — Ele levantou as sobrancelhas interrogativamente.

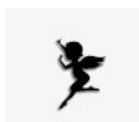
Pensativa, ela considerava-o, antes de responder:

— Quando estamos em casa.

Mancando até um assento de madeira debaixo de uma árvore próxima, ela sentou e recostou-se. Puxando a sua adaga ela girou preguiçosamente entre os seus dedos.

Para qualquer um que assistisse, ela aparecia relaxada e contente, mas os comerciantes sabiam que era diferente. Ela estava em guarda, com os ouvidos atentos aos sons ao seu redor e os olhos vasculhando a área circundante. Enquanto uma Reeka procurava a pé, a outra observava e ouvia. Ou melhor, para estas duas que ganhavam a vida como mercenárias, no Setor Outlaw, não poderia haver descanso.

Isso fez Maverk ainda mais determinado a descobrir o segredo de Reya e levá-la de volta para a segurança de Daamen, com ele, que era onde ela deveria estar.



Vagando pelo assentamento, Reya tomou nota dos colonos e dos seus filhos, suas casas e da floresta circundante. Não demorou muito para ela ter certeza de que eles eram pessoas inocentes, que não significavam perigo para os visitantes. Muitos lançavam seus sorrisos tímidos, alguns a olhavam com cautela, um casal com um toque de medo. As crianças observam a guerreira alta com admiração. A maioria deles usava roupas grosseiras e remendadas.

Era um assentamento simples e pobre.

A floresta estava fresca, os galhos espalhando das enormes árvores, lançando uma sombra para abrigar os habitantes do sol. Parando ao lado de um dos troncos grossos, ela encostou-se nela e relaxou um pouco. Era tão calmo e sereno.

Passos chegou aos seus ouvidos, passos hesitantes que pararam e começaram, como se a pessoa estivesse procurando alguma coisa. Ou alguém.

Silenciosamente ela tirou sua adaga, quando o farfalhar das folhas sob os pés se aproximava. Quando o som estava perto da árvore atrás dela, ela girou para fora e agarrou a pessoa pela camisa, seu punhal pronto para mergulhar na carne.

—Pare! Reya, não!

Ela se viu olhando para o rosto de uma jovem que não poderia ter mais de quatorze anos, com grandes olhos azuis e cabelos negros trançados. Bonita e magra.

Reya a mandou para longe com um empurrão.

—Quem você procura?

A menina se ergueu sobre os cotovelos.

—Você.

—Eu? — Tendo certeza de que elas estavam sozinhas, ela embainhou o punhal. —O que você quer?

Levantando, a garota inclinou a cabeça para trás para encontrar os olhos de Reya.

—Meu nome é Mara. Sou prima de Zac.

Ah. A semelhança estava lá. Reya esperou.

—Todo mundo conhece a história das Mulheres Guerreiras Reekas, sua habilidade na luta.

—Então? Qual é o seu ponto?

Hesitando, Mara estudou a guerreira alta com olhos frios e impiedosos.

Girando ao redor, Reya começou a andar rápido, despedindo dela.

—Espere!

Ela a ignorou e voltando através das árvores.

—Reya, espere, por favor! — Correndo atrás dela, Mara estendeu a mão para pegar o seu braço.

Reya sacudiu a mão fora sem perder o passo.

—Fique longe.

Vendo que a Reeka não ia parar, Mara correu ao redor para estar diante dela.

—Você é cansativa. — Reya fez uma careta. —O que é isso?

—Leve-me com você.

—O quê?

—Leve-me com você.

Reya olhou para ela.

—Você quer vir comigo?

—Sim. — Mara concordou avidamente.

—Impossível. — Ela deu um passo para o lado, pretendendo passar por ela.

—Eu não seria problema. — Mara bloqueou o seu caminho novamente. —Eu estive praticando minhas habilidades de luta, mas você poderia me ensinar muito mais. Eu poderia ser como você!

Ela calou.

—Como eu?

—Sim! Forte, independente e respeitada.

A admiração desta menina causou uma torção dolorosa no seu coração.

—Eu não sou o que você pensa.

—Por favor, me leve.

—Comece uma vida e pare de sonhar acordada.

A cintilação de dor em seus olhos foi rapidamente escondida.

—Eu estou tentando começar uma vida, uma como a sua.

—Então você é uma tola, — Reya respondeu sarcasticamente.

—Volte para sua mãe, menina.

Mara apertou os lábios.

—Eu não sou uma menina! Se você me levar com você, eu vou provar isso!

—Não. — Ela foi embora, deixando Mara olhando para ela.

Que diabos esta menina estava pensando? Ser como ela? Reya balançou a cabeça com a ironia. *Se Mara soubesse as coisas que seu ídolo tinha feito, ela iria correr em outra direção.* Dispensando-a de seus pensamentos, ela voltou para o assentamento.

—Passeio agradável? — Dana bocejou.

Reya sentou ao lado dela.

—O lugar é seguro, por agora.

Sentaram-se tranquilamente no sol da tarde, pesando os seus pensamentos privados.



Maverk acordou sobressaltado. Sentindo-se cansado das feridas, ele se retirou para a cama e dormiu quase que imediatamente. Olhando para o relógio na parede, viu que já estava quase no entardecer.

Garret apareceu na porta.

—Como estão as feridas?

Cuidadosamente, ele sentou-se.

—Eu vou viver. Onde estão as moças?

—No compartimento de carga verificando a sua bagagem. Elas estão determinadas a nos deixar pela manhã.

—Esta é Reya. — Em pé, ele estremeceu com a dor em seu lado e coxa. —Moça teimosa.

—Reya?

—Dana voltaria, mas Reya não vai e eu não sei por quê. As irmãs são próximas.

—Tenia sabe que algo está errado.

—Claro, ela sabe de sua irmã. Por que você acha que ela a quer em sua casa?

—Obviamente, não apenas para o nascimento do bebê.

—Mas ela vai, — Maverk afirmou decisivamente. —Não se engane, Reya vai para casa!

Divertimento brilhou nos olhos de Garret.

—Não é o que ela diz.

—Ela terá uma surpresa, então, não é? Agora, eu estou com fome. Vamos pegar as moças e vamos comer.



Reya observava Dana mancar dolorosamente em torno do porão de carga.

—Descanse o tornozelo.

—Eu estou bem.

—Você não está. Você mal pode andar.

—Pare de agitação. Assim que chegar a um lugar seguro, eu vou descansar.

—É seguro aqui.

Dana revirou os olhos.

—Irmã, eu... — Ela parou ao som do chocalho da plataforma elevatória.

Reya assistiu quando apareceram e pararam. Os comerciantes desceram e se aproximaram.

—Você não deveria estar descansando, bonitão?

—É bom ver que você se preocupa comigo, moça.

Com desdém frio ela pegou sua mochila e atirou-a sobre um ombro.

Agarrando a mochila, Maverk tomou-a e deixou cair de volta no chão, explicando alegremente, enquanto apertava os olhos.

—Por que se preocupar em carregá-la, quando você pode deixá-la em segurança aqui?

—Ele tem o ponto, — Garret concordou. —Você não vai até de manhã, então por que se preocupar com isso agora?

Dana deu de ombros.

—De fato. Vamos eu estou morrendo de fome.

Sem dizer uma palavra Reya saiu do porão de carga e desceu a rampa. Maverk a seguia, sorrindo.

—Aqui, moça, permita-me oferecer meu apoio. — Garret estendeu o braço para Dana.

—Não se preocupe, eu posso andar.

—Eu insisto. — Ele sorriu encantadoramente. —Ou você prefere que eu a carregue?

—Pegue-me e eu vou arrancar o seu cérebro!

—Então tome meu braço. A menos, claro, que você esteja preocupada em ser incapaz de manter suas mãos longe de meu corpo, uma vez que você me toque?

—O seu ego é tão grande quanto sua cabeça. — Ela colocou a mão em seu amplo antebraço. —Agora, pare de falar merda e apresse-se.

—Suas palavras doces me tocam profundamente.

Ela resmungou um palavrão e ele riu. Juntos, eles desceram a rampa e ela teve que admitir que era grata por sua força e apoio, por que isso a fazia andar mais fácil e menos dolorosamente.

Na escuridão perto da cabana de Zina, Reya observou sua prima. O mancar estava piorando e a dor refletia na tensão de sua boca, o único sinal de seu desconforto.

Em pé, ao lado dela, isso não foi perdido por Maverk.

—Se Dana não der ao tornozelo um descanso completo, sérios danos vão ocorrer.

—Eu sei.

Surpreso por ela concordar, ele olhou de soslaio para ela.

—Ela precisa de um lugar seguro para se recuperar.

Reya grunhiu.

—Um lugar onde ela não estará olhando por cima do ombro.

Seus olhos encontraram os dele.

—Um lugar onde ela possa guardar suas armas, deitar e colocar os pés para cima.

—Vá em frente e diga bonitão, eu sei que você está morrendo de vontade de dizer.

—Tudo bem. Ela precisa ir para casa, em Comll ou Daamen. Ela poderia ficar com Tenia.

Inexpressiva, ela estudou-o, em seguida, virou-se para Dana e Garret, quando eles pararam diante deles.

Zina abriu a porta da cabana.

—Entre, entre, o jantar está pronto!

Eles entraram atrás dela, Reya observou a pequena sala, a mesa no centro, parecia dominá-la. Em cima estavam duas tigelas grandes de frango e legumes cozidos, uma de sopa, três pães e uma bacia de frutas.

—Sentem-se, — Zina convidou.

Obedientemente eles o fizeram, as Reekas de um lado da mesa, os Daamens no outro. Chut sorriu para eles da cabeceira da mesa, enquanto Zina sentou-se ao pé.

—Temos sorte de ter tantos legumes nesta época do ano. — Zina encheu as tigelas de madeira com o ensopado. —Um rapaz veio até nós com esta caixa de comida, mas ele parecia não saber quem o tinha enviado.

—Foi a coisa mais estranha, — disse Chut, partindo o pão em pedaços com as mãos e passando ao redor para os outros. —Ele insistiu que era para nós.

Sentindo que Dana a cutucava por debaixo da mesa, Reya olhou para Garret, que estava tentando não olhar para o pé de galinha flutuando em cima de sua bacia. Ela moveu o seu olhar para Maverk que estava bravamente cutucando a tigela com uma colher, ela lutou contra o sorriso que ameaçava mostrar-se em seu rosto. Ele estava tentando esquivar pegando o bico de galinha.

—Ensopado prazeroso. — Ela mastigou a comida salgada com satisfação aparente.

Dana bateu um pedaço de pão duro em sua boca.

—Melhor que eu provei em um longo tempo.

Chut sorriu.

—Zina é uma cozinheira maravilhosa. A melhor no assentamento! Ora, ela é sempre solicitada para cozinhar para os casamentos e... —Ele continuou a cantar louvores a sua esposa.

Reya encontrou o olhar sorridente de Maverk e ele viu o brilho de diversão quente em seus olhos, um segundo antes que ela os voltasse para a tigela diante dela.

—Percebi que vocês têm hortas, — disse Garret para Chut. — Como é que não há o suficiente para alimentar os colonos?

—Oh, existem normalmente, mas um grupo de bandidos saqueadores nos atacou várias vezes e destruíram as colheitas.

—Não aparecem há vários meses, — disse Zina. —Parece que eles pararam, graças a Deus.

—Então você acha que o grupo se foi? — Garret perguntou curiosamente.

—Sim. Eles pegaram o que vieram buscar, ou seja, nossas culturas, — respondeu Chut. —Quem quer que fossem nunca atacaram o assentamento. Acordamos de manhã e as colheitas haviam sumido. As crianças foram avisadas a não andar na floresta à noite, com medo dos ladrões retornarem e prejudicá-los.

Zina recolhia as tigelas vazias.

—O que aconteceu, aconteceu. Devemos estar gratos que todos nós estarmos bem e seguros, até agora.

O resto da noite passou agradavelmente e já estava ficando tarde no momento em que eles deixaram a cabana. Fora, na noite, o ar estava frio, a paz no assentamento dava-lhe uma atmosfera tranquila.

—Poderíamos muito bem dormir esta noite em nossa nave, — comentou Maverk casualmente. —conseguindo um bom descanso antes de amanhã.

Dana franziu o cenho.

—Nós podemos dormir aqui fora. Não seria a primeira vez que as estrelas seriam os nossos cobertores.

—Que poético! — Garret carinhosamente apertou a mão dela, onde ela repousava em seu antebraço. —Nunca vi você assim, meu doce.

Olhando para ele, ela se afastou bruscamente, apenas para dar um suspiro dolorido, tropeçando e gemendo em agonia pela dor em seu tornozelo.

Imediatamente ele pegou-a em seus braços.

—Você é um palhaço, — ela gemeu. —Ponha-me no chão!

—Não. — Reya deu um passo à frente. —Maverk está certo, Dana. Vá e tenha um bom sono. Estarei lá em breve verificando o seu tornozelo.

—Eu posso fazer isso. — Carregando uma Dana protestando, Garret caminhou até a rampa da nave.

Cansada, Reya esfregou os olhos, com os ombros caídos, esquecendo por um momento de Maverk, que estava apenas atrás

dela. Ela saltou quando suas mãos grandes caíram sobre os seus ombros e começaram a massagear os músculos.

—Fique parada, — ele ordenou, quando ela fez menção de se afastar. —Isso é só uma massagem para aliviar você.

—Eu não preciso de ajuda. — Mas ela ficou, saboreando a sensação de seus dedos fortes, massageando os seus músculos.

Era tão bom, que seus olhos quase fecharam.

—Estou surpreso por você concordar comigo, moça.

—Hmm?

—Sobre Dana precisar de um lugar seguro para descansar.

A tensão voltou e ela se afastou abruptamente, antes de enfrentá-lo. Silenciosamente, eles se olharam, a escuridão da noite lançando-os nas sombras.

—Você está certo, ela vai causar danos irreparáveis a si mesma se ela continuar. Voltar para casa é o único caminho para que ela se recuperar completamente.

Um alívio o encheu.

—Vamos para Daamen, então.

—Cuide dela.

—O que você quer dizer?

—Faça com que nenhum dano recaia sobre ela, pois é teimosa e vai brigar com você como o inferno. Tenia e Connie cuidarão dela, uma vez que esteja em casa.

—Você está vindo, não é? — Ele viu a resposta em sua expressão. —Maldição, Reya! Você está vindo!

—Minha resposta não mudou. Não.

—Você vai precisar de mim, então. — Mara saiu das sombras.

—Esqueça isso. — Embora ela tenha falado para Mara, Reya manteve seu olhar no rosto assustado de Maverk. —Você seria morta ou capturada e estuprada dentro de minutos. Você está se esgueirando e escutando desde que saímos da cabana.

—Então? Com Dana indo embora, você estará sozinha. Se eu ficar com você, você estará mais segura.

—Segura?

—Sim. Haverá nós duas... três, quando Dana ficar bem outra vez. Juntas nós seremos invencíveis!

—Quem é esta? — Maverk exigiu de Reya.

—Ninguém. Vá para casa, Mara.

—Não, eu quero ser como você, Reya. Uma guerreira!

Capítulo 13

—Você está se tornando cansativa. Volte para casa, garotinha, já passou da sua hora de dormir.

Bravamente Mara manteve sua posição.

—Eu sei o que você está tentando fazer e não vai funcionar. Eu fiz a minha cabeça.

—Quem é você? — Maverk franziu a testa com perplexidade.

—Meu nome é Mara. Zac era meu primo.

—Sinto muito.

—Não, ele morreu por uma causa. — Orgulhosamente, ela ergueu o queixo. —Eu pretendo seguir os seus passos.

—Então você é uma tola, — disse sarcasticamente Reya.

Olhos azuis brilharam.

—Você luta por causas o tempo todo!

—Errado. Eu luto por dinheiro. Eu poderia facilmente ter lutado para o outro lado e ter matado Zac.

—Não, você lutou no lado certo.

—Lado certo? Ouça, Shaque me ofereceu dinheiro para lutar. Sem dinheiro, sem causa. Na verdade, nunca há qualquer outra causa para mim.

—Então por que você luta?

—Isso não é da sua conta.

—Vai ser quando eu for com você.

Maverk franziu o cenho.

—Do que você está falando? Ir com Reya?

—Sim, eu vou ser uma guerreira como ela. Vai me ensinar a lutar.

—Esqueça isso. — Girando sobre os seus calcanhares, Reya afastou-se.

Mara correu atrás e ao redor dela para, mais uma vez pará-la. Reya parou, com os olhos brilhando friamente.

Maverk apareceu ao lado dela.

—Mara, você não pode ir com ela. Para começar, você é muito jovem e está mais segura com sua família.

—Reya era mais jovem do que eu, quando ela começou a lutar.

—Circunstâncias diferentes, criança, aquelas que você nunca gostaria de viver. Seja grata por sua família e sua vida.

—Eu quero que ela me ensine a lutar, — insistiu teimosamente Mara. —Eu quero ser como ela!

—Você não quer ser como ela, — disse Maverk sem pensar, em seguida, amaldiçoou em silêncio, percebendo como devia soar para Reya.

—Eu não entendo, quero ser como ela!

—Você quer? — As palavras de Reya estavam mordendo e amargas como um vento de inverno. —E como você gostaria de ser como eu?

Olhos azuis brilhavam ansiosamente.

—Quero ser forte e honrada! Todo mundo me conhecer e me tratar com respeito! Senhores distritais procurariam a minha ajuda e...

—Suas ideias são loucas e românticas. As pessoas não me tratam com respeito, mas com medo e ódio, com razão. Eu sou uma assassina...

—Uma mercenária, e não assas...

—Sou contratada para matar pessoas, — continuou Reya impiedosamente. —Em algum lugar, lá fora, estão às famílias de luto pelos homens que eu matei, assim como sua família chora por Zac. Eu mato pelo maior lance e não mostro misericórdia.

—Reya. — Vendo o rosto pálido da menina, Maverk tocou o braço da guerreira.

—Eu mato, recebo o pagamento, sigo em frente, sou contratada, mato, recebo o pagamento, sigo em frente. Dia após dia, dia após dia. Eu tiro a vida dos homens, maridos de esposas, pais de crianças, o irmão da irmã, o filho de sua mãe, namorado da namorada...

—Pare com isso! — os lábios de Mara tremiam. —Você está deliberadamente fazendo soar mal para eu mudar de idéia, mas eu não vou mudar!

—O que você quer ver é a glória, a lenda. — Reya estendeu as mãos. —Você admira a força? Eu quebrei pescoços com estas mãos, espadas empunhadas que espalharam os intestinos dos homens no chão.

—Acalme-se — advertiu Maverk suavemente. —Ela é apenas uma criança.

— Uma criança que deseja ser como eu, uma assassina. Para ser como eu, você precisa não ter nenhuma alma, Mara, então você não tem idéia da solidão, do isolamento, da morte e da destruição. Pessoas decentes vão prendê-la por desacato. Noites não são preenchidas com sonhos de glória, mas os pesadelos que são

executados com sangue, você acorda com a memória daqueles que morreram, gritando por misericórdia que você não deu.

—Você está mentindo! — Lágrimas encheram os seus olhos. — Por que está sendo cruel?

—Porque eu sou cruel. Minha vida não tem glória. Tem horror. Não há nenhuma honra apenas um preço. Trago a morte comigo. É isso que você quer? É isso?

—Eu... isso não é verdade!

—Então por que você está chorando? E por que não me importo? — Reya cruzou os braços com fria indiferença. —Vá para cama, Mara. Sonhe seus pequenos sonhos e seja feliz.

Seu mundo estava desmoronando, a sua heroína adorada, a guerreira alta e bonita estava desabando pedaço por pedaço.

—Eles disseram...

—Eles mentiram.

Uma última vez Mara agarrou uma tábua de salvação.

—Você trouxe Zac para casa.

—Seus avôs me pagaram para isso. Se não tivessem, ele ainda estaria no campo de batalha proporcionando uma refeição para os cães selvagens.

Era demais. Soluçando, Mara voltou-se e fugiu de volta para o assentamento.

Agarrando o braço de Reya, Maverk oscilou em torno dela, aproximando-se.

—Maldição dos infernos! Você tem que ser assim tão sangrentamente rude?

—Você não deseja que ela seja como eu. Melhor a verdade do que vir acontecer. — Afastando-se dele, ela caminhou de volta para a nave.

Com raiva, atordoado, em silêncio ele ficou olhando para ela. Como ela poderia ser tão dura com a mocinha?

—Ela está errada, você sabe — disse uma voz calma atrás dele.

Olhando em volta, viu Chut encostado no canto da cabana.

—Desculpe-me?

—Sobre ela não ter alma. — O velho acendeu um fósforo e aplicou a chama ao seu cachimbo. —Não ter honra. Ela não contou para minha neta que ela recusou o pagamento por Zac.

Maverk ainda podia ver a dor dos sonhos destruídos na face da jovem.

—Ela não tem que ser tão cruel sobre isso.

—Talvez não, mas de qualquer forma, funcionou, não é?

—Você acha?

—Você acha que Mara ainda vai querer ser como Reya? Entrar em perigo e lutar, enfrentar a morte todos os dias?

—Eu não acho. — O comerciante suspirou. —Gostaria que fosse tão fácil de mudar a mente de Reya.

Um sorriso sábio apareceu nos seus olhos desbotados.

—Apaixonado pela guerreira?

Outro suspiro.

—Sim.

—Bom. Ela precisa de você.

—Oh?

—Ela mentiu sobre não ter alma para desistir, o que ela sabe de solidão e de pesadelos?

—Ou horror — acrescentou Maverk pensativo. —Ou se importar, o suficiente, com uma criança para destruir sua própria imagem para impedi-la de seguir seus passos.

—Agora você começa a ter o retrato inteiro. — Endireitando-se, Chut esticou-se e bocejou. —Bem, boa noite.

—Boa noite e obrigado.

Chut acenou com a mão e desapareceu na cabana.

Maverk lentamente caminhou de volta para a nave. Imerso em seus pensamentos, ele subiu a rampa, pressionou a alavanca, automaticamente, atrás dele para trazer a rampa e fixá-la com segurança. Pisou no elevador da plataforma, subiu para o segundo andar e foi para a sua cabine.

Vendo a luz brilhando por debaixo da porta fechada ao lado da sua, ele parou e levantou a mão para bater, hesitou depois a baixou e continuou adiante.

Quando a sombra debaixo de sua porta moveu-se, Reya relaxou. Cansada, ela sentou-se no beliche, deixando cair à cabeça em suas mãos.

Que inferno de vinte e quatro horas. Perdeu a virgindade com o grande e bonito comerciante, recuperou o corpo de Zac, Maverk sendo ferido e um confronto com uma menina que a adorava. Poderia qualquer outra coisa dar errado?

Ela dormiu pouco naquela noite, a memória da dor enchendo os olhos de Mara, ficou gravado na sua mente. Tratá-la de modo insensível não era algo para se orgulhar, mas era a única maneira de impedi-la de fazer o pior erro de sua vida.

Mesmo Maverk concordou que Mara não devia acabar como ela. Reya sorriu ironicamente, mesmo quando a dor perfurou seu coração.

Talvez sua crueldade servisse para os dois propósitos, fazendo não só Mara mudar de idéia, mas Maverk também.

Que tomaria conta de dois de seus problemas. O terceiro era Dana. Ela só poderia realmente se recuperar em um lugar seguro e devia voltar para casa. Dana iria para casa, para se recuperar, mas ia ser uma luta, porque Reya não ia com ela.



Reya entrou na cabine de sua prima nas primeiras horas da manhã, para encontrá-la sentada melancolicamente na cama, com manchas escuras sob seus olhos castanhos, normalmente brilhantes, e que estava agora aborrecida com a dor que ela tentava, sem sucesso, esconder.

—Não foi possível dormir também? — Dana puxou as cobertas rapidamente sobre as pernas.

Seus olhos penetrantes não perderam a ação.

—O que há de errado com você?

—Nada. Você parece cansada. O que a manteve acordada?

—Como está o seu tornozelo?

—Tudo bem. Estou pronta para ir quando você estiver.

—Sério? — De repente, agarrando a coberta, Reya puxou-a. — Maldição Dana!

O tornozelo delgado de sua prima estava inchado, hematomas pretos cobriam metade de seu pé e ia até o tornozelo.

—Eu estou bem! — Ela puxou as cobertas de volta.

—Está bem? Você não poderia calçar um chinelo macio nesse pé, muito menos apoiar! — Reya passou a mão pelos cachos grossos, com a preocupação em seus olhos, normalmente sem emoção.

—Não fique tão nervosa! — Dana disse, não acostumada a vê-la tão abalada.

—Se você se machucar mais uma vez, você não poderá mais usá-lo. Você percebe o tamanho do dano que fez por continuar a caminhar sobre ele?

—Tudo bem, tudo bem, eu sei que não parece bom...

—Isso é um eufemismo.

—Assim que chegarmos a um lugar seguro, eu irei descansá-lo.

Reya andou até a porta, em seguida, passeou de volta, parando na frente de sua irmã guerreira.

—Será que você gostaria de voltar a Daamen e ficar com Tenia ou Connie até curar?

—Voltar? — Suas sobrancelhas arquearam em surpresa. —Mas eu pensei que você...

—É um lugar seguro para se recuperar e curar-se corretamente.

—Bem, sim, mas...

—Você gostaria de ver nossas irmãs guerreiras de novo, não é? Com os olhos brilhando, ela balançou a cabeça.

—Sim, especialmente quando Tenia esta perto do parto.

Um pequeno sorriso cintilou no rosto de Reya.

—Eu sei o quanto você sente falta de todas elas, irmã.

—Como você.

—Então, você concorda? — Reya balançou para trás sobre os calcanhares. —Você vai para Daamen se recuperar?

—Sim, já faz um tempo desde que vimos nossas irmãs. — Dana sorriu. —Quando nós vamos?

Esta era a parte que ela temia.

—Você vai, logo que os comerciantes estiverem prontos.

—Eu? Quer dizer *nós*, não é? — Olhos castanhos estreitaram suspeitosamente.

—Não. Quero dizer *você*.

—Merda! Onde *você* está indo?

—Eu vou para algum lugar. Não se preocupe comigo.

—Você não pode estar planejando ficar para trás!

—Eu estou.

—Não! De jeito nenhum! — Dana tentou levantar soltou um grito de dor e sentou-se de novo rapidamente. —Você não vai ficar sem mim!

—Você precisa de aju...

—Vamos encontrar um lugar seguro juntas!

Exasperada, Reya jogou os braços.

—Onde, Dana? Aqui? Em Urion? Onde? Onde quer que formos, corremos o perigo de bandidos atacando em números. Fizemos mais inimigos do que você pode contar com os nossos dedos!

—Ninguém poderia nos atacar.

—Oh, não? Talvez quando estamos sobre os nossos pés, saudáveis e bem, mas com uma de nós ferida...

—Você está em perigo por si mesma.

—Eu posso andar mais rápido sozinha. Eu não tenho uma lesão que me faça ir devagar.

—Eu não vou sem você.

—Eu não vou com você — Reya disse sem rodeios. —Você é um perigo para nós duas, do jeito que está. Continue assim e você vai acabar aleijada, pense no quanto perigosa e impossível está em nossa linha de trabalho.

—Venha comigo — pediu Dana.

—Não.

—Por quê? Por favor, diga-me Reya. Há uma razão. Eu sei que você ama Tenia e quer estar com ela no nascimento de seu bebê, sua sobrinha ou sobrinho. Por que se recusa a voltar?

Os olhos gelados estavam tão sombrios como um dia de inverno.

—Não me pergunte sobre isso.

—Diga-me! Eu não entendo irmã. Por quê?

Reya recuou.

—Eu tenho minhas razões e elas são só minhas.

—O que eu digo a Tenia quando ela perguntar por que você não voltou? — Dana perguntou desesperadamente.

—Diga a minha irmã que eu a amo.

—Isso é um inferno de uma resposta!

—Esta é toda a resposta que você recebe. — O tom de Reya se suavizou. —Quando você estiver curada, poderemos estar juntas novamente. Agora tenho de ir...

—Pare Reya, eu não vou...

—Você não tem escolha! Você mal pode caminhar, agora. Estarei de volta logo depois que informar aos comerciantes que você vai para casa com eles. — Ela deixou sua prima antes que ela pudesse fazer quaisquer novos protestos.

—Maldição! — Dana olhou para a porta fechada e ainda estava olhando para ela quando uma batida soou vários minutos depois.

—Entre.

Os comerciantes entraram e ela olhou-os amargamente.

—Reya nos disse que você está voltando para casa — disse Garret.

—Ela falou? Bem, eu não vou deixá-la sozinha!

—Você não vai precisar. — Maverk sorriu.

—Ela está vindo? — Esperança iluminou seus olhos.

—Ainda não, mas ela acabará. Vou ficar com ela.

—Você? — Dana riu com desdém. —Ela não vai concordar com isso!

Cruzando os braços, Maverk inclinou a cabeça ligeiramente, enviando os cabelos loiros sobre os ombros largos.

—Ela concordará se você insistir.

—O que faz você ter tanta certeza?

—Ela quer que você se cure em segurança. Você concorda em voltar para Daamen com Garret se eu ficar em seu lugar.

—Vai sonhando!

—Você quer que ela fique sozinha?

—Claro que não, é a última coisa que ela precisa. Por que você acha que eu estou lutando com ela sobre isso?

Ele agachou-se diante dela.

—Ela não estará sozinha, eu estarei com ela. Você sabe que não vai ganhar. Reya simplesmente vai escapar em algum momento e você está muito ferida para segui-la, não é?

Seus olhos queimaram rebeldemente, mas ela não respondeu. A verdade doía muito.

—Ou, como líder das Reekas, ela pode ordenar que você vá. Ela não pensou na estratégia, ainda.

Uma vez que enfrentasse a sua prima, ela não teria nenhuma chance. De qualquer maneira, ia perder. Mas para ir sem ela...

—Dana eu vou cuidar dela, — assegurou-lhe Maverk suavemente. —Quero descobrir o segredo que impede Reya de voltar para casa. Diga a ela que você irá se concordar que eu a acompanhe até que você se recupere.

Ela podia ver o sentido em suas palavras, a determinação em seus olhos.

—Você vai ficar com ela independentemente, não é?

—Sim, mas se você concordar com meu plano posso estar com ela o tempo todo, em vez de tentar localizá-la e combatê-la a cada passo do caminho.

—Por quê? — Dana olhou para ele pensativo. —Por que o seu segredo é tão importante para você e a sua segurança? Além de ser a irmã de Tenia?

Ele respondeu simplesmente.

—Eu a amo.

—Você a ama? — Ela olhou para ele.

—Sim, e posso fazê-la feliz. Vou fazê-la feliz, uma vez que descubra o horror que a tortura, e assim afastá-la dele. Levá-la de volta para casa, onde pertence, feliz e segura, comigo.

A verdade e sinceridade tocavam forte em suas palavras, em seus olhos e ela sabia o que tinha que fazer.

—Muito bem. Mande Reya entrar.

Maverk deixou a cabine e ela viu uns olhos cinzentos divertido.

—Por que você está tão feliz, Garret?

—Meu amor, você e eu estaremos sozinhos no espaço, por duas semanas, na viagem de volta para Daamen. Use sua imaginação!

—Se seu cérebro fosse tão grande quanto seu ego, você seria perigoso.

—Sempre que você está ao redor, tenho algo muito maior do que o meu ego e não é o meu cérebro.

—Você é nojento, estou avisando, tente qualquer coisa nesta viagem e eu...

—Eu não vou ter que tentar nada, — ele informou-lhe alegremente. —Você vai cair em meus braços, em algum momento. Tudo o que tenho a fazer é esperar.

—Você vai ficar esperando muito tempo, deixe-me dar-lhe um conselho.

Garret sorriu, mas antes que pudesse dizer mais, a porta se abriu e Reya entrou.

—Você queria me ver?

—Sim. Você pode ir, menino risonho.

Rindo, ele deixou a cabine.

As mãos cruzadas atrás das costas frouxamente, Reya estava perto da cama.

—O que é?

Dana estudou-a antes de responder:

— Eu vou voltar para Daamen.

—Bom.

—Só até me recuperar, então vou estar de volta.

—Claro.

Dana sentiu uma picada súbita de diversão, mas manteve o rosto cuidadosamente suave.

—Com uma condição.

—Oh? O que seria irmã?

—Bem, agora, você não estará sozinha.

Um forte senso de presságio tomou conta de Reya.

—Dana o que você fez?

—Maverk vai ficar com você até que...

—De jeito nenhum! De jeito nenhum, Dana, não!

As sobrancelhas da loira subiram com surpresa, com a explosão de sua prima.

—Não é como você ir ao fundo do poço, irmã.

—Não importa, a resposta é não.

—Agora, Reya, isso só até que eu me recupere.

—Não!

—Certo. — Jogando a coberta de lado, Dana expôs o tornozelo machucado, escuro e inchado. —Arranje-me ataduras.

—Para quê?

—Para meu tornozelo, para que possamos ir.

—Droga, você não pode!

—Ou você mantém a companhia de Maverk ou eu fico, — foi o calmo veredito.

—Maldição! — Reya andou em toda a cabine até a parede, voltando os passos com raiva para o lado do beliche. —O que você acha que está fazendo?

—Garantindo que você será cuidada.

—Eu não preciso...

—Assim como você está cuidando de mim, enviando-me para algum lugar seguro — acrescentou Dana presunçosamente.

Reya olhou para ela.

—É uma situação totalmente diferente.

—Venha comigo e nós vamos estar na mesma situação.

—Fora de questão.

—Muito bem, você tem duas escolhas. Eu ou Maverk.

—Eu poderia sair a qualquer momento sem que você saiba!

—Sou uma boa rastreadora, eu iria encontrá-la. Claro, com uma lesão pior do que agora. — Dana estendeu a mão. —Se você não aceitar Maverk, dá-me o curativo.

—Merda! — Reya explodiu, sabendo que ela estava bem e verdadeiramente presa.



Maverk olhou por cima da torrada que estava comendo quando Reya invadiu a cabine de jantar.

—Você não parece feliz, moça.

Travando do outro lado da mesa dele, ela deu um tapa com as mãos para baixo sobre a superfície da mesa e inclinou-se toda para olhar para ele.

—Foi sua idéia, bonitão?

Uma mão jogou o cabelo longo para trás de um ombro.

—O quê?

—Você sabe o que!

—Suponho que você dever-me-ia dizer sobre o que é isso tudo, moça?

Ele quase riu em voz alta quando ela visivelmente rangeu os dentes.

—Não me empurre Maverk! Foi idéia sua?

Ele tomou um gole do suco com prazer, direto do jarro gelado, antes de dizer: — Acho que isso tem a ver com eu acompanhá-la?

—Oh, o que você acha?

Seu olhar interessado caía para os seios generosos empurrando contra o colete firmemente atado, não muito longe dele. Seguindo seu olhar, ela se endireitou rapidamente, com as bochechas rosadas.

Um brilho quente agora iluminava os olhos que viajaram lentamente de volta até seu rosto.

—O que perturba você, moça?

Por um instante, ela se perguntou o que ele queria dizer com seu olhar em seus seios. Na verdade, ele o fez. Então ela viu seus olhos enrugar nos cantos e as palavras seguintes a fizeram gemer mentalmente.

—Atenção, moça, tente manter a sua mente sobre o assunto!

—Eu estou.

—Então, a minha companhia a perturba?

Não havia como ela pudesse admitir que ele fazia, muito mesmo. Todos os momentos que passava em sua companhia, a fazia ter consciência de sua força, suas belas feições, seus olhos castanhos alegres e o seu corpo alto e musculoso...

—Claro que não. Você não é nada mais que um incômodo para mim.

—Não se preocupe quanto mais tempo passarmos juntos, mais eu vou crescer para você. — E dando uma mordida saudável na torrada, ele mastigou com entusiasmo.

—Fale com Dana para desistir desta idéia ridícula.

Drenando o último dos sucos, Maverk se levantou e pegou o prato.

—Você ganhou, não foi?

—O quê? — Com raiva, ela cruzou os braços.

—Dana concordou em ir para casa para se recuperar. — Ele colocou o prato e copo no balcão. —Não é o que você queria?

—Sim, mas...

—Ela não vai deixá-la sozinha, — continuou ele, voltando-se para encará-la.

—Não, e isso é ridícul...

—Independentemente da minha oferta para ficar com você, deu certo. — Ele caminhou até a porta, parando ao lado da guerreira furiosa e permitindo que seu olhar caísse sobre os cachos selvagens vermelho-ouro, antes de olhá-la nos olhos. —Ela estará segura e feliz. Não é isso que você queria?

—Claro, mas...

—Portanto, não há problema, não é? — Rapidamente ele se inclinou e apertou um beijo nos seus lábios, então se endireitou e caminhou rapidamente para longe, antes que ela pudesse revidar, falando por cima do ombro enquanto fazia isso — Pare de se preocupar, moça.

Capítulo 14

Ela seguiu no seu encalço.

—Espere aí, bonitão, você não se esqueceu de alguma coisa?

—Oh? O que seria? — Pisando no elevador da plataforma, ele chegou ao botão de controle.

—Maldição, você vai esperar?

—Eu estou indo para fora, para observar o nascer do sol. Você é mais que bem-vinda para se juntar a mim, moça. Poderíamos dar as mãos e...

—Em seus sonhos. — Pisando no elevador da plataforma, ela garantiu que houvesse tanto espaço quanto possível entre eles, no espaço confinado.

—Com medo de chegar muito perto, no caso de você perder o controle e violentar-me?

—Não, no caso de eu matar você! — Maldito homem, ele tinha um jeito de fazê-la perder a calma, literalmente.

Maverk gostava de ver esta mulher gelada perder a paciência, rigidamente controlada, pois quando ela fazia isso, a geleira em seus olhos derretia com seu fogo interior e ele podia sentir sua fúria frustrada irradiando das curvas deliciosas do seu corpo. Ele saboreou o conhecimento de que era o único homem que podia sacudir a sua compostura. Era uma indicação segura de que, independentemente de seus protestos, ele a perturbava. E isso era bom, porque ela, com certeza como o inferno, o perturbava.

—Você está presa comigo, moça, quer queira ou não. — Ele desceu da plataforma e foi até a porta, puxou a alavanca e baixou a rampa. Caminhando para baixo, ele respirou fundo, o ar fresco do início da manhã.

Reya respirou fundo também, mas não para saborear o ar fresco. Ela estava se esforçando para obter as suas emoções sob controle.

Olhando para ela com o canto do olho, ele sentiu decepção, quando a fachada de gelo caiu em seu rosto. Fogo não queimou em seus olhos; a donzela de gelo estava de volta, no controle.

—Você se esqueceu de uma coisa, bonitão.

—Oh? Que é isso?

—Quem fica com a nave, você ou Garret?

—Garret, é claro, para chegar em casa com Dana.

—Isso deixa você a pé, nos discos, viajando a cavalo, ou ônibus dos planetas. Como você se sente sobre isso?

Maverk sorriu.

—Você vai me proteger.

—Tem toda essa fé em uma simples mulher.

—Você não é uma mera moça, Reya, você...

Torcendo as mãos e chorando, um Chut preocupado estava atrás dela, Zina veio correndo até eles.

—O que há de errado? — Maverk perguntou com preocupação.

—É Mara, — Zina soluçou. —Ela se foi!

—O que você quer dizer?

—Ela não voltou para casa ontem à noite — Chut respondeu. — Sua cama não foi desfeita.

—E seus pais?

—Ela mora conosco.

—Quem não o faz? — Reya murmurou.

Maverk deu-lhe um olhar reprimido, antes de voltar sua atenção para o homem idoso.

—Você já perguntou os outros colonos?

Zina enxugou os olhos.

—Ninguém a viu. Oh, Chut e se ela foi raptada?

—Tenha um grupo de busca pronto para vasculhar a área — Maverk ordenou. —Vamos, Reya.

O casal de idosos correu e ele retornou, só para parar quando percebeu que estava sozinho.

Virando-se, viu Reya observando-o sem expressão.

—Você vem?

—Você busca bonito. Eu vou preparar a minha mochila.

Seus olhos se arregalaram.

—Como é?

—Você ouviu. — Ela recuou até a rampa.

Atordado, ele olhava incrédulo, enquanto ela desaparecia no porão de carga. Certamente ele devia ter ouvido errado.

Chegando até a rampa para o porão de carga, ele a pegou perto da plataforma elevatória.

—Você não vai ajudar?

—Você achará a menina, bem rápido.

—Há uma criança perdida por aí e você não vai ajudar a procurá-la?

—Há uma moça jovem por aí, que deve ter se escondido em um acesso de mau humor porque recusei a levá-la comigo. — Ela pisou na plataforma elevatória.

—Você não está nem um pouco preocupada? — A descrença mudando rápido para raiva.

—Eu não sou sua guardiã. — Ela apertou o botão de controle.

Batendo a mão contra ele, Maverk parou a subida da plataforma e sua mandíbula apertou.

—Você pode não ser a sua guardiã, mas não se sente em parte responsável por seu desaparecimento?

—Não.

—Droga, Reya!

—Você já terminou? Eu quero as minhas coisas. — Novamente ela apertou o botão de controle, ligando a plataforma para cima.

Fervendo de raiva, ele a agarrou pela cintura e a puxou para fora da plataforma facilmente, balançando-a em torno e empurrando-a contra a parede.

A dor atravessou seu ombro ferido, exatamente no instante em que a mesma atacou lateralmente Maverk e sua coxa.

—Maldição! — Liberando-a, ele cambaleou para trás.

—Idiota! — ela gemeu com a dor nas costas e se afastou para longe da parede.

Ele se endireitou, uma mão ao seu lado.

—Você está bem?

—Claro que eu estou — respondeu ela amargamente. —E você?

—Eu vou viver.

—Bom.

—Agora, onde você está indo?

—Como eu disse pegar as minhas coisas.

—Não, você não está.

—Não me empurre bonito. Está com mais dor que eu, então eu tenho uma boa chance de limpar o chão com você.

—Experimente e você não vai se sentar por uma semana, eu prometo.

A ameaça a pegou desprevenida. No passado ela tinha sido ameaçada de morte, esfaqueamento, tiroteio, chicotada e enforcamento, mas nunca de uma surra.

Vendo o choque e a incerteza em seu rosto, Maverk quase riu. Esta mulher enfrentou a morte mais vezes do que qualquer um, sem vacilar e ele sabia, mas suas palavras a haviam atingido. Bom. Agora

ele tinha uma arma contra ela, mesmo que nunca pudesse machucá-la. Mas ela não tinha que saber disso.

—Então o que vai ser moça?

Ela se moveu tão rápido, que ele não teve a chance de reagir. Num segundo, ela estava distante dele, no próximo, tinha um punho em seu colete e um punhal contra a sua garganta.

—Não presuma que as ameaças funcionam comigo, — ela sussurrou, com os olhos ardendo.

—Eu não faço ameaças. Faço promessas.

A raiva ferveu dentro e apertou sua mão sobre o punho da adaga, picando-a contra sua pele. Uma gota de sangue brotou e ela baixou o olhar para a esfera carmesim.

Ele ficou parado, sentindo o agulhão da ponta afiada da lâmina, vendo a fúria em seus olhos.

Ela não podia fazê-lo. Ela queria cortar sua garganta tão mal que sua mão tremia, mas não podia. Com mais ninguém teria feito isso. Mais ainda, era uma mentira. Ninguém mais teria chegado até aqui. Qualquer pessoa que a tivesse ameaçado, teria rapidamente aprendido a lição ou estaria morto. Principalmente morto.

Mas este era o homem que ousou rir e provocá-la, que não tinha medo dela, que a tratou como uma companheira vale a pena ser tratada. Que tinha feito amor com ela.

Olhando-o com olhos atentos, ela disse suavemente,

—Eu poderia cortar sua garganta agora.

—Sim. — A picada do punhal era um lembrete. —Mas você não vai.

—Como você pode ter tanta certeza?

—Você já teria feito isso.

Eles olharam um para o outro num longo silêncio, em seguida, lentamente, o punhal foi retirado. A queda de sangue rolou livre em uma fina linha vermelha no peito liso e maciço.

O frescor de sua pele contra a carne dele aquecida, quando ela parou a queda com um dedo, o fez se sentir como se tivesse sido marcado com o seu toque.

Lentamente, ela manchou o sangue entre o polegar e o dedo indicador, olhando para ele.

—Maldito seja, Maverk.

—Reya? — Ele inclinou o queixo para atender o seu olhar.

—Vá embora e deixe-me. Sabe do que eu sou capaz. Da próxima vez, você pode não ter tanta sorte.

—Sorte não tem nada a ver com isso. Eu acho, talvez, que eu a conheço melhor do que você pensa.

—Não bem o suficiente para aceitar que eu não vou procurar uma fugitiva. — Ela se afastou bruscamente.

—Mara é uma criança, que viu seu ídolo cair na noite passada.

—Difícil. Eu não preciso da complicação de procurar uma menina emburrada. Ela vai aparecer ao anoitecer, uma vez que ela perceba que eu não me importo o suficiente para procurar por ela.

—Você acha que ela está por perto?

—Sim, na esperança de que nós a procuremos. Deixe-a e ela vai voltar.

—Ela poderia estar ferida.

—Isso não é problema meu. Saio em uma hora, com ou sem você.

Raiva e decepção rastejaram de volta para sua voz.

—Eu nunca sonhei que você pudesse ser tão insensível com relação a uma criança desaparecida.

—Desculpe por destruir seus altos ideais. Agora, talvez você veja que é um desperdício de tempo estar pendurado ao meu redor.

Ele a considerava fixamente, antes de virar e sair do porão de carga, falando por cima do ombro, enquanto fazia isso,

— Não saia sem mim.

Com a plataforma elevatória sacudindo até o segundo andar, ela tentou manter sua mente em branco, mas a dor nos olhos azuis invadindo seus pensamentos. Mara tinha coragem, ela lhe devia isso, mas era jovem, tola e cheia de noções tolas.

Caminhando para a cabine que dormia, Reya pegou a mochila contendo as suas roupas, deslizou a espada no cinto por cima do ombro e saiu.

Sim, ela tinha sido dura, mas era melhor que a menina fosse despojada de todas as ideias românticas da vida de Reya, que ela sofresse com o orgulho ferido, agora, e vivesse em segurança, ou tão segura quanto se poderia estar no Setor Fora da Lei.

Típico, tolinha mimada. Fugindo no primeiro golpe em seu ego, não se preocupando com seus avôs, e para quê? Para sentar amuada e ter a satisfação de todos se preocupando com ela.

—Que sirva de lição se ela machucar-se — Reya murmurou, soltando a mochila e espada embainhada na plataforma. —Tola egoísta. — Ela apertou o botão de controle com mais força do que era necessário. —Provavelmente só recebeu alguns arranhões e cortes de correr no escuro. Agora todo mundo está correndo por aí como loucos

para encontrá-la. — O elevador sacudiu a uma parada no compartimento de carga e ela deixou a mochila no canto. —A única coisa que ela precisa salvar, é de si mesma.

Ela ficou olhando para o assentamento agora deserto. Na distância, podia ouvir os colonos chamando o nome da menina. *Tolos. Com tantos na busca, eles provavelmente eliminaram todas as trilhas deixadas pela menina. Isso iria levá-los a gastar mais tempo para encontrá-la, sem dúvida, Maverk de coração mole, não os deixaria até que a criança fosse encontrada.* Independentemente de ameaçar sair, ela não podia, até que ele estivesse pronto, se saísse, Dana viria procurá-la. *Maldição e maldição dupla.*

Meditando, ela olhou para as montanhas distantes. *Havia apenas uma coisa a fazer. Encontrar a traquina fujona, para que ela pudesse sair deste lugar. Merda.*

Na cabana de Zina, ela procurou a área onde ela e Mara tinha conversado na noite anterior e olhou em torno. Mara havia fugido para o assentamento, não para longe dele, de modo que, era o lugar onde iria começar a sua busca.

Ela examinou a área em torno de cada cabana no assentamento, sem encontrar nada, então se moveu para o celeiro e estábulo. Cada centímetro foi revistado, inclusive os celeiros.

De pé dentro do estábulo, ficou olhando sem ver a parede distante. Vagamente, ela registrou o cheiro de cavalos e feno. Onde estaria uma jovem do assentamento? Em direção ao riacho, longe dali, perto da floresta, ou indo para as montanhas? Existiam cavernas lá perto?

De longe, Maverk avistou Reya indo das cabanas, para o celeiro e estábulo. Curiosamente, ele se perguntou o que ela estava fazendo, mas quando vislumbrou a sua maneira metódica de se mover de um lugar para outro, estava examinando o ambiente, então ele sorriu.

Relutante ou não, ela estava procurando.

Ainda havia esperança para a moça. Algum tempo depois ele a viu entrar no último estábulo e perguntou-se por que ela persistiu na busca do assentamento, primeiro. Era óbvio que Mara não estava lá. Ele decidiu que queria perguntar-lhe.

A luz do sol filtrava pelo estábulo e pegou seus cachos brilhantes, colocando-os em chamas. O brilho dourado parecia acariciar a pele lisa e enfatizava a curva dos seios e quadris generosos, a força magra das pernas bem torneadas. Ele ficou parado na porta e festejava os olhos na mulher que amava. Ele estudou as

linhas regulares dos seus traços, a curva do seu rosto, o vermelho de seus lábios macios e os surpreendentes e pálidos olhos verdes.

Imersa nos pensamentos, ela era a imagem de uma guerreira fria, calma, mas embaixo disso queimava um fogo que ele havia provado. Um incêndio que queria ver em seus olhos no lugar da frieza, um fogo que ardia quando fez amor com ela e segurou-a em seus braços. Um incêndio que afugentava o frio.

—Acabou de olhar?

—O quê? Oh. — Ele balançou a cabeça e entrou no estábulo ao lado dela. —Eu só estava me perguntando o que você estava fazendo aqui.

O estreito olhar desafiou-o a comentar o assunto.

—Mara correu de volta para ao assentamento. Este seria o lugar mais lógico para procurar primeiro.

—É claro, — ele respondeu sério, com os olhos brilhando. — Você achou alguma coisa?

—Não. E você?

—Infelizmente, não. Ela parece ter desaparecido.

—Ninguém desaparece.

—Então, onde ela está?

—Se você quer uma cartomante, bonitão, não olhe para mim.

Quando ela passou por ele, não pode resistir, serpenteou o braço ao redor de sua cintura e puxando-a de volta para cima, contra ele.

Ela reagiu imediatamente, dobrando o joelho esquerdo e mantendo a perna direita em linha reta, envolvendo uma mão só abaixo de seu cotovelo e outra no braço e puxando firme. Maverk, com um juramento de dor assustada, tombou-lhe a perna reta e bateu no chão, espalhando feno.

Ignorando a queimadura no ombro, ela declarou,

— Caia na real.

Empurrando-se com cuidado sobre os cotovelos, ele disse com tristeza:

— Você é uma mulher difícil.

Reya estendeu a mão e por um segundo ele pensou que ela estava o alcançando, mas depois seguiu seu olhar atento para o chão ao lado dele e viu a pequena mancha de sangue seco e algo mais.

—O colar de Mara. — Ela segurou a corrente de ouro com uma pequena estrela dourada que brilhava a luz do sol.—Ela esteve aqui.

Ajoelhando-se ao lado dele, Reya cuidadosamente espalhou mais o feno, em busca de evidências do que ela sentia no fundo dentro de si mesma. Especialmente depois de ver o sangue.

Maverk procurou no feno e sua mão encontrou um pequeno objeto. Ele ergueu-o ao sol.

—Isso é um botão. — Ele suspirou com decepção.

Reya se inclinou mais perto e estudou, com o rosto sombrio.

—O que é isso? — Maverk consultou.

—Não é um botão. Veja o padrão do lado, o "DM"? É uma assinatura pessoal.

— Não entendi.

—É uma arma de pequeno porte. O fabricante a marca sempre com a sua assinatura pessoal.

—Estúpido. Faz o proprietário mais fácil de controlar.

—Errado. Esta arma foi feita por um homem que ganha à vida projetando e vendendo todos os tipos de pequenas surpresas. — Tomando o pequeno objeto, ela ergueu-o entre o polegar e o indicador. — Mara foi raptada.

—Sequestrada? Como você pode ter tanta certeza?

—Somente aqueles no negócio mercenário ou fora da lei podem comprar do fabricante esta beleza. Estes colonos não satisfazem os padrões.

—Quais são os padrões?

—Ser um assassino que pode manter sua boca fechada. — Endireitando-se, Reya saiu do estábulo.

Ele deveria saber. Ele deixou-se caminhar ao lado dela na estrada esburacada.

—Você está certa de que ela foi sequestrada?

—Onde estão Zina e Chut?

—Na floresta, procurando.

—Eu preciso falar com eles.

—Você pretende contar-lhes que sua neta foi levada por assassinos?

—Alguém tem que contar e eu quero descobrir um pouco mais sobre quaisquer outros desaparecimentos por estas bandas.

Um calor o encheu.

—Você vai procurar por ela.

—Eu nunca disse isso.

—Então, por que o interesse?

—Estou cautelosa. Se tiver assassinos por aí, quero saber sobre isso, antes de sair a pé.

—É claro. Como sou parvo.

Ela ouviu o riso em sua voz. *Bastardo sarcástico.*

—Com esse tipo de atitude, bonitão, você vai ser morto em algum momento.

—Não, eu não vou, — disse ele alegremente. —Tenho fé absoluta que você vai cuidar de mim.

—Não coloque sua fé em alguém que você não conhece.

—Eu a conheço.

—Você pensa assim.

—Eu conheço você ainda mais depois que estivemos juntos por algum tempo.

—Um homem sábio não procura encontrar uma resposta que ele vai encontrar desfavorável.

—Uma resposta? Portanto, há uma pergunta sobre você.

—Eu nunca disse isso. O que você vê é o que obtém.

—Eu duvido disso. Debaixo deste exterior frio, arde o fogo da paixão.

—Não seja ridículo. Fantasias...

—Não é fantasia. Você esquece que provei desse fogo.

Seu rosto aqueceu.

—Isso não era fogo.

—O que foi?

Ela foi salva de responder pela chegada de uma Zina chorosa.

—Não há sinal de Mara. Stella diz que seu filho mais novo acordou nas primeiras horas desta manhã, dizendo que ele tinha ouvido um grito. Stella pensou que a criança estava sonhando e colocou-o de volta na cama. Será que ele estava certo, Reya?

—Alguém mais ouviu alguma coisa?

—Perguntei a todos, mas não.

—Nós vamos procurar por ela, — Maverk informou a Zina.

—Nós vamos? — Reya lhe enviou um olhar afiado sobre o ombro.

—Sim, nós vamos. — Seu olhar caiu brevemente sobre ela, antes de passar a olhar para a mulher idosa com preocupação. — Tente não se preocupar.

—Nós temos procurado em toda parte. — Zina enxugou os olhos. —Por onde começar? Primeiro Zac e agora Mara. O que fiz para merecer isto?

Caminhando até ela, Maverk deu uma tapinha nos ombros arqueados.

—Reya tem uma idéia...

A cabeça cinza subiu esperando.

—Você sabe...

—Não, eu não sei, — disse secamente Reya, mas abrandou o tom quando viu o rosto amassado da velha. —Eu só tenho uma idéia, o que pode não estar correto.

—Mas você vai tentar? — Esperança estava de volta em seu rosto. —Você vai tentar encontrar Mara?

Maldita. A última coisa que ela precisava era ser confrontada com este problema.

Os olhos desbotados olhavam implorando para ela, com uma expressão que a jogou de volta para os anos em que ela e suas irmãs guerreiras eram bandidas, com o tempo frio, fome e privações. Os olhos que tinham contemplado suplicantes então, não tinha sido para ela, mas para sua mãe, Karana. O vento frio tinha gritado ao redor do abrigo pobre da cabana. Todo mundo estava com frio e fome. Karana tinha olhado para baixo, para a velha Reeka, com o rosto enrugado, sorriu e saiu para o frio para buscar alimentos, sem uma palavra de reclamação. Quando ela voltou naquela noite, foi com cinco galinhas roubadas a uma milha de distância do assentamento. Por vários dias depois que ela esteve doente e a velha Reeka cuidou dela diligentemente.

Zina tinha os mesmos olhos suplicantes e Reya sabia o que sua mãe teria feito. Não era muitas vezes que ela permitia a Karana intrometer-se em seus pensamentos e rebocar em sua consciência por apenas razões como esta.

Reya amaldiçoou e Maverk sorriu.

Capítulo 15

Com os braços cruzados, Reya olhava para o céu, muito tempo depois que a nave de viagem Daamen, carregando uma Dana preocupada e um Garret sorridente, desapareceram de vista.

—Venha, moça, quanto tempo você vai ficar com raiva de mim?

Lentamente, ela virou o rosto para ele.

—Eu não vou ser obrigada a aceitá-lo.

—Quem diz que você tem? — Uma sobancelha loira levantou-se interrogativamente.

—Não havia necessidade de comprar outra embarcação.

—É isso que preocupa você? O fato de que não sou tão mau quanto pensava?

—Não, por você perder dinhos com conforto.

—Ah. — Maverk olhou-a com diversão. —Você ouviu-me dizer ao comerciante que procurava conforto para nós, em nossas viagens.

—E uma cama macia para nossas aventuras.

—Você não quer uma cama macia para descansar?

—Essa não foi a impressão que você transmitiu e sabe disso!

—Qual é, eu me certifiquei que havia dois beliches e não um, não foi?

—Os dois estão na mesma cabine!

—Não seja tão exigente. Esta nave, — ele bateu o casco de aço contra a qual ele inclinou-se, — é pequena, rápida e carrega uma arma de laser em cima. Justamente o que precisamos em nossa busca por Mara.

—O que nós não teríamos que fazer, se você não fosse tão sangrentamente nobre!

—E que nós vamos fazer muito mais rápido nesta nave espacial. Agora, estamos prontos para partir?

Ela queria bater-lhe, apenas um bom soco no seu belo rosto presunçoso. Em vez disso, ela seguiu-o e em três passos estavam na nave.

Maverk admirava seus quadris balançando enquanto ele a seguia para dentro da nave.

Reya mal olhou para as quatro cabines, sabendo que elas eram a sala de máquinas, sala de estar, banheiro e cabine de dormir. Ela não teria se importado tanto se tivesse dois camarotes. Ela teria que dormir no sofá na cabine de estar. Era grande e largo o suficiente para fazê-la bastante confortável, ela decidiu.

Entrando na cabine de comando, ela caiu em uma cadeira diante do painel de controle. Sentando na outra cadeira, Maverk pressionou o botão verde no painel e um chiado passou pela máquina quando os motores foram iniciados.

—Será que isso nos leva em qualquer lugar com segurança?

—Não se preocupe querida, vou levar-nos em qualquer lugar que você queira ir.

—Apenas ligue esta coisa, certo?

—Seu desejo é meu comando.

—Pare de babar esta podridão e vamos andando, bonitão. A menos que você esteja tentando ganhar tempo, caso essa casca de ovo não saia do chão?

—Desagradável. — Um brilho entrou em seus olhos. —Quer fazer uma aposta sobre ela?

—Apostar?

—Uh—huh. Se nos levar ao espaço em uma única manobra, recebo uma recompensa. Se eu falhar, você recebe uma recompensa.

—Qual é a sua recompensa?

—Que tal, um beijo da moça que eu mais desejo!

—E a minha recompensa? — Gotas de gelo praticamente escorriam de suas palavras.

—Você ganha um beijo de mim, afinal de contas, eu sou um bom esportista e mais do que disposto a compartilhar o prêmio do vencedor.

Ele era o imbecil mais irritante que já conheceu.

—Basta botar essa coisa no ar.

—Então você vai dar a minha recompensa?

—Confie em mim, você não quer o que sinto que você tão ricamente merece.

—Como você sabe?

—Instinto visceral. Você não será capaz de ver o painel de controle bem o suficiente através de um olho roxo.

—Irritante! Certo, oh, quanto ímpeto, aonde vamos chefe?

—Urion.

Ele olhou para ela intrigado.

—Exatamente onde em Urion?

—Dez quilômetros ao norte de Zartep.

—Ah, a floresta onde você e suas irmãs guerreiras viveram durante os últimos anos de fora da lei.

—Será que vamos sair ou não?

Ele se virou para o painel de controle.

—Vamos, moça, não tenha medo.

A nave se levantou do chão tremendo, estabilizou e em segundos estava indo para o espaço. Maverk definiu as coordenadas, colocou a nave no piloto automático e girou a cadeira para ficar de frente para Reya.

Ela olhou friamente, quando ele se inclinou para trás, colocando as mãos atrás da cabeça e cruzando os tornozelos com facilidade.

—Qual é o seu problema, bonito?

—Eu não tenho um, mas você tem.

—Eu? — *O que ele tinha até agora?*

—Você tem medo de ficar sozinha comigo e eu tenho a prova.

—E o que é isso?

—O seu desempenho sobre compartilhar a cabine de dormir.

—Porque você me irrita, bonito, nada mais.

—Como eu poderia fazer isso? Eu estarei dormindo.

—Muito facilmente. Você está fazendo isso agora.

—Talvez você esteja preocupada por que não será capaz de manter suas mãos longe de mim, mas eu não me importo.

—Não lisonjeie a si mesmo. Essa é a menor das minhas preocupações, Maverk. Tenho coisas mais importantes na minha mente, do que o seu corpo.

—Então, meu corpo está em sua mente, mesmo um pouquinho?

Reya se levantou bruscamente.

—Vamos deixar uma coisa perfeitamente clara. O que aconteceu na taverna não será repetido, nunca. Não há nada entre nós, entendeu?

Imperturbável, ele levantou uma sobrancelha para ela.

—Sua companhia foi forçada sobre mim, devido à teimosia de minha prima e, só por causa dela, eu suporto você. Graças as suas idiotas ideias nobres, estou tentando encontrar uma criança, em quem não tenho nenhum interesse. Quem é estúpido o suficiente para andar no escuro quando sabe que é perigoso.

—Mara quer ser como você, — ele apontou para ela.

—Bem, agora ela tem a oportunidade de saber como a gente se sente ao estar entre o inimigo. Tenho certeza que ela está tendo um momento maravilhoso.

Toda a provocação sumiu.

—Isso é uma coisa terrível de se dizer.

—Acostume-se. Enquanto estiver na minha companhia, você vai ouvir um monte de coisas terríveis. Se não gostar disso, vá embora.

Maverk desdobrou o grande comprimento para ficar mais alto que a guerreira.

—Você gostaria que eu fosse embora, não é?

—Quanto mais cedo melhor.

—Você está presa comigo, Reya, gostemos ou não, e enquanto estou com você, vai aprender muito sobre mim também.

—Isso me emociona até ossos.

—Fico feliz em ouvir isso. — Ele sorriu esfaimadamente: — Porque eu vou gostar de ensinar-lhe.

Um arrepio desceu por sua coluna e ela foi forçada a se afastar.

—Não estou interessada.

—A um segundo atrás você estava feliz.

—Acostume-se com o sarcasmo, bonitão.

Ele estava começando a enervá-la. Aqueles olhos castanhos pareciam espreitar a sua própria alma, pesquisando e sondando o que ela realmente sentia e pensava. Ele era muito teimoso, muito persistente, muito confiante e muito bonito.

Bonito? Onde diabos tinha isso a ver?

Assustada e irritada com o pensamento inesperado, Reya abruptamente tentou passar por ele, apenas para ser parada por uma grande mão em seu braço.

—Solte-me.

—Fugindo, já?

—Não me empurre.

—Ou o quê? — Ele deu um passo em frente dela. —Você vai me matar? Nós já passamos por isso antes, Reya. Você não vai fazê-lo.

—Eu posso fatiá-lo um pouco. Eu já fiz isso antes.

—Com um amigo?

—Você não é um amigo.

—Então o que sou eu? Seu inimigo?

—Um aborrecimento.

—Então, não sou um inimigo. — Ele olhou aborrecido para ela. —Nem um amigo. Mas apenas um conhecido, ou, para nós que temos um passado histórico, isso nos leva para, além disso.

Suas bochechas ruborizaram.

—Naquela noite na taverna...

Uma diversão fraca torceu seus lábios.

—Para alguém que insiste no que não aconteceu isso pula para a sua mente com uma rapidez impressionante. Eu estava me referindo ao tempo que ajudei a provar a inocência de sua raça. Nós não éramos seus inimigos e eu não sou agora.

—Esse tempo acabou.

—Esse tempo trouxe casamentos entre algumas das suas irmãs guerreiras e meus amigos, incluindo sua irmã de sangue. Há um laço entre nós, que você parece determinada a quebrar.

Seus olhos queimaram.

—Não se atreva a sugerir que eu procuro quebrar os laços entre minhas irmãs e seus maridos, ou entre uns e outros!

—Você não compreende. — Ele a considerava atentamente. —O vínculo é entre você e todos nós.

Era como se uma armadilha estivesse fechando ao seu redor.

—Eu não sei o que você quer dizer.

—Não minta para mim, Reya, a honestidade é algo que sempre admirei em você. Você deixou Comll sem um adeus e não enviou uma palavra a ninguém, desde então. Tudo o que sua irmã sabe de você, são fragmentos de boatos que outros comerciantes que cruzaram seu caminho, trazem de volta. Você vira as costas para a paz...

—Basta.

—Você volta a uma vida de guerra e morte, e as suas irmãs guerreiras ficam doentes de preocupação com você. Incluindo Dana.

—Eu disse, basta!

—Eu falo apenas a verdade. Você vira as costas para tudo o que lutou, agora Tênia pede uma coisa para você e você vira as costas para ela, sem explicação. A todos nós. Você rejeitou a todos nós.

—Maldito seja! — Ela tentou puxar-se fora de seu domínio, apenas para ser pressionada mais firmemente, mas com cuidado, de volta contra a parede. — Me solta!

—Não somos bons o suficiente para você? — Ele continuou implacavelmente. —Será que estamos tão abaixo de você que não podemos sequer limpar a sujeira de suas botas?

Seu rosto ficou lívido.

—Como você ousa sequer pensar em me questionar, comerciante! — Sua voz vibrava com raiva e dor.

—Atrevo-me pela alta consideração que tenho por sua irmã. — Maverk odiava o tormento em que ele estava colocando-a, mas sabia que apenas empurrando-a para o limite, ele teria uma chance de obter respostas. —Consideração que você, aparentemente, não tem por ela.

—Você não tem idéia dos meus motivos para fazer as coisas que faço! — ela assobiou. —Nenhuma!

—Então me diga e deixe-me entender.

O silêncio encheu o ar, espesso, com segredos escondidos que escureceu a alma de um e deixava perplexo o coração do outro.

Fechando os olhos, Reya baixou sua cabeça para frente.

—Você não tem idéia do que me pede.

—Diga-me, — ele insistiu gentilmente. —É tão ruim que eu não entenderia? Que sua própria irmã de sangue não entenderia?

—Ela nunca deve saber. — As palavras foram abafadas.

Colocando seu dedo sob o queixo, ele inclinou sua cabeça para trás e seu coração se apertou com a agonia em seus olhos.

—Pode confiar em mim. Compartilhe comigo, o que faz você sentir que não pode retornar para a sua gente.

Ela enfrentou seus olhos, hesitante.

—Maverk, eu...

—O que, moça? O que você fez? — Sua voz era suave, suas mãos não eram mais emocionantes, mas reconfortantes.

Eu já causei mais destruição do que você jamais vai saber. Larguei minhas crenças e matei aqueles que não devia matar, os abati e deixei-os para apodrecer ao sol.

—Estou verdadeiramente condenada, — ela sussurrou.

As suas palavras, combinadas com o tormento nos olhos dela, o deixaram gelado.

—O que quer dizer, Reya? Por que você está condenada? Não estou entendendo.

—Não entende... — ela repetiu, em seguida, piscava.

Que diabos ela estava fazendo? Ela tinha quase revelado o seu segredo obscuro, que enegreceu a sua alma e que esmagou qualquer amor que ela e sua irmã compartilhavam qualquer amor e amizade que teve com as suas irmãs guerreiras.

Não, ele não entenderia. Ninguém, exceto aqueles que sobreviveram e mantiveram o segredo, dispersos após a batalha.

Ninguém deve saber. Com um breve lampejo de compreensão, Reya percebeu que não poderia suportar que este homem ouvisse as palavras que a condenaram, para ver o horror e repugnância encher os olhos dele, do seu desgosto enquanto recuar para longe dela. O mesmo desgosto que estaria nos olhos de cada uma das Reekas quando descobrissem a escuridão que comia a sua alma.

Que a levava, a cada dia, mais próxima da loucura.

—Não. — Ela piscou e seus olhos tornaram-se sem emoção mais uma vez.

Maverk sentiu a sua retirada espiritual, a escuridão que estava sendo sugada para dentro dela, ele amaldiçoou interiormente.

—Reya...

—Não é de sua conta, bonitão. — A cortada fria havia retornado para o seu tom rouco. —Não temos tempo para perder remoendo o passado.

—O que você quis dizer sobre ser realmente condenada?

—E não são todos os assassinos contratados? Não há céu para nós. O fogo do inferno é o meu destino.

—Não diga isso, — ele rosnou frustrado, sabendo que a oportunidade se foi.

—Você disse que sempre admirou a minha honestidade. Mudou de idéia?

—Vou descobrir o seu segredo, Reya.

—Alguns segredos não foram feitos para serem descobertos, bonitão. Não desperdice o seu tempo na tentativa de conseguir o que você não pode ter. Em vez disso, coloque a sua mente em Mara e em quem a poderia ter tomado.

—Mara?

—Sim. A moça que foi levada? A que você prometeu que ia encontrar?

—Oh, Mara. — Com um suspiro, ele recuou.

O calor de seu corpo deixando o dela deixou uma sensação de perder algo que ela precisava. Ridículo. Ela se dirigiu para a porta.

—Verifique as coordenadas de novo.

—Reya?

—O quê?

Ele se inclinou para trás na cadeira.

—Eu estarei aqui quando você precisar de mim.

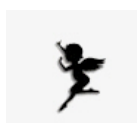
—Eu estou sozinha.

—Você pode estar, mas não por muito tempo.

Ela saiu sem responder.

Inclinando-se para trás na cadeira, ele colocou o cotovelo no braço e descansou o queixo sobre o punho, pensando sobre a conversa estranha, tentando encontrar uma explicação. Suas palavras flutuaram de volta para ele. “Estou verdadeiramente condenada.” “Você não tem idéia.” “Ela nunca deve saber.”

Saber o quê? Qual era a chave do enigma? O que lhe causou tal angústia?



Parando na cabine de estar, Reya se enrolou no sofá e mergulhou em um dos livros deixados para trás pelo ocupante anterior.

Maverk a procurou, mas além de responder a consultas com um grunhido, ela o ignorou. Decidindo que ele empurrou sua sorte o suficiente por enquanto, voltou para a cabine de comando e sentou-se confortável em uma cadeira com suas botas apoiadas em outra.

O tempo passou rapidamente e ele finalmente despertou de um cochilo e foi buscar algo para comer, antes de procurar o seu beliche. Passando pela pequena cabine contendo o banheiro, ele ouviu a água correndo. Reya estava no chuveiro. Continuando na cabine de estar, ele mastigava uma maçã e a pousou sobre a mesa, aguardando sua chegada.

Quando ela apareceu, estava com cobertas dobradas debaixo do braço, que ele reconheceu como vindas de um dos dois beliches.

—O que é isso?

—O que você acha?

—Eu não vou dormir aqui fora se é isso que você está insinuando.

—Não, eu vou.

As sobrancelhas subiram.

—Você?

—Você pega rápido. — Ela deixou cair às cobertas no sofá.

Mordendo a maçã, ele olhou para seu traseiro bem modelado, apreciativamente, quando ela inclinou-se para dobrar as cobertas de forma segura.

—Você realmente pretende fazer isto?

—Isso é o que parece, não é?

—Sim, parece, mas por quê? Algo errado com os beliches?

—Vamos apenas dizer que eles não me servem. — Ela pegou o livro que tinha lido.

Diversão tingia as suas palavras.

—Eu acho que eles se adequam melhor do que o sofá.

—Eles não.

—Você vai pensar diferente quando acordar com uma cãibra. Esse sofá pode ser longo, mas você é mais.

—Vou administrar. Agora vá embora para que eu possa dormir um pouco.

—Eu recebo um beijo de boa noite? — Assim, com o olhar cortante que ela lhe enviou, ele deu uma gargalhada. —Ah, bem, mas

valeu à pena tentar. Se você mudar de idéia, a minha porta está sempre aberta!

—Assim como a sua cabeça, razão pela qual não há cérebro lá dentro, — ela murmurou.

Sua cabeça bateu para trás em torno do canto.

—Você disse alguma coisa, moça?

—Cai fora.

Ele riu e saiu.

Ela ouvia os sons que Maverk fazia enquanto se preparava para a cama. Sua voz de barítono profundo podia ser ouvida, abafada pela água. *O homem sanguinário cantava no chuveiro. Qual seria a próxima?* Não que seu canto fosse terrível. Na verdade, era muito reconfortante. Foi a música que a incomodou, era obscena e cheia de insinuações. *Típico.*

Com alívio ela finalmente ouviu-o sair do banheiro e ir para sua cabine. Ele cantarolava alegremente enquanto apagava as luzes e entrava no beliche, o ranger do quadro atestava o desacostumado peso que detinha.

Furtivamente Reya tirou a roupa e vestiu a camisola, sentindo-se como uma idiota, em torno, na ponta dos pés como uma virgem tímida. Que não era mais, graças a Maverk. Ela corou e sentiu uma onda de irritação. Ela nunca corou droga, mas perto do seu gigante loiro, estava ficando vermelha mais vez em um dia do que já tinha ficado em sua vida inteira!

O que diabos estava acontecendo com ela? Muitos homens olharam-na com luxúria e isso nunca a preocupou. Uma palavra rude ou lampejo de sua adaga era o suficiente para mantê-los todos à distância. Não teve uma vez que ela ficasse corada ou autoconsciente sobre isso. Então, por que um ardente olhar de Maverk fazia seus joelhos ficarem fraco?

Irritada ela se jogou de volta no sofá e puxou a coberta até a cintura. Maravilha, o grande idiota estava certo novamente. O sofá era longo, mas ela era maior. Seus pés ficaram presos sobre o braço. Para se sentir confortável, teve que dobrar os joelhos.

Não estaria confortável por muito tempo. Ela rolou para o lado e uma mola prendeu nela. Apalpando no fundo para colocar uma almofada, colocou-a sobre a mola. Agora, ela tinha que dormir em um caroço.

Amaldiçoando a si mesma, ela virava no sofá. Cruzou pela sua mente dormir no chão, mas o pensamento de sua cara presunçosa, se ele a visse lá por sua teimosia, *tolamente*, sua mente escarneceu e

ficou no sofá. Além disso, dormindo no chão não descartaria os sonhos perturbadores que ela tinha tido ultimamente, sobre certo comerciante.

Ouvindo o jogar inquieto, atormentado e os palavrões abafados, Maverk sorriu e esperou que ela admitisse a derrota e se infiltrasse no beliche oposto. Ele adormeceu a espera.



Ela não admitiu a derrota e quando ele apareceu de olhos brilhantes na porta da cabine de estar, na manhã seguinte, encontrou-a sentada à mesa com os olhos pesados.

Reya acidamente voltou a sua saudação alegre.

—Teve uma boa noite de sono? — Ele se serviu de um copo enorme de suco.

—Maravilhosa! — ela retrucou.

—Minha cama era confortável. — Ele inclinou-se e deu um olhar astuto. —Como estava o sofá?

—Delicioso. — Ela deixou a cabine rigidamente.

Ele riu.

O dia foi uma repetição do anterior, ambos na leitura para o tempo passar.

Na hora de dormir, se aproximou, viu com diversão como ela botou a cobertura sobre o sofá.

—Minha oferta continua de pé.

—Estou perfeitamente à vontade.

—Tudo bem. Boa noite.

Ele adormeceu com os sons de seu jogar e virar. Quando ele acordou algumas horas depois, tudo estava quieto e ele pensou que ela devia ter encontrado uma posição confortável, depois de tudo.

Sentindo sede, ele decidiu ir ao banheiro para tomar uma bebida, assim ele não iria perturbá-la. Voltando minutos depois, ele olhou para a cabine de estar quando passou e parou.

Reya estava enrolado no canto do sofá, o cotovelo no braço e rosto apoiado em sua palma.

Entrando em silêncio, ele olhou para ela, vendo as sombras escuras sob os longos cílios negros. Ela estava dormindo, mas estava perturbada, seu suspiro suavemente puxou o coração dele.

—Hora de dormir, moça, — ele disse suavemente.

—Hmm? — ela murmurou, sem despertar.

Deslizando um braço debaixo dos joelhos e outro nas costas, ele a ergueu sem esforço em seus braços. Ela se mexeu, mas suas palavras de conforto macio tranquilizaram-na e ela deslizou de volta no sono.

Em seus sonhos ela se sentia quente e segura, havia um refúgio de força suave em torno dela, se aconchegou mais perto, imaginando que um perfume quente e limpo enchia os seus sentidos. Ela estava sendo carregada com carinho e colocada em um casulo morno, um roçar macio de algo bom em sua bochecha.

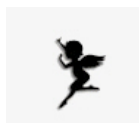
Era um sonho bonito.

Maverk a sentiu aconchegar e uma onda de protecionismo encheu sua ação confiante. Sim, ela estava dormindo, se tivesse acordada teria agido de forma diferente agora, mas seu subconsciente confiava nele e isso era um bom sinal.

Na cabine de dormir, ele a deitou em sua cama, puxando a cobertura para cima e dobrando-a em volta dos ombros. O amor por ela aqueceu seu coração, enquanto observava as linhas tensas em seu rosto, relaxarem. Abaixando, ele tocou seus lábios no rosto liso e viu uma curva leve de sorriso nos seus lábios.

Com um sorriso, ele pegou a cobertura abandonada na cabine de estar. Desligando as luzes, deitou-se no outro beliche e puxou a cobertura sobre si mesmo, sentindo o cheiro fraco de rosas que emanava. Respirando profundamente, ele olhou para a cama do outro lado da cabine. Ele não podia vê-la no escuro, mas sabia que a mulher que ele amava estava deitada, dormindo pacificamente nas proximidades.

Com um sorriso satisfeito ele adormeceu.



Ela acordou lentamente, estendendo-se luxuosamente. A sensação de satisfação passou através dela. Maverk estava errado. O sofá era perfeitamente confortável. Ela não conseguia se lembrar de ter um sono tão bom em tempos, quente e seguro, rodeado por um aroma limpo, masculino...

Seus olhos se abriram e ela virou a cabeça para ver o beliche ordenadamente arrumado, no lado oposto. Esta não era a cabine de estar e ela não estava deitada no sofá!

Seu sonho, na noite passada, não foi um sonho.

Maldito Maverk!

Capítulo 16

Saindo fora da cama tão rápido que quase caiu, Reya recuperou o equilíbrio e saiu da cabine em busca do comerciante arrogante. Encontrou-o na cabine de controle, sentado em uma cadeira e digitalizando o radar.

—Como você se atreve a retirar-me do lugar que eu escolhi para dormir!

Sorrindo para si mesmo com o calor de sua voz, não se virou para olhar para ela.

—Você estava esgotada e certamente não estava confortável.

—Isso não é sua preocupação!

—Eu acho que é. Estamos no meio do Setor Outlaw, um lugar perigoso em qualquer momento e você, moça, estava cansada e teimosa demais para admitir que não estava dormindo bem. Você não acha que, sob as circunstâncias, o mais sensato seria ficar alerta em um lugar como este?

—Eu já cuidava de mim mesma antes que você viesse e continuarei a fazê-lo!

—Nós não temos tempo a perder com discussões. — Ele apontou para o scanner. —Nós estamos chegando ao nosso destino em dez minutos.

—O quê? Estamos em Urion?

—Sim. Melhor vestir-se, moça, a menos que você pretenda ir a busca do fabricante da arma com sua roupa de dormir.

Fumegante, Reya se dirigiu para a cabine de estar onde as roupas dela ainda estavam no sofá. Agora não era o momento de lidar com a prepotência de Maverk, mas sempre havia depois! Agora, havia uma tarefa a ser tratada, em um assentamento perigoso. Ela tinha que conseguir com Deathman para revelar o comprador de suas únicas armas. Isso não ia ser fácil.



Urion não tinha mudado nada em dois anos, desde a última vez que ele tinha visto, Maverk observou. O assentamento continuava grande, espalhado e sujo. Tabernas abundantes pelas ruas e os olhos

duros das prostitutas vigiavam ao redor das portas e nas varandas. Pessoas com roupas ásperas de todos os estilos passavam apressados aqui e ali, do outro lado da larga e empoeirada rua, homens com olhos gelados e feições duras, caminhavam pelas calçadas. Risos bêbados saíam das tabernas, juntamente com os sons de vidro quebrado e canto. Soou um grito estranho e um choro, que ninguém tomou conhecimento. Isso nunca iria mudar.

Mais de um par de olhos seguiram o comerciante gigante e a guerreira alta quando eles caminharam no meio da rua quente, jatos de poeira fugiam sob suas botas.

—Lugar legal, — Maverk disse secamente, quando uma janela da taberna quebrou e um homem bateu na calçada.

Reya o viu cambaleando sobre seus pés e correr de volta para dentro, mas seus sentidos estavam sintonizados para pegar o mais leve movimento que poderia ser uma ameaça.

—Ei, Reya, tem um guarda-costas? — uma prostituta gritou para baixo, da varanda de uma taverna próxima. —Como consigo para mim um pedaço grande como esse que você tem?

Seu passo nunca vacilou, nem seus olhos saíram da estrada.

—Se você o quer, ele está à disposição, você pode tê-lo, Valra.

—Whoeee! Ei, musculoso, venha cá! Eu tenho algo que você pode ter de graça!

Maverk sorriu para a prostituta. Sua oferta era apenas uma das muitas que ele recebeu de mulheres durante toda a sua vida.

— Meu doce temo que só possa lidar com uma moça de cada vez e agora, — ele piscou, — eu tenho uma mulher selvagem puxando a minha corrente!

Ela soltou um grito de riso.

—Maldição, mas você é encantador!

—Ela está certa — murmurou Reya com desgosto sob sua respiração.

—Você disse alguma coisa, minha pequena moça selvagem?

—Nada que valha a pena ouvir. Vire à esquerda aqui.

Pararam diante de um beco estreito, que só era grande o suficiente para permitir-lhes irem em fila.

—Depois de você. — Ele fez um gesto expansivo. —Moças, primeiro.

—Saia da galhardia, bonitão, que é um desperdício comigo.

Ele acertou o passo atrás dela.

—Eu não penso assim. Para mim você sempre será uma moça de classe.

—Então você terá uma grande decepção em breve.

Maverk riu e ela olhou por cima do ombro. Ele era tão alto que bloqueava qualquer visão da rua, seus ombros enormes eram tão amplos que quase roçavam a parede em cada lado do beco estreito.

—Como o que você vê?

—Se o seu ego fosse maior, nós nunca conseguiríamos colocar você de volta na nave.

—Eu tenho algo muito maior do que o meu ego, — respondeu ele alegremente. —Cresce cada vez que vejo você...

—Nós estamos aqui.

Na parede do beco estreito, havia uma porta de metal pesada. Levando a pistola laser, ela usou a coronha para bater acentuadamente sobre ela. Um minuto inteiro se passou sem reconhecimento.

—Talvez ele não esteja em casa, — sugeriu Maverk.

—Ele está.

Um pedaço de aço na porta bateu para trás para revelar uma pequena abertura. Olhos cinzentos lacrimejantes olharam para eles.

—É você, guerreira.

—Temos negócios com você.

Os olhos lacrimejantes cinza mudaram para Maverk e se estreitaram suspeitosamente.

—Desde quando os comerciantes Daamen lidam com armas de morte?

—Não é o seu negócio fazer perguntas, Deathman. — Reya disse friamente. —Você nos recebe ou não?

—Muito bem.

A abertura de aço fechou e a porta se abriu sem ruído. Entrando rapidamente, Reya deu sobre o quarto nu e frio um olhar arrebatador. Além dos armários de aço, estava vazio.

Seguindo-a, o olhar curioso de Maverk tomou a única mesa e a lâmpada sobre suas cabeças. Não havia nada que sugerisse que o estranho homem magro com a cabeça careca e barba irregular, era um fabricante de armas.

—Então, o que você deseja neste momento, guerreira? — Deathman esfregou as mãos. —Nova atribuição? Ouço que os senhores da guerra em Vulya estão à procura de combatentes.

—Busco informações.

—Eu não lido com isso.

—Você pode fazer agora. — Retirando o objeto pequeno e redondo da bolsa em seu cinto, ela o segurou na palma da mão. — Isso tem a sua marca nele. A quem você vendeu?

Tomando o objeto da mão dela, sua expressão suavizou-se, olhos franziram nos cantos quando ele acariciou a pequena arma mortal, amorosamente.

—Este é um mini-cortador.

—O que exatamente é isso? — Maverk perguntou.

—Olhe. — Ele atirou o objeto pequeno na mesa de madeira.

Várias lâminas afiadas piscaram para fora, girando pelo ar e incorporando em si mesmo profundamente na madeira da mesa.

—Corta através de um homem e sai do outro lado em questão de segundos — Deathman informou-o com orgulho.

Maverk podia acreditar. De repente, o idoso já não parecia inofensivo. Agora ele podia ver o brilho maníaco nos olhos cinza lacrimejantes, e o puxar cruel no canto da boca fina.

—Para quem você vendeu? — Reya perguntou.

Deathman fez uma careta.

—Você, de todas as pessoas, sabe que eu não revelo meus clientes.

—Quem?

Ele gesticulou para os armários de aço em toda a sala. Tenso, Maverk intensificou ao lado dela, estendendo uma mão para ela e a outra mão no laser em seu quadril. Reya apenas observava, de braços cruzados, quando Deathman abriu as portas dos armários, para revelar uma variedade espantosa de arsenal, de todas as formas e tamanhos.

—Diga-me o que você quer e pode tê-lo.

—Informações.

—O que a minha vida valeria se eu informasse sobre os meus clientes?

—Mais do que vale agora.

—Não.

O olhar mortal nunca vacilou.

—Para quem você vendeu?

—Eu não sei.

Sua luz pisou no chão de cimento, ela começou a avançar.

—Eu sugiro que você lembre-se, Deathman. Rápido.

—Você sabe que eu não...

—Você pode fazer agora.

—Discutir não faz nenhum sentido para sua amiga, comerciante. Ela... — Sua voz foi sufocada por seu antebraço contra a sua garganta empurrando-o de volta contra os armários de aço.

O brilho prata e fosco de uma lâmina apareceram debaixo de seu nariz.

—O nome.

—Reya...

—Isso tem a ver com um conhecido meu. Se você não me disser o nome do seu cliente, poderá ser uma correspondência certa para o seu nome, entendeu?

Um filete de suor escorregou ao lado do seu rosto.

—Nós sempre lidamos bem, juntos. Você sabe do meu padrão. Minha honra.

—Eu não tenho honra e meus padrões são suspeitos. Eu nunca fingi o contrário. Agora, o nome.

Um arrepio de inquietação escorria na coluna de Maverk, com as palavras que ela disse o amortecimento em sua voz.

—Reya...

—Cale a boca, bonitão. Você tem cinco segundos, Deathman.

—Eu não posso dizer-lhe!

—Um.

—Reya!

—Dois.

—Você conhece o meu código de honra!

—Você não tem código. Três.

Maverk estava tenso. *Certamente ela ia se afastar?*

—Eu não posso dizer-lhe!

—É melhor dizer ou vou dar-lhe algo para se lembrar de mim e não vai ser agradável. Quatro.

—Por piedade!

—Cinco. Tempo esgotado.

Pulando para frente, Maverk agarrou o seu pulso.

—Pare!

Seus olhos nunca deixaram o rosto de Deathman, mas havia uma selvageria tranquila em sua voz.

—Solte-me.

—Matá-lo não nos dará a resposta.

—Não interfira no que você não sabe.

Os olhos de Deathman piscavam desesperadamente da guerreira para o comerciante.

—Eu não posso deixá-la matá-lo. — os dedos de Maverk apertaram uma fração. —Deixe-o ir.

Lentamente, ela virou a cabeça e seus olhos se encontraram. Um par deu um aviso, o outro uma inclemência fria, congelada.

—Não me empurre ou você poderia muito bem acabar deitado ao lado dele.

As palavras tiveram o impacto de um punho batendo-lhe no estômago. Choque veio primeiro, depois a raiva.

—A menos que você tenha mudado de idéia — ela pressionou deliberadamente. —Se você não está mais interessado em encontrar seu amiguinho... bem, então. — Recuando, ela liberou seu prisioneiro e embainhou o punhal. —Não vamos mais perder tempo, vamos embora.

A bruxa selvagem o tinha sobre um barril. Pelas estrelas, quando ele voltasse para a nave...

Deathman começou a andar de lado se afastando e enfureceu Maverk ver Reya de pé, braços cruzados e olhos desinteressados, sem intenção de parar a sua única fonte de informação, deixando-a escapar.

Mas havia melhores maneiras de obter respostas que não tem que envolver derramamento de sangue.

—Você é fã de suas armas — ele falou lentamente.

As palavras pararam Deathman em seu caminho e ele se virou para olhar cautelosamente para o gigante loiro.

—Dá pena vê-las todas destruídas — continuou Maverk.

Os lacrimajantes olhos cinzentos arregalaram.

Pegando seu laser, Maverk abriu um armário próximo.

—Não seria preciso muito para causar uma pequena explosão entre suas armas. Percebo que você tem explosivos entre elas. — Ele balançou a cabeça. —Não é inteligente. Tudo o que se tem a fazer é acender um explosivo e tudo se vai. Cada uma de suas preciosas armas seria destruída.

O rosto de Deathman ficou mais pálido do que já era.

—Você não!

Ele levantou o laser.

—Eu não...?

Surpresa, Reya assistiu Deathman jogar-se entre o armário de aço e o laser.

—O que você quer saber?

Virando a cabeça, Maverk enviou-lhe um olhar firme.

—Pergunte a ele.

—Não olhe para mim. É a sua visita.

Quando voltassem para a nave, ele iria estrangulá-la.

A fúria em seus olhos fez Deathman tremer. Ele não tinha idéia de que essa fúria não era dirigida a ele. Tudo o que sabia era que ele temia este gigante de aparência perigosa.

—Eu vendi a um homem chamado Royce.

—Onde ele pode ser encontrado?

—Na taberna.

—Qual?

—O Cão Selvagem.

Maverk olhou para Reya.

—Você conhece?

Ela assentiu desinteressadamente.

Guardando o laser, ele recuou.

—Suas armas estão seguras por agora. Ninguém sabe que viemos buscar informações e você não nos disse nada. Certo?

—Certo, — Deathman resmungou.

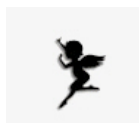
Então, o bonitão não era tão estúpido depois de tudo. Surpresa, surpresa.

Maverk passou por ela e o olhar dele queimou-a com a retribuição prometida.

Legal. Deixe-o tentar. Ela iria estripá-lo como um peixe que pegou no rio.

—Foi um prazer negociar com você novamente. — Ela sorriu friamente para Deathman, virou e saiu.

Ele correu atrás deles para trancar a porta fechada de forma segura, então caiu de joelhos.



Reya seguiu Maverk pelo beco. Reconhecendo os sinais de fúria na sua rigidez, nas passadas longas das pernas, ela sentiu uma pontada de diversão. Ela o perturbara. *Bom. Talvez hoje ele se perca. No entanto, primeiro os negócios.* Ele estava se aproximando da entrada do beco e não parecia abrandar...

—Ei, bonitão.

—O quê?

—Eu sugiro que você pare antes que você tenha a sua cabeça arrancada.

Ele se virou para encará-la.

—Você está me ameaçando de novo?

—Não. Estou apenas dando-lhe um aviso amigável. Você não sabe quem poderia ter nos visto entrando. Alguém pode estar esperando por nós.

Vendo sentido em suas palavras, ele respirou fundo e se controlou.

—Você está dizendo que alguém está à espreita?

—Você nunca sabe. Basta proceder com mais cautela do que raiva.

—Acredito que esta é a sua visita. — Sorrindo sordidamente, fez um gesto com a mão. —Então vá em frente, guerreira de gelo.

—Ai, ai. Um pouco chateado, não é? Talvez você deva voltar para a nave, enquanto eu recebo a informação?

Ela quase podia ouvir seus dentes rangendo.

—Basta ir, observe em frente ou o que diabos isso é que você faz!

Com um encolher de ombros, ela começou a empurrar para passar por ele. Era um problema. Mesmo pressionado contra a parede, ele ocupava bastante espaço. Ela tentou segurar-se, mas enquanto passava, seus seios generosos raspavam em seu peito.

Por uma fração de segundos, seus olhos se encontraram com fúria e diversão, acendendo o desejo em suas profundezas. O tempo parecia suspenso enquanto estavam se tocando intimamente, suaves ondulações suaves de lisos rígidos; um incêndio inflamou onde o couro roçou a pele aquecida.

Um grito seguido de uma gargalhada áspera quebrou o encanto e ela passou por ele, os olhos estavam frios mais uma vez.

Que diabos havia de errado com ela? Por um instante ela tinha se esquecido de tudo, de onde estavam, do que eles estavam atrás, do perigo sempre presente. Condenação! Por que ele tem o poder de fazê-la esquecer todos os seus treinamentos? Quanto mais cedo esta caça ridícula por Mara acabasse, melhor!

Ela se aproximou da entrada e sentiu sua mão grande sobre o seu ombro.

—Eu vou primeiro.

—Não se preocupe bonito, não há necessidade de ser nobre. Vou ter certeza de manter a sua bela cabeça bem em cima de seus ombros. Tania e Darvk nunca me perdoariam se algo acontecesse com você.

Seu sangue começou a ferver com a resposta contundente. Não havia espaço no beco amaldiçoado para uma luta. Tudo o que ele podia fazer era deixá-la ir à frente.

Ela olhou cautelosamente para cada lado da rua antes de sair.

Maverk caminhou ao lado dela.

—Mostre o caminho para O Cão Selvagem.

—Seu desejo é meu comando.

—Basta continuar a empurrar-me e você vai ter uma reação, uma que não quer.

—Estou muito assustada, tenho certeza. Agora, O Cão Selvagem é uma das mais selvagens tabernas neste assentamento e isso é dizer muito. Mantenha seu laser à mão.

—Eu pensei que você não gostava de usar um em combate, devido ao feixe penetrar o inimigo e continuar a queimar com a pessoa por trás dele?

—Se isso acontecer, a pessoa que recebê-lo não será lamentado. Ele provavelmente vai ter o que merecia. Além disso, estarei usando minha espada, se necessário. Ela pode abrir um caminho muito mais fácil.

O Cão Selvagem era uma massa fervilhante de bandidos e música alta. Quando se aproximaram, um corpo ensanguentado foi arremessado através das portas para a rua. Reya passou por cima do homem inconsciente e continuou para o interior da taverna. Maverk instintivamente queria ajudá-la, mas ao vê-la desaparecer, ele amaldiçoou e seguiu, não querendo perdê-la de vista.

Ela era fácil de encontrar no meio da multidão. Mais alta do que os homens na sala, seu cabelo vermelho-ouro selvagem voava em volta como um farol. Um pequeno caminho foi limpo no meio da multidão enquanto ela caminhava para o bar. Ela era conhecida.

Muitos dos olhos dos fregueses seguiram o comerciante, quando ele se elevou sobre todos na taverna. Comerciantes Daamen eram conhecidos como cumpridores da lei, homens, definitivamente, não assassinos e este estava sozinho. Oito deles poderiam ser capazes de derrubá-lo, usando a força bruta. Talvez. Então eles pegaram a vista dos seus olhos queimando e o laser amarrado na coxa, uma mão pairando acima dele. Este era um comerciante furioso. Enfrentá-lo seria um ato de um tolo. Os bandidos se afastaram.

Reya parou no bar e Maverk apareceu ao lado dela. Seus olhos se encontraram no espelho enorme que estava na parede atrás do bar.

—Como vamos saber quem é Royce? Ou você conhece algum outro pobre bastardo para ameaçar por informação?

—Por uma questão de fato, bonitão, eu faço. Vê aquele garoto jovem sentado no canto esquerdo da sala? O com uma moça no joelho?

Ele moveu o seu olhar até que viu o reflexo do que ela falou no espelho. Ele era um jovem de não mais de quatorze anos, alto e esguio. Com um chocante cabelo vermelho e um tapa-olho sobre seu olho direito. Seu rosto estava despreocupado e ele ria alto quando a prostituta plantou um beijo molhado na sua bochecha. Uma mão fina deslizou por debaixo de sua saia, fazendo-a gritar.

—Ele é um garoto. — Maverk ficou surpreso. —Um pouco mais jovem e seria uma criança!

—Ele é um informante por um preço.

—Um menino assim? Como diabos ele permanece vivo?

—Nunca subestime as crianças.

Havia amargura em sua voz, seu olhar se voltou para estudar seu reflexo no espelho. Ela estava olhando para o jovem, mas seus olhos estavam distantes e sombrios. O que ela estava pensando? O que estava vendo, quando ela olhava para ele?

—Ele fez alguma coisa para você, moça? — Maverk perguntou em voz baixa.

Saindo de seus pensamentos, ela olhou para ele.

—O quê?

—Você parece... perturbada. É por causa de algo que o jovem lhe fez?

—Não. — A resposta foi abrupta. —Vamos conversar com Cisco.

—Cisco?

—Esse é o seu nome. E não se deixe enganar pela sua idade, bonitão, ele é mortal.

Cisco observou-os vindo, o seu olhar persistente sobre a guerreira alta, com as curvas luxuriantes, antes de mudar para o carrancudo gigante atrás dela. O gigante estava franzindo a testa para ele. Isso era um aviso que via em seus olhos?

Cisco sorriu. *O comerciante estava avisando para ficar longe da Reeka. Que interessante.*

Reya parou em sua mesa.

—Cisco.

—Olá, linda senhora. O que posso fazer por você neste belo dia?

Olhos pálidos piscaram para a prostituta.

—Uma palavra em particular.

Ele suspirou.

—Eu estava ficando tão aconchegante aqui.

—Tenho certeza que sua amiga vai voltar. — Seu olhar não deixou a prostituta, que empalideceu. —Nós não vamos manter o seu menino por muito tempo.

A prostituta deslizou rapidamente do colo de Cisco.

—Vou voltar mais tarde, querido, quando você não estiver tão ocupado.

Viu-a desaparecer na multidão.

—Isso não foi muito amigável, Reya.

—Diga para alguém que se importa. Quero algumas informações.

—Nada de social, então. Você me decepciona. Sente-se. Se quiser, você pode sentar no lugar que minha senhora amiga desocupou.

A ira cintilou dentro de Maverk. Este jovem com meleca no nariz era ousado por sugerir que Reya sentasse no colo dele! Antes que ela pudesse responder, ele puxou uma cadeira no lado oposto da tabela.

—Aqui, — ele disse para ela e começou a sentar-se na única outra cadeira remanescente, entre ela e Cisco.

Ela não percebeu a manobra, a atenção dela estava em Cisco, mas o jovem percebeu e quase riu em voz alta.

O grande comerciante estava fazendo sua reivindicação sobre a guerreira, suas ações claramente avisava que ele tinha algum direito pessoal sobre ela.

Muito interessante. Pensativo ele moveu seu olhar para Reya, que voltou para ele brandamente. *Qual era a sua conexão?*

Ele percebeu algo mais.

—Onde está a sua prima?

—Ocupada. Diga-me quem é Royce.

—Royce? O que ele fez?

—Você não precisa saber disso. Onde está ele?

Inclinando-se para trás na cadeira, o olho bom de Cisco de repente ficou afiado e calculista.

—Eu poderia conhecê-lo.

Maverk interrompeu impaciente.

—Você tem que conhecê-lo, afinal, perguntou o que ele tinha feito.

—Talvez eu faça e talvez não. Tudo depende.

—Do quê?

—Se vai ou não valer o meu tempo.

Capítulo 17

Maverk estudou a atmosfera enfumaçada. Cisco não parecia mais tão jovem. Seu único olho era de um azul frio, reservado e profundo, escondendo pensamentos que ele não queria que ninguém soubesse. O jovem de boa aparência, rosto angular era muito mais velho do que seus tenros anos indicavam.

Ele era um jovem mortal, em cada centímetro, um fora da lei.

—Qual é o preço?

—O que você está preparado para me dar?

—Suponha que nos diga o que você quer? — Reya respondeu.

—Diga-me o que você quer de Royce.

—Então, você pode vender essa informação em outro lugar?

Ele sorriu de maneira cativante.

—Eu faria uma coisa dessas?

—Você venderia a sua própria mãe. Diga o preço.

Cisco olhou-a de perto, em seguida, sorriu.

—Que tal um beijo?

—Seu pequeno...! — Maverk adiantou-se, mas foi parado pela mão de Reya, sobre seu peito.

—Pare. Creio que isto é algo que só eu posso fazer.

Com os olhos arregalados, ele a viu se levantar e caminhar ao redor da mesa.

—Você não pode fazer isso!

Ela não respondeu.

Cisco sorriu para ela com surpresa feliz e uma expressão sensual em seu rosto. Ele não podia acreditar na sua sorte.

Delicadamente agarrando sua camisa, ela levantou-o.

Maverk não podia acreditar. *Ela estava realmente pretendendo beijar esse menino? De jeito nenhum!*

De jeito nenhum, neste planeta abandonado, ele iria permitir que aquele garoto mau beijasse a sua garota!

Ele se levantou, apenas a tempo de evitar que a caneca de cerveja espirrasse sobre dele.

Com um duro empurrão, Reya bateu Cisco de costas sobre a mesa, pratos e canecas foram enviados cambaleando em toda a superfície de madeira.

Ele encontrou-se olhando para os seus olhos frios como a morte, uma mão forte pressionou em seu peito e um punhal picou sob o queixo.

—Você se esquece de com quem está falando — ela respirava suavemente.

—Assim, parece — ele sufocou com o aumento da pressão da ponta do punhal. —Facilite para cima, Reya!

—Eu não sei o significado dessas palavras. Aqui está um preço que você vai ter certeza de receber, garoto. Sua vida em troca de informações.

Vendo o brilho de satisfação nos olhos castanhos do comerciante, Cisco sabia que ele ia ficar sem a ajuda dele. Ele olhou ao redor da taverna e sabia que não haveria ajuda do dono, tampouco. Na verdade, os bandidos ficaram em silêncio, o único som era a batida pesada da música vindo do canto.

Toda a atenção estava voltada para o trio, na mesa no canto.

—Diga-me — Reya ordenou suavemente.

—Deixe-me levantar em primeiro lugar...

—Não. Diga-me e você poderá voltar para sua puta ou... — A ponta do punhal cavou mais fundo, não o suficiente para cortar a pele, mas o suficiente para lembrá-lo de onde ele estava lá e quem o empunhava.

Ele tinha certeza de que ela cortaria a sua garganta e ele tinha muita autopreservação. Ele engoliu em seco e sussurrou:

— Ele está no canto de trás da sala. Ele tem um nariz quebrado e está vestindo uma bandana verde.

—Isso não foi tão difícil, foi? — Ela recuou, arrastando-o com ela para empurrá-lo para trás, em sua cadeira, endireitando a frente de sua camisa. —A vida é muito mais fácil quando você coopera. — Retomando o seu lugar, ela olhou para ele com ironia.

—Não tinha muita escolha, não é? — resmungou ele, sentindo-se mais seguro agora que ela estava sentada.

—O que você diz, bonito? Pensa que a informação vale a pena pagar?

Vendo o brilho nos olhos de Cisco, ele respondeu secamente:

— Obviamente ele merece.

Vendo que a excitação acabou e nenhum sangue ia ser derramado, os clientes da taverna voltaram às suas conversas barulhentas.

Despercebida, a mão de Reya deslizou na parte superior do seu cinto, onde havia uma pequena bolsa, ela retirou uma moeda e a deslizou sobre a mesa.

— Cinquenta dinnos.

Cisco ficou de boca aberta e ele agarrou-a ansiosamente. As sobancelhas de Maverk arquearam com surpresa.

—Se você ouvir qualquer coisa que possa ser de interesse para mim, haverá mais.

—Certamente. Foi um prazer fazer negócios com você, guerreira.

A sua boca torceu, zombando.

—Eu tenho certeza. E Cisco?

—Sim?

—Diga a alguém sobre a nossa conversa e eu vou encontrá-lo.

—Você me fere profundamente. O que eu iria informar sobre você?

Em pé, ela se inclinou sobre a mesa para olhar ele bem no olho.

—Faça isso uma vez e vai ser a última vez que você passa informação a alguém. Será meio difícil de falar sem a língua.

Ele empalideceu.

—Eu não vou falar Reya.

—Eu vejo você por aí. — Ela afastou-se, entrando na multidão.

O comerciante a seguiu, Cisco sorriu aliviado e fez um gesto para a prostituta que esperava.

Maverk sentiu uma picada de aborrecimento quando Reya continuou andando, aparentemente, esquecendo-se dele. Agarrando-lhe o pulso, ele a puxou para uma parada.

Com a atenção agora voltada para a mesa no canto, ela não olhou para ele.

—O quê?

—Você poderia pelo menos esperar por mim.

—Você tem pernas.

—Pelo menos me informe sobre o nosso próximo passo.

—Eu pretendo ver Royce.

—Muito obrigado.

—Não mencione isso.

Olhando para cima, quando uma sombra caiu sobre a mesa, Royce empalideceu quando se encontrou com o seu olhar frio.

—Reya. — Suas mãos começaram a tremer.

—Você me conhece. Isso economiza tempo. Para quem você comprou o mini fatiador?

—Mini fatiador?

—De Deathman.

Seu coração afundou.

—Eu não sei o que você quer dizer.

—Achei uma arma que carrega as insígnias pessoais do nosso amigo em comum. Uma mosca contou-me que você a comprou.

—E se eu a comprei? Não há nada de errado com a compra de armas.

—É onde nós encontramos essa arma que me interessa.

Seus olhos correram para trás dela, para o gigante.

—Nós?

—Sim. — A voz profunda retumbou no peito maciço. —Você esteve em Hamos.

—Nunca ouvi falar do lugar. — Royce ficou intrigado. —Onde diabos é isso?

—Nunca ouviu falar? Estranho, pois é onde a arma foi encontrada.

—Bem, eu não estava lá e tenho amigos que podem atestar isso!

—Tenho certeza de que podemos confiar em sua palavra. — os lábios de Reya enrugaram. —Não se preocupe homenzinho. Suas bochechas ficaram vermelhadas.

—Como a sua arma foi parar lá, afinal? — Maverk perguntou.

As mãos de Royce deslizaram para baixo da mesa, em seu colo.

—Eu não sei, eu lhe digo. O que supõe que aconteceu, afinal?

Vendo seu movimento, a mão de Maverk tocou as costas de Reya em advertência.

Ela não deu nenhuma indicação de ter sentido seu toque.

—Como a sua arma foi parar em Hamos?

—Eu não sei. Talvez não seja minha você já pensou nisso?

Puxando a cadeira, ela descansou o pé em cima dela, deixando uma mão sobre o encosto, ao nível do topo de sua bota.

—É seu, Royce, ou era.

Que diabos ela estava fazendo? Maverk franziu o cenho. *Será que ela não percebeu o quão vulnerável a sua posição era e que o criminoso estava, possivelmente, com seu laser à mão?*

—Para quem você deu a arma?

—Ninguém, estou dizendo! — Inclinando-se ligeiramente para o lado, ele observou-a nervoso. —Deixe-me em paz! Eu não sei nada!

Maverk ficou ao lado dela.

—Talvez devamos falar sobre isso com uma bebida amigável...

—Não. Ele vai me dizer para quem ele deu a arma e por quê.

Droga, ela não tem sentido suficiente para saber que o bandido está avançando para uma arma embaixo da mesa? Maverk pegou o seu laser.

—Ponha as suas mãos em cima da mesa! — ele grunhiu, mas antes de seu laser ser retirado do coldre, Royce saltou para o lado, sua mão agora à vista, segurava um laser.

Ele atirou uma explosão em sua direção.

Reya sabia o que ele ia fazer, mas antes que ela pudesse puxar a adaga de sua bota para fora, um braço forte rodeou a sua cintura e puxou-a para longe da mesa.

Maverk! Maldito grande imbecil!

—Para baixo! — ele rugiu.

A taberna explodiu em pânico. Todos abaixando para se cobrir ou correndo para a porta da frente.

Empurrando-se para fora do agarre de Maverk, ela correu direto para a mesa caída de Royce, antes de correr pelo meio da multidão.

—Maldição! — Ela chutou a mesa fora do caminho e virou-se para encontrar-se cara a cara com Maverk.

—Você está bem? — ele gritou acima da gritaria e xingamento dos frequentadores da taverna. —Espere aqui e eu vou pegá-lo!

Por cima do ombro ela viu Royce abrindo caminho para a porta.

—Lá!

Maverk arrastou em torno do balcão, atrás do bandido.

Vendo uma maneira mais rápida, Reya estava em cima do balcão com um simples salto, correndo rapidamente ao longo do comprimento do mesmo, canecas e garrafas deslizavam para o lado para cair sobre a borda e esmagar no chão. Seu salto do balcão para uma mesa próxima, a fez estremecer, mas ela nunca vacilou, pulando para a próxima mesa e adiante, suas longas pernas cobrindo a distância com facilidade.

Maverk viu Royce empurrar seu caminho para fora da porta, a massa fervilhante de frequentadores fechando atrás dele e bloqueando a porta em sua pressa de sair para a segurança. Ele estava perto da porta quando notou Reya correndo e seus olhos se arregalaram com horror.

—Reya, não!

Já era tarde demais. De cabeça para baixo e os braços cruzados protegendo o seu rosto, ela destruiu o vidro da janela para acertar e alcançar o chão duro, com uma chuva de vidro quebrado. Ignorando

a picada no braço, ela rolou e ficou sobre seus pés, apenas a tempo de evitar o feixe de laser que visava a sua cabeça.

Vendo o salto da guerreira para seus pés, Royce tropeçou para trás, e imaginou ter visto a morte refletida nos lagos verdes gelados que eram seus olhos. Virou e correu, mas foi uma coisa estúpida de se fazer. Ele sabia que as longas pernas da guerreira estavam fechando a distância entre eles.

Ele correu para o lado, até um beco, Reya vinha atrás dele.

Saindo da taverna, Maverk teve tempo de vê-la levantar e decolar em uma corrida.

—Reya, espere!

Era como se ela não o ouvisse. Ela desapareceu no beco ao lado sem olhar para trás. Maldição, ele pegou o seu laser e saiu correndo.

Saltando agilmente sobre os caixotes, engradados e outros obstáculos que ele tombou em uma tentativa, fútil e desesperada de pará-la, Reya manteve a perseguição.

Um olhar por cima do ombro mostrou que suas esperanças estavam erradas. Ela estava ganhando terreno rapidamente e um pouco atrás dela estava o comerciante.

Ela era seu primeiro problema. Sabendo que ele não poderia fugir dela, derrapou para uma parada e virou, com seu laser na mão.

Reya saltou para o lado, quando o feixe de laser piscou passando inofensivamente. Amaldiçoando, ele reorientou, e ela se jogou para o outro lado da rua quando um segundo raio laser chamejou contra ela.

—Pare de atirar! — Maverk rugiu. —Estou cobrindo você!

Royce podia ver que o gigante ainda estava a alguma distância, mas fechando o caminho rápido. Um movimento capturado pelo canto dos seus olhos e empalideceu com a percepção de que a Reeka estava chegando, movendo-se rapidamente para frente. Ele disparou várias explosões, mas ela desviou e rolou, cada vez que rolava, ela se levantava ilesa e continuava chegando.

Pegando a adaga na bota, ela enviou-a girando pelo ar, apenas para amaldiçoar a falta de sorte quando o bandido tropeçou e caiu, a faca voou sem causar danos a ele.

Endireitando, ele apontou novamente e ela mergulhou para trás de uma caixa. Não muito depois, uma explosão deflagrada passou por trás dela, obviamente era Maverk, que acertou o laser na mão de Royce e enviou-o girando de costas contra a parede, segurando sua mão machucada.

—Não se mova ou a próxima vez eu não serei tão bonzinho! —
Maverk rosnou.

Royce tremeu, com a raiva em seu rosto, mas a ameaça o fez ficar onde estava.

Maverk emparelhou com Reya.

—Você está bem, moça?

Com os olhos em Royce, ela balançou a cabeça secamente.

Maverk estava dividido entre abraçar e beijar com alívio, ou bater nela por não ter preocupação com sua própria segurança. No entanto, este não era o momento ou lugar para realizar qualquer um desses impulsos.

Vendo o fio de sangue em seu braço, ele percebeu que ela havia se cortado no vidro da janela. Era apenas um pequeno corte, observou com alívio. Ele mudou a sua atenção de volta para o fora da lei, que tremia.

Reya foi em direção a Royce, mas Maverk a alcançou com vários passos largos. Pegando o bandido pela frente da camisa com seu punho enorme, ele bateu-o contra a parede de pedra. As botas de Royce pendiam a vários centímetros acima do solo.

—Certo, seu bastardo — ele o jogou no chão barbaramente. —A quem você deu a arma e é melhor você responder!

—Não me machuque!

Machucá-lo? Este verme estava tentando matar Reya! Pegando-o por um braço, torceu para trás e apertou com seu punho maciço.

—Eu vou dizer-lhe, vou contar! — Royce gritou. —Eu vou dizer-lhe!

Vendo que Maverk ainda estava com a intenção de machucá-lo, Reya colocou os dedos em seu grosso pulso.

—Pare.

—Ele tentou matar você!

—Não faz nenhuma diferença. Ele nos dará o que queremos agora.

Maverk encarou Royce.

—Cuspa o que você sabe seu bastardo, ou eu vou espalhar você por todo este sangrento beco!

Royce não duvidou nem por um minuto.

—Um homem chamado Vinca o comprou!

—Quem é Vinca? — Reya perguntou.

—Eu não sei, honestamente. Ele pagou-me para comprar a arma de Deathman.

—Ele disse por quê?

—Não, eu não perguntei. Ele pagou um bom dinheiro.

—De onde ele é?

—Eu não sei, — Royce soltou um grito quando Maverk sacudiu-o como um rato. —Tudo bem, tudo bem! Ele é de Vaksal!

Ela continuou.

—Como você sabe disso?

—Eu vi o bilhete saindo de sua mochila.

—É mentira.

—Não! — Seus olhos se arregalaram em pânico. —Não, Reya! Eu digo a verdade! Por favor, você deve acreditar em mim!

Ela sabia que ele falava a verdade. Ela desejava que ele não o fizesse. *Querido Deus, como ela desejava que ele tivesse mentido e dissesse qualquer outro lugar, menos Vaksal. Em qualquer lugar do universo inteiro, não lá.*

—Reya? — Maverk consultou com curiosidade.

Ela girou nos calcanhares e afastou-se.

Incrédulo, olhou de Royce para as costas dela, que se retirava.

—Reya?

Ela não respondeu.

—Maldito inferno, Reya!

Parando, ela se virou para olhar para ele, com uma sobrancelha levantada, em uma consulta silenciosa.

—Só isso? — Ele fez um gesto para o bandido. —O que fazemos com ele?

—Nós? Você é o único que está segurando a sua camisa.

Ele rangeu os dentes.

—Sim, nós. Você veio atrás dele, também, lembra?

Maldita forma como a moça o estudou e seu prisioneiro, avaliando-os com um frio e calculista olhar.

—Mate-o.

—O quê? — Royce gritou. —Não! Reya! Peço-lhe!

Alegremente, ela se afastou.

—Reya! — Maverk gritou. —Maldita seja!

—Tarde demais para que você possa condenar-me, isso já foi feito. — As palavras foram ditas casualmente sobre o ombro, enfureceu-o.

—Pare e espere! — ele rugia e assistiu asfixiado de raiva enquanto ela se aproximava da esquina do beco.

Ela não ia esperar a bruxinha. Ele desviou os olhos queimando de raiva para Royce que gemeu de medo. Mas não estava nele matar

outra pessoa a sangue frio, mesmo este verme choramingando, mas Royce não sabia disso.

Royce pensou que seu último momento havia chegado, quando os olhos se voltaram para ele em chamas.

—Não me mate! Por favor, não me mate! Eu não vou dizer a ninguém que falei com vocês, eu prometo! Por favor!

—Se você dizer para alguém, uma única alma, eu vou voltar e terminar com você pessoalmente. Isso eu prometo. — Ele baixou Royce até que as botas do bandido tocaram o chão.

—Obrigado! — Royce limpou o suor da testa com as mãos tremendo violentamente. —Eu nunca vou dizer a uma alma, minha vida vale isso!

—Uma coisa mais.

Ele olhou para cima, mas era tarde demais para evitar o punho enorme que lhe quebrou o nariz. Ele desceu com um spray de sangue para ficar semiconsciente no chão.

—Nunca mais tente prejudicar um único fio de cabelo de Reya de novo, ou não haverá nenhum lugar neste universo onde possa se esconder de mim, — a voz profunda ribombou através da escuridão diante dos seus olhos. —A guerreira Reeka é a minha mulher, só minha. Diga a todos que encontrar e certifique-se que seus inimigos saibam. Entendeu?

Ele assentiu vagamente e desmaiou.

Não, Maverk não poderia matar a sangue frio, mas ele faria qualquer coisa para proteger o que era seu, e Reya, definitivamente era. *A bruxa, sem coração, desinteressada!*

Ela não estava à vista. Ele correu até a esquina do beco e pode vê-la perto da entrada da rua.

—Reya, espere!

Sem perder o passo, ela se virou e entrou na rua, desaparecendo de vista. Ele derrapou na rua, por pouco não derrubando duas crianças, que gritaram ao ver o gigante furioso e ele correu para vê-la na entrada da taverna O Cão Selvagem.

O barman gemeu interiormente quando ela entrou, mas os bandidos sorriram e a olharam, secretamente se perguntando quem ela estava procurando agora.

Cisco também gemeu quando ela foi direto para ele e empurrou a prostituta fora de seu joelho ossudo.

—Até logo, querida.

Não necessitando de um segundo aviso, ela correu rapidamente.

—Então. — Ele observou Reya sentar na cadeira em frente. — Será que você o pegou?

—Eu sempre consigo o que caço. Conte-me sobre Vinca.

—Não posso dizer que já ouvi falar dele.

—Não?

—Não. — Olhando através dela, ele viu o seu companheiro gigante passando através da porta. —O seu amigo não parece muito feliz.

—Eu não tenho amigos. Pense um pouco mais. Vinca.

—Estou dizendo. Eu não sei nada sobre ele. — Ele observou o comerciante atravessar a taverna.

Vendo a guerreira sentada em frente a Cisco, Maverk se dirigiu para eles, ignorando os bandidos que saiam, às pressas, de seu caminho.

Reya praticamente podia sentir seu olhar na parte de trás da sua cabeça, mas ela não olhou para cima, quando ele se aproximou. Parando ao lado dela, ele não se sentou, mas se ergueu atrás dela com os braços cruzados. *Tão sutil*, ela pensou com um toque de humor. Ele certamente não estava acostumado a ser ignorado, ela podia sentir a sua frustração queimando e saindo dele em direção a ela, em ondas invisíveis.

Cisco mudava o seu olhar interrogativo do comerciante furioso para a Reeka impassível. Por que será que Maverk estava com tanta raiva? Certamente se fosse Reya, haveria uma luta em grande escala entre eles. Então, alguma outra coisa deve ter acontecido. Talvez...

—Você pegou Royce ou ele fugiu?

—O que você sabe de Vinca?

Ele suspirou.

—Eu disse a você, eu não sei nada.

—Descubra.

Isso soava promissor.

—Quanto você vai pagar?

—Isso depende do que você descobrir.

—Minha taxa por hora...

—Não me venha com essa porcaria. Ache as informações sobre Vinca e você vai receber o pagamento.

Não era sábio empurrá-la longe demais.

—Muito bem, vou contatá-la quando eu tiver qualquer coisa...

—Esta noite. Duas horas antes da meia-noite.

—Isso me dá apenas seis horas!

—Então é melhor você começar, não é? — Reya falou. —Aqui, nesse lugar, Cisco, sem atraso.

—Tudo bem, mas não posso prometer milagres em tão pouco tempo.

—E eu pensei que você era o melhor. — Virando-se, ela se afastou em outra direção.

Droga, ela tinha feito isso de novo! Ela o ignorou completamente e saiu de novo! Xingando por baixo sua respiração, Maverk a seguiu, igualando o passo ao lado dela, uma vez fora da taverna.

Ele queria rasgá-la verbalmente, estava tão zangado que seu maxilar doía de estar fechado apertado. Ele precisava de privacidade para fazê-lo.

Capítulo 18

Ociosamente Reya se perguntou por que Maverk não disse nada enquanto eles caminhavam. Pelo canto do olho, ela viu o rosto triste, apertado com uma fúria controlada. Ele não era bom em esconder seus sentimentos, pelo menos com ela. Ele era aberto, amigável, bem-humorado e de grande coração, não um mercenário de sangue frio como ela.

Não havia espaço para o amor na vida de uma mercenária. *Ele seria tão fácil de amar. Ele...* Reya franziu a testa, assustada. *Que diabos ela estava pensando? Amor? Maverk?* Perturbou-a, era um pensamento que não queria para prosseguir. *Além disso, era ridículo! O grande idiota a irritava! Fácil amar? Ela devia estar ficando maluca!*

Mesmo tentando empurrar o pensamento para longe, continuava a voltar, até acabar completamente irritada.

Eles deixaram o assentamento para trás e foram para a nave espacial, em silêncio.

Reya entrou com Maverk atrás dela. Puxando a alavanca ao lado da porta, viu a porta fechar em segurança, antes que ele se virasse em direção a ela. Ele abriu a boca, pronto para dar-lhe uma explosão verbal, mas ela não estava lá.

—Reya! — Tempestuosamente, correu pelo corredor, com raiva olhou para dentro da cabine de dormir vazia, sala do motor e cabine de controle.

Encontrou-a em pé, junto a mesa da cabine de estar, calmamente tomando goles de um copo de água gelada.

—Você me deve um pedido de desculpas!

Uma sobrelha subiu interrogativamente.

—Você sabe muito bem do que estou falando!

A sua testa enrugou em um desinteresse educado.

—Você parece chateado, bonitão.

—Chateado? — berrou ele, incrédulo. —Você poderia dizer isso!

—Eu já disse. — Ela engoliu o último gole de água e colocou o copo sobre a mesa.

—Você tem algumas explicações a dar!

—Eu devo?

—Fique me empurrando, moça e vai ter uma surpresa desagradável!

—Estou aterrorizada.

Ele havia mantido silêncio na taberna e na caminhada de volta para a nave, porque não acreditava em argumentar em público, proporcionando entretenimento para os outros, mas agora ele se soltou com um juramento selvagem.

—Meu Deus está chateado.

Para um homem grande, ele poderia se mover rápido. Em segundos, ele estava frente a frente com Reya, olhando ferozmente para baixo, para dela.

—Em primeiro lugar, sua pequena bruxa, ignorou-me! Toda vez que a chamei, você não respondeu ou reconheceu-me!

—Acho que não estou muito bem treinada. — Caminhando em torno dele, ela partiu para a porta. —Se essa é a única razão pela qual você está zangado, tome o meu conselho: cresça bonitão.

As palavras cortantes tinham acabado de deixar os lábios e ela se perguntava se, por uma fração de segundo, o havia empurrado longe demais desta vez. O instinto a fez girar, para encontrá-lo logo atrás dela, com muita fúria em seus olhos.

A mesma fúria que lhe emprestou velocidade. Antes que ela percebesse, ele agarrou-a pela cintura e ela foi presa em cima da mesa, deslizando rapidamente entre os seus joelhos afastados para segurar seus pulsos acima dela, com uma grande mão.

Em uma das poucas vezes em sua vida, Reya estava impotente.

—Solte-me!

Colocando a mão livre na parte baixa das suas costas, a puxou contra ele e sua voz era perigosamente macia, quando disse:

— Não, você não está treinada muito bem, não é?

—Ponha-me no chão. Agora.

—Você não está no comando agora. Desta vez vai me ouvir.

—Espero com a respiração suspensa.

—Você tem uma língua afiada, moça. Será que nunca lhe ocorreu usá-la muito bem em vez disso?

—Não.

—Tudo bem. Este não é o meu problema agora, de qualquer maneira.

—Estou muito aliviada.

Seus olhos se estreitaram.

—Ok, você é uma moça muito espertinha, por que me ignora tanto?

—Quando? Eu nunca reparei nisso, por favor, refresque a minha memória.

—Eu vou fazer mais do que isso, se você não responder. Você me ignorou desde o momento que Royce escapou da taverna.

—Ele não teria escapado se você não tivesse dado uma de grande herói.

—Puxei-a para fora da situação perigosa que tinha colocado a si mesma.

—Eu sabia o que estava fazendo. Você não tinha idéia dos meus planos.

—Esse é todo o problema. Você não fala comigo e não tenho idéia de seus planos. Pensei que fossemos parceiros nesta!

—É aí que você está errado, — ela voltou bruscamente. —Nós não somos parceiros. Sofro com sua presença por causa das condições ridículas de Dana. Não faça disso mais do que é, bonito.

—É mesmo? Bem, eu tenho notícias para você. Estamos trabalhando juntos, ou deveríamos estar. Encontrar Mara nos torna parceiros quer queira ou não.

O brilho nos seus olhos ficou mais luminoso, conforme o controle de ferro sobre o seu temperamento arrefeceu.

—Sonhe com isso.

—Você é a única a viver em um sonho, se você acha que eu minto. Parceiros, — Maverk repetiu, —e como parceiros, reconhecer um ao outro em todos os momentos. Você me diz os seus pensamentos e planos. Você agora não é uma mercenária solitária.

—Mais alguma coisa? Alguma outra ordem?

—Não faça mais truques estúpidos como fez hoje.

—Oh, me perdoe. Eu sou apenas uma guerreira simples, acostumado a lutar por si só...

—Não só. Dana estava com você.

—Nós conhecíamos o pensamento uma da outra. Você é um perigo, Maverk. Você é muito mole para este tipo de coisa. Vá para casa e deixe isso comigo.

—Você gostaria disso, não é? Eu sei que você está sendo deliberadamente rude e difícil, apenas para fazer-me ir. Eu tenho notícias para você, Reya, está presa comigo, goste ou não, então se acostume com isso.

—Você já terminou? Se assim for, deixe-me ir.

—Não até você admitir que somos parceiros nessa...

—Nunca!

—E que de agora em diante, vai informar-me dos seus planos.

—Vá para o inferno!

Ele estudou o rosto dela, vendo a fúria de cristal claro, brilhante e forte em seus olhos, antes de deixar cair o seu olhar para baixo, para os lábios macios que o amaldiçoaram de maneira tão vil.

Ela começou a lutar contra ele, se contorcendo, tentando livrar-se.

Deslizando sua mão até as nádegas dela, ele apertou-a contra ele.

Ela congelou quando sua suavidade aberta fez contato com a virilha dele. Da virilha até o peito, ela foi pressionada intimamente contra ele. Ela podia sentir todos os ângulos duros e planos de seu corpo, o calor de sua pele, sentir o seu cheiro, que era tão limpo e unicamente dele.

Maverk estava intensamente consciente de sua vulnerabilidade, de suas curvas moldadas tão maravilhosamente contra seu corpo mais duro. O cheiro fraco de rosas subia de sua pele e da queda de seus cachos brilhantes derramados sobre sua mão.

Seus olhos estavam fechados.

—Deixe-me ir. — Um fio de pânico estava claro em sua voz.

Sentimentos estranhos estavam perturbadoramente mexendo dentro dela, não de medo ou raiva, mas de outra espécie, do tipo que ela lutava tanto para suprimir.

Ele ouviu o pânico, viu a confusão em seus olhos e sua respiração ficou presa. *Por quê?* Ela estava, obviamente, preocupada com alguma coisa.

Reya tentou se puxar de volta, mas os braços fortes seguravam-na prisioneira.

—Maverk, não!

—Não o quê? — Seu tom mudou, tornando-se mais baixo, mais suave.

Mesmo seu poder sobre ela havia mudado, ela observou alarmada, já não punia, mas com firmeza, em vez de restrição. Os olhos castanhos tinham esfriado, passando da queima de fúria ao calor.

—Não, Maverk! — Ela começou a lutar freneticamente, só para parar com horror, diante da sensação de endurecimento do comprimento dele contra a sua maciez de mulher.

A moça em seus braços era completamente diferente da fria guerreira, senhora de si, que antes o havia incitado e abusado dele. Esta mulher era toda suavidade e tremores, os olhos eram piscina grande de um verde luminoso. A sensação de seu corpo se contorcendo contra ele, fazia a sua ira desaparecer.

Ele abaixou a cabeça.

Vendo a sua intenção, ela tentou desviar, mas ele a seguiu rapidamente e capturou seus lábios com os dele. Em seu primeiro toque ela gemia e ele imediatamente se aproveitou disso para possuir a sua boca completamente. Reya deixou cair à cabeça com paixão, em um poço de fogo, moldando seus lábios aos dele, degustando o movimento que aquecia a sua boca.

Sua resposta escaldante o pegou de surpresa, por apenas um momento, pois era como ele suspeitava e provou anteriormente. Sob uma fachada fria, queimava uma paixão tão ardente e intensa, que teria queimado um homem inferior. Mas não Maverk. Ele absorveu toda sua essência aquecida, ela cedeu, ele tomou e misturou com o seu próprio desejo.

Ela não sabia quando ele havia soltado os seus pulsos, ou quando seus braços deslizaram ao redor dele para puxá-lo mais perto. Ela não sabia quando seus dedos agarraram o cabelo longo e loiro. Tudo que sabia era que precisava estar mais perto de seu calor, sua força, o seu próprio ser. O desejo desenfreado correu através dela, um fogo brilhante que foi rapidamente se transformando em um inferno furioso.

Era um inferno para combinar com o de Maverk. Seus braços travaram em torno dela em um aperto quase estrangulador. Luxúria, amor e desejo ferviam em suas veias como lava derretida, a resposta dela alimentava a sua chama.

Ele espalmou um peito macio, a curva generosa por baixo do colete firmemente atado enchendo a sua mão. Sem roupas confinando seu peito, ele conhecia a plenitude do que estaria na palma da sua mão.

A dor em seus rins se intensificou quase dolorosamente e ele a puxou para fora da mesa, quebrando o contato dos seus lábios para sussurrar acaloradamente.

—Vamos para algum lugar mais confortável.

Tristemente, reconheceu para si mesmo depois, que foi um grande erro trazê-la de volta à consciência.

—O quê? — Reya abriu os olhos atordoada.

—Vamos para a minha cama e fazer amor...

—Fazer amor? — a consciência despertou. Ela estava em seus braços, cada parte sua pressionada contra o corpo grande e duro dele. A paixão chiou entre eles e havia calor entre as suas coxas.

Ela gemeu.

—Não.

—Vem, — ele persuadiu suavemente, dando um passo para trás, trazendo-a com ele.

—Não! — disse ela com mais força. —Maverk, não!

Percebendo com uma pontada interior de que o momento mágico estava fugindo, ele tentou dar sentido a sua recusa.

—A quem você nega? Você mesma ou a mim?

—Ambos! — ela voltou freneticamente. —Quero dizer, a mim, você!

—Eu não acho que você saiba o que quer dizer. Deixe-me mostrar o que sei, moça.

Apoiando suas mãos sobre o seu peito, ela empurrou.

—O que você sabe? Liberte-me!

—Eu sei o que você quer de mim. Eu sei que você quer fazer amor comigo, como eu quero fazer com você.

Um rubor surgiu através de suas bochechas.

—Eu não!

Com os olhos brilhando com um fogo interior, ele inclinou a cabeça para baixo e pressionou um beijo de boca aberta e quente, com ela descontroladamente batendo o pulso em sua garganta.

Ele deu sua guinada e ela agarrou seus braços.

Erguendo a cabeça, viu o fogo acender nos olhos dela e roçou um beijo nos seus lábios, ficando em torno de seu rosto, onde ele acariciou-a com seu hálito quente.

—Seu coração bate moça. Há calor líquido na sua feminilidade. As pontas de seus seios estão duras com o desejo. Você pode realmente dizer que você não me quer?

Sim, ela o queria. Muito. Seu corpo latejava, doía e ansiava. A mão sobre o seu bíceps inchado e poderoso, flexionado.

Inclinada para frente, com os olhos fechados ela voou e beijou-o suavemente. Sua mão deslizou no maciço peito, sobre as ondas dos músculos, até a cintura para segurar o cinto, até o coldre, roçando o metal frio do laser amarrado na coxa...

O laser! Ele precisava de proteção, enquanto estava com ela. Os olhos de Reya se abriram e ela puxou de volta, pegando-o de surpresa quando ela escorregou de suas mãos.

—O que? — Assustado, ele olhou para seu rosto branco. — Moça, o que está errado?

Abalada, ela passou a mão trêmula sobre o rosto.

—Você, Maverk. Você é o que está errado.

—Eu?

Com suas emoções em tumulto, ela o atacou.

—Eu não sou sua puta para ir para cama quando você quer!

Ele sentia como se tivesse levado uma tapa na cara.

—Que diabos você quer dizer com isso?

—Para ser agarrada, tateada e forçada!

Branco de raiva, uma sensação totalmente estranha à sua natureza feliz, levantou a acusação injusta.

—É isso que você acha? Bem, deixe-me dizer-lhe algo, sua bruxa de coração frio! Uma prostituta seria muito mais amorosa do que você!

—Então, por que se preocupar comigo? Vá encontrar uma para saciar sua luxúria!

O rubor cresceu em seu rosto.

—Talvez eu vá. O calor dela pode derreter o que o seu frio congelou.

—Bom! Vá!

Se refugiou do desprezo em seu olhar ferido e sua dor atacando-a.

—Siga o exemplo, Reya. Aja como uma moça decente, em vez de uma cadela frígida e assassina, você poderá fazer alguns amigos!

As palavras se chocaram contra ela, derramando sal em uma ferida já aberta, e ela revidou instintivamente, buscando ferir novamente.

—Pare de jogar de herói, Maverk. Você é apenas um comerciante de bens e isso lhe subiu à cabeça!

O silêncio em torno deles pulsava com a frustração, raiva, mágoa e violência reprimida. Então Maverk balançou nos calcanhares e saiu, com a fúria queimando em cada linha esticada de seu corpo.

Reya sabia que ele ia deixar a nave. Uma vez que ela ouviu a batida da porta externa, sentou-se rigidamente na mesa e olhou para a parede, enchendo de dormência. Isso amorteceu a dor, a raiva e a auto-repulsão. Repugnância pelas coisas cruéis que tinha atirado nele. Sim, às vezes ela podia ser selvagem, mas sempre tinha sido justa. Ela nunca tinha atacado cegamente ninguém, como tinha feito com Maverk. A pessoa mais amável que havia conhecido, um homem que se importava, ria e amava a vida.

Medo pensou amargamente. O medo a fez lançar-se de tal forma cruel, rasgando e arranhando sua bondade, sua ternura. Tudo. Ela era uma destruidora e provou-o novamente.

Com a garganta apertada, amaldiçoou e afastou-se da mesa. Ela não podia ceder às lágrimas, era um de luxo que não podia pagar.

A asfixia a encheu, seu coração batia forte e a parte de trás de seus olhos queimava.

A imprudência selvagem varreu-a. Estaria escuro em breve. Retirando os punhais de suas botas e soltando o cinto de sua espada em suas costas, jogou-os sobre a mesa junto com o laser.

Sem quaisquer meios de proteção, deixou a nave, seus passos eram rápidos, comendo a distância para o assentamento. Ela bateu os pulsos e apertou sua mandíbula tão apertada que doía.

Ela não queria mais proteção, não queria mais machucar. Ela sentia necessidade de lutar, botar para fora a agressão e ferir alguém fisicamente. Sabia que estava fora de controle. Perigo era o que procurava e se fosse gravemente ferida, que assim fosse. *Se morresse, bem, então, seria o melhor. Tudo ficaria melhor. Não ferir mais aqueles que não merecem, sem mais pesadelos.*

Era o fim da guerreira de gelo. O fim de uma assassina.

A noite já tinha caído e a luz derramada nas ruas vinha das tabernas. Música pesada batia através das portas abertas, junto com o riso estridente e xingamentos. Mas essa não era a área que ela queria. Não, ela precisava da área que a média dos bandidos evitava um lugar de violência brutal e assassinato. Um lugar em que pudesse se perder e sentir-se em casa.

Brroca. A rua na parte de trás do estabelecimento grande.

Brroca. Um lugar, onde qualquer fora da lei, independentemente de quem eles fossem, ia desarmado.

Brroca. O lugar que poderia trazê-la de joelhos e mandá-la para seu criador.

Brroca. O lugar que a selvageria dela ansiava, esta noite.

Da rua saía os becos, paralela à rua principal da localidade. A rua de Brroca fedia a sangue, o cheiro de medo e morte enchia o ar. Para os bandidos, era uma terra de ninguém. Intrusos eram presas fácil para os vermes que governavam esta rua.

Ela não tinha ido muito longe antes de seus instintos perceberem o movimento atrás dela. Continuou andando. Alguém agora estava se aproximando pela sua esquerda, depois, pela direita. O arranhar de aço frio sendo raspado era alto.

—Então, mulher guerreira, o que procura aqui? — perguntou uma voz fria e uma forma apareceu diante dela.

Alto e magro, com pálidos olhos cinza, rosto marcado por cicatrizes, quase irreconhecível, era o rosto de um assassino.

Ela olhou para ele sem emoção.

—Responda-me, guerreira, ou hoje à noite você vai encontrar a Morte.

—Então me deixe encontrar a Morte e ver o que nós temos homenzinho.

—Assim seja, guerreira. — Ele riu-se impiedosamente.

Quatro homens se lançaram para ela, um de cada lado. Ela explodiu em ação, a fúria irracional assumindo e acrescentando à sua letalidade. Ela lutou com um só objetivo, crueldade, três dos homens caíram rapidamente.

Para os três que caíram mais quatro apareceram.

Agora, ela enfrentava cinco e deu lhes boas vindas. Ela não estava ciente da multidão silenciosa que se reuniu, transportando tochas de fogo crepitando, formando um semicírculo em torno dos combatentes.

Sangue respingava no chão, a maior parte dos assassinos, algum dela. Uma adaga fez um corte em seu braço. Um arranhão marcou a parte de trás de sua coxa, quando ela caiu e raspou-a através do cascalho. Um filete de sangue marcava o canto de sua boca, após um soco.

Fúria e raiva cega emprestaram-lhe mais força, logo era só ela e o líder dos vermes, face a face, no silêncio.

—Então, — disse ele.

Reya soprou os nós dos dedos esfolados, peito arfando a cada respiração.

—Então.

—Você é uma adversária digna, mas como você enfrentará um laser? — Ele puxou um, suavemente, do coldre ao seu lado.

Sangue zumbia através de suas veias. *Era isso.*

—Como pode ver, — ela espalhou os braços, os olhos frios de ousadia —Eu não tenho um. Puxe o gatilho, homem.



Maverk olhou para a caneca de cerveja intocada. Ele teve que abandonar a nave, pois se tivesse ficado, não gostaria de pensar no que poderia ter acontecido. Era ruim o suficiente, com as coisas cruéis que ele disse para ela.

Frígida, cadela assassina. Gemendo, deixou cair a testa em uma palma. *Como ele pode ser tão cruel?* Nunca, em toda a sua vida,

foi deliberadamente mau com uma moça. O fato de que havia sido tão cruel com alguém que amava, era imperdoável.

Claro, ela tinha sido muito selvagem, mas não era nada incomum. Apenas, ele franziu a testa, havia algo mais. Ele sentia. Mas se voltasse agora e tentasse fazer as pazes, ela provavelmente o atacaria com a sua espada. E ele não podia culpá-la.

Maverk suspirou pesadamente.

—Problema com mulher, amigo? — uma voz perguntou com diversão.

Tirando a mão de sua testa, olhou para cima, em direção a voz. O homem em pé diante dele estava na casa dos trinta, pele bronzeada, um marrom profundo de sol, olhos azuis nítidos e havia avaliação no seu rosto aquilino.

—Meu nome é Zadox. — Ele apontou para a cadeira em frente à Maverk. —Você se importa?

—Não, fique à vontade.

Sentado, ele se inclinou para trás na cadeira e fixou o comerciante com olhos inquiridores.

—Então, problema com mulher, amigo?

—Nada que eu não possa lidar. — Tomando um gole de cerveja, Maverk olhou para ele sobre a borda da caneca.

Zadox sorriu levemente.

—As guerreiras Reeka sempre foram um enigma.

—Oh?

—Sim. Você viaja com Reya, não é?

—O que você tem a ver com isso?

—Não se aborreça. Não é nenhum segredo que vocês estão juntos. Vendo você tão sombrio, é fácil adivinhar que sua língua afiada deve ter tirado uma faixa ou duas de você.

Inclinando-se para trás na cadeira, Maverk cruzou os braços no peito, considerando o outro homem com curiosidade.

—Você parece conhecê-la bem.

—Um pouco. — Capturando o olhar do barman, Zadox apontou para sua caneca vazia. —Nós estivemos em algumas missões juntos.

—Você é um mercenário?

—Eu era. Agora não faço mais isso.

Sentaram-se em silêncio enquanto o barman recarregava a caneca e caminhou até o outro lado do bar.

Zadox tomou um gole de cerveja e voltou seu olhar para o Daamen.

—Você tem o olhar de um homem que passou através de um espremedor. Reya é a única que conheço que pode fazer um homem olhar e sentir-se assim.

Uma onda de ciúmes levantou-se dentro de Maverk.

— Exatamente quão bem você a conhece?

Capítulo 19

Um longo dedo marrom rodava em torno da borda da caneca.

—Não muito. Ela manteve seus pensamentos e sentimentos para si mesmo. Eu a vi quando as probabilidades estavam contra nós, sem medo e calma, a frieza caía sobre ela como um manto, isolando-a do resto de nós. Muitos a maldiziam pela frieza, mas isso manteve muita coisa incólume.

—Você desistiu de ser um mercenário. Por que é que ela não consegue?

—As coisas que vemos, nos afetam de diferentes maneiras, meu amigo. As coisas que eu vi me fizeram feliz por permanecer em áreas civilizadas.

—Se você pode chamar esse inferno de '*civilizado*'.

—Comparado a alguns lugares, esse inferno é a nata da civilização. Você não sabe o que é civilização até que tenha ido para as profundezas do próprio inferno, com o cheiro de sangue e medo, os sons de gritos e a histeria. — Seu olhar era desolador. —As pessoas dizem que a guerra é comerciar o horror. Há algumas coisas piores.

—Tais como?

—As coisas que podem levar um homem a loucura... ou uma mulher.

Um calafrio subiu pela espinha de Maverk.

—O que você está me dizendo?

—Eu acho que você sabe.

—O horror que você fala que viu, Reya viu também, não é? — Ele inclinou-se com urgência. —O que vocês viram?

Seus olhos cresceram sombreados.

—Não cabe a mim dizer.

Frustrado, Maverk ralou,

— Segredos, Zadox? Você oferece-me a resposta para o seu segredo... só para agora, negar-me? O que é isso?

—Segredos são apenas para o dono revelar. Minha intenção não era a raiva, mas para tentar ajudá-lo a entender e talvez para avisá-lo.

—De quê?

—Segredos podem deixar uma pessoa insana. Já ouvi falar das missões de Reya e como agiu sobre elas, pondo em perigo a si mesmo através do voluntariado, insistindo em ser o batedor,

liderando os ataques, sendo a primeira sobre o muro. Não lhe disse nada?

Seu couro cabeludo arrepiou.

—Você está dizendo que ela é suicida? Insana? — A raiva o encheu. —Maldito seja, como se atreve...

—Acalme-se, amigo. — Zadox ergueu a mão num gesto de paz. —Ela não é uma lunática.

—Então o que diabos você está dizendo? Você fala por enigmas e eu estou doente e cansado de enigmas e segredos!

—Simplificando, eu sei o que viu. Eu estava lá. Ela salvou nossas vidas, mas é tudo que posso dizer. — Diante da carranca do comerciante, ele balançou a cabeça. —Eu a respeito muito para revelar um segredo que aqueles de nós que sobreviveram compartilham. O que revelam sobre si mesmos, tudo bem, mas ninguém vai dizer os segredos dos outros. Isso é para que eles o façam.

—Então você não vai dizer. —a mandíbula de Maverk doía com os dentes cerrados.

—Não. É a escolha de Reya, não minha.

—Maldição dos infernos! — Um punho enorme caiu sobre a mesa, fazendo com que a cerveja das canecas chapinhasse ao longo das bordas, bebedores nas proximidades olharam nervosamente para ele.

—Para os sobreviventes, é como se estivéssemos condenado ao inferno, — Zadox disse suavemente. —Eu lhe digo, Reya precisa de um homem como você. Está claro para mim que você se importa profundamente com a guerreira e você é o único que pode salvá-la.

—Salvá-la? — Seu olhar aguçou. —Ela está em perigo?

—De si mesma. No ano passado ela estava andando no limite.

—Você está falando por enigmas novamente. Primeiro você diz que ela não é insana...

—Ainda não. Eu acho que Dana tem ajudado a manter a sua alma e mente junta. Agora que ela se foi, só você pode ajudá-la.

—Maldito seja! Que diabos está acontecendo?

O rosto belicoso tornou-se intenso.

—Isso é tudo o que vou lhe dizer. Dos onze sobreviventes, três tiraram as suas próprias vidas, dentro de dias após a missão pesadelo, dois estão insanos, um se refugiou na feitiçaria como um meio de proteção, dois se transformaram em seguidores da lei e foram presos, para eles, é a segurança. Um ainda percorre a galáxia, eu moro aqui no que, para mim, é a civilização e segurança, Reya

escolheu lutar ferozmente, enfrentar a morte sem se preocupar consigo mesma. Ela desafia a morte. Ela atreve-se.

—Ela anda no limite — Maverk sussurrou com o entendimento horrorizado.

—Sim. Aqueles que ainda não estão insanos andam na borda, até encontrarem uma maneira de lidar com isso, ou um jeito de se afastar da beira da insanidade.

—Meu Deus. — Uma breve panorâmica de sua guerreira veio à sua mente. —Como posso ajudar se você não vai dizer-me o segredo? Se você realmente quer ajudá-la, ajude-me!

—Se eu pudesse faria, acredite em mim, mas seria de nenhuma ajuda para ela. Ela precisa falar sobre si mesma. Desculpe-me, eu sei que é difícil de entender.

—Diga o seu preço, Zadox Eu não sou um homem pobre...

—As riquezas não são boas para mim. — Ele sorriu levemente, com pesar. —De que vale o dinheiro ou pertences a um homem que caminha na borda?

Maverk poderia tentar outra vez, mas uma figura desengonçada e magra irrompeu pela porta, olhou selvagememente, viu o comerciante e entrou precipitando de um lado ao outro, arrastando para parar e conseguindo evitar a colisão com a mesa.

—Reya! — Cisco ofegou. —Ela está na Brroca!

—O quê?

—Ela está na Brroca! Ela vai ser morta, com certeza!

Maverk saltou, enviando a cadeira para trás, resvalando até bater contra a parede.

—Ela é louca? — Tão logo as palavras saíram de sua boca, uma mão fria apertou o seu coração e seu olhar voou para Zadox. *À beira da loucura. Ela poderia estar buscando a morte?*

Em um único impulso, ele saltou por cima da mesa e caiu no meio da multidão, arremessou os frequentadores da taberna que voaram em todas as direções. Ignorando as maldições, ele tratou de segui-lo, tudo o que pensava era que Reya estava em um abismo pior do que o inferno que ele conhecia.

Em Brroca não havia misericórdia para ninguém. Invasores eram mortos, barbaramente espancados, estupradas e sua moça estava lá. Ele tinha que encontrá-la e protegê-la.

—Maverk, espere por mim! — Zadox correu atrás dele, mas era óbvio que não ouviu ou ignorou, mas a distância entre eles aumentava a cada passo.

Maverk entrou pelo beco que levava para Brroca e entrou na rua para ver uma cena que transformou o seu sangue em gelo.

Um grande círculo de bandidos com tochas crepitantes, que lançavam luz sobre as duas pessoas frente a frente, uma segurando um laser, a outra com os braços esticados para os lados, com suaves cachos vermelho-ouro voando na leve brisa. Espalhados aos seus pés estavam corpos inconscientes.

—Puxe o gatilho, homem. — As palavras eram claras no ar fresco da noite, ousadas, instigantes.

—Não! — Maverk rugiu, correndo para frente e agarrando o laser em seu quadril.

Reya e o fora da lei com cicatrizes, viraram rapidamente.

—Maverk! — Seus olhos se arregalaram incrédulos.

—Seu campeão, guerreira? — perguntou o homem marcado com um toque de diversão.

Ele não baixou seu laser, sabendo que os assassinos já tinham em mãos as suas armas, destinadas ao gigante Daamen, esperando apenas pelo seu sinal.

Não, Maverk não pode estar aqui! Reya moveu o seu olhar do comerciante, se aproximando rapidamente, para o fora da lei. *A morte misericordiosa estava tão perto! Um fim ao pesadelo contínuo que nunca a deixou dormir sossegada! Para tê-la arrancada em seu último segundo, era demais!*

Agarrando a mão do bandido, ela puxou a ponta do laser contra o seu peito.

—Puxe o gatilho, maldito!

—Eu vou matar você, se você fizer isso! — Maverk rugiu.

—Atire! — ela rosnou.

As sobranceiras do homem marcado se levantaram com curiosidade.

—Você tem um desejo de morte, guerreira.

Derrapando até parar ao lado dela, Maverk ergueu a laser para o assassino.

—Ponha sua arma para baixo agora!

—Ah, o comerciante Daamen. Ela significa algo para você?

Reya podia sentir a situação mudar.

—Não, não quero dizer nada a ele! Isso é entre você e eu!

—Não a machuque. Qualquer argumento que você tem com ela, você tem comigo!

—Tudo bem, você pode morrer primeiro. — O laser virou na direção dele.

A ação e as palavras penetraram à nuvem de pânico e desespero que enchiam a sua mente. O laser agora estava sobre o comerciante, o perigo que ele colocou-se, por ela, perfurou a sua mente.

Com os olhos brilhando, ela atirou-se entre os dois homens.

—Esta é minha luta, assassino. Você vai machucá-lo sobre o meu corpo morto.

—Se é isso que você quer. — Preguiçosamente, ele encolheu os ombros.

Um braço musculoso envolveu em torno de sua cintura e começou a puxá-la.

—Reya, não!

—Pare! — uma voz rugiu.

O assassino olhou em volta, com genuína surpresa em seu rosto.

—Zadox?

A multidão caiu para trás com um murmúrio, quando Zadox pisou em seu meio.

—Abaixem as suas armas.

Maverk manteve seu olhar sobre o homem marcado.

—Você conhece este assassino?

—Sim. Venon abaixe sua arma. Estes dois são meus convidados especiais.

Lentamente, o laser baixou, mas Maverk permaneceu apontando para Venon.

—Comerciante, abaixe a sua arma — Zadox ordenou.

—O que você sabe deste lugar e dessas pessoas?

—Eu sou o líder aqui. Ninguém vai machucar você ou Reya.

Reya lentamente virou a cabeça para encontrar os seus olhos azuis, a cor foi drenada de seu rosto.

—Você. — A palavra era um sussurro.

—Faz algum tempo.

—Você não deveria ter impedido. — Seu tom baixo estava acusando. —Você, de todas as pessoas, devia entender.

Ele olhou para a multidão de curiosos e sacudiu a cabeça.

—Saíam daqui.

Em poucos minutos a rua estava deserta, os sem conhecimentos foram retirados, ele voltou seu olhar para a guerreira com o braço do comerciante ainda ao redor da sua cintura.

Maverk podia senti-la tremer. Ele queria esmagá-la contra ele, com alívio por ela estar viva. Ele queria acalmá-la e levá-la para um

lugar privado para tentar dar sentido ao que tinha acontecido. Ele queria sacudi-la e gritar com ela por ser tão estúpida. Doía pensar que ela preferia a morte a confiar nele. Era como se uma estranha estivesse diante dele.

—Eu não podia deixá-la morrer — respondeu Zadox, calmamente.

—Maldito seja! Eu estava tão perto, tão perto! — A agonia soava em sua voz.

—Sim, você estava.

—Por que você interferiu? O que lhe dá o direito?

A empatia estava gravada na sua face belicosa.

—Você salvou as nossas vidas.

—Será que salvei? Digo que eu amaldiçoei a todos nós!

—Talvez sim, talvez não. Você tomou a decisão que achou que devia e nós vivemos hoje por causa disso.

Selvagemmente ela se afastou do braço de Maverk.

—Vive? Este é o inferno!

—Reya... — Maverk estendeu a mão para ela, mas ela rapidamente se afastou, com os olhos cheios de fúria, impotente e com desespero. —Moça, por favor...

—Não, Maverk — ela respondeu asperamente. —Não argumente comigo. Eu não valho a sujeira debaixo dos seus pés.

—Moça, ouça...

—Para quê? Para os gritos durante a noite? O cheiro de terror e derramamento de sangue, o frio da morte e da decomposição?

Seus olhos brilhavam descontroladamente e, de repente, ele temia que ela realmente deslizesse para a loucura.

—Moça, acalme-se.

Ela olhou para ele, com uma expressão assombrada no rosto.

—Você não entende. — Seu olhar moveu para Zadox, então ela se virou e fugiu.

—Reya! — Maverk gritou. —Pare! — Ele correu atrás dela.

—Ela precisa de você, comerciante.

As últimas palavras de Zadox o seguiram, enquanto ele perseguia Reya, mas não poderia reconhecê-las. Ele se esforçava para alcançá-la.

Desespero e desesperança emprestaram asas aos seus pés, ela correu pelas ruas empoeiradas e para fora do assentamento, fazendo seu caminho para a nave. Saltando os três últimos passos, ela deslizou para dentro e correu para cabine de dormir, para pegar a mochila no chão.

A sua respiração estava ofegante e sentiu como se o seu coração fosse explodir em seu peito.

A porta abriu e ela se virou de costas para a parede.

Maverk olhou do seu rosto perturbado para a mochila que ela segurava.

—Onde você está indo?

—Embora.

—Não, você não vai.

—Não me diga o que fazer! Deixe-me sozinha! Eu não preciso de você!

Vendo sua agonia, seu coração se apertou.

—Você precisa de alguém, e esse poderia muito bem ser eu.

—Não, não pode ser você! — Arremessando sua mochila sobre a cama, ela fechou os punhos. —Você me entende?

—Eu não entendo...

—Você não entende nada! — Lágrimas brilhavam em seus olhos. —Nada!

Ele estava realmente preocupado agora. Ele nunca a tinha visto tão agitada e fora de controle. Sua voz tremia, seu corpo tremia violentamente e a histeria cortava as suas palavras.

Lentamente ele se aproximou dela, falando suavemente.

—Reya, você me conhece. Apenas me diga o que a incomoda, o que...

—Eu não posso! — Ela começou a chorar.

Horrorizado, ele observou-a cobrir o rosto com as mãos e deslizar para baixo da parede até sentar no chão.

Uma vez lá, ela atraiu os joelhos ao peito, abraçou-os e desenhrou-se em uma bola de soluço e miséria.

—Reya, meu amor. — Caindo de joelhos ao lado dela, ele pegou-a em seus braços e abraçou-a.

Virando-se para ele, ela escondeu o rosto em seu pescoço, soluços incontroláveis rasgavam o seu corpo.

—Ah, moça. — Sua garganta estava apertada. —Será que eu poderia pegar a sua dor e fazê-la minha?

—Não, — ela engasgou. —Nunca deseje isso, Maverk. Eu não desejo a minha dor nem para o meu pior inimigo.

Se ao menos ele pudesse descobrir o segredo que rasgava a alma dessa guerreira. Fechando os olhos, ele descansou seu rosto sobre os cachos macios.

Ela se apertou contra ele, enquanto a tempestade rugia dentro dela, chorando a sua dor e agonia escondida, livremente na pele

quente do pescoço dele, enquanto ela inalava o seu cheiro, limpo e masculino com cada respiração, estremecendo.

Era como se a sua limpeza e calor a penetrasse, atravessando cada parte do seu corpo, acalmando-a e fazendo-a se sentir segura.

Ele murmurou palavras de conforto e segurou-a firmemente, com uma mão acariciando as tranças de seda.

O tempo passou e, gradualmente, os soluços diminuíram até que apenas a respiração e um estranho estremecimento ondulassem através dela. Ainda assim, ele segurou-a em silêncio, ela se enrolou em seu calor e solidez reconfortantes.

Finalmente, ela se mexeu, inclinando a cabeça para trás para olhá-lo e ele ficou aliviado ao ver que a selvageria havia sido apagada de seus olhos.

Ela entendeu o olhar inquiridor.

—Não se preocupe. Eu não estou insana, ainda.

—Assim eu vejo, mas me preocupou tremendamente lá, por algum tempo, moça. Você estava no limite.

—Zadox falou com você.

—Sim, mas eu não sei muito mais do que antes, exceto que ele compartilha o seu segredo e que destruiu outras vidas. — Uma mão acariciou o seu rosto molhado de lágrimas. —E você quase se destruiu esta noite. Por compartilhar ele irá carregar o fardo também. Compartilhe comigo.

Suspirando e cansada, ela começou a se afastar.

Ele reforçou seu poder, impedindo sua retirada.

—Reya, eu cuido de você. Seja o que for nunca vou mudar. Hoje à noite você conseguiu retornar do limite, mas, e amanhã ou na próxima semana?

—Maverk, se você realmente se importa não vai perguntar-me de novo.

—É por que me importo que eu pergunto.

Uma lágrima deslizou pelo seu rosto.

—Se você soubesse, seu cuidado se voltaria para ódio. Minha irmã iria se afastar de mim.

—É tão ruim, moça?

Lentamente, ela virou-se até que se ajoelhou diante dele.

—É uma mancha em minha alma e está me comendo como ácido. É uma mancha que não deve se espalhar para aqueles a quem amo.

—Deixe-me ajudá-la a lavar a mancha para longe.

A voz suave e persuasiva, acompanhada por um carinho suave dos dedos calejados na sua bochecha, a fez engolir um nó na garganta.

—A mancha está lá para a eternidade. Destrói-me e não vou permitir que ela destrua a vida daqueles que amo. Não, Maverk, é o meu segredo e só meu. Por favor. — Ela estendeu a mão para colocar a mão sobre a dele, que repousava tão gentilmente em seu rosto. — Não pergunte mais.

Ele estudou-a em silêncio, o seu olhar tocou o seu coração, e, lentamente, ele concordou.

—Muito bem, se isso é o que você quer, mantenha o seu segredo, por enquanto. Mas se não desejar ferir sua irmã, você deve estar com ela no nascimento de seu primeiro filho.

—Maverk...

—Não, escute-me. Se você quiser que ela pense que está tudo bem com você, vá visitá-la e desfaça seus medos e curiosidade, pois ela desconfia que algo esteja errado.

—Eu não sei, eu...

—Basta visitar por um tempo curto, só para colocar as suas preocupações para descansar. A menos que você queira que ela se preocupe mais ainda.

Seus ombros caíram com a derrota.

—Muito bem. Depois de encontrarmos Mara, iremos ver Tenia.

Seu sorriso era quente de aprovação.

—Essa é a melhor decisão que você toma em um longo tempo, moça.

—É?

—Sim, é. — Antes que ela pudesse mudar de ideia, Maverk se levantou e puxou-a suavemente com ele. —Agora, é tempo de vermos as suas feridas.

Reya olhou para si mesma.

—Eu vou para o chuveiro primeiro.

—Enquanto você faz isso, eu vou pegar os primeiros socorros.

Sentindo-se sem energia e movendo-se quase automaticamente, ela tomou banho e se vestiu com uma camisola limpa.

Maverk olhou para cima quando ela entrou na cabine de dormir, observando o cansaço em seu rosto. Ele estava aliviado ao ver que as barricadas de gelo ainda não tinham sido levantadas novamente.

—Sente-se, moça, vou cuidar da ferida no seu braço em primeiro lugar.

Ela sentou-se calmamente enquanto ele aplicava antisséptico e um curativo autocolante no corte. Ele se perguntava no que ela estava pensando enquanto olhava para o chão com uma expressão distante.

Ela voltou à atenção, quando ele falou de novo.

—O quê?

—Deite-se sobre o seu estômago e vou colocar um pouco de antisséptico no seu machucado na parte de trás da coxa. O cascalho arranhou você.

Normalmente ela daria alguma resposta, e ele se encontrou olhando para ver um traço da velha Reya, estava tênue, mas perceptível. Ele reconheceu-a, com uma mistura de alívio e tristeza. Alívio por que significava que ela estava de volta da beira da loucura, tristeza por que a velha Reya, fria e arredia, estava de volta. Reya agora estava aberta, mais suave e mais acessível.

Quando ele terminou, ela cuidadosamente se levantou, para sentar-se ao lado dele. Seus olhos piscavam quando a ponta do seu dedo levemente tocou o canto da boca, traçando o pequeno inchaço.

—Está muito dolorido? — ele perguntou suavemente.

—Já tive pior. — Chegando a tocá-la, ela pegou a sua mão na dela.

—Vale à pena, Reya? — Seu polegar esfregava as costas de sua mão em um gesto suave, mas muito íntimo. —Toda essa dor física que você se entrega completamente?

—Siga o meu conselho, vá para casa antes que eu o destrua.

—Como? — Ele apertou um beijo nas costas de sua mão, mantendo os olhos em cima dela.

Um lampejo de calor varreu-lhe da mão ao braço, com o toque de seus lábios.

—Eu feri você esta noite, com as coisas que eu disse.

—Assim como eu. — O remorso escureceu o seu rosto bonito.

—Eu fui cruel, disse coisas que...

—Não importa.

—Importa. — Um músculo se contraiu na bochecha forte. — Responda-me com sinceridade. Será que a minha crueldade incitou você a fazer o que fez hoje?

Ela estudou-o em silêncio e seu coração partiu-se. Afastando-se, deixou cair sua mão. Levantando-se, ele disse asperamente, com auto-aversão latejante em sua voz,

— Foi sim. Eu quase a matei esta noite com a minha selvageria.

Ele não tinha tomado mais de dois passos longe dela, quando foi parado, ele olhou para mão dela em volta do seu pulso.

—Vire-se e olhe para mim, Maverk. — As palavras eram baixas, mas convincentes, fortes em sua quietude.

Ele fez como ordenado, olhando para baixo, para o belo rosto que não era nem frio nem distante. Em vez disso, estava suave e não havia uma expressão calorosa na calma dos olhos claros.

—Maverk, você não têm um osso selvagem em seu corpo, o que você disse é verdade...

—Foi uma mentira dita com a raiva!

Seu sorriso era doce e triste.

—À sua maneira, mas como você disse, foi dito com raiva, as mesmas palavras que eu lhe disse. Você é tão bom, amável e gentil, muito diferente de mim. Você é o sol da minha lua, a luz para as minhas trevas. Somos tão... opostos, bonitão. — O termo foi dito com afeto, um fato que ele não perdeu.

—Talvez seja sim, moça. — Ele tomou-lhe as mãos. —Mas à noite e o dia estão juntos.

—Você é otimista. Eu sou pessimista. Somos opostos.

—Ah, mas os opostos se atraem.

Eles olharam um para o outro e a sala estava cheia de calor, de paz.

Maverk empurrou as mãos para cima dos seus braços e puxou-a para ele. Ele começou a se curvar em direção a ela, quando o seu dedo na boca dele o deteve. Ele olhou interrogativamente para ela.

—Esteja avisado, Maverk, — disse ela tristemente. —Aconteça o que acontecer esta noite, amanhã virá sem nenhuma promessa. Será como se esta noite nunca tivesse acontecido.

—Então eu vou pegar o que posso esta noite.

—Isso vai tornar muito mais difícil para você quando partirmos. Seria mais sábio deixar-me agora.

Sua resposta foi pegá-la em seus braços e descer a boca para cobrir os seus lábios.

Deslizando seus braços em volta do pescoço dele, Reya apertou-se contra ele, retribuindo seu beijo.

Parte de sua mente gritava que era loucura dar-se para este comerciante loiro, que ela iria se arrepender no dia seguinte. Seu coração pediu para tomar o que ele oferecia, para tomar o seu carinho e gentileza, e dar-lhe seu amor.

Ela o amava e reconheceu-o profundamente dentro de si, saboreando-o, esta noite teria que durar para a eternidade.

O som de um alarme penetrou sua névoa de desejo e interrompeu o seu beijo, separando as suas bocas.

—Merda, alguém está do lado de fora da nave, — Maverk amaldiçoou ao mesmo tempo em que Reya tateou para o inexistente laser em seu lado. —Intrusos!

A diferença em suas reações atingiu-o de uma só vez, por alguns segundos, um olhou para o outro, em silêncio.

Diante de seus olhos ela mudou, a maciez deu lugar à dureza e o calor ao frio. Em poucos segundos a amante apaixonada foi substituída pela guerreira de gelo.

—É melhor ver quem é. — Virando-se, ela estendeu a mão para a mochila. —Vou me vestir.

Mentalmente amaldiçoando o alarme, Maverk girou nos calcanhares e correu para a porta de entrada. Na cabine de controle, ele silenciou o alarme e a tela de segurança mostrava um homem alto, desengonçado e jovem, confortavelmente relaxado contra a lateral da nave, perto da porta.

—O que você quer? — Maverk ladrou.

Cisco saltou e fez uma careta na porta fechada.

—Estou aqui para falar com Reya.

—É mesmo? Tem alguma pessoa com você?

—Não, é uma boa maneira de cumprimentar-me! Você quer informações sobre Vinca ou não?

Agora ele queria estar na cama, enredado nos membros de certa mulher. Ele estava resmungando para si mesmo.

—Já estarei aí.

Cisco cruzou os braços teimosamente.

—Eu prefiro conversar com Reya.

—Você vai falar com quem chegar a você em primeiro lugar e fique satisfeito!

—Suscetível. Interrompi alguma coisa, não é?

Foi o suficiente. Ele ia matar o pequeno bastardo choramingão! Ele foi para a porta, apenas para vacilar quando viu Reya passar rapidamente, ainda amarrando o laço de seu colete. Debaixo do braço, ela levava o laser.

—Nenhuma vantagem em matá-lo até que tenhamos a informação que procuramos bonito. Ele não é bom para mim morto.

A mercenária estava de volta.

Capítulo 20

Reya desceu os degraus, estudando a clareira antes de concentrar a sua atenção sobre Cisco.

—Bem?

Cautelosamente, ele olhou para o grande comerciante atrás dela, vendo o ardor nos olhos castanhos.

—Ele é seguro?

—Se você tiver informações, dê-me. Eu não tenho tempo a perder.

Ele deu de ombros, mas manteve os olhos sobre o comerciante carrancudo.

—Muito bem. Vinca está hospedado na taberna *Snoring Bore*, quarto oito.

—Quem lhe disse?

Ele sorriu.

—Eu não vou revelar minhas fontes. Não seria honroso para a mulher envolvida.

—Qualquer pessoa sabe?

—Claro que não. — Ele deu um olhar ofendido.

Olhos frios o avaliaram exaustivamente, em seguida, ela balançou a cabeça, virou-se e afastou.

—Hei! — Cisco correu atrás dela. —E o meu pagamento?

—Se voltarmos você será pago, se não...

—Droga! — ele amaldiçoou, parou e chutou um pedaço de grama. —Você não confia em mim?

—Não. — Maverk passou por ele com um sorriso de lobo. — Espere perto da nave, se lhe agradar.

—Isso não. Posso ir para dentro e esperar?

—Você poderia tentar, mas o sensor está ligado e está programado apenas para Reya e minhas auras. — A presunção e satisfação enchiam a sua voz profunda.

Com palavrões, Cisco se afastou da nave e jogou-se sobre a grama ao lado dela, sob o brilho do céu noturno.

Emparelhando o passo ao lado de Reya, Maverk olhou de soslaio para a expressão de perfil e suspirou.

—Poderia ser melhor se você ficasse aqui. — As palavras foram cortadas.

—Eu vou com você, Reya.

—Pode ser uma armadilha.

—Então nós vamos juntos.

Ela virou a sua cabeça e encontrou seu olhar repleto, ele viu um lampejo de tristeza em seus olhos antes que a frieza os enchesse novamente.

—Você é um tolo.

—Para você, meu doce, eu ficaria feliz em ser um.

Eles continuaram o resto da caminhada em silêncio.

A música tocava alto na taverna Snoring Boar e os bêbados habituais enchiam o salão e fora dele. Reya passou e desviou para o beco ao lado dela, verificando a área atrás, antes de ir para a escada traseira, Maverk ia atrás dela. Os degraus de madeira rangeram sob seu peso e ela franziu a testa para ele.

Ele recebeu o seu olhar suavemente. Não havia como deixá-la ir sozinha, independentemente do ruído que fizesse.

Eles chegaram ao topo e ele estendeu a mão para a maçaneta da porta. Ela agarrou seu pulso e balançou a cabeça, apontando para a janela da varanda raquítica ao lado deles. Ele ergueu as sobrancelhas na consulta e ela gesticulou novamente. Desta vez, ele entendeu a mensagem. Eles iam pela janela.

Agilmente Reya subiu no corrimão da escada e saltou, pegando a varanda. Por um segundo ela balançou no ar antes de se puxar para cima e sobre si mesma, ela caiu levemente nas sombras ao lado da janela iluminada.

Maverk olhou para a estrutura frágil e duvidosa, ela balançou a cabeça, levantando a mão em um gesto de espera. Ele fez uma careta. *Ela honestamente esperava que ele esperasse? Se fosse uma armadilha...* — seus olhos se arregalaram quando ela escorregou através da janela aberta e desapareceu de vista.

A bruxinha tinha ido sem ele! Seu primeiro instinto era disparar através da porta, caso fosse uma armadilha, encontrá-la, mas o bom senso prevaleceu, ele tentou cuidadosamente a maçaneta da porta. Ela funcionou de forma fácil e a porta se abriu em uma sala, deserta e iluminada.

Entrando silenciosamente, encontrou a porta do quarto que ela entrou e, como suspeitava, era o número oito. O silêncio veio de dentro e ele debateu sobre se devia ou não entrar por ela.

Ele foi pego de surpresa quando a porta se abriu para mostrar Reya, que indicou com a cabeça para ele entrar. Um dedo foi levantado até os lábios. Ele entrou e ela fechou a porta atrás dele.

O quarto era de gesso, pequeno, com paredes sujas descascadas. Uma mesa bamba estava no canto com um pequeno banquinho embaixo dela. Sobre a cama, no canto, jazia um homem virado para a parede, as cobertas estavam puxadas até a testa.

Pegando a adaga no alto de sua bota, Reya se aproximou dele.

Olhando para fora da janela, para o beco, Maverk viu que tudo estava quieto, olhou de volta para Reya e descobriu que ela havia parado perto do pé da cama e estava estudando o homem com os olhos apertados.

Algo estava errado, mas o quê? Ele olhou para a figura inerte, de perto. O que estava errado? Ele ainda estava, aparentemente, não oferecendo nenhuma ameaça. Então ele percebeu. *O homem estava muito quieto.*

Pegando a ponta coberta, Reya puxou para trás. Ambos olhavam, em silêncio, o corpo morto.

Era Royce, os olhos arregalados e congelados de medo. Suas duas orelhas tinham desaparecido e o sangue seco escorria em torno, para o colchão embaixo dele.

Maverk sentiu o estômago apertar quando viu que da cintura para baixo ele tinha sido esfolado. Seus olhos subiram para Reya e viu o reconhecimento atordoado neles.

—Reya? Você está bem?

A sua voz rompeu o horror doente e ela deixou cair a coberta de volta,

— Você viu alguém no corredor?

—Não, estava vazio. — Ele transferiu-se para ficar ao lado dela.

—Você reconhece essa mutilação?

Sem responder, ela caminhou até a porta e abriu-a. Conforme ela fazia isso, um envelope esvoaçou para o chão de onde ele tinha sido anexado à porta. Espiando para o corredor, ela encontrou-o vazio, como suspeitava. Ela pegou o envelope no chão.

—Isso não estava aí antes. — Maverk caminhou para ver curiosamente, enquanto ela abria e puxava uma mecha de cabelo, preto e encaracolado, de dentro dele.

Sombriamente ela entregou a ele.

—É de Mara.

—Como você pode ter tanta certeza?

—Confie em mim.

—Há mais alguma coisa no envelope?

Retirando uma folha de papel, ela desdobrou.

Maverk olhou por cima do ombro e leu as palavras em voz alta.

“Se você quer que ela volte inteira, você sabe para onde ir”.

—Onde fica isso?

Com os olhos vazios, esmagou a nota na mão.

—Vaksal.

—Vaksal? Não é desse lugar que este homem, Vinca, era?

—Sim. Vamos.

Ele a seguiu, fechando a porta atrás dele. Alguém acharia Royce. Além disso, era tarde demais para ajudá-lo.

Uma vez na rua principal, ele andou ao lado dela.

—O que é isso tudo?

—Eu não tenho certeza.

—Você está mentindo.

—Pela primeira vez, bonitão, eu não sei. Suspeito, mas não estou totalmente certa.

—Então me diga o que você suspeita.

—Eu fiz muitos inimigos. Acho que alguém procura vingança.

—Quem?

O barulho súbito de riso infantil veio da escuridão e ela girou ao redor, seus olhos procurando, boca seca, mão no cabo do laser.

—Reya? O que há de errado? — Maverk olhou para a escuridão, alarmado. —O que você ouve?

O riso infantil veio do lado oposto da rua e Reya girou para enfrentá-lo. A luz que saía de uma taverna próxima mostrou nenhuma cor em seu rosto.

—Reya, são apenas crianças. — Ele, gentilmente, pegou seu braço, perguntando se ela estava à beira da loucura de novo. Sentindo o pulso batendo descontroladamente em seu pulso, ele franziu a testa preocupado.

De repente, uma criança esfarrapada disparou para fora de um beco nas proximidades, gritando,

— Eu vejo você! Eu vejo você! — Outra criança apareceu do lado oposto e rindo, correram pela rua escura e empoeirada.

Reya estava com a respiração ofegante. *Estava tudo bem, tudo estava bem. Não era quem ela pensava.*

—Reya, fale comigo! — Pegando o rosto dela em suas mãos, Maverk forçou-a a olhar para ele. —Qual, inferno, é o problema? Quem você achou que eles eram?

Fantasmas. Fantasmas do passado assombrando-a. Engolindo, ela disse em voz alta:

— Eu estava enganada. Voltemos para a nave.

—Reya...

Ela puxou o pulso da sua mão.

—Não me pergunte.

Sabendo que não receberia qualquer resposta, ele sabiamente, não disse mais nada.

De volta à nave, Cisco fez uma careta para eles.

—Vocês demoraram. Onde está meu dinheiro?

—Você me informou mal, — Reya disse friamente. —Vinca não estava lá, só um homem morto.

—Um homem morto? Quem?

—Seu amigo, Royce. — Cavando a bolsa em sua cintura, ela retirou algumas moedas. —Cem dinnos, Cisco. Compre um bilhete para fora daqui, se você valoriza a sua pele.

—O que está acontecendo? — Cisco olhou para Maverk com perplexidade.

O comerciante deu de ombros.

—Esse é o seu negócio, não é, saber o que está acontecendo?

—Então por que eu deveria sair?

—Nenhuma razão. — Roçando-lhe, Reya começou a subir os degraus da nave. —Adeus.

Ele coçou a cabeça, deu de ombros e foi embora, resmungando em voz baixa sobre as mulheres.

Maverk a seguiu até a cabine de comando.

—Você pode definir o rumo para Vaksal? — Reya consultou.

—Seria melhor começar a pesquisa por lá. — Ele sentou-se em uma das cadeiras. —Nós só vamos abastecer pela manhã, quando os servidores do espaço estão abertos. Quanto mais cedo chegarmos lá, mais cedo poderemos pegar Mara e sair.

—Não vai ser tão fácil, bonitão.

—Eu nunca pensei que seria. Onde é exatamente este planeta?

Distraidamente, ela traçou a tela do radar.

—Bem no meio do Setor Outlaw. Aqui.

Maverk colocou as coordenadas, em seguida, sentou-se na cadeira e observou-a. A expressão distante em seus olhos era tão diferente dela. A guerreira não era do tipo de ser tão preocupada.

De repente, ela balançou a cabeça e começou a desatar o coldre do laser.

—Você sabe a localização em Vaksal? — perguntou ele.

—Eu suspeito que seja Eros. — Ela se virou e saiu da cabine.

Ele sentou-se e olhou para os controles. Ela conhecia esse lugar. Não era de estranhar, ela conhecia muitos planetas no Setor Fora da Lei. Ela lutou em muitos deles.

Ele lembrou-se de sua reação ao ouvir o riso das crianças no assentamento. Ela estava quase em pânico. E o fora da lei esfolado. Lembrou-se do pesadelo que tinha tido, revivendo uma parte de seu passado, que tinha a ver com o riso infantil e pessoas sem pele. Ele ficou gelado. *Ela tinha visto crianças esfoladas vivas? Ela tinha falado de uma chacina. Mas isso era o suficiente para fazê-la andar a beira da insanidade? Ela tinha visto e vivido muitos horrores em seus vinte anos. Será que isto era um horror, mas também muitos? Ele apenas tinha que estar lá por ela, na próxima vez que oscilasse à beira da loucura. Ele ficou gelado novamente. Quando seria isso? Por enquanto ela parecia bem, e mais tarde?*

A sensação de enjoo apoderou-se dele. Ele pensava que a única coisa que tinha de fazer era fazê-la apaixonada por ele. Ele não contava com o fio da navalha que ela andava.

Ninguém sabia.

Um barulho repentino o assustou, era o som de vidro quebrando. Reya! Saindo da cabine de controle, correu pelo corredor e derrapou em uma parada abrupta no interior da cabine de estar.

—O que há de errado? Você se sente bem? Você machucou-se?

Ela olhou para cima, de onde estava ajoelhada no chão, apanhando os cacos de vidro.

—Eu apenas deixei cair um copo. Ele escorregou pelos meus dedos.

Ajoelhando-se à sua frente, ele começou ajudá-la a recolher os cacos quebrados.

—Aqui, eu vou fazê-lo.

—Eu posso fazê-lo.

—Você já teve bastante esta noite. Não faça isso tão difícil ou...

— Ele parou.

Reya ficou tão quieta que ele olhou para cima, para vê-la olhando para ele com uma expressão peculiar.

Imediatamente ele chegou até ela.

—Moça? O que há de errado? Você se sente bem?

Ela sentiu como se tivesse sido esbofeteada.

—Você acha que estou totalmente perdida, não é?

—Não, só estou preocupado...

—Não me toque! — ela sussurrou, desenrolando lentamente para ficar de pé. —Minha loucura pode ser contagiosa.

Ele pôs-se de pé.

—Você não é louca.

—Por que você está tão preocupado com o que sinto, de repente?

—Eu sempre fui preocupado com você!

—Mas isso é diferente, não é? Você me viu chegar à borda uma vez e agora está se perguntando quando vou fazê-lo novamente, não é? É por isso que correu até aqui. Você pensou que eu tinha enlouquecido de novo.

Um rubor surgiu no rosto forte, com a verdade de suas palavras.

—Reya, eu sinto muito. É só que nunca vi você...

—Ficar louca? — ela terminou friamente. —Você nunca me viu praticamente implorando a alguém para me matar e isso fez você perceber o quão insana sou. Não é mesmo?

—Você não está louca!

—Quem você está tentando convencer, a si mesmo ou a mim?

Raiva frustrada penetrava em sua voz.

—Você pode me culpar por preocupar-me? Eu odeio ver você sofrer!

—Então talvez devamos terminar o sofrimento agora mesmo. — Ela se abaixou e veio trazendo um caco acentuado de vidro, que ela colocou em sua garganta. —O que você acha? Devo acabar com o meu sofrimento?

Ele empalideceu.

—Meu Deus, Reya! Coloque-o no chão, eu lhe imploro!

Com o lábio enrugado com o desgosto.

—Você realmente acredita que eu faria isso, não é mesmo? — Ela jogou o caco sobre a mesa onde ele deslizou ao longo, antes de parar. —Eu posso andar no limite, bonitão, mas não estou sobre a borda o tempo todo. — Caminhando sobre o vidro, parou de ombro a ombro ao lado dele. Virando a cabeça, ela olhou-o com olhos frios. — Esta é a primeira e única vez que estive sobre a borda. Vou assegurar-me se houver uma próxima vez, será onde você não possa interferir. Eu odiaria perturbar a sua delicada sensibilidade.

As palavras o cortaram e ele olhou para ela.

—Sinto muito, Reya. Eu nunca quis machucá-la.

—Machuca-me? Não se preocupe bonitão, ninguém pode me machucar. Eu sou minha própria e pior inimiga, lembre-se. — Quando

ele não respondeu, ela afastou-se, parando na porta para dar-lhe um tiro de misericórdia.

—Maverk?

—Sim? — Ele engoliu o nó na garganta.

—Você me viu em um estado vulnerável hoje. Você é o único que pode se gabar disso. Mas não vai vê-lo novamente.

As palavras bateram nele com a força de um punho de aço em sua barriga e ele não teve que olhar para ouvir a traição em sua voz. Ele a tinha visto em seu momento mais vulnerável, em sua preocupação não tinha conseguido dar o apoio que ela precisava, a sua confiança. Sua confiança teria dado a ela a força adicional que precisava.

—Reya, por favor...

—Não peça. Eu não mereço. — Ela saiu abruptamente.

Olhando para a porta vazia, sua garganta trabalhou contra a massa que a encheu. Ele havia falhado com ela. Ele não tinha pensado na sua reação contra as suas ações, mas ele simplesmente seguiu adiante, sem pensar.

Não tinha como ir para ela agora. Ela não estava com disposição para ouvir. Tudo o que ele podia fazer era limpar e maldizer a si mesmo por deixá-la para baixo do jeito que ele tinha.

Se ele não xingasse, iria chorar.



Espiando em torno da porta para a cabine de estar, ela viu Maverk, com um livro em suas mãos, dormindo no sofá, como ela esperava. Seria mais difícil de escapar, se ele estivesse acordado. Ele tinha ficado na cabine de estar nas últimas três horas, desde o seu confronto.

Ela se recusou a pensar sobre isso, a frieza caiu em torno de suas emoções, tão certa como o manto escuro sobre seu corpo. Era melhor assim. Ele iria procurar por ela no início, mas cansaria rapidamente, especialmente agora que ele se perguntava sobre a sua sanidade.

Esse era o menor dos seus problemas agora. Ela sabia que estava de volta ao controle. Na verdade, se permitiu romper as suas barreiras, cedeu à escuridão e foi buscar uma morte tão tola.

Não, quando ela tivesse que morrer, seria como planejado, com uma espada na mão e o inimigo à sua frente, para morrer como uma

guerreira. Não se encolhendo e pedindo uma morte misericordiosa. Se a morte a queria, teria que procurar por ela.

Nesse meio tempo, tinha uma menina para encontrar, alguém que já poderia estar morta. Ir atrás de Mara poderia ser a última coisa que fazia. Ela nunca sonhou em voltar a Vaksal, mas talvez este sempre fora o seu destino. Agora tinha que chegar lá antes que Maverk pudesse se organizar.

Pegando a mochila, foi até a cabine de comando, limpou as coordenadas, desligou o computador e puxou o bloco de energia. Isso iria manter Maverk abandonado aqui por um tempo. Não havia lugar neste planeta abandonado para conseguir outro bloco de energia do tipo que sua nave necessitava. Ela tinha certeza disso. Ela também teria certeza que ele não conseguiria localizá-la no *tracker viscomm*. Puxando um pequeno pino no bolso da mochila, ela o prendeu em seu colete. O bloqueador iria impedi-lo de encontrar o paradeiro dela no scanner.

Reya deixou a cabine e uma vez fora da nave, subiu no disco de viagem e decolou na noite, sem olhar para trás, assegurando-se que a lágrima nos olhos dela foi causada pelo vento frio.

Capítulo 21

Sombriamente ela olhou para o planeta que se aproximava. Vaksal tinha muitos segredos, ela sabia disso muito bem. As florestas verdes esmeralda abrigavam estranhas criaturas mortais. Uma pessoa podia caminhar pelas florestas por dias e não ver nada, só para se virar e ver que o seu companheiro tinha desaparecido no ar. Ninguém via as criaturas, apenas às trilhas. Sem sangue, só ossos mofando aqui e ali, uma bota velha, um laser enferrujado. A chuva caía na maioria das vezes nas florestas, escondendo o que poderia ser visto.

O deserto era de quilômetros de areia movediça e sol ardente. Era tanto o picar da areia soprando ou ainda a morte.

A morte. Reya reprimiu um estremecimento e lutou com as lembranças que ameaçavam sua cabeça. Sua mão alcançou o laser amarrado na sua coxa e o movimento sob a capa chamou a atenção do homem sentado ao lado dela.

Ele lançou-lhe um olhar curioso. A misteriosa mulher ao lado dele tinha viajado em silêncio desde que embarcou na nave na manhã de ontem. Tentativas de conversa tinham sido recebidas com um silêncio que não davam qualquer insinuação de cordialidade.

Ele era incapaz de ver como ela se parecia, pois estava vestida da cabeça aos pés com a túnica escura com um capuz levantado. Uma rede preta cobria o seu rosto e estava dobrada de forma segura dentro do capuz que cobria o cabelo. Botas espiavam para fora, abaixo da orla das vestes. A única coisa que traiu seu sexo foram os dedos longos e finos. Luvas sem dedos cobriam as mãos e desapareciam nas mangas compridas do manto. Como muitos outros, ela viajava incógnita.

Ela ficou sentada em uma calma gelada que o irritava totalmente. Ele ficaria feliz em começar esta viagem o mais rapidamente possível.

Reya pensava o mesmo. Levou duas semanas para chegar aqui, viajando disfarçada, apenas para o caso de Maverk ser teimoso o suficiente para tentar localizá-la. Então, agora estava aqui sozinha,

bem no coração de um território onde ela, obviamente, tinha inimigos mortais. *Só uma louca andaria direto para ele.*

Pela primeira vez em duas semanas se permitiu pensar em onde Maverk estava, lembrou-se dos passos que tinha tomado para assegurar que ele não iria encontrá-la tão facilmente.

Depois de deixar a nave, ela visitou o assentamento com instruções explícitas para atrasar qualquer ajuda a ele em relação ao transporte. Ele não poderia suspeitar de nada e ninguém a tinha visto se ele perguntasse. O que ele faria. E acima de tudo, nenhum mal deveria ser feito a ele. A ameaça de morte estava em seus olhos ao dar esta última instrução, a mensagem foi claramente compreendida por todos e acordado às pressas. A palavra se espalharia rapidamente.

Agora, ele devia estar a caminho de casa. Afinal, ninguém sabia onde ficava Vaksal, ela fez questão disso. Nenhum fora da lei dentro ou perto de Urion ousaria dar-lhe as coordenadas.

—Pousando em Vaksal — a voz metálica estalou em cima. — Desembarque em Eros.

—Já era tempo — o homem ao seu lado murmurou.

Reya esperou que os outros viajantes saíssem primeiro, antes de recolher a mochila com o disco de viagens em anexo e elevou-a sobre seu ombro. Ela desceu a rampa para um brilho duro que foi misericordiosamente subjugado pela rede preta que cobria o seu rosto.

As pessoas se movimentavam ao redor, cavalos e carroças se misturavam com os viajantes em discos, enquanto que pequenas embarcações voavam sobre as suas cabeças. Eros era o último pedaço de civilização em milhas. Um vasto deserto estava entre ele e o próximo assentamento.

Um deserto cheio de morte e fantasmas.

Ninguém tomava conhecimento dela. Obviamente não havia uma festa de espera. Quem era este Vinca, ele viria a ela, disso Reya não tinha dúvida. Por enquanto ela ia encontrar um quarto com um chuveiro e uma cama limpa.

Fazendo seu caminho através das ruas apinhadas, ela encontrou as duas primeiras tabernas cheias, mas teve mais sorte com a terceira, que tinha um quarto vago.

Já havia três dias que ela esperava o contato, durante o qual tentou encontrar Vinca, mas ninguém tinha ouvido falar dele. Era, provavelmente, um nome falso, de qualquer maneira. No terceiro dia,

ela estava se debatendo sobre tentar mais uma vez encontrá-lo ou buscar a refeição do meio-dia, quando a maçaneta se agitou.

Alguém estava fora de seu quarto. Um sussurro, uma risadinha. O seu sangue gelou, ela estendeu a mão para o punhal em sua bota.

—Abra guerreira — disse uma voz de homem.

Espiando pela janela, Reya encontrou a rua abaixo vazia. Rapidamente deslizou para fora da janela, sobre a borda. Cuidadosamente foi até a janela do quarto ao lado. Um dia antes, ela tinha tomado à precaução de verificar a fechadura do quarto assim que foi desocupado, para que pudesse usá-lo se necessário. Este era um desses momentos.

Facilmente ela subiu para o quarto e abriu a porta devagar, para ver um homem com um manto marrom em pé, perto de sua porta, de costas para ela. O resto do corredor estava vazio.

Deslizando silenciosamente pelo corredor, ela veio por trás dele, para pressionar a ponta do punhal em sua garganta.

—A que devo o prazer desta visita?

Ele endureceu com a picada da lâmina afiada.

—Você não deixa nada ao acaso, não é?

—Seu nome.

—Você deve saber, estive procurando por mim nestes últimos dias. — No seu silêncio contínuo ele acrescentou — Vinca.

Com a mão livre ela abriu a porta, e empurrou-o.

— Para dentro. — Ela chutou a porta que se fechou atrás deles e trancou-a, jogou a chave sobre a mesa pequena. —Ponha as mãos para cima e vire-se lentamente.

Ele fez isso para revelar um homem muito mais velho do que pensava. Mais perto dos cinquenta, com linhas de expressão em seu rosto, em sulcos profundos. Seu cabelo era da cor de sal e pimenta, corte arrumado e simples. De constituição rala no topo de sua cabeça, vinha até abaixo dos ombros.

Investigou-o rapidamente para encontrar armas, encontrou apenas uma faca de esfolia afiada e ergueu-a na frente dele.

—Bonita. Você usou-a em Royce?

Vinca encolheu os ombros.

—Ele era um tolo.

—Um tolo morto. — Ela empurrou-o duro e ele tropeçou de volta para se sentar na cama atrás dele. —Onde está a menina?

—Mara está segura, por enquanto.

—Onde ela está?

—Em Conda.

—Onde é esse lugar?

—Venha comigo e mostrarei a você.

—Eu não penso assim. Como vou saber se não é uma armadilha?

—Você não vai, mas sou o único que poderá levá-la lá.

—Eu escolho não o fazer.

—Então você escolhe a morte de Mara. — Ele levantou-se cautelosamente. —Ela vai ser devolvida ao seu assentamento em pedaços.

—Ela já pode estar morta.

—Você não sabe com certeza e eu digo que ela vive... —Por enquanto

—E se eu for com você?

—Ela vai ser devolvida, viva e inteira, ao seu assentamento.

—Eu vejo. — Ociosamente Reya girou o punhal entre os dedos.

—E o que será de mim?

—Não cabe a mim decidir.

—Quem vai decidir?

—Isso eu não sei — Ele deu um grito assustado quando, de repente, se viu deitado de costas sobre a cama, com uma adaga afiada tirando uma gota de sangue de sua garganta.

—Isso não foi uma resposta boa o suficiente. — Reya balançou a cabeça. —Tente novamente.

—Eu prometo a você, é a verdade! Eu não sei o que está planejado para você!

—Portanto, há planos para mim. Que interessante. Quem fez esses planos?

—Eu não sei. — Ele arquejou quando a ponta da lâmina raspou em sua garganta, deixando uma fina linha carmesim em seu caminho. —Eu sou apenas o mensageiro! Por favor, não me mate!

—Por que não? Eu sei o nome do lugar que procuro, então que utilidade você tem para mim?

—Eu posso levá-la a ele, pois ninguém mais o fará.

Num movimento rápido ela puxou-o facilmente sobre seus pés, segurando-o por um punhado de sua capa e trazendo-o na ponta dos pés, com um braço poderoso.

—Quem mais está com você?

—Ninguém! Eu estou sozinho!

Ela olhou em seus olhos, procurando a centelha reveladora de uma mentira, mas viu apenas medo.

—Se é assim, então quem estava rindo fora de minha porta?

—Rindo? — Ele parecia confuso.

—Sim.

—Ninguém que eu possa pensar.

—Um cúmplice, talvez?

—Eu disse que vim sozinho. Eu não tenho um cúmplice. — Sua expressão era limpa. —Havia uma prostituta da taberna com um cliente entrando no quarto ao lado.

Com um grunhido ela o empurrou, assistindo desapaixonadamente quando ele caiu no chão.

Caindo de joelhos, ele observou cautelosamente enquanto ela amarrava a espada na bainha em suas costas e pegou a mochila.

—Aonde você vai?

—Você sabe o caminho.

Seu rosto se iluminou.

—Você irá?

—Não era essa a idéia? — Abrindo a porta, ela fez um gesto com a mão. —Você primeiro.

Ele saiu, mas foi sacudido a uma parada por um punho em seu manto, balançando-o ao redor para enfrentar a alta guerreira.

—Royce comprou a arma para você, não foi?

—Sim, mas eu não sequestrei a garota.

—Quem fez?

—A arma foi deixada no meu quarto como eu havia sido instruído, mas ela desapareceu.

—Quem tomou Mara?

—Eles fizeram.

—Quem são "eles"?

—Por favor, eu...! Awk — Ele bateu dolorosamente contra a ombreira da porta. —Eu não sei! Eu nunca os vi! A criança chegou com o dinheiro e as instruções escritas, isto é tudo que sei!

—Como a arma acabou no estábulo do assentamento de Mara?

—Eu não sei, realmente não!

Ela o soltou. Por enquanto, não tinha escolha senão segui-lo. Instintivamente, sabia que o que ele havia dito era verdade, ele era apenas o mensageiro. Ela não saberia mais nada até que chegasse a Conda, onde quer que fosse.

Vinca saiu correndo à frente dela, estabelecendo um ritmo acelerado pelo fundo do corredor. Ele esperou por ela no topo da escada. Abaixo, a sala fervilhava com os clientes e o zumbido de conversa.

Sentindo-se um pouco mais seguro, ele endireitou os ombros e esperou que a guerreira alta o alcançasse. Ele se perguntava se ela percebia que a morte a espreitava.

Quando ela chegou junto a ele, ele desceu correndo as escadas à sua frente. Então ele parou e voltou-se, a meio caminho para baixo, como se atingido por um pensamento súbito. Abrindo a boca para dizer alguma coisa, tudo o que veio foi um gorgolejo e respingos de sangue. Ele cambaleou, a surpresa em seus olhos rapidamente se transformou em pânico.

Vendo o cabo da faca projetando-se das costas dele, ela saltou para pegá-lo, mas estava muito longe. Escorregando para além do seu alcance, ele caiu o restante da escada, recebendo várias maldições dos frequentadores para ele.

Olhares curiosos caíram sobre o morto, mas a conversa retomou rapidamente e todos voltaram para suas posições originais.

Ah, o mundo fora da lei, Reya pensou ironicamente. *Num minuto você está vivo e no outro morto, ninguém dá à mínima.* Não houve perturbação na sala lotada, para indicar que tinham matado o que seria o seu guia, ela sabia que não iria descobrir nada, também. *Ah bem, assim era a vida.*

Agora ela tinha que tentar encontrar este lugar, Conda, sozinha, um fato que não lhe deu qualquer alegria. Então de novo... ela ergueu os olhos para satisfazer o olhar curioso de uma jovem vestida em um vestido muito apertado, ela tinha peitos subdesenvolvidos empurrando o corpete um pouco para fora.

Ela não podia ter mais de catorze anos, com cabelo castanho e olhos castanhos. *Uma jovem que vendia seu corpo para quem pagasse o preço.* Reya sentiu uma picada de simpatia, em seguida, percebeu o seu olhar duro. *Jovem em anos, sim, mas velha em experiência.*

—Parece que você perdeu o seu amigo, — comentou a jovem.

—Amigo, não. Guia, sim. — Reya endireitou e inclinou-se no corrimão, continuando a descer a escada.

—Você precisa de um guia?

—Acho que sim. Você pode sugerir alguém?

—Hmmm. — Ela franziu o cenho. —Dinheiro vivo? Nenhum perigo?

Quão irônico. Nenhum perigo em um lugar como este?

—Eu posso prometer o primeiro, mas não o último.

A menina virou-se para o próximo homem, um brutamonte com um tapa-olho e com mais dentes quebrados do que dentes inteiros.

—Você quer ganhar dinheiro Earl?

—Dinheiro? Como diabos você conseguiu dinheiro, Bethany?

—Não eu. Ela precisa de um guia.

—Você? — Ele reconheceu Reya. —Onde?

—Um lugar chamado Conda.

—Conda? — ele gritou incrédulo.

Absoluto silêncio caiu sobre aqueles ao alcance da voz, mesmo no canto mais distante.

—Você quer ir para Conda? — Seu único olho brilhou incrédulo.

—Isso é o que eu disse, — ela se voltou, irritada com o fato de que agora todo mundo estava sabendo.

—É no deserto, longe no deserto.

—Então?

—Aqueles que foram a Conda nunca voltaram — falou uma mulher mais velha. —Ninguém vai até lá.

—Ao menos, aqueles que desejam retornar — murmurou o barman, comentando amargamente.

—Eu vejo. Eu preciso de um guia e pago um bom dinheiro.

—Desculpe. — Earl balançou a cabeça. —Não irei lá por nenhum dinheiro.

—Você ouve histórias. — A mulher mais velha estremeceu.

—Que tipo de histórias?

—As coisas que andam no meio da noite, — ela respondeu com prazer ansioso.

—A morte anda em Conda — alguém disse.

—Sim, ela andou lá anos atrás, — outra pessoa falou. —De jeito nenhum, guerreira!

Olhando em volta, para a multidão que se comprimia mais perto, ela notou com desgosto a curiosidade ansiosa em seus olhos.

—Então, eu acho que ninguém vai ser meu guia?

Eles se afastaram, como se ela já tivesse sua resposta. Jogando a mochila por cima do ombro, deixou a taberna, afastando a multidão à sua frente. Uma vez que chegou ao lado de fora, um murmúrio começou e as vozes aumentaram em uma conversa ansiosa.

Com um encolher de ombros, fez seu caminho para a loja de fornecimento, na rua. Talvez obtivesse algumas respostas.

Entrando na loja, ela viu o lojista imediatamente. Ele estava empilhando os produtos em uma prateleira no lado mais afastado, com um laser amarrado na coxa, como precaução contra alguns de seus clientes. Ela enfiou-se, de maneira a contornar as grades e parou atrás dele.

—Sim? — cautelosamente, ele olhou para ela.

—Eu quero quatro sacos de alimentos secos, nada que precise de água, mas que pode ser comida direto do saco.

Colocando os sacos em cima do balcão, ele deixou os olhos vagar sobre as curvas generosas da mulher, enquanto ela estudava as prateleiras atrás dele.

—Eu também quero um saco de frutas secas. — Os olhos pálidos o trespassaram, de repente. —Se você não estiver muito ocupado olhando, é claro.

As bochechas ficaram vermelhas e ele voou para pegar a encomenda, gaguejando:

— Certamente. Mais alguma coisa?

—O que você sabe de Conda?

—Conda? O que quer saber?

—Isso é o que eu quero saber. Preciso de um guia, mas todos parecem ter medo. Por que isso?

—As histórias são tudo que eu sei. — Ele encolheu os ombros.

—Diga-me.

—Eu posso fazer melhor que isso. — Ele apontou e ela virou a cabeça para ver um homem idoso sentado em uma cadeira na varanda, de costas para eles. —Ele pode contar-lhe algumas histórias se estiver lúcido. Alega ter ido lá.

—Quem é ele?

—Chama-se Starn. Diz que está esperando por alguém chamado Reya.

Ela congelou, seu coração batia forte. *Starn? Esperando por ela? Não poderia ser querido Deus, por favor, não...*

—Você está bem? — O lojista olhou para ela com curiosidade.

Tremendo interiormente, ela pegou as compras e deixou-as cair na mochila, antes de colocar o dinheiro no balcão e sair da loja.

Ela se aproximou da figura silenciosa na cadeira. Seu rosto estava virado, olhando para o distante deserto que queimava ferozmente ao sol do meio-dia.

—Starn? — Ela falou em voz baixa.

A figura enrijeceu e inclinou a cabeça.

— Será que é a guerreira Reeka que eu ouço? — Sua voz falhou.

—Starn. — Ela colocou a mão em seu ombro.

Uma mão dura prendeu em cima da dela, segurando firme. Ela viu que estava faltando dois dedos. As feridas ainda estavam frescas.

Ainda assim, ele não olhou para ela.

—O que você está fazendo aqui neste buraco? — Ela falou com mais autoridade. —Olhe para mim se você me conhece.

Lentamente a cabeça virou-se e ela se viu olhando para um rosto que conhecia tão bem, o rosto de um homem que tinha compartilhado o pesadelo, que a acompanhou todas as noites. Só que este não era o risonho mercenário que tinha andado com ela naquele dia, três longos anos atrás. Esta era uma versão encolhida daquele homem, o cabelo castanho espesso estava prematuramente cinza, o rosto agradável, profundamente enrugado e o azul risonho dos olhos avermelhados e mal-assombrados.

—Reya. — Sua voz tremia tanto quanto a mão que estava tão pesadamente em cima dela.

Ela agachou-se diante da casca do ex-mercenário.

—Por que você está aqui?

—Eu tentei sair, mas eles continuam me trazendo de volta.

—Quem faz isso?

—Eles o fazem. Você sabe. Eles!

Um frio caiu sobre ela.

—Eles se foram, Starn, lembra?

—Nós achamos que sim, mas eles não foram. — Freneticamente seu olhar correu atrás dela. —Veja, um está lá agora. Ouve a risadinha?

Reya girou, mas os olhos dela encontraram apenas uma parede em branco.

—Onde?

—Não! Ele se aproxima! Não, não! — Jogando os braços para cima diante de seus olhos, ele balançou debilmente. —Eles estão me tocando! Reya me ajude! Salve-me!

Ele tinha andado muito perto da borda e caiu no abismo da loucura.

—Eles se foram, Starn. Veja, vou ter que persegui-los.

Espiando entre os dedos que tremiam, ele olhou em volta para ver os fantasmas de seu pesadelo. Tudo estava quieto. Agarrando a mão dela, ele apertou-a contra seu rosto.

—Obrigado, obrigado!

Ela sentiu uma centelha de compaixão, um parentesco entre eles.

—Disseram-me que você estava esperando por mim. Por quê?

Ele olhou para ela em sinal de gratidão, com medo e esperança.

—Você nos salvou antes, você vai salvar-nos de novo.

—Isso foi há muito tempo. — A dor trespassou-a. — Acabou. Vá para casa.

—Casa? Eu tentei, mas eles me trouxeram de volta. Toda noite eles esperam por mim e agora eles aparecem durante o dia também. Eles me trazem de volta, Reya!

Com um suspiro ela se levantou.

Convulsivamente, ele reforçou seu poder, procurando freneticamente por ela.

—Aonde você vai?

—Eu tenho uma missão. — Delicadamente, ela desvencilhou suas mãos. —Eu tenho que ir.

—Voltar para eles?

—Não. Pelo menos... Não, eles estão mortos.

—Você procura a garota.

Ela congelou.

—O quê?

Os olhos azuis, subitamente, ficaram claros.

—A menina, Mara. Você está aqui para encontrá-la.

—Como você sabe dela?

—Eles me disseram. — Ele levantou a mão e seu olhar tornou-se desfocado. —Ele me deu uma mensagem para dizer-lhe, ao mesmo tempo, eles cortaram meus dedos.

Ele estava falando a verdade ou variando novamente em seu próprio inferno particular?

—Quem cortou os seus dedos?

—Eles fizeram.

Respirando fundo, ela tentou novamente.

—Quem tem Mara?

—Eles a têm. O menino, a menina, a besta.— Ele estremeceu. —O capitão se foi, não é, Reya? Ele não permanece com o grupo.

—Não, ele não está, — ela concordou em silêncio. —Eu tenho que ir.

—Para onde? — Sua testa franziu ansiosamente.

—Para um lugar chamado Conda. Ou eu pretendo ir, se eu encontrar um guia, — ela acrescentou com um toque irônico em seus lábios.

—Você vai lá! — Starn tropeçou em seus pés para olhar para ela. —Assim como eles disseram!

Um arrepio frio desceu sua espinha.

—Conda. Vou para Conda, não... — *Ela não podia nem dizer o nome do lugar amaldiçoado.*

—Yennan. Estávamos indo para Yennan quando os encontramos... ou eles nos encontraram, — murchando, ele afundou de volta na cadeira. —Eles vêm atrás de nós, Reya. Voltaram dos mortos.

Ele diminuiu o murmúrio e ela deu-lhe uma tapinha no ombro, infelizmente, tinha que ir.

Antes que fosse para Conda ela tinha que, pelo menos, descobrir onde estava. Ela fez seu caminho para a bilheteria de onde as naves chegavam e partiam.

Uma mulher de rosto duro olhou-a através do vidro a prova de laser.

—Onde?

—Conda.

—Guerreira, você tem certeza?

—Isso é o que eu disse.

—Desculpe, mas ninguém vai lá, — ela declarou com firmeza.

—Porque ninguém retorna. — Reya mudou a mochila para a outra mão. —Diga-me como chegar lá, então.

—Ok. — Pescou em torno fora de vista abaixo do nível da janela, em seguida, trouxe-lhe a mão de volta à vista segurando um mapa. —Disse a algumas pessoas como chegar lá. Presumo que ele chegou lá. Ninguém nunca voltou.

—Diga. — Reya estava cansada dos contos. —Basta apontá-lo para mim.

A mulher franziu os lábios como se quisesse dizer algo mais, mas um olhar penetrante a lembrou de com quem ela tratava, e seu tom se tornou mais agradável, depois colocou o mapa sobre o balcão.

—Veja aqui? Isso é um assentamento, Eros. Virando diretamente para leste, você chegará a ele. É a cem milhas de distância, exatamente.

A agitação começou apertar o seu estômago, quando Reya olhou para o lugar marcado no mapa.

—O lugar que você aponta é Yennan.

—Este mapa é velho. Alteraram os nomes. Yennan é o nome antigo. Agora é chamado de Conda.

Capítulo 22

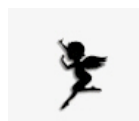
Maverk amaldiçoou quando descobriu que a mochila de Reya tinha sumido, amaldiçoou ainda mais quando ninguém parecia saber de seu paradeiro. Ele jurou vilmente quando percebeu que não podia encontrá-la em seu *tracker viscomm*, então descobriu que a fonte de alimentação estava faltando, o que significava que a nave não poderia funcionar corretamente. Quando o computador mostrou que todas as coordenadas para Vaksal tinham sido deletadas, rangeu os dentes de raiva.

Ele não podia acreditar quando perguntou a todos sobre o planeta e ninguém parecia ter conhecimento dele, quando foi informado que iria demorar algum tempo para obter outro bloco de força para a sua nave, ele ferveu com a fúria frustrada. Ele teria que esperar até o final da semana para uma nave de viagem chegar.

Todos foram extremamente atenciosos, perguntando se ele tinha comida suficiente e se estava tudo bem. Eles foram úteis e suspeitos, ele suspeitava que Reya tivesse uma mão em tudo isso, toda essa conspiração.

Maverk estava dividido entre a raiva e a preocupação. Ela precisava dele. Ele tinha que estar com ela. Que perigo ela foi enfrentar? Por que ela não deixou uma mensagem? Ela desapareceu no meio da noite e deixou-o sozinho. Até que ele pudesse sair deste planeta abandonado, não teria nenhuma esperança de persegui-la, o que foi, provavelmente, o que ela tinha planejado.

Era por demais evidente que ela o deixara e ele conseguia entender como ferida e traída se sentia. Não havia dúvida em sua mente que ela estava mais uma vez no controle. A guerreira de gelo, a mercenária, tinha retornado. Mas o perigo que ela enfrentava...



O fim da semana trouxe a nave de viagens, mas nenhum bloco de força. Maldição!

Seu punho enorme bateu no balcão de madeira, dividindo-o ao meio, e quando ele enfiou a cara no tremulo agente, ele berrou:

— Arranje-me um bloco de força esta noite ou vou deixar seu corpo sem a cabeça!

Diante da situação de ameaça de violência por parte de ambos, o gigante e a perigosa e mortal guerreira Reeka, o agente fez a única coisa que lhe restava. Ele desmaiou.

Explodindo fora do escritório, Maverk foi para a taberna mais próxima. Ele viu Cisco sentado no canto conversando alegremente com uma prostituta com as mãos lascivas debaixo da saia de babados, ela ria.

Uma idéia veio à mente. *Por que não? Ele não tinha nada a perder.*

Vendo o comerciante irritado caminhando para sua mesa, Cisco tremeu momentaneamente, em seguida, lembrou que não havia feito nada de errado e saudou-o alegremente.

—Olá, meu amigo! Você não parece feliz.

—O que você acha? Eu preciso que você encontre uma nave para mim.

—Não posso fazer isso.

—Por que não? — Maverk berrou. —Qual é o seu preço?

Antevendo que o problema fermentava e não querendo tomar parte, a prostituta da taverna saltou do colo de Cisco e dirigiu-se para a multidão.

Cisco pigarreou nervosamente.

—Quero dizer que não há nave pronta disponível.

—Encontre-me um bloco de força!

—A nave é única...

—Maldição! — A mão grande de Maverk disparou para agarrar sua camisa, puxando o rapaz desengonçado para o outro lado da mesa, ficando olho no olho. —Roube um! Inferno, eu não me importo como você fará isso, basta fazê-lo!

—Reya vai me matar se eu fizer!

—Eu vou matá-lo se você não fizer!

Uma mão caiu sobre seu ombro.

—Qual é o problema, amigo?

Cisco caindo como um tijolo quente, Maverk virou para encontrar-se olhando para um rosto alegre com um cavanhaque

castanho escuro, fino bigode, cabelo grosso, ondulado e olhos negros que brilhavam com diversão.

O homem era magro e vestido com calças pretas apertadas, botas até o joelho e uma camisa branca com esvoaçantes mangas que prendiam pelos pulsos. A camisa estava aberta para revelar um peito que, para toda a sua magreza, era bem musculoso.

Era Sinya, o pirata.

Maverk agarrou os ombros do homem.

—Estou contente de ver você!

Sinya olhou para ele com cautela.

—Oh? Você normalmente não está.

—Tempos de desespero pedem medidas desesperadas. Onde está a sua nave?

—Fora do assentamento, é claro. Onde está Reya? Gostaria de agradecer-lhe por salvar o meu irmão mais novo...

—Ela se foi.

—Foi-se?

—Fugiu durante a noite, roubando meu bloco de energia e garantindo que as pessoas desta localidade, estivessem com muito medo para me ajudar.

O pirata sorriu.

—Parece com ela.

—Ela está em perigo.

Toda alegria fugiu das características magras e bronzeadas.

—Reya? O que aconteceu?

—Eu não sei. É uma longa história. Eu preciso de você para me levar a Vaksal.

—Vaksal? — os olhos de Sinya se estreitaram. —Ela foi para Vaksal?

—Sim. Se você não puder me levar, arranje um bloco de força para a minha nave.

—Vou levá-lo.

—Agora.

Dentro de uma hora a nave pirata deixou o planeta de Urion e estava a caminho de Vaksal.

Dentro da cabine do capitão, Sinya estava bebendo vinho em uma taça de cristal e observava o comerciante andar.

—Tem certeza que você não quer uma bebida?

Balançando a cabeça, Maverk parou para afastar a cortina de veludo que cobria a rica vigia.

—Quer dizer-me por que ela foi para Vaksal, por que você está tão determinado a chegar até ela?

Os olhos castanhos deram-lhe um olhar dubio.

—Você ainda não confia em mim, não é?

—Reya e Tenia quase morreram por causa de sua traição, — Maverk lembrou-lhe secamente. —Não é fácil esquecer.

Os olhos negros piscaram.

—Muita coisa aconteceu nos anos em que as Reekas foram fora da lei. A vida do meu irmão estava em jogo. O que você teria feito?

—Eu não teria virado um traidor!

—Se tivesse sido seu irmão, você o teria deixado nas masmorras para ser dilacerado por aqueles mutantes?

—Eu teria encontrado uma forma de resgatá-lo.

—Você diz isso porque você ama Reya. Eu sei o que ela teria feito.

Maverk olhou para ele.

—Como você sabe que eu a amo?

—Não é difícil de ver. — Sinya recostou-se na cadeira, os dedos entrelaçados e os cotovelos apoiados sobre os braços esculpidos. — Que perigo ela está?

—Eu não estou certo. Estávamos à procura de uma moça jovem que desapareceu, mas se transformou em algo mais. Alguém quer que Reya vá para Vaksal.

—Interessante. Então, por que ela deixou você?

—Isso não é da sua conta, pirata.

—Uh huh. Ela não é uma moça fácil, mesmo quando ela escolhe não ser difícil.

Aproximando-se da mesa lindamente ornamentada, Maverk sentou-se em uma cadeira e fixou o jovem pirata com um olhar atento.

—Você a conhece bem?

Sinya deu uma risada.

—Ninguém conhece bem as Reekas. Na verdade, os únicos a chegar perto delas foram vocês, os Daamens. Em resposta à sua pergunta, só sei que ela é resistente, forte e secreta.

—Sim. Você sabe o que de Vaksal?

—Eu conheço. Uma tropa de mercenários pousou sobre ele para fazer o seu caminho através do deserto. Eu fui pago para deixá-los fora, perto de um lugar chamado Yennan, ou Conda como é chamado agora. Reya estava entre a tropa de trinta mercenários, dos quais somente onze retornaram. Ela mal falou sobre a viagem de regresso.

Ninguém sabe o que aconteceu, mas as noites foram preenchidas com terror para os sobreviventes. Não passou uma noite sem que alguém estivesse gritando ou chorando.

—E Reya?

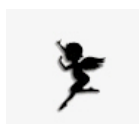
—Ela estava lá por todos eles, falando com eles. Perguntei o que tinha acontecido, mas ela simplesmente afastou-se. Eu nunca perguntei de novo.

Pensamentos girando, Maverk olhou para o tampo da mesa.

—Temo que se nós não chegarmos em breve, nunca iremos vê-la viva novamente.

Sobriamente, Sinya considerou-o sobre a borda do copo.

—Somos mais velozes do que muitas naves na galáxia, amigo. Estaremos em Vaksal dentro de uma semana.



Maldita areia que ardia e girava em torno dela. Dentro dos limites das vestes pesadas que a escondia, era sufocante. Encolhida atrás das pedras com seu laser na mão, Reya esperou a tempestade de areia.

A tempestade continuou durante a noite e amanheceu com o estranho silêncio que sinalizou o rescaldo.

Cautelosamente Reya olhou sobre ela, mas o deserto estava vazio, tanto quanto os olhos podiam ver. Não havia gritaria por misericórdia, nem risos infantis. Sua carne arrepiou e resolutamente ela empurrou as imagens fantasmagóricas para longe. Agora não era o tempo. A segurança de Mara dependia dela e ela devia continuar.

Verificando o direcional, Reya intensificou no disco e começou a viajar para frente.

As horas passavam, no fim da tarde, de repente, viu algo na distância. Quando chegou mais perto, ficou com a boca seca.

Era um corpo amarrado a um poste vertical. A maioria da carne estava podre e a cabeça meio decepada pendia para lado. *Um viajante, talvez?* Com laser na mão, ela continuou em frente, seu olhar agudo varrendo a área de deserto.

Meia hora depois, encontrou um esqueleto na areia. O que apertou o seu interior era o fato de que o esqueleto ainda tinha pedaços de carne fresca sobre ele. Quem quer que fosse não tinha sido morto há muito.

Ela queria voltar e fugir, mas a imagem viva de Mara prisioneira de qualquer forma de vida depravada que tinha massacrado esses viajantes, a impedia. Reya estava com muito medo de saber quem eles eram.

Dez minutos depois, parou novamente sobre as dunas de areia e ouviu soluços histéricos.

—Ajude-me! Alguém me ajude!

A voz era familiar. Pisando fora do disco de viagem, Reya subiu a duna. Chegando ao topo, ela caiu de barriga e arrastou-se pelo resto do caminho. Lentamente, olhou para o outro lado.

Mara estava sozinha, amarrada a um poste, suas roupas estavam esfarrapadas e os fios de cabelos emaranhados. Ela estava sozinha e parecia ser o único ser vivo, lá. Os outros três estavam mortos. *Graças a Deus.*

Não querendo acreditar no que via, Reya sentiu a bile subir à garganta. Os três corpos estavam presos a estacas, queimando ao sol e tinham sido esfolados e ela não tinha dúvida de que eles estavam vivos quando isso tinha acontecido.

Era um sonho, tinha que ser. Ela estava tendo um pesadelo e iria despertar a qualquer segundo. Isso não poderia estar acontecendo de novo...

Risos chegaram aos seus ouvidos e seu rosto foi drenado de todas as cores. Um sussurro, uma risada alegre. Olhando ao redor, viu três jovens trás dela, seus olhos brilhando em antecipação.

—Para trás! — Ela levantou o laser apertado nas mãos.

—Não atire mercenária! — A voz veio da direção de Mara.

Reya engoliu em seco, então sua força interior chutou e ela endireitou sua espinha. Sua mão firmou e ela não queria olhar para os jovens.

—Desce e deixe-nos vê-la! — a voz gritou.

Subitamente, Mara gritou em pânico cego.

—Reya! Ajuda-me, Reya, por favor!

—Acabou o tempo, mercenária. Abaixei sua arma ou a menina morre dolorosamente.

Lentamente, ela endireitou-se e olhou para baixo sobre a duna. Mara tinha uma espada apoiada na barriga nua e a figura encapuzada segurando-a, aplicando pressão. Um fio de sangue apareceu.

—Bem, mercenária? Qual é a sua escolha?

—Mate-a e você morre. Você primeiro, depois os seus amigos, os três.

—Hmmm. — Um véu cobria o rosto, mas a voz era inconfundivelmente masculina. —Infelizmente para você, isso não está no nosso plano. — A figura fez um gesto repentino.

O solo sob Reya se abriu e com um juramento assustado ela despencou, em um poço escuro. Antes que batesse no fundo, a parte superior foi fechada e bateu com um assobio, como um buraco negro cheio de gás.

Ela bateu duro no fundo, ofegante e, automaticamente, respirou fundo. Seu último pensamento, antes que apagasse, era que este era, realmente, o fim. *Seu pesadelo a tinha apanhado.*



O barman olhou chocado para o gigante, com cautela.

—Sim, a Reeka estava pedindo um guia para levá-la para Conda. No entanto, ninguém foi.

—Por que isso? — Maverk fez uma careta impaciente.

—É sabido que qualquer um que tenha ido para lá, jamais retornou.

—Você disse isso a ela?

—Nós todos fizemos, mas ela saiu na mesma tarde, quatro dias atrás. Sozinha.

—Sozinha — Maverk ecoou.

—Nós vamos — afirmou Sinya.

—Você pode querer conversar com Starn primeiro — o garçom sugeriu. —Ele está falando sobre Reya ser uma salvadora e estar indo para Conda para uma batalha com "eles", seja quem for. Louco como uma cobra cortada.

—Onde podemos encontrá-lo?

—Lá fora, em frente da loja de suprimentos. Basta seguir o som do balbuciar.

Eles deixaram à taverna.

—Você vai realmente falar com um louco? — Sinya perguntou curiosamente.

—Qualquer informação que pudermos obter de alguém, só pode ajudar.



Reya acordou lentamente para encontrar seus braços puxados para cima e algemados na parede atrás dela. Algemas circulavam as suas botas, uma corrente curta estava entre elas. Ela estava sentada em um chão rochoso, de costas contra a parede.

Ao lado dela, acorrentada de forma semelhante, chorava Mara.

Sua atenção foi pega por uma respiração sibilante, olhou através do quarto para ver dois corpos deitados no chão. Pedacos deles estavam faltando, um membro aqui, um nariz lá, uma orelha. A respiração sibilante era tudo o que ouviam.

Com uma careta, ela olhou para a menina.

—Fale comigo.

A cabeça de Mara levantou e seus grandes olhos azuis se fixaram nela.

—Eles aprisionaram você! Nós duas morreremos!

—Acalme-se. Quantos são e quem são eles?

—Eu não sei — ela sussurrou aos pedaços. —Eu contei cerca de quinze, desde que estou aqui.

—Será que eles machucaram você de alguma forma?

—Não. — Ela começou a chorar novamente, mantendo os olhos desviados do corpo do outro lado da sala. —Ainda não, mas o que eles fizeram aos outros... Estou com tanto medo.

—Eu sei — Reya disse suavemente.

—O que vamos fazer? — Cheia de esperança na sua voz. — Maverk está perto? Ele deve estar ele nunca fica longe de você.

Inferno. Reya fechou os olhos brevemente e amaldiçoou-se mentalmente.

—Reya? Ele está perto, não é? Ele vai nos salvar, ele...

—Silêncio.

—Oh, é claro. — Mara recostou-se contra a parede. —No caso, deles ouvir-nos, certo? Tudo bem, eu vou ficar quieta.

Por que destruir a esperança da menina? Reya pensava amargamente. Devido ao seu orgulho tolo, tinha saído sem deixar uma palavra de seu paradeiro para ninguém. Além disso, quem realmente se importava? Cortando seus laços com Maverk, ela as tinha deixado sem esperança de ajuda. Ela foi inteligente em usar o bloqueador, em viajar disfarçada e de modo inteligente as levava à morte certa, tanto Mara quanto a si mesma.

Reya olhou para a menina. Não tinha pensado sobre ela durante a viagem inteira. Mara tinha sido meramente alguém a procurar, um aborrecimento a ser encontrada e levada para casa, então retirada de sua mente.

Nenhuma chance de fazer isso agora.

Fechando os olhos, ela sentiu uma sensação de vergonha. Ambas enfrentariam a morte, mas, seu eu interior, argumentou, que se Maverk estivesse com ela, ele estaria encarando a morte agora, também. Uma morte torturante.

Se ele estivesse com ela... Se ela tivesse ficado com ele... Se ela tivesse sido mais atenciosa com Mara... se, se, se. Era um monte de "ses".

Impacientemente ela abriu os olhos. Ela nunca tinha sido uma de ficar muito tempo em "*talvez*" e "*se*".

O farfalhar de roupas lhe chamou a atenção. Mara gemeu e tentou se deslocar para tão perto de Reya quanto as correntes permitissem.

Um uivo sobrenatural saiu de um dos corpos e Reya cerrou os dentes, enrolada sobre si mesma. Com o pacote de trapos que usava, revestido em sangue e sujeira, com partes das características faciais em falta, ela não sabia se era macho ou fêmea. Mantinha o seu rosto virado, um lado que tinha sido deixado, aparecia através das características abertas.

A porta da caverna abriu e uma figura encapuzada entrou seguida por quatro adolescentes, com idades de quinze. Eles estavam vestidos com uma mistura de roupas feitas de algum material e pele humana.

Um sentimento de derrota encheu Reya. Ela esperava que não fosse verdade, não podia ser verdade...

A figura encapuzada e mascarada parou diante dela.

—Então, mercenária, nos encontramos novamente.

—Eu não acredito que o conheça. Refresque a minha memória, por favor.

Ele riu suavemente, ameaçadoramente.

—Para alguns de nós a memória diminui com o tempo. Para outros, apodrece como uma ferida pestilenta.

Quem era ele? Ela não reconhecia a voz. Seu olhar moveu para os adolescentes, em seguida, voltou para a figura. Ele era mais velho, disso ela estava certa, pois sua voz era mais profunda e ele era mais alto.

—Ainda não me reconhece? Ah bem, três anos trazem algumas mudanças, eu acho.

Três anos. A mão fria em torno de seu coração apertou.

—Pare de jogar e me diga quem você é.

—Jogos? Crianças jogam jogos, não é? — Ele bateu um dedo cuidadosamente contra o véu que cobria a sua face. —Gostaria de jogar um jogo, mercenária? Você e sua amiguinha?

—Não! — Mara choramingou com horror.

—Tão bonita. — Um dedo passou através de sua bochecha. — Essa pele é linda.

Mara se afastou e ele riu.

Silenciosamente olhavam para Reya, observando com um brilho profano nos olhos, os quatro adolescentes. *Então, Starn estava correto.*

Eles ainda viviam. Filhos de Yennan. Filhos do deserto. Crianças do Inferno. Filhos dos pesadelos. Filhos de seus pesadelos.

Gritos ecoaram em sua mente, sangue e o entorpecimento mental do horror. O poço de insanidade bocejou diante dela, profundo, preto e convidativo. *Para rolar para frente no esquecimento abençoado...*

Uma rachadura soou, e a dor explodiu atrás de seus olhos no corte, fragmentos prateados, chocando-a de volta para a consciência. Uma mão agarrou em seus cabelos, sacudindo a cabeça para trás contra a parede e olhou para a figura encapuzada dobrada sobre ela.

O som do choro de Mara encheu o lugar.

—Não nos deixe agora — a voz baixa ordenou, todos os vestígios de diversão haviam sumido. —Os jogos estão prestes a começar e você é a atração principal.

Os adolescentes avançaram sobre ela e Reya atacou com as pernas, pegar um deles no joelho para enviá-lo para trás. Mas então eles caíram sobre ela, batendo violentamente com os punhos. Ela estava impotente para se defender.

—Basta! — A figura encapuzada chutou violentamente o adolescente mais próximo. —Ela deve permanecer consciente.

Eles correm para trás, o louco brilho em seus olhos temperados com medo.

A figura ajoelhou-se em um joelho ao lado de Reya, estendendo a mão para o seu queixo e virando o rosto até a luz. Ele estudou o hematoma que já se formava na bochecha, e o fio de sangue no canto dos lábios macios. Colocando o dedo no sangue, ele lentamente arrastou-o para baixo do queixo e da garganta, deixando um caminho vermelho em sua esteira.

—Tão bonita. Uma pena. — Ele gesticulou para os adolescentes e levantou-se. —Não há tempo para desperdiçar.

Seus seguidores se aproximaram dela ansiosamente, mas com cautela, ela ficou tensa.

—Tcs, tcs, isso nunca vai acontecer. Você nunca aprende, mas sugiro que você vá tranquilamente ou a sua amiguinha aqui vai ter uma orelha a menos. Você entende guerreira?

—Toque-a e vou matá-lo!

Ele riu com diversão genuína.

—Admiráveis palavras, mas olha aqui. — Ele estalou os dedos e um adolescente caiu de joelhos ao lado de Mara, retirando uma faca da bolsa ao seu lado. —Só para mostrar que conhecemos o negócio...

—Não! — Mara tentou fugir para longe, mas o menino sorriu e agarrou o cabelo dela, levantando a faca em seu outro lado.

—Pare! — Reya rugiu.

A figura levantou a mão e o menino calou.

—Sim?

—Eu vou calmamente.

—Eu pensei que você o faria. — Outro estalar de dedos fez o menino sair com relutância. —Tempo para jogar depois, meu irmão. Por agora, ajude esta senhora encantadora a ir para a caverna central. É tempo para ela atender os portadores da justiça.

Eles se aproximaram dela novamente e esperou, observando, enquanto as correias acima dela foram abertas e tiradas da parede. Um menino estava de cada lado dela, segurando seus braços.

—Traga a menina.

—Se você deixá-la eu irei em silêncio.

—Ela não será prejudicada, mas vem apenas como precaução. Mantenha o comportamento e tudo vai correr bem com ela... por agora.

Reya foi colocada na posição vertical, em seguida, puxada atrás da figura encapuzada, a corrente entre seus tornozelos garantia os pequenos passos. Mara a seguia, visivelmente encolhendo a partir do toque de seus captores. Elas foram levadas até uma passagem que inclinava para cima e abria-se em uma caverna.

Reya sabia que ela tinha entrado no Inferno.

Capítulo 23

Maverk olhou para as ruínas de Yennan e chutou um pedaço de gesso das ruínas com fúria frustrada.

—Nada! Absolutamente um nada sangrento!

Virando-se lentamente, Sinya olhou para as ruínas do assentamento, uma vez pequeno, mas próspero.

—Assim, parece. O último de minha equipe voltou agora, vamos ouvir o que eles dizem.

Maverk observou o avanço dos piratas que vinham das ruínas. Eles tinham uma aparência perigosa e muito colorida. Todos usavam o traje igual ao seu capitão apenas suas camisas era uma paleta de cores, vermelhos brilhantes, azuis, verdes, amarelos e roxos.

Amargamente pensou que eles se destacavam a um quilômetro de distância.

—Que bom que você luta no espaço e não em terra. Seus homens não fazem exatamente uma mistura com o ambiente.

Com orgulho Sinya olhou para sua tripulação.

—Se você tem, ostente-o.

—Onde está o seu irmão?

—A salvo na nave.

—Eu não o vejo muito. Ele é tímido?

—Você poderia dizer isso. Ephim! Viu alguma coisa?

Um pirata de peito largo, com uma barba grisalha balançou a cabeça.

—Nada. O lugar está deserto.

Respirando profundamente, Maverk olhou ao seu redor.

—Devemos procurar novamente...

Chegando, Sinya colocou a mão no seu ombro maciço.

—Temos procurado quatro vezes. Não há nada nem ninguém por aqui.

—Deve haver alguma coisa! — Com olhos em chamas, Maverk virou para enfrentar o homem menor. —Não há sinal de Reya entre aqui e Eros. Ela tem que estar aqui!

—Vamos procurar as áreas circundantes de novo, mas não há nada nessas ruínas.

—Inferno sangrento! — Ele deu outro chute violento na parede, resultando que sua bota atravessou direito através do gesso.

Sinya e Ephim trocaram olhares. Se a situação não fosse tão séria, eles teriam rido.

O restante da tripulação voltou com o rosto sombrio. Não havia nenhum sinal da guerreira Reeka.

—Vamos, — Sinya suspirou.

Um homem magro, desengonçado, com um rosto triste, disse,

—Eu gostaria que a nave estivesse mais perto.

—Não seja um bastardo preguiçoso Franco, — Ephim disse.

—Não é preguiça. É autopreservação. — Ele ressaltou.

Todos seguiram a direção de seu dedo e congelaram. Nas encostas, não muito longe deles, estavam figuras camufladas segurando velhos lasers. Eles pararam em silêncio contra o fundo ardente do céu.

—Visitantes. — Maverk estreitou os olhos. Sinya sacou o laser. —Amigo ou inimigo?

—Acho que vamos descobrir. — Ele viu uma das figuras parar e começar a descer a encosta. —Não dispare ainda.

—Mas esteja preparado. — Sinya fez um gesto para Ephim. — Espalhe a palavra e esteja preparado para abrir fogo. As pessoas estão chegando aqui e não pretendo estar entre eles.

A figura se aproximava, seguida de outros seis. Pararam diante do comerciante gigante e do pirata.

—A quem procura? — A voz do líder era baixa e rouca.

Incapaz de ver além do véu escuro cobrindo o rosto, Maverk estava inquieto, com a pele eriçada.

—Um amigo que estava vindo para cá, alguns dias atrás.

—Você o encontrou?

—É de sua conta? Quem é você?

— Se você valoriza sua vida, terá que sair.

—É uma ameaça? — Sinya falou lentamente.

—Uma promessa, um aviso. Leve-o com você, mas deixe este lugar condenado.

—Estou ficando doente com os enigmas. — A paciência de Maverk estava esticando fino. —Se é de uma luta que você está atrás...

Franco suspirou.

—Oh, Deus.

As pessoas por trás da figura encapuzada começaram a levantar suas armas e os piratas imediatamente pegaram os seus lasers.

—Parem. — Ele raspava a palavra em voz baixa. — Sem banho de sangue aqui, isso só vai atrair os *skinners*.

Skinner? Maverk e Sinya trocaram olhares.

— Se o seu amigo não chegou então ele nunca chegará. Ninguém o faz.

—Você está aqui, — apontou Sinya com naturalidade. —O que faz você ter tanta certeza que nosso amigo não virá?

—A experiência, pirata. Vá agora, enquanto você pode.

Os olhos de Maverk se estreitaram.

—Eu não saio sem ela.

—Uma mulher? — A cabeça virou um pouco. —Com o cabelo como o por do sol?

—Você a viu! — Ele começou a andar para frente apenas para ser parado pelos lasers levantados e visando seu peito. —Onde ela está?

—Eles estão com sua amiga. Eles sempre pegam aqueles que procuram.

—Apenas me diga quem inferno são "eles" e vou encontrá-los e rasgá-los em pedaços!

—Você vai morrer uma morte horrível gigante.

Sua mandíbula cerrou.

—Então vou morrer procurando por ela, pois não vou deixá-la neste buraco do inferno.

A figura o considerou firmemente, antes de virar para a figura de trás e falar suavemente. A segunda figura acenou com a cabeça e começou voltar ao declive.

A primeira figura se virou novamente para ele.

—Você tem certeza disso?

—Ponho minha vida nisso.

—Sua vida provavelmente estará nisso, — foi a resposta, a voz estava mais suave. —Nós podemos ajudá-los, depois de tudo.

O rosto de Maverk iluminou-se com a esperança.

—Não fique muito animado. Dependerá de nosso líder.

—Você não é o líder? — Sinya perguntou curiosamente. —E quem diabos é você, afinal?

Um grito veio da duna e uma figura acenou.

A figura na frente deles estendeu a mão e tirou o véu de seu rosto.

—Meu nome é Stellar.

—Inferno sangrento! — Ephim engasgou. —É uma mulher!

—Sim, uma mulher que perdeu seu filho e procura por ele, da mesma forma que uma mulher procura por uma víbora. Para pegar, para matar — foi a resposta gelada.

Intrigado, Maverk começou

— O que...

—Paciência e tudo será explicado. — Ela observava a linha de figuras camufladas descendo a duna de areia. —Nós somos o povo do deserto, ou o que resta de nós.

—O que há de errado com você? — Franco pigarreou nervosamente. —Você tem uma... er... doença?

Seu riso era duro e seco, como o vento do deserto.

—Uma doença, sim, mas não o que você pensa. Assim que Isham chegar aqui, tudo será explicado. — Os escuros olhos verdes mudaram para Maverk. —Então, você vai decidir se vai continuar a sua procura ou não.

Depois que desceu, o povo do deserto olhou os piratas com cautela. Um deles saiu do grupo e se aproximou de Stellar. Os mesmos olhos verdes, duros e implacáveis, olharam para eles de um rosto enrugado.

—Meu nome é Isham. — O homem se apresentou. —Sua mulher foi tomada pelos *skinnners*. Eles também têm outra prisioneira que ainda está viva, o que é mais incomum.

—Uma menina jovem, de cabelo preto encaracolado? — Sinya consultou.

—Essa mesma. Ela foi amarrada a um poste nos últimos três dias, era uma isca para a mulher com o cabelo como o por do sol.

—Reya — Maverk sussurrou.

Isham olhou para ele.

—Sinto muito, mas eu não me incomodaria procurando qualquer uma delas. Agora, suas peles já devem ter sido transformadas em roupas, se elas estiverem com sorte.

—Que diabos mais poderiam acontecer com elas? — Sinya exigiu. —O que poderia ser pior do que isso?

—Estar vivas em suas mãos.

Maverk lutou contra o pânico crescente.

—O que são esses *skinnners* e onde diabos eles estão? Droga me diga!

Agarrando na frente do manto de Isham, ele sacudiu-o.

—Diga-me!

Lasers saltaram para as mãos, do povo do deserto cheio de hostilidade e os piratas reagindo da mesma forma, com a ameaça de violência.

—Parem! — Stellar segurou o pulso de Maverk. —O gigante não significa nenhum dano, meu povo. Todos abaixem suas armas, nós vamos explicar. Por favor.

Liberando o manto de Isham, Maverk disse rigidamente

— Desculpe-me, mas se as coisas são tão más como você diz...

—Elas são piores. — Isham olhou para ele gravemente. — Sem ofensa. Suas ações são compreensíveis.

—Meu nome é Sinya. — O pirata inclinou-se um passo à frente. —Meu amigo é Maverk. Nós procuramos esta moça.

—Eu entendo, — Isham suspirou. —A história é curta e sangrenta. Faríamos bem fazer-nos confortável.

Os olhos castanhos se arregalaram incrédulos.

—Confortável?

—Eu não sou jovem. — Caminhando ao longo de uma parede de pedra semidesmoronada, ele sentou em cima dela. —Eu preciso sentar, mesmo que você não.

As armas foram guardadas, mas o povo do deserto alinhou-se atrás de Isham, enquanto os piratas estavam com seu capitão.

—Quem são os *skinnners*? — Maverk moveu-se para frente, levantando a sua bota para descansá-la na parede e inclinando seu antebraço sobre o joelho dobrado.

—O *skinnners* são filhos do deserto, os nossos filhos, — Stellar informou-o sem rodeios.

—Dos nossos genes, para ser mais preciso, — disse Isham.

—Eu não entendo.

—Eles não nasceram de nossos corpos. Eles foram uma experiência que deu terrivelmente errado... tão horrivelmente, terrivelmente errado.

—O que aconteceu? — Com a testa franzida, Sinya cruzou os braços.

—A ira de Deus por nos atrevermos a nos intrometer com a natureza. — Isham balançou a cabeça tristemente.

—Você disse que não teria mais enigmas, — Maverk cutucou impaciente.

—Então eu fiz. Muito bem. Dezoito anos atrás, estas ruínas eram de um assentamento das mentes mais brilhantes do Setor Outlaw. Houve guerras em todos os lugares e uma necessidade de mercenários para lutar. Éramos um povo pacífico, não combatente.

Stellar assentiu.

—Nós contratamos mercenários para lutar por nós, mas nos cansamos de pagar e o dinheiro que tínhamos era muito pouco. A gota d'água veio quando quatro de nossas mulheres foram estupradas por homens empregados para nos ajudar.

—Tempos de desespero, — Sinya murmurou. —Acontece com todos, não é verdade?

Isham estudou suas mãos, suavizando as rugas nas costas.

—Decidimos criar a nossa própria força de combate.

— Seus filhos? — Maverk perguntou.

—Não exatamente. Os bebês foram concebidos em tubos especiais, injetados com uma mistura especial de hormônios quando eles cresceram, para torná-los mais agressivos do que nós mesmos éramos. Nós percebemos o nosso erro quando um dia, doze anos depois de sua criação, tentamos disciplinar um dos mini-mercenários, pois era assim que nós pensávamos neles, por bater violentamente em uma de nossas crianças normais. Eles se tornaram selvagens. — Isham enxugou a testa, torcendo a boca com amargura. —As crianças fugiram quando nós revidamos, mas não foi a última vez que nós os vimos. Parece que nós acertamos muito bem na criação de nossos mini-mercenários. Eles começaram a caçar-nos e matar-nos, lento, mas seguramente, cada um matando mais selvagem e terrivelmente que o anterior.

Maverk sentiu-se mal.

—Como você pode fazer isso com sua própria carne e sangue? Apesar de concebidos em tubos, eles ainda eram seus filhos.

Stellar olhou calmamente para ele.

—Somos uma raça de cientistas. Para outros, pode parecer frio, mas tivemos as nossas razões. Autopreservação.

—Agora você colhe o que planta, — disse Sinya.

—Correto. Só que nunca adivinhamos o que íamos colher. Estas crianças do inferno perseguem suas presas, torturam e tiram à pele das vítimas ainda vivas, comem partes dos corpos, se não todo ele.

—Querido Deus, — sussurrou Maverk, horrorizado. —Reya!

—A guerreira foi um dos poucos a escapar há três anos. Mercenários vieram à caça no deserto, de um inimigo desconhecido, sem uma pista para a verdadeira natureza deles. Muitos tinham falhado antes, por isso, desta vez, optamos pelo silêncio, esperando que eles fossem bem sucedidos.

—Você os contratou? Você os trouxe aqui?

—E que escolha tivemos? — Isham falou pesadamente. —Nós não sabemos o que aconteceu naquele dia. Havia gritos e sons de explosões de laser, como sempre há. Quando nos aventuramos para fora, havia um silêncio. Tudo o que encontramos foram os corpos de vinte mercenários mortos, estaqueados e esfolados. Dez mercenários tinham desaparecido. Primeiro presumimos que foram mortos, mas depois veio a notícia de que eles tinham escapado. Os que tinham pés mais rápidos sobreviveram, eu suponho.

Sim, Reya tinha pés rápidos. Ter escapado das garras do diabo exigiria velocidade e resistência.

Maverk varreu Stellar com olhos de desprezo.

—Há muitos de vocês. Por que você não encontrou os filhos?

—O que se vê agora é apenas um terço do que costumávamos ser. Somos tudo o que resta não se esqueça, nós tentamos caçá-los, mas eles são astutos nos caminhos do deserto.

—Onde eles vivem?

—Abaixo do solo em cavernas escondidas. Se pudéssemos encontrar a entrada... — Ela balançou a cabeça. —Todos os nossos equipamentos sumiram, destruído pelo *skinners*. Jogam com a gente, matando aqueles que podem, mas nós não vamos desistir, pois devemos consertar o dano feito.

—Então, como você sobreviveu a todos?

—Vivemos abaixo das ruínas do assentamento. Nós os caçamos de dia e eles nos caçam de noite.

—Você não sabe onde essas cavernas estão?

—Não. Se soubéssemos onde é a entrada, poderíamos destruí-los.

Seu couro cabeludo arrepiou.

—Eles são crianças!

—Não no sentido da palavra. São produtos de um experimento que deu errado, que devem ser destruídos, pois eles não conhecem a misericórdia.

Isham levantou-se.

—Deseje que sua amiga esteja morta, Maverk. É a melhor coisa que você pode fazer por ela.



Olhando em volta da caverna enorme que tinha entrado, Reya engoliu a bile, que surgiu na sua garganta. As tochas que

iluminavam, ardiam em covas no solo, permitindo-lhe ver contra uma parede, suspensos em ganchos, dois cadáveres em decomposição. Duas crianças que não tinham mais de doze anos estavam adiante roendo os ossos de um dedo. Eles estavam comendo os cadáveres. Além do fogo, uma menina virou lentamente, com um corpo espetado, lambuzando gordura sobre ele. Era um cadáver muito pequeno.

—O mais jovem do nosso alegre grupo — uma voz baixa, disse em seu ouvido. —Ele era fraco, não era bom.

—Então você o come? — Ela desviou o olhar, com uma expressão branda.

—Desperdício nunca. — A figura riu. —Ele vai estar bom e tenro.

Ela percebeu as pinturas na parede. Todas foram feitas em vermelho, a maioria delas quase marrom. Sangue. Entranhas secas penduradas no teto da caverna e membros atrofiados pendurados em uma fileira.

O lugar era um depósito enorme, fedendo a carne humana.

Um trono de pedra estava contra a parede mais distante. Ao lado dele, algemas de aço foram incorporadas à rocha. Um poste estava no centro da caverna com uma corrente anexa e pedaços de um esqueleto estava em torno dele.

A figura indicou com a cabeça e Mara foi levada ao poste. Um dos meninos chutou para fora do seu caminho uma caveira e tirou o colar de couro em torno de sua garganta.

Reya viu por que ela não fazia nenhum som. Seus olhos estavam arregalados de medo, e de repente, ela se inclinou e começou a vomitar quando o cheiro de carne humana assando assaltou os seus sentidos.

Bastardos. Reya ouviu melancolicamente o riso quase histérico das crianças.

—Eu quero você por perto, então eu reservei um lugar especial para você ao lado do meu trono — a figura ao lado dela afirmou.

Os adolescentes a puxaram pelos seus braços, arrastando-a até os quatro degraus esculpidos para as algemas, embutidas na parede. Ela começou a lutar, mas um grito abafado à fez parar. Chicoteando a cabeça em torno, viu uma mulher por trás de Mara, com uma mão nos cachos pretos puxando a cabeça para trás, para revelar-lhe a garganta e uma lâmina afiada pressionando.

—Eu sugiro que você coopere graciosamente, — disse a voz divertida. —Ou a sua amiguinha vai ser o nosso prato principal esta noite.

Com uma onda de frustração, ela sabia que não havia nenhuma maneira que pudesse lutar, enquanto Mara estivesse em perigo. Silenciosamente permitiu-se ser pressionada contra a parede, as algemas foram unidas aos seus pulsos e tornozelos, antes das correntes serem colocadas. Os adolescentes se afastaram dela, descendo a passos.

—Aproximem-se, meus filhos. — A figura encapuzada estava em linha reta, voltado para ela. —Vejam a mulher que foi trazida de volta para a justiça, que pensou em correr e escapar daquele dia terrível. Vinde, contemplai o mercenário caído!

Sons de gritos estridentes e barulhos estranhos eclodiram, o vazio rindo, Reya pensou que devia ter, pelo menos, cinquenta ou mais crianças. Ela ficou chocada ao ver que tinham quinze anos ou menos.

—Silêncio! Vamos ver se ela se lembra! — Ele virou-se para encará-la. —Você não se lembra de mim, guerreira?

—Você sabe que não.

—Não? Você me decepciona. Talvez você vá reconhecer-me se eu remover esse véu? — Uma mão subiu em um movimento rápido, para remover o véu que cobria a sua cabeça.

Ela olhou para ele, não por que o conhecia, pois ela não reconhecia, mas por que não podia acreditar em seus olhos. Como poderia tal mal habitar dentro de tanta beleza? Ele tinha o rosto de um anjo. Cabelos dourados e olhos verdes tão profundos, uma boca sensual e linhas fortes no rosto.

Apenas que este era um anjo caído, os olhos estavam cheios de maldade, os lábios enrolados cruelmente.

—Reconheça-me agora?

—Não — respondeu ela honestamente e bateu a cabeça para o lado com o tapa que levou no rosto.

—Resposta errada. Meu nome é Ira. Eu estava lá naquele dia, lembra?

—Você quer que eu diga '*sim*'? — Ela cuspiu, com a boca cheia de sangue.

O golpe no outro lado de seu rosto não foi inesperado.

—Não tente a minha paciência. — Inclinado para frente, Ira tocou-lhe o dedo no sangue do canto da boca e trazendo-o para a sua

língua, lambeu-o com prazer. —Gostoso e salgado, ao contrário da vingança, que é tão doce.

Observando-o com cautela, ela teve o cuidado de manter toda a expressão de seu rosto.

—Eu tinha quinze anos quando você e seus companheiros assassinos contratados vieram, — ele continuou falando. — Conseguimos pegar todos de surpresa, não foi? E você fugiu, mas ainda peguei vinte de vocês. Tenha a certeza, você era a que eu mais queria.

Surpresa, surpresa, uma parte de sua mente pensou amargamente.

—E sabemos o porquê, não é? Se não fosse por você, teríamos pegado todos. Cada individuo, até o ultimo, era saboroso como você. — Ele gentilmente tocou o rosto vermelho, a marca de sua mão estava bem visível. — Você é uma menina má.

Ela se perguntou quando ele iria começar a tirar a sua pele, certa de que ele tinha outra coisa em mente em primeiro lugar. E ela não estava errada.

—Eema, minha irmã, dê-me o eletrodo — ele disse suavemente.

Reya reconheceu imediatamente a menina que se aproximou, segurando uma pequena caixa com uma varinha fina anexada a mesma.

—Bethany?

—Não é o meu nome verdadeiro. Você quer saber como nós sabíamos que estava vindo? — Eema riu estridentemente. —Fui eu quem matou Royce e Vinca, Vinca era apenas um fanfarrão e gostava de reivindicar a glória. Má sorte, mercenária, você deveria ter fugido enquanto podia.

—Tarde demais agora. — Com a caixa, Ira passou o polegar sobre ela amorosamente.

—Então, por que tomar Mara? — Reya perguntou.

—Ela era a isca para trazê-la aqui. Eu não tinha certeza que iria funcionar, mas tinha esperança. Você vê mesmo com uma pedra como coração, em você bate um pedaço de humanidade. Funcionou. Se não fosse, bem, — ele deu de ombros. —Nós não podemos nos aventurar para fora do centro do Setor, mas eu teria pensado em alguma coisa.

—Por que você não pode aventurar-se?

Ele ligou o interruptor na caixa e um zumbido ameaçador começou.

—Quando as pessoas desaparecem perto do centro do Setor Outlaw, não se fazem perguntas. Se formos muito longe, então as pessoas começarão a fazer inquéritos. Além disso, — os olhos verdes brilhavam com raiva —graças a você, não há número suficiente de nós. Mas você vai lamentar, eu prometo.

A varinha tocou a sua barriga e a agonia rasgou através dela, o choque deixando-a sem palavras e caiu em arco de volta para a parede.

Ele removeu a varinha e ela caiu para frente, ofegante.

Agarrando um punhado de seus cabelos, ele sacudiu a cabeça para trás para olhar em seus olhos, com um sorriso cruel nos lábios.

—Por que, meu bem, a diversão está apenas começando. Não se desgaste muito rápido!

A varinha tocou novamente e o choque elétrico rasgou através dela. De braços abertos contra a parede, ela foi incapaz de escapar. As crianças aplaudiram e gritaram de entusiasmo e aprovação.

Incapaz de assistir a tortura, Mara se afastou, retirando-se para si mesma, imaginando que ela estava de volta aos campos do assentamento, a casa dos seus avôs. *Sim, era muito mais agradável lá. Gritos de agonia não podiam ser ouvidos e que a carne cozida não era humana...*



Maverk estudou o mapa mostrando as ruínas de Yennan e o deserto em torno de trinta milhas.

—Eles têm de estarem por perto. Eles não podem correr os riscos de perambular longe demais.

Sinya franziu o cenho.

—Qual é seu palpite?

—Eu não sei. — Ele esfregou os olhos ardendo, pela dor da falta de sono.

Sua cabeça doía e seu coração estava pesado, mas ele não podia permitir-se desistir dela. *Reya ainda pode estar viva, deve estar viva. Eu não posso suportar em pensar a vida sem ela. O pensamento de seu ser torturado...* ele estremeceu, com uma fúria impotente.

—Inferno sangrento! — Saltando da cadeira, ele passeou pela cabine.

Sinya observava em silêncio simpático. Ele gostava de Reya, mesmo que ela o odiasse com força.

—Só há uma coisa a fazer. — Maverk virou de repente. — Capturar uma dessas crianças e forçar a dizer o lugar da caverna.

—Bom, em teoria, mas, e na prática? Não. Eles conhecem este deserto como a palma das suas mãos. Eles viveram nele por anos sem serem encontrados. Como é que vamos pegar um?

—Provavelmente, se morderem as nossas mãos sangrentas fora, — Ephim murmurou.

Franco entrou e falou baixinho para Sinya, que assentiu. Franco saiu, retornando minutos depois com um jovem magro e pálido.

—Meu irmão. — Sorrindo, Sinya se levantou e estendeu a mão.

O rapaz andou até ele e ele pôs a mão em um ombro magro.

A semelhança era clara nas faces dos irmãos, mas foram os olhos do menino que chamou a atenção de Maverk. Preto, como os de Sinya, mas penetrantes e perfurantes. Era a primeira vez que ele realmente o via desde que Reya o tinha escondido dos caçadores de recompensas.

—Eu acredito que você já tenha conhecido Weslie, comumente conhecido como Wes. — O rosto de Sinya suavizou e sorriu para o seu irmão.

—Eu tive o prazer. — Tomando a mão magra na sua, Maverk ficou surpreso com a frieza dela.

Wes falou baixinho, mas sua voz era surpreendentemente forte.

—Ela ainda vive, mas temos de agir rapidamente.

Capítulo 24

—Como você sabe disso? — Maverk olhou para ele.

—Ela veio para mim em uma visão.

—Do que o menino está falando, Sinya?

—Meu irmão tem visões que, raramente estão erradas.

—Visões?

—Eu sei que é difícil de acreditar, mas... — Sinya hesitou e depois acrescentou: — Basta acreditar. Afinal, o que mais temos, nós devemos ir em frente?

—Você espera que eu coloque a vida de Reya em risco por causa de uma visão?

Wes olhou para ele sem raiva.

—Você tem alguma outra opção?

—Ouça o menino, — aconselhou Ephim. —Ele salvou nossas gargantas, mais de uma vez.

Franco concordou.

—Não o dispense tão facilmente.

Olhando-os todos com dúvida, Maverk se perguntou se eles não estavam todos de alguma forma, meio doidos.

—Não estamos doidos — Wes disse calmamente. —Eu simplesmente tento ajudá-lo e a Reya, como você me ajudou quando os caçadores de recompensas estavam atrás de mim.

—Como você sabia o que eu estava pensando?

—Eu sei muitas coisas, mas o tempo é curto. Ela está cheia de dor e precisa da nossa ajuda rapidamente.

A mandíbula de Maverk se apertou. Reya. Por ela, ele tentaria qualquer coisa e até o que Wes tinha apontado que outra escolha eles tinham? O mínimo que podia fazer era ouvir o que o menino tinha a dizer.

—Então o que você sugere? — Retomando o seu lugar, ele cruzou os braços.

—Eu irei lá hoje à noite e seguirei as crianças.

—Você pode fazer isso? — Sinya perguntou em preocupação. — Eles não vão sentir você?

—Você perdeu a cabeça? — Maverk agarrou. —Sabe como eles são assassinos, você está seriamente pensando em permitir que o seu irmão mais novo vá atrás deles?

—Não vai ser em seu corpo físico, comerciante. Wes tem o dom de viajar pela mente.

Isto está ficando cada vez mais bizarro, a cada minuto.

—Só no momento certo, quando as emoções e os sentidos são fortes, — explicou pacientemente Wes. —Tempo de grande tristeza, felicidade e dor. Agonia é uma das mais fortes sensações e eu posso senti-la agora mesmo.

Maverk era uma pálida sombra. *E se ele falasse a verdade?*

—Eu falo a verdade.

—Como você fez... — Maverk parou. —Não se preocupe. Você pode realmente fazer isso? Você pode encontrar a entrada para as cavernas?

—Se tudo correr bem, eu posso encontrar Reya também.

Sinya olhou para Maverk.

—Vamos esperar que ela permaneça consciente, a ligação da mente é mais forte quando ela está ciente da dor e seu entorno.



Reya tomou conhecimento de muitas coisas durante os poucos dias desde a sua captura. Ou seja, que Ira e os outros eram ferozes e cruéis sem nenhum remorso ou culpa. Os prisioneiros da caverna foram mortos após serem estacados sob o sol ardente, revestidos com óleo, o que causou a sua pele bolhas muito dolorosas.

Ira a tinha informado de todo o processo, rindo quando Mara tinha desmaiado com a visão dos corpos mortos sendo arrastados pelo chão e pendurados em ganchos.

Reya tinha visto sem expressão, pois era tudo o que poderia fazer para não gemer de dor ao menor movimento.

Na primeira noite, ela tinha sido eletrocutada até que perdeu a consciência. Quando acordou, ele começou novamente e só parou quando Ira ficou entediado e desistiu, retirando-se para dormir.

Através de trechos de conversa, ela aprendeu que dormiam durante o dia e caçavam à noite.

Seus braços estavam dormentes, revestidos de sangue seco, pelos cortes que tinha sofrido de puxar contra as algemas durante a

tortura. Ira os liberou quando acordou, rindo da dor que lhe causou quando o sangue fluiu livremente através de seus membros entorpecidos. Ele acariciou seus cabelos como se ela fosse um cão, em seguida, chutou-a violentamente na lateral. Ofegante, ela foi arrastada para a cela.

—Atenda as suas necessidades, se você puder — Eema zombou.

Desajeitadamente ela conseguiu, utilizando o buraco cavado no chão, antes de ser rapidamente arrastada de volta para as algemas ao lado do trono. Uma vez presa de forma segura, a água foi derramada com descuido em sua boca seca, transbordando para ser absorvida pelo seu colete.

—Sente-se melhor? — Ira perguntou, segurando um pedaço de carne. —Gostaria de algo para comer?

Carne humana? Ela quase engasgou com o pensamento, mas manteve o rosto impassível, olhando para longe dele, buscando Mara. Seu estômago agitou quando viu ainda deitada no chão, ainda presa ao poste.

—O que você fez com ela?

—Oh, ela é um esporte tão pobre. Não aceitou bem quando lhe dissemos para comer como uma boa menina. Fez tanto barulho, isso não é educado. Um casal de meus irmãos que a assistia ficou um pouco irritado.

—Seu pequeno viscoso bastardo! — Ela pulou para frente, mas foi sacudida e parada pelas algemas. —Se você a matou...

—Eu faria isso? Ela simplesmente desmaiou, mas vai ficar bem. E eu realmente não gosto de ser chamado de nomes.

Seu punho agarrou o seu queixo, batendo sua cabeça contra a parede.

—Não é bom para todos. — Sentado no trono, ele contemplava sua prisioneira, pensativo. —Agora, o que devemos fazer hoje, hmm? Oh, eu já sei!

O brilho nos seus olhos profanos causou um mau pressentimento em seu coração.

—Eema, traga-me a vara.

Um gorjeio de excitação voou ao redor da caverna e um canto surgiu.

—Vara! Vara! Vara!

Tomando uma haste longa e fina de Eema, Ira bateu-a no ar rapidamente, produzindo um zumbido.

Reya estremeceu interiormente. Ela já tinha visto anteriormente isto sendo usado no lugar de um chicote. Fazia vergões no corpo, se usado com cuidado ou profundos cortes.

—Eu não quero prejudicar essa linda pele — disse ele alegremente. —Então, eu tenho um método bastante engenhoso. Onde está a loção?

—Aqui. — Um dos rapazes ofereceu um pote.

—Muito bom. Esfreguem bem, meus irmãos. Quero me assegurar que nossa hóspede sinta cada batida de justiça que reservei para ela.

A loção foi esfregada em suas pernas, braços e estômago. Ela sentia frio.

—Não relaxe, minha querida. — Ele estudou o rosto machucado. —Está para ficar pior, muito pior.

Recuando, ele balançou a vara. Não cortou a pele, mas ela não podia evitar o nó na garganta que escapou dela. O vergão apareceu instantaneamente em sua pele e a loção subiu embebendo os seus poros.

Era como se ela estivesse sendo marcada. Sua carne queimava como brasa, em agonia pensou por uma fração de segundo, que estava enganada, que a vara tinha cortado a sua carne e os seus órgãos.

—Dói, não é? Essa é a loção. Material maravilhoso, não é?

—Vá para o inferno! — ela ofegou.

—Confie em mim, antes de isso acabar, você vai desejar estar lá. É o céu, comparado ao que você vai sentir esta noite.

A vara cortava através de seu estômago e os músculos nos braços incharam quando ela tentou, sem sucesso, enrolar-se defensivamente contra a agonia. Conforme a vara batia, os vergões apareciam, embebidos na loção e a caverna ressoava com os gritos que ela não conseguia segurar.

Quando finalmente desmaiou, eles foram implacáveis. Baldes de água fria foram jogados sobre ela até que recuperou a consciência, então ele começou de novo. Ira deu apenas uma parada, quando ficou com fome.

Depois olhou para sua prisioneira e sorriu. A mercenária orgulhosa só permanecia em pé, porque as algemas a seguravam. Suas roupas e cabelos estavam ensopados de suor e água, sua pele uma massa de vergões irritados. Eles pareciam tão inofensivos, os vergões, mas não eram.

—Eema, — ele chamou. —Ponha mais loção sobre nossa convidada. Eu não quero pensar que tudo foi lavado. Seria um desperdício de meus esforços!

As crianças riram. Vários tinham ficado entediados e se afastaram em diferentes direções.

Ira franziu o cenho.

— Se vocês estão tão entediados, vão acima do solo e vejam se conseguem encontrar qualquer alimento.

Eles balançaram a cabeça e correram.



Com olhos fechados, Wes estava sentado de pernas cruzadas sobre uma almofada. O quarto estava escuro, com um leve cheiro de incenso que flutuava através do ar.

Silenciosamente Maverk perguntou se isso era realmente necessário ou se ele estava apenas perdendo seu tempo e o de Reya.

Wes havia solicitado sua presença.

—Porque as suas emoções para ela são fortes e vão dar-me força.

Ele esperava que sim.

—Basta sentar-se calmamente e não dizer nada — Sinya instruiu antes de fechar a porta, deixando-os sozinhos.

Wes acenou-lhe para uma das almofadas no chão.

—Sente-se e concentre-se em Reya.

Como se ele pudesse fazer mais alguma coisa. Pensar nela era tudo que tinha feito desde que ela tinha fugido.

Ele agora observava Wes, como tinha feito nas últimas duas horas. Câimbras tinham começado a estabelecer-se, mas temia movimentar-se muito no caso do menino realmente poder encontrar seu paradeiro, e ser distraído por seus movimentos. Ele iria esperar até que seus membros murchassem e caíssem, se isso significava encontrar a moça que ele amava.

De repente, Wes gemeu, um riacho de suor deslizou pelo seu rosto. Os olhos escuros tremiam, mostrando lampejos de branco. Suas mãos, tão silenciosamente e calmamente postas em seu colo, agora começaram a torcerem juntas, apertando tão rígido que manchas de sangue apareceram onde as unhas cortavam a carne em sua palma.

Maverk perguntou inquieto, se ele devia procurar ajuda.

—Reya, — Wes sussurrou. —Essa dor...

Sem um aviso um vergão apareceu no seu braço fino, depois outro e outro, vermelho e irritado. Suor escorria pelo seu rosto para impregnar sua camisa.

Não havia mais nenhuma dúvida na mente de Maverk, o irmão mais novo do pirata poderia encontrá-la.

Wes, de repente, arqueou para trás e gritou, antes de cair molemente para frente. Maverk pegou-o ao mesmo tempo em que a porta se abriu, Sinya e Franco correram pela cabine.

—Acho que ele desmaiou. — Maverk colocou o menino no chão, colocando uma almofada sob sua cabeça.

—É normal — garantiu-lhe Sinya, ajoelhado ao lado de Wes.

—Eu não sei o que aconteceu. Ele começou a suar, então esses vergões apareceram... — Ele olhou espantado.

A pele de Wes estava lisa, seca e sem mácula.

Sinya afagou o braço confortavelmente.

—Eu sei o que você quer dizer. O que ele vê se imprime em seu corpo, mas não, graças a Deus, por muito tempo.

—Mas o que ele viu? Ele não disse nada.

—Ele vai levar cerca de meia hora, — disse Franco. —isso é quanto tempo ele leva para se recuperar.

Foi a mais longa meia-hora de vida de Maverk.

Quando Wes finalmente se recuperou e contou o que tinha visto, Maverk empalideceu.

Minutos depois, quando eles deixaram à nave, estava amanhecendo. Eles descobriram Stellar e Isham esperando por eles.

—Você enviou uma mensagem para nós? — Stellar perguntou.

—Sim — respondeu firmemente Maverk. —Nós sabemos onde a entrada da caverna está. Você ainda deseja buscar as suas '*crianças*'?

—Como você pode ter encontrado eles? Temos procurado por anos!

—Eles se escondem bem. Se você os quer, reúna o seu povo e siga-nos, mas antes você deve concordar em permitir que nós entremos e salvemos Reya e Mara, em primeiro lugar.

—Você vai ser pego.

—Eu vou arriscar. Eu não vou arriscar as vidas das moças por mais tempo.

Stellar concordou.

—Se é isso que você deseja. Vamos reunir nosso povo e vir.

—Você realmente está indo para matá-los? — Sinya não gostou da idéia. —Eu sei que eles são selvagens...

Maverk não tinha estômago para matar crianças, ou seja, pelo menos não os mais jovens.

—Não é possível que os pequeninos sejam tratados ou algo assim?

—Eles torturam a sua mulher.

—O mais velho está próximo de dezoito anos, mais homem do que jovem. Isso é diferente. Mas os outros têm apenas doze e treze...

—Não se preocupe. — Stellar fez um sinal para trás dela, para uma das pessoas do deserto. —Nós vamos cuidar deles. Eles são como muito bem disse, a nossa carne e sangue. Nós temos os meios para tratá-los.

Uma onda de alívio percorreu Maverk. Ele ainda achava difícil acreditar que as crianças pudessem ser tão selvagens, até que ele se lembrou do que Wes lhe tinha dito, um arrepio gelado desceu pela sua espinha.

—O mau cheiro dos cadáveres em decomposição, carne humana torrada... ela grita em agonia... o fogo queima mais quente... eles não vão deixá-la dormir, não oferecem nenhum alívio... sua pele...

Ele balançou a cabeça. Ele não podia pensar nisso, ou iria ficar temporariamente insano ao ir para a caverna escondida e ser morto. Ele selaria o destino de todos.

—Vamos. — Ele virou-se para Sinya. —A nave está pronta?

—Nave? — Isham estreitou os olhos.

—A caverna não está longe, mas precisamos da nave espacial para abrigo, apenas para o caso. — Sinya caminhou em direção a ele, quando falou. —Nós não correr riscos, pelo menos, nada mais do que o necessário.

—Você tem as redes? — Stellar perguntou para um dos homens, que concordou. —Você tem tudo? Eles não podem escapar desta vez.

—Não se preocupe, estamos preparados.

—Eles vão, obviamente, pegá-los vivos — comentou Sinya quando Maverk ficou ao seu lado.

—Sim. Espero que nada dê errado. Vamos começar a nos mexer. Eu quero estar longe deste lugar esquecido por Deus o mais rapidamente possível, com as moças. Então eu quero esquecer este pesadelo todo.

—Você não receberá quaisquer argumentos de mim. — Sinya começou a gritar ordens à sua tripulação.



A nave pousou cinco quilômetros a partir das ruínas de Yennan, as pessoas do deserto e os piratas desembarcaram rapidamente, arrastando as redes atrás deles.

—Esta é uma duna de areia. — Isham olhou intrigado. —Uma de centenas. Tem certeza que os *skinnners* se escondem aí embaixo?

—Sim. — Maverk concordou secamente.

—Como você encontrou-os?

—Basta estar feliz por tê-los encontrado. — Sinya passou por eles.

Maverk encolheu os ombros quando Isham ergueu as sobrancelhas para ele, mas em particular, ele se perguntou por que Sinya não revelou o estranho dom de Wes. Até que se lembrou que essas pessoas eram cientistas do deserto e tinham sangue-frio, como já tinham mostrado. Ele ainda se sentia doente ao pensar como eles adquiriram os seus “mini-mercenários”, mas agora não era o momento de pensar nisso.

Rapidamente ele seguiu Sinya pela duna de areia até chegar a um arbusto raquítico na areia. Ele olhou para o companheiro, em seguida, por cima do ombro para ver que metade dos piratas esperava abaixo, segurando os lasers e os olhos varrendo o seu entorno, enquanto o restante dos piratas esperava sombriamente atrás dele e de Sinya. Todos com suas armas. O povo do deserto esperava silenciosamente nas proximidades, com redes em suas mãos.

Respirando fundo, Maverk segurou sua arma de laser em uma mão e puxou com firmeza o tronco do arbusto, que tremeu e começou a se mover.

Sentindo a mudança de solo sob eles, pularam de volta. Um buraco apareceu quando o mato e parte da terra deslizaram de lado. Vermelho e laranja piscaram, Maverk podia ver que o buraco ia direto para baixo em uma inclinação, passos cortavam bruscamente no chão rochoso. A cintilação devia-se a tochas empurradas para dentro de nichos nas paredes rochosas.

Respirando fundo, ele quase sufocou com o cheiro pútrido fluando acima dos degraus. Um movimento fez olhar para cima para ver Stellar segurando uma faixa. Ela apontou para a metade inferior do rosto e viu que o povo do deserto tinha amarrado

máscaras sobre suas bocas e narizes, uma proteção contra o mau cheiro.

Panos foram passados ao redor e logo todos usavam um.

Acenando para Sinya, Maverk começou a descer os degraus de pedra. Tudo estava quieto. Obviamente, os *skinnners* dormiam.

Eles desceram mais, encontrando a passagem e ele observou as pinturas nas paredes, figuras, varas e símbolos estranhos. A tinta usada era desconhecida para ele. Algumas delas eram vermelhas e pareciam frescas, enquanto outros desenhos eram marrons, sua pele se arrepiou. *Era sangue*. Ele não olhou para Sinya, mas podia sentir a sua tensão.

A passagem abria em uma caverna enorme e eles entraram com cautela. O que viram fez mais do que um dos piratas quase vomitar o conteúdo de seu estômago no chão. Isso era muito real, eles estavam em perigo, o que os fez ranger os dentes e engolir com bravura.

Maverk registrou os horrores dentro da caverna, mas seus olhos procuravam desesperadamente por Reya.

Sinya cutucou e apontou. Seguindo a direção de seu dedo, ele viu uma jovem enrolada perto de um poste no meio da caverna, um colar prendia em torno de seu pescoço com uma corrente anexando-a ao poste. Magra e tremendo violentamente, seus olhos azuis estavam arregalados com o choque. Um tufo de cabelos pretos encaracolados estava emaranhado em torno de seu rosto.

Mara. Seu estômago apertou. *O que eles tinham feito com ela? E onde estava Reya?* Freneticamente o seu olhar varreu a sala até que ele avistou uma figura e sentiu seu coração dar uma guinada.

Ao lado do trono do outro lado da caverna estava uma figura esguia algemada, de braços abertos para a parede. Mesmo daqui ele podia ver os vergões vermelhos cobrindo seu corpo entre os trapos que ela usava. Sua cabeça estava caída para frente, os cachos vermelho-ouro estavam emaranhados em torno de seu rosto. Será que ainda está viva?

Afastando o olhar dela, ele olhou para Sinya e silenciosamente apontou para Mara. O pirata acenou com a compreensão. Os piratas se separaram vários indo com Sinya, enquanto dois deles seguiu Maverk. O restante montava guarda na caverna deserta.

Parando na frente de Reya, Maverk deslizou a mão entre os cabelos emaranhados para sentir o pulso em sua garganta. *Graças a Deus, ele estava lá, fraco, mas perceptível*.

Um dos piratas já estava soltando as algemas de seus tornozelos enquanto outro trabalhava em seus pulsos.

Delicadamente empurrou a cabeça para trás, Maverk varreu o cabelo de lado para olhar para seu rosto, suas entranhas apertaram ao ver os hematomas em seu rosto, o lábio cortado e as manchas de lágrima. Ele soube então que a tortura tinha sido horrenda, para ela chorar e ele provou o medo, perguntando se ela tinha permanecido sã.

—Pronto — Franco sussurrou.

Assentindo, ele apoiou-a, enquanto as algemas foram abertas. Ela caiu para frente e ele rapidamente a pegou em seus braços. Sem perder um segundo, ele se virou e começou a descer as escadas, vendo que um dos piratas embalava Mara no peito e já estava na entrada da passagem.

—Parem intrusos! A mulher é minha! — uma voz gritou furiosamente.

As paredes da caverna pareciam estar vivas. Para fora dos pequenos buracos nas paredes, contorciam-se crianças rosnando, os olhos brilhando de alegria selvagem.

—Comida! — Um menino de não mais de dez arreganhou os dentes, tinha manchas de saliva no queixo.

O pirata segurando Mara subiu a passagem para a superfície.

—Os atordoem, agora! — Sinya ordenou.

Os piratas começaram a atirar nas crianças que estavam segurando facas de esfolar e uivando estridentemente.

Franco e Ephim lutaram com o jovem que, com os olhos brilhando, rugia

— Ela é minha! Minha!

Maverk percebeu que este era o único que tinha abusado de forma tão virulenta de Reya, enquanto parte de sua mente queria matá-lo, ele sabia que tinha de levá-la para a segurança. Ela era sua primeira preocupação. Correu pela caverna, saltando por cima dos corpos das crianças caídas.

Ainda mais se arrastou para fora das paredes.

—Cuidado, Maverk! — Franco gritou.

Girando ao redor, Maverk viu os dois, Franco e Ephim lutando. Ira estava indo atrás dele, com uma faca de esfolar na mão.

A força do jovem era enorme, a sua velocidade incrível. Antes que Maverk tivesse tempo para se mover, Ira lançou-se para frente, com a faca levantada.

Ele reagiu instintivamente, preparando-se e levantando o pé. Ira colidiu com ele, a força empurrou-o para trás, girando a faca para longe, no ar.

Atordoado, Ira balançou a cabeça antes de começar lentamente a levantar, balançando. Ele olhou para Maverk, então, alguém atrás de Maverk chamou sua atenção, um choque de reconhecimento apareceu em seus olhos.

—Mãe?

Stellar e Isham pularam arremessando a rede por cima da sua cabeça e corpo, ele foi jogado ao chão.

—Não, não! Mãe! — Ira gritou, batendo impotente. —Solte-me!

Os gritos ecoaram nos ouvidos Maverk, fazendo seu peito apertar. As próximas palavras fizeram o seu couro cabeludo arrepiar.

—Eu vou cortar o seu fígado, enquanto você ainda respira e comê-lo cru e sangrando! Liberte-me!

Stellar olhou para cima, com profundos olhos verdes, assim como de seu filho.

—Deixe Maverk. Finalmente temos as crianças e vamos dar-lhes o seu tratamento. Você tem sua amiga ferida, para cuidar.

—Sim. — Ele se virou e viu que o povo do deserto prendeu seus filhos nas redes, os animais uivos arrepiaram a sua espinha.

Na entrada para o corredor estava Sinya, com seus piratas atrás. Ele viu que tinha vários feridos, mas nenhum grave. Mas os olhos deles mostravam que as abominações que eles tinham visto nessa viagem, nunca seriam esquecidas.

—Vamos levar Reya para a segurança da nave, — disse laconicamente.

—Sim. — o rosto de Sinya estava negro. —Quanto mais cedo melhor. Eu quero ficar livre deste lugar.

Uma vez acima do solo, eles foram para a nave, mas não tinha ido muito longe, quando seus nomes foram chamados. Virando-se, eles assistiram Stellar e Isham descer a encosta e parar diante deles.

Com o rosto sombrio, Stellar disse:

— Temos muito a agradecer.

—Não, você não tem. Por sua parte na explicação sobre o *skinnners*, sim, eu reconheço a sua colaboração, mas nada disso teria acontecido se...

—Se não tivéssemos brincado de Deus? Nós sabemos os erros que fizemos. Temos colhido o que semeamos e agora é tempo para a colheita.

—O que você planeja? — Sinya perguntou curiosamente. — Como você vai tratá-los? O que você pode fazer? Eles são tão selvagens.

—Nós vamos gerenciar isso. Espero que sua amiga sobreviva.

Maverk olhou para Reya em seus braços.

—Ela precisa de atenção imediata. — Fugazmente olhou para o casal diante dele, os olhos duros e implacáveis. —Não vou dizer que foi um prazer conhecer vocês.

Stellar inclinou a cabeça gravemente.

—Nós entendemos.

Pessoalmente, ele não se importava se eles entendiam ou não. Voltando-se, caminhou para dentro da nave pirata, Sinya e sua tripulação o seguiram.

O som de fogo de laser e gritos perfurava o ar. Maverk congelou, enquanto Sinya virou-se, seu olhar acusador caindo sobre Stellar.

—Não é a sua preocupação, — disse ela sem rodeios.

Olhando por cima do ombro, para onde a abertura da caverna estava, Maverk viu o povo do deserto surgir e Isham levantou a mão para eles

—Você os matou, — disse ele com desprezo.

—A colheita está terminada. Aqueles que se aventurarem no deserto não vão mais cair vítima dos *skinnners*. — Stellar afastou-se.

Batendo e fechando a porta atrás do último homem da sua tripulação, Sinya correu para a cabine de comando e disse laconicamente ao seu piloto.

— Tire-nos desse inferno e deste planeta fedorento.

Capítulo 25

Verificando Mara, Sinya a encontrou em estado de choque, mas fisicamente ilesa, com apenas algumas contusões e falta de alimentos. Decidiu que o sono era o melhor tratamento para ela por enquanto, ele lhe deu um sonífero e colocou Franco no comando de seus cuidados.

Maverk gentilmente enxugou o suor e sujeira seca do rosto de Reya, mas quando ele tocou os vergões em seu braço, ela despertou gemendo.

—Ah, desculpe-me, moça — ele disse baixinho, enchendo-a de alívio enquanto seus olhos se abriram.

—Ajude-me... para o chuveiro...

—Não é o momento de se preocupar com a higiene, vou banhar-lhe.

—Loção... coloca... pele... queimaduras.

—Eu não vou colocar loção sobre sua pele se dói tanto. — Ternamente, ele alisou o cabelo para trás da testa.

Fazendo caretas de dor, ela subiu dolorosamente sobre um cotovelo.

—Não. Loção que colocaram em mim por... Ira aumenta a dor... — Com um gemido, ela caiu de costas sobre a cama.

Compreensão ocorreu.

—Vou limpá-la, moça. Você está fraca demais para ir para o chuveiro, não sei se tem outras lesões que...

Fracamente ela tentou empurrar-se na posição vertical.

—Eu preciso de... água corrente.

Colocando suas mãos nos ombros dela, ele começou a empurrá-la de volta para o colchão.

—Repouse Reya, você não está em condições... — Seu grito de dor o fez arrancar as suas mãos para longe. —Inferno sangrento!

Um brilho fresco de suor reluzia em sua testa e ela arqueou para trás, seus punhos estavam cerrados e os olhos bem fechados, tentando lutar contra as ondas de dor que passavam por ela com o seu toque.

Entrando na cabine, Sinya olhou para o rosto agoniado de Reya.

—O que a aflige?

—Eu não sei, — disse Maverk impotente. —Ela está falando sobre algum tipo de loção que o bastardo assassino colocou sobre ela, algo a ver com isso causando mais dor. Ela é insistente sobre uma ducha, mas está muito fraca e quando eu tentei impedi-la de levantar-se...

—Se é o que eu suspeito, então ela está correta. A loção é absorvida pela pele, produzindo uma sensação de queimação e uma reação a qualquer toque, não importa quão leve ou suave, é angustiante. E, — ele inclinou-se e olhou de perto os vergões na pele dela, — Wes mencionou uma vara, não foi?

—Sim. Mas um chuveiro? É aconselhável, em sua condição?

—É o único caminho. Tocar sua pele com alguma coisa vai ser uma agonia e tem que remover a loção, sem esfregar. Água corrente lave-a.

Maverk olhou para baixo e viu os olhos de Reya cheios de dor e sussurrando desesperadamente, "*por favor*," isso o rasgou.

—Muito bem, se é o único caminho, isso será feito. — Ele começou a desamarrar o que restou de seu colete. —Eu vou atendê-la.

Tomando a dica, Sinya deixou a cabine.

— Se você precisar de mim chame.

Mal a porta se fechou e Reya agarrou o pulso de Maverk.

—O que é isso, moça?

—Basta deixar... me... tomar banho... tomarei eu mesma...

—Não há nenhuma maneira de você fazer isso sem mim.

—Ponha-me... em pé...

—Não, confia em mim. — Delicadamente, ele a libertou de sua roupa, cuidando para não tocar a feridas perto de seus pulsos.

Reya gemeu. Ela estava com grande dor, mas a guerreira ainda lutava e a mulher protestou contra a indignidade de um homem despi-la. Ridículo em sua condição, ela sabia, mas agora que estava fora daquele inferno, tinha que saber que podia cuidar de si mesma, uma vez mais, para recuperar a confiança em si mesma. Havia apenas uma coisa para isso.

—Então... dispa-me... no chuveiro.

—Pode ser mais fácil aqui.

—Alguém... pode... entrar.

—Ninguém vai, — ele assegurou-lhe suavemente.

—Por favor...

Maverk não a queria mais chateada do que já estava e, afinal, despi-la no chuveiro ou na cama, qual era a diferença? *Só a paz de espírito dela.*

—Muito bem moça. Em pé, — ele passou os braços cuidadosamente embaixo dos joelhos e nas costas. —Prepare-se, meu amor, isso vai ser doloroso.

Foi pior do que doloroso. Mais de um vergão tocou em seu colete e a agonia rasgou através dela.

Sentindo o seu enrijecer, ele andou rapidamente através da porta de entrada para o banheiro adjacente. Era pequeno, ele percebeu, com espaço apenas para o chuveiro e uma pessoa. Com sua construção maciça, era quase impossível entrar e despir Reya, então ele parou na porta e a abaixou sobre os pés, no chão.

Apoiando as mãos sobre o batente da porta, ela segurou-se por si só.

Por que ela estava de frente para ele e ele não correria o risco de tocar nos vergões, ele pegou novamente os cordões em seu colete.

—Só mais alguns minutos, moça, e nós vamos tirar essas roupas e vou apoiá-la no chuveiro...

—Acho que não. — Reunindo o que sobrou de sua força, ela empurrou-o.

Apanhado de surpresa, ele cambaleou para trás e foi tudo que ela precisava. Dando um passo para o lado, ela bateu a porta e trancou-a rapidamente. Caindo de costas contra a parede, com as pernas tremendo, sabia que a ação tinha tomado quase toda a força que lhe restava. Sendo verdadeira consigo mesma, ela reconheceu que era apenas pura teimosia e orgulho o que a mantinha.

Ele sacudiu a maçaneta com urgência.

—Reya! Abra a porta!

Incapaz de responder, ela simplesmente balançou a cabeça.

—Reya! Você está bem? Responda-me!

Puxando uma respiração profunda, ela resmungou,

— Eu estou bem.

—Abra essa porta antes que entre em colapso!

Com grande esforço, ela cambaleou para o chuveiro, onde suas pernas cederam e ela escorregou para o chão de azulejos. Autopreservação a fez agarrar-se para retardar sua descida. Ela chegou ao chão, ao mesmo tempo em que a água fria do chuveiro começou a cair em cima dela.

Era fogo e gelo ao mesmo tempo, o primeiro toque de água sobre a pele reagiu com a loção, mas o fogo produzido era refrigerado quase instantaneamente pela água fria.

Ouvindo o baque abafado, o som de água corrente e um gemido de dor, Maverk bateu na porta.

—Reya! Reya abra!

Vagamente ela percebeu que se não respondesse, ele provavelmente arrombaria a porta.

—Eu estou bem.

As palavras trouxeram alívio para ele, mas ainda assim estava freneticamente preocupado. Ela estava tão fraca...

Sinya enfiou a cabeça pela porta.

—Por que está batendo e gritando, oh.

—Você tem uma chave para o banheiro? Ela se trancou lá dentro!

—Isso é perigoso na sua condição. — Ele desapareceu pela porta. —A chave está em algum lugar. Na minha cabine, no escritório ou...

Ao ouvir suas vozes, ela agiu mais rapidamente. Fracamente ela puxou os trapos encharcados e botas, fazendo caretas para os punhais molhados, deslizando-os pelo chão para ficar no canto. Eles não foram muito úteis contra os filhos...

—Mara!Onde está Mara? — ela gritou com voz rouca, seu coração trovejando.

—Salva, na outra cabine, ao contrário de você!

O alívio escorreu através dela. Ambas estavam em segurança. Agora ela podia relaxar, lavar dela o fedor da caverna e a condenada loção de sua pele.

Cuidadosamente ficando de joelhos, ela estendeu a mão e pegou o sabonete líquido, antes de cair no chão para lavar-se. Seus braços estavam tão pesados e as garras do cansaço caíam sobre ela, mas se forçou a esfregar cada centímetro de seu corpo e cabelo, respirando o cheiro limpo e fresco, esfregando a sujeira, suor e restos da loção de sua pele.

Desligando a água, ela ouviu uma voz abafada e um chocalho.

—Tem que ser uma dessas...

—Você não sabe qual?

—Eu normalmente não tranco a porta do banheiro, comerciante.

—Inferno sangrento!

Se ela não quisesse ser pega nua, ela teria que se apressar. Rastejando até a borda do chuveiro, ela utilizou o biombo para puxar-se na posição vertical. Uma vez em pé, ela procurou uma toalha e conseguiu envolvê-la em torno de si mesma. Era enorme, descendo até as panturrilhas. *Típico, pensou vagamente, de Sinya, só podia ser o melhor. Provavelmente, roubou de alguma vítima rica.*

O quarto começou a inclinar-se e ela jogou-se contra a parede, com a respiração vacilante.

—Esta chave se encaixa melhor, — advertiu sombriamente Maverk. —Se não, eu vou quebrar a maldita porta.

O pirata não tinha dúvida de que ele faria isso mesmo, mas, felizmente, a fechadura cedeu e eles abriram a porta.

—Não.

Maverk entrou no pequeno banheiro e olhou em torno preocupado.

—Reya, o que o...

—Bem a tempo. — As palavras trêmulas vieram de trás dele e ele virou-se, bem a tempo de pegá-la quando ela caiu para frente, em seus braços.



O tempo passou como um borrão. Reya alternava entre a consciência enevoada e a escuridão. A primeira foi preenchida com a confusão, a última com coisas escuras, que a perseguiram, prendia e queimava a sua pele.

—Quente tão quente. — Aflita ela empurrou as cobertas em cima dela.

Um pano frio foi aplicado a sua pele queimada, as palavras fluíam calmante sobre ela.

—Descanse moça. Você está segura. Descanse.

Braços fortes a erguiam com cuidado, estava ciente de estar encostada a um peito duro, quando um copo foi colocado em seus lábios secos e a água fresca correu-lhe pela garganta seca.

Mãos suaves aninhavam-na quando estava fria, passava uma toalha fria sobre o rosto e os braços quando estava quente, segurava a sua mão confortavelmente quando ela tateava para agarrar algo ou ainda quando outro horror a perseguia através da escuridão.

Tristeza, tristeza e culpa, pesava sobre ela, mas não sabia por que e quando começou chorar baixinho, essas mesmas mãos a

puxaram para um abraço seguro. Havia algo tão quente, confortável e familiar nesses braços, com seus músculos que inchavam e flexionavam quando eles se movimentavam. Vagamente ela estava ciente da preocupação nos olhos castanhos.

O estranho de boa aparência parecia tão preocupado.

—Não se preocupe assim — ela sussurrou, chegando a tocar a curva acidentada do seu rosto.

Segurando a mão dela contra a sua bochecha, Maverk pressionou um beijo na palma quente. O batimento cardíaco, pensou Reya, tinha recuperado a consciência plena, mas os olhos estavam fechados de novo e ela se agitava sem descanso, franzindo a testa.

Durante oito dias ele atendeu-a em todas as necessidades, mas não havia nenhum sinal de melhora. A febre a queimava e nada que ele ou Sinya fizessem a fazia baixar. Eles conseguiram fazê-la tomar um caldo e água suficiente para sustentá-la, mas isso era tudo.

Mara saiu de seu choque, mas falava pouco. Wes passou um tempo com ela, conversando ou apenas lendo calmamente. No sétimo dia, Sinya a ouviu realmente rir um pouco e balançou a cabeça para si mesmo. A criança ficaria boa, mas a guerreira... ele franziu o cenho.

Entrando na cabine, viu que ela não estava melhor. Maverk olhou para cima, cansado.

—Descanse meu amigo, eu vou ficar com ela — Sinya disse suavemente.

—Não, vou ficar com ela.

—Você está tão cansado que dificilmente poderia suportar.

A mandíbula forte apertou com determinação.

—Eu devo cuidar dela.

Sinya estendeu as mãos para cima, resignado.

—Muito bem. Nós estamos chegando a um assentamento em breve, vou descer e ver se há um médico em algum lugar.

—Eles são todos açougueiros aqui. — olhos avermelhados olharam para a mulher gemendo na cama.

—Pode haver entre eles um que possa pelo menos ajudar um pouco. Precisamos parar para por combustível de qualquer maneira, então não há mal nenhum em procurar por um.

Assentindo, Maverk voltou sua atenção para limpar seu rosto aquecido. Quando a nave pousou, pouco tempo depois, ele não tomou conhecimento disso, assim como não tinha conhecimento de nada, apenas de Reya.

Ela perdeu peso. Os vergões ainda estavam vermelhos apesar de o inchaço ter desaparecido. A pele dela estava quente e seca, ela permanecia confusa, sem parar de se bater por um minuto que fosse, sempre resmungando febrilmente, palavras que ele não podia decifrar.

Ele temia que ela não fosse se recuperar.

A porta da sala abriu, mas ele não olhou para cima até que uma voz disse baixinho:

— Olá, amigo.

Ele olhou por cima do ombro e imediatamente reconheceu o homem na porta. Cabelos loiros impecavelmente cortados, as pontas apenas tocando a gola do casaco preto.

Calças apertadas, enfiadas dentro das botas pretas. Brilhantes olhos verdes num rosto bonito e jovial procuravam o rosto do comerciante Daamen com preocupação, a expressão em si era muito mais sábia e mais velha que o ar jovial e sensual projetava.

—Kiile. — o rosto de Maverk se iluminou brevemente. —O que você está fazendo aqui?

—Eu encontrei Sinya no assentamento e ele me informou do acontecido. Como ela está?

—Não há melhora. Eu não sei mais o que fazer. Tentamos de tudo e não me atrevo a arrumar um médico neste setor.

—Eles iriam matá-la com certeza, mas talvez eu possa ser de alguma ajuda.

—Você tem conhecimento desse tipo de doença?

—Infelizmente não, mas os curadores no meu planeta, Argon, estão entre os melhores.

A esperança queimou nos olhos castanhos.

—Você acha que eles podem curá-la?

—Eu não posso prometer. Ela está extremamente doente, mas é melhor tentar, não é?

—Sim.

—Felizmente, eu e meu amigo Marten, viemos em uma nave da frota. É pequena, mas a mais rápida na galáxia. Podemos estar em Argon em dois dias.

Que era impossível, não era?

Lendo os pensamentos em seu rosto, Kiile sorriu.

—Temos melhorado a velocidade desde a última que Reya roubou de mim. Prepare-a. Vou informar Marten e nós vamos ter a nave da frota aqui em quinze minutos e sairemos imediatamente. — Ele se virou para ir embora.

—Kiile.

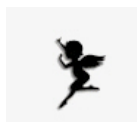
Ele olhou por cima do ombro.

—Sim?

—Obrigado.

—Não há problema, amigo.

O Argon deixou a cabine, certo de que tinha visto o brilho de umidade nos olhos do gigante e ele sentiu um puxão em seu peito. Pelo amor do seu amigo, esperava que tudo acabasse bem. A guerreira, orgulhosa e desafiadora que ele lembrava, quando, uma vez, foi sua prisioneira, estava gravemente doente em um beliche em uma nave pirata. Ele esperava que seus curandeiros pudessem ajudá-la. Ela alcançou um ponto fraco em seu coração.



Mãos estranhas a tocavam, fazendo-a se contorcer e tentar se afastar. Sensações perturbadoras, uma sensação sensual no ar que escoava para dentro dela. Inquieta e angustiada, ela se afastava. *Isso não era certo.* Algo estava sendo aplicado em sua pele, era fresco e suave, mas as mãos, a sensualidade inconsciente das palmas das mãos...

—Não — choramingou Reya, empurrando-as, afastando-se. — Não.

Outra voz, profunda e tão docemente familiar.

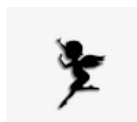
—Moça, está tudo bem, não lute contra eles.

Cegamente, ela estendeu a mão, se enchendo de pânico, temendo que essa presença fosse deixá-la.

—Onde você está? Por favor, não vá!

—Eu estou aqui, meu amor. — Levou as mãos quentes dela em um aperto forte e reconfortante. —Eu não vou, moça, eu estou aqui.

Imediatamente ela se acalmou.



—Aqui. — O curandeiro Argon entregou a Maverk o frasco de pomada de ervas. —A guerreira relaxa com você. Veja se ela permite que você esfregue isso em sua pele.

Mergulhando as mãos no creme, Maverk aplicou hesitante sobre a pele quente. Reya gemeu baixinho, mas não se mexeu. Mais confiante, ele esfregou-o nela. Ela relaxou, parecendo encontrar conforto em seu toque suave.

Argon sorriu, os olhos dourados apertaram nos cantos, a barba negra salpicada de cinza se movendo com seu sorriso.

—O emprego é seu, porque ela deseja que apenas você a toque.

O calor encheu seu coração, Maverk olhou para seu rosto, agora relaxado e livre das linhas de dor.

—Quando você tiver coberto a frente de seu corpo com o creme, vire-a e passe nas costas.

—Quando poderemos saber se ele está ajudando, Sarcen?

—Em breve. Voltarei após a refeição do meio-dia.

Diligentemente Maverk continuou a aplicar o creme, respirando o cheiro agradável, quente, ensolarado, levemente florido e ele achou calmante para seus próprios sentidos perturbados.



Essas mãos eram as certas, reconfortantes em sua força e doçura, afagando suavemente sobre os braços e pernas, rodando sobre seu estômago, virando-a com cuidado para repetir o procedimento nas costas, nádegas, braços e pernas. Sua pele sentia o frio, tão suave e agradável. Ela se deleitou com a sensação, sentindo-se protegida e segura, ouvindo a voz suave do dono das mãos, que falava com ela. Ela não entendia as palavras, mas não importava.

Uma lâmina de luz, fria e fresca, flutuava para baixo e para cima sobre ela, mas a ausência do toque suave era angustiante.

—Não vá — ela sussurrou. —Está tão escuro... Estou tão sozinha... por favor.

A mão estava lá novamente, acariciando seu rosto, segurando sua mão confortavelmente.

—Você não está sozinha, meu amor. Nunca mais. Eu estou aqui.

Sorrindo, ela caiu em um sono profundo e desta vez, as coisas do escuro não vieram para ela.



Amorosamente Maverk se curvou sobre ela.

Quando as filhas do curador tentaram dar-lhe banho, ela lutou fracamente e ele podia ouvir seus sons de angústia, na sala ao lado onde ele esperava.

—Não, não, não me toque! — Os fracos sons roucos entravam pela porta para furar o seu coração. —Onde está ele? Eu o quero! Deixe-me!

Finalmente, ele não aguentou mais estar em um quarto enquanto sua moça, doente e com febre alta, chamava por ele. Ele bateu na porta e uma das filhas, Tera, uma morena deslumbrante, abriu-a.

—Sim? — ela ronronou, os olhos correndo apreciativos sobre o gigante loiro e musculoso. Ah, os Daamens eram um raça bonita e sensual, ele era o favorito de muitas de suas amigas.

No passado, ele vinha ao seu planeta com seus colegas de tripulação, a bordo da nave comercial de Darvk. Ele tinha gostado do luxurioso lado de suas visitas, com mais de uma moça Argon disposta, mas desde a sua união com a guerreira de gelo, o seu interesse por elas tinha diminuído. Tristemente reconheceu que seu coração tinha sido capturado. *Ah bem, tais são os caminhos do amor.* Ele não reparou que Tera estava de olho nele, no entanto.

—Vou fazê-lo — informou a ela.

Ela levantou as sobrancelhas escuras.

—Fazer o quê?

—Banhá-la.

Estudando as suas características abatidas, ela própria amoleceu.

—Seremos gentis com ela, não tenha medo. Ela o chama porque está confusa, isso é tudo. Você deve descansar, vá dar uma caminhada.

—Reya está fraca demais para ficar tão chateada, eu acho...

—Eu acho, — colocando uma mão no centro de seu peito, ela o empurrou para trás com firmeza, — que quando Reya recuperar seus sentidos e descobrir que você lhe deu banho vai cortar o seu fígado fora.

—Eu não me importo. Eu fiz isso a bordo da nave e ela precisa de mim, agora.

—E ela vai ainda precisar de você depois. Pegue um pouco de ar fresco, Maverk. Volte em dez minutos e teremos acabado. Então você pode assumir de novo.

A porta foi fechada firmemente na cara dele e ele ouviu a trava dar um clique.

—Maldição, Tera!

—Vejo você em dez minutos.

Resmungando ferozmente, ele se virou para encontrar Sarcan observando-o do outro lado da sala.

—Diga a suas filhas...

—Elas estão corretas, amigo. Venha, vamos dar um passeio nos jardins.

—Mas...

—Estaremos de volta em breve, eu prometo.

Os jardins eram lindos, grama verde e massas de flores que enviavam a sua fragrância no ar. O cheiro de rosas lembrou-se de Reya e esperou impacientemente pelo tempo designado para que pudesse retornar para o seu lado.

Quando ele voltou para o apartamento, ele encontrou as irmãs prontas para saírem, com um aceno rápido correram para passar por ele e saíram do quarto.

Tera e Hanna sorriram para si mesmas e se foram.

Aflita, Reya se debatia, até que ele tocou seu rosto, então ela acalmou-se. Sentado ao lado dela na cama grande e macia, ele encostou-se à cabeceira da cama, fechando os olhos, cansado, adormeceu com a sua mão segurando a dela.

Algumas horas depois ele acordou para encontrá-la lutando e chutando as cobertas.

—Sshh, moça, está tudo bem. — Sentado, ele tentou acalmá-la como tinha feito tantas vezes.

Só que desta vez não funcionou. Mais rápido do que ele teria acreditado possível, ela se levantou em seus joelhos, de frente para a porta.

As palavras caíram rapidamente.

—Eles estão vindo sobre as dunas rindo, rindo, tão ansiosos pelo nosso sangue! Diga ao capitão, Starn. Não devemos nos separar.

Ele pegou seus ombros.

—Reya, já acabou, está me ouvindo?

—Eles estão chegando! Tudo está tão quieto... Alguns dos homens estão chorando... Eles estão vestindo as peles de suas vítimas...

—Eu sei moça. — Ele tentou puxá-la em seus braços, mas ela se afastou bruscamente, o medo lhe dava força.

Ela se arrastou até a extremidade da cama, a camisola de cetim fina subindo até o alto das coxas. Uma das estreitas alças deslizou para cair contra a braçadeira de prata que prendia a parte superior de seu braço esquerdo.

—Reúnam em um círculo. — Tremendo violentamente, ela abraçou a si mesma. —Fiquem juntos, caramba, é a nossa única chance de sobrevivência!

Estendendo a mão, Maverk aproximou-se dela.

—As crianças se foram, não existem mais...

Sua cabeça virou os pálidos olhos verdes penetrantes olhando através dele, para o horror que se repetia em sua mente.

—As crianças estão, sim, tão animadas, conversando, segurando facas... Eles estão com fome e nós somos a comida!

Lembrando-se das carcaças humanas apodrecendo e balançando nos ganchos no teto da caverna, ele sentiu-se doente.

—Moça...

Com um gesto veemente, ela o interrompeu, levantando-se de joelhos, com as mãos fechadas aos seus lados. Descansando fortemente entre os seus seios arfantes, a trança grossa estava pendurada por cima do ombro.

—Os homens estão olhando para mim... à espera de ordens... Por que eu? Eu não quero essa responsabilidade... Eu simplesmente não consigo! — Como lascas de gelo derretidas, as lágrimas brilhavam nas profundezas da geleira. —Chegando mais perto... Os homens começam a entrar em pânico. Tenho que acabar com isso... Não!

Com um grito rouco de negação ela caiu para frente e ele a pegou, facilitando sua volta para o colchão.

—Você está segura, moça. Estou aqui.

Mas ela estava perdida em um mundo de pesadelo, onde lutou por três longos anos, um pesadelo que rasgou a sua alma e levou-a para mais perto do poço preto da insanidade.

Maverk tentou segurar o corpo dela, se debatendo, sem machucá-la, mas ela lutou contra ele, tentando fugir.

—O que estou fazendo! — ela gritou. —Eu! Eu fiz isso! Deus perdoe-me, eu dei a ordem!

Capítulo 26

Sarcen irrompeu no quarto com Tera, Hanna e seguidos por Kiile.

—Peguem seus pulsos e tornozelos — ele ladrrou. —Ponha seus ombros para baixo, Maverk. Se ela ficar solta, vai ferir a si mesma.

—Ou a nós! — Hanna ofegante, tentava desesperadamente conter um tornozelo enquanto sua irmã prendia o outro na cama.

Kiile agarrou os pulsos de Reya acima de sua cabeça, enquanto Maverk apertou os ombros no colchão.

Exigente, torcendo e se debatendo, ela lutou com eles descontroladamente.

—Eu fiz isso! Eu dei a ordem! A culpa é minha!

—Não moça, não é. — o coração de Maverk contorceu-se com o horror e auto-aversão que estava em seus olhos. —Você tinha que fazê-lo.

—O que ela quer dizer? — Hanna perguntou ofegante. —O que a perturba tanto?

—Eu contei a você sobre os filhos do deserto, lembra? Acho que Reya lamenta ter dado a ordem para correr.

—Correr?

—Sim. A única maneira para poderem sobreviver era correr. Os mais rápidos sobreviveram, Stellar disse. Obviamente Reya deu essa ordem.

—Ela sente culpa por deixar os mais lentos para trás, para o seu destino? — Kiile manteve um forte aperto em seus pulsos, mas não foi fácil.

—Parece que sim, mas que escolha tinha? Calma, moça, você fez a coisa certa.

—Não! — ela chorou. —Eles esperam além do poço, agora estão esperando por mim!

—Apreste-se, pai. — Tera olhou, para vê-lo misturando dois frascos de líquido. —Ela está em tormento.

Sarcen derramou o líquido sobre um pano e rapidamente se aproximou da cama.

—O que é isso? — Maverk perguntou laconicamente.

—Isso vai colocá-la para dormir por um tempo. Agora mantenha o controle sobre a menina, pois ela vai lutar contra isto.

Levou vários minutos antes que sua luta torturante enfraquecesse e finalmente ficasse quieta. Sarcan puxou as cobertas sobre ela e trocaram olhares uns com os outros, que estavam respirando com dificuldade.

—Será que ela vai ficar bem? — A mão trêmula de Maverk acariciou a sua testa. —O que aconteceu?

—Qualquer problema que ela tenha é profundo, quanto a sua reação, bem, não é incomum.

—O que você quer dizer? Ela está pior?

—Longe disso. É um bom sinal.

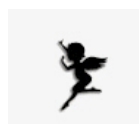
—Bom?

—Sinta sua pele.

Delicadamente, ele colocou sua mão em seu braço para ver que o calor ardente tinha sumido.

—A febre. Cedeu!

—O perigo já passou. — O curandeiro sorriu.



Vozes distantes murmuravam e vinham gradualmente para mais perto. Um riso suave, o som de uma porta fechando.

Reya lentamente abriu os olhos e a primeira coisa que viu foi o teto acima dela. Intrigada, ela franziu a testa. *Havia algo sobre isso...* Seu olhar deslizou para longe e vagou pelo quarto.

O quarto era grande e ricamente decorado em azul e creme. O mobiliário era elegantemente esculpido, de madeira escura, lisa, convidando os dedos para deslizar contra as superfícies polidas. A luz entrava através de uma janela, as cortinas prateadas mexiam em uma brisa leve, emolduradas por pesadas cortinas azul real.

Onde ela estava? A última coisa que lembrava... Reya engoliu em seco. *Não, ela não queria lembrar.*

Movendo, ela sentiu a carícia lisa do cetim contra a sua pele. Estava vestindo uma camisola de cetim, o que era estranho, porque a dela era de algodão.

—Vejo que você está acordada. — A voz profunda vinha da porta e seu olhar varreu a sala, chegando ao gigante loiro que entrava com uma bandeja nas mãos. —Está com fome?

—Maverk? — Ela tentou empurrar-se para cima, mas estava muito fraca. Com um gemido, caiu de volta no travesseiro.

—Não tente levantar-se por conta própria. — Rapidamente, ele colocou a bandeja sobre a mesa de cabeceira e sentou-se ao lado dela na cama. —Eu vou ajudá-la.

—Eu não preciso disso, — foi a resposta automática.

—Desculpe moça, você está muito fraca para lutar comigo sobre isso.

Ela também estava muito cansada para discutir.

Deslizando um braço sob seus ombros, ele gentilmente a puxou para cima e almofadas extras foi empilhada atrás dela. Quando ele colocou-a de volta, ela encontrou-se apoiada em uma posição sentada.

—Onde estamos? — Ela o viu pegar uma tigela de sopa quente e uma colher.

—Você se lembra do que aconteceu? — Ele mergulhou a colher na sopa.

—As crianças, — ela respondeu desafinadamente. —Você salvou-nos, Mara e eu.

—Sim. — Ele levou a colher aos seus lábios. —Engula isso, vai ajudá-la a recuperar sua força.

—Eu posso alimentar-me — Seu protesto foi cortado pela colher e franzindo a testa, ela engoliu.

—Você está fraca demais para segurar a colher.

Ela não podia discutir sobre isso, então perguntou:

— Onde está Mara?

—Sinya a levou de volta para casa, para os avôs.

—Ah. E as crianças...?

—Seus pais cuidaram delas.

—Os pais?

—Sim. Parece que eles foram um experimento que deu errado.

—Eu não entendo.

Escavando mais sopa com a colher, ele levou-a aos seus lábios.

—As crianças foram criadas para serem mercenários, por um grupo de cientistas. Eles usaram sua própria carne e sangue em um experimento. — Ele fez uma careta. —Quanto sangue-frio alguém pode ter?

Silenciosamente ela comeu o resto da sopa, antes de perguntar,

— O que aconteceu com as crianças?

Ele hesitou.

—Diga-me.

Suspirando, ele botou o copo na bandeja.

— O povo do deserto os destruiu. Pensávamos que eles iriam tratá-los, mas eles os mataram.

—Eu vejo.

Ele alisou uma mecha de cabelo encaracolado para trás da orelha.

—Como você se sente, moça?

—Cansada.

A resposta surpreendeu-o, pois esperava que ela negasse.

—Você teve um tempo ruim. — Ele retirou os travesseiros até que ela deitou-se novamente. —Descanse.

Antes que ele pudesse se levantar, ela tocou sua mão.

—Espere.

—Sim?

—Obrigado. Por nos salvar.

Ele sorriu calorosamente.

—Você realmente acha que eu não iria procurar por você?

—Você arriscou sua vida.

—Eu não quero gratidão, moça. Já é suficiente saber que você está segura e bem, de novo.

Ela olhou para ele exausta.

—Agora, descanse um pouco. — Ele deixou cair um beijo rápido em sua testa e levantou-se, recolhendo a bandeja. —Vou voltar mais tarde para verificar você.

—Você não tem que fazer isso.

—Vá dormir. — O tom severo foi desmentido pelos olhos calorosos. Cansada ela fechou os olhos e ele deixou o quarto.



Pouco tempo depois ela acordou, Tera e Hanna entraram no quarto, anunciando com alegria a sua intenção de banhá-la.

Reya estudou-as com aprofundada suspeita. Elas usavam longos vestidos fluidos, pouco mais de fios de tecidos e rendas. Havia uma aura de sensualidade sobre elas.

—Onde estou?

—Maverk não contou a você? — Tera perguntou.

—Não.

—É para ele fazer isso, — Hanna voltou com facilidade, colocando uma bacia com água e sabão perfumado na cabeceira mesa.

Ela tentou empurrar-se para cima, mas ainda estava muito fraca.

—Estou em Argon?

Tera abriu um grande sorriso.

—Você tem que perguntar isso a ele. Agora, temos de ser rápidas ou a água vai ficar fria.

Reya resistiu.

—Faço isso eu mesma, obrigada.

—Bobagem. — Hanna jogou as cobertas para fora.

Antes que Reya tivesse tempo para reagir, a camisola foi retirada e um grande lençol azul foi colocado sobre ela.

—Eu não quero... — ela começou acaloradamente.

—Nós somos aprendizes de curador e cuidamos de você desde que você chegou. Não há necessidade de ter vergonha. Basta levantar o braço assim, — Hanna disse alegremente. —Tera, você viu que adorável veludo a mamãe comprou no mercado?

Descontente em encontrar-se muito fraca para lutar, Reya teve que submeter-se, sendo banhada completamente.

A contragosto, ela admitiu para si mesma que a água estava deliciosamente quente e a fragrância do sabonete era reconfortante.

Ela não estava acostumada a ser indefesa e isso a irritou. Isso a irritou ainda mais quando as suspeitas cresceram, e com a confirmação de onde ela estava.

Tera e Hanna conversavam, elas inadvertidamente mencionaram nomes que reconheceu, ela se manteve em silêncio, seu constrangimento foi esquecido.

A camisola fresca de cetim foi deslizada sobre ela e seu cabelo estava escovado e trançado.

—Vamos deixá-la descansar agora, — disse Tera. —Vejo você na parte da manhã.

—Maverk virá em breve com sua refeição da noite, — acrescentou Hanna, recolhendo a bacia e panos.

E quando ele chegar, Reya pensou sombriamente, ele tinha que ter algumas boas respostas prontas. Ela estava sentada e esperando, mesmo que ele demorasse a noite toda.

Entrando no quarto não muito tempo após as Argons terem saído, Maverk a encontrou dormindo. Certo de sua recuperação contínua, ele dormia no quarto ao lado, mas ele acordava a cada duas horas para verificá-la.

Quando amanheceu, ele levantou-se mais uma vez e entrou em seu quarto para ver o sol da manhã espiando por sobre as

montanhas, um raio de sol brilhando através do quarto para pousar na trança vermelho-ouro deitada sobre o seu ombro.

Silenciosamente, ele ficou ao lado da cama e olhou para a moça que ele quase tinha perdido. Suspirando em seu sono, ela empurrou a coberta um pouco para baixo, descansando um braço em cima dela e através da sua barriga lisa, seu outro braço levantou-se e levemente flexionou, descansando no travesseiro ao lado dela.

Seus olhos seguiram a curva suave do pescoço para baixo para o inchar generoso de seus seios cobertos pelo cetim azul pálido, sua respiração ficou presa na garganta. Ela era tão bonita, esta guerreira orgulhosa e desafiadora. Sob a fachada de gelo que mostrava ao mundo, havia uma paixão tão quente como lava derretida.

Seus rins apertaram ao lembrar-se de seu encontro apaixonado, no chão de um quarto alugado em uma taverna. Ele não podia resistir a tentar acariciar um dedo em seu rosto. Não foi suficiente. Flexionando para baixo, ele escovou um beijo em sua testa. O cheiro fraco de rosas derivou através de seus sentidos e ele reivindicou os lábios em um beijo suave.

Foi o mais leve dos toques, mas ele a sentiu agitar e rapidamente retirou-se, temendo que a tivesse despertado, mas ela continuou a dormir. Ele a deixou enquanto ainda podia.

Ela ainda estava dormindo quando chegou a hora do café da manhã e Sarcan persuadiu-o a se juntar aos outros no salão de jantar principal, com a garantia de que Reya estaria ótima. Relutantemente Maverk permitiu-se ser levado para longe, enquanto o curador foi verificá-la.



Assim que a porta se fechou atrás do curador, Reya abriu os olhos e empurrou-se de volta na cama de cobre. Cuidadosamente balançando as pernas sobre a beirada da cama, sentou-se, mas permaneceu imóvel até o quarto parasse de se inclinar diante de seus olhos.

Apesar de ainda fraca, ela se sentiu mais forte e estava determinada a buscar um chuveiro. Nada mais de outros para lavá-la e vesti-la. Ela tinha que começar a fazer isso por si mesma, se quisesse recuperar a sua força.

Determinação a impulsionou enquanto suas pernas tremiam e ameaçava entrar em colapso, seu progresso através do quarto era

lento e instável, mas quando chegou ao banheiro, gotas de suor em sua testa denunciava o esforço para se manter em pé. Ela fechou e trancou a porta atrás dela, para o caso de Maverk vir e encontrar ela fora da cama.

Que traiçoeiro, cheio de grosseria! Ele sabia que ela odiava este planeta, que tinha más lembranças dele!

A raiva não poderia manter sua força por muito tempo, no entanto, apressou-se sob o chuveiro, lavando os cabelos. Foi com alívio que vestiu a camisola de novo. Penteou o cabelo, deixou-o solto para secar, quando saiu do banheiro.

A cama acenou para ela com saudade, mas a guerreira dentro de si protestou veementemente em ceder à fraqueza. Não, ela tinha que forçar-se a se mover, ficar fora da cama e recuperar sua força. Ela estava em uma cidade do seu inimigo, aquele que a tinha capturado e humilhado. Uma vez que sua força estivesse de volta, poderia ir embora.

Lentamente, passou para o assento na janela e sentou-se com gratidão, recostando-se contra a parede para olhar para fora, para a cidade abaixo de seu quarto. Suas pernas tremiam pelo esforço de andar pela primeira vez em três semanas.

A cidade abaixo estava banhada na luz da manhã, os edifícios de pedra branca parecendo brilhar ao sol. As ruas estavam ocupadas com as pessoas que iam e vinham tratando de seus negócios. Uma rua movimentada, em uma cidade de Argon, e ela podia adivinhar que cidade era, um fato que a fez se encolher interiormente.

Maldito Maverk! Por que ele tinha que trazê-la aqui, de todos os lugares, por que Argon? Ela tinha jurado nunca mais voltar a este lugar, de pessoas sensuais e tão felizes... não queria pensar nisso.

—Que diabos você está fazendo? — Maverk rosnou.

Ela o viu chegando, as pernas longas e musculosas fazendo encurtar a distância entre eles. Ele parou diante dela, franzindo a testa para o seu rosto pálido e estendendo a mão para ela, ao mesmo tempo.

—Não me toque.

—O que há de errado? É a sua pele mais uma vez? Será que está com dor? Vou chamar Sarcan...

—Não é minha pele. Onde estamos?

—Você não deve estar em pé. Você esteve muito mal...

—Estou melhor agora. — As palavras foram tingidas com geada. —Onde estamos?

Isto não augura nada de bom. Maverk olhou em seus olhos acusadores.

—Devo procurar a resposta por mim mesma?

—Moça, — ele suspirou — O que realmente importa desde que você esteja bem?

—Para onde você me trouxe?

Sentada no assento da janela, ele não a via de frente.

—Antes de dizer, eu quero que você esteja calma e racional sobre isso, de acordo?

—Onde?

—Argon.

—Como você pode? — ela assobiou. —Você sabe como me sinto sobre este lugar!

—Você nunca me disse o porquê.

—Eu não preciso! Você sabe que nunca viria aqui, mesmo que eu estivesse morrendo!

—Você estava morrendo, — ele disse suavemente. —Você estava tão mal.

Cerrando os punhos, a fachada de gelo derretia sobre a raiva que borbulhava de dentro dela.

—Em qualquer lugar, não aqui! Em qualquer lugar!

Um fio de aço sublinhou suas palavras.

—Não havia escolha. Não havia nada que pudesse fazer para você e eu teria levado-a qualquer lugar para fazê-la ficar bem novamente.

—Você não entende...

—Então me diga, faça-me entender.

—Você deveria ter me deixado morrer. — A mão grande apertou em sua boca, cortando suas palavras.

—Não termine o que estava dizendo, ou juro que vou esquecer o quão fraca está e bater em seu traseiro!

Puxando inutilmente em seu pulso, ela olhou para ele, mas ele era muito forte e ela, caramba, estava muito fraca.

Tirando a mão, ele disse duramente.

— Sinya e eu fizemos tudo o que podíamos e quando Kiile apareceu e ofereceu as habilidades de seu curador, de bom grado aceitei. Qualquer coisa para fazê-la ficar boa. E você se atreve a atirar de volta em minha cara?

As palavras eram como uma bofetada na cara, a verdade dolorosa e afiada.

Ele ficou tenso, esperando que ela atacasse ou saltasse e corresse.

Ela não fez nada, virando a cabeça, olhou para o vazio em vez de para fora da janela, com a garganta apertada. Ela tinha feito novamente, agradeceu a sua bondade com palavras duras, machucando-o. Mas não era isso que ela queria? Fazê-lo furioso o suficiente para deixá-la e voltar para sua própria espécie?

Sim, a cabeça dela lhe disse que era assim, mas seu coração doía tanto quanto sua garganta. O lampejo de dor nos seus olhos a tinha magoado por sua vez, o conhecimento de que era ela quem trouxe essa expressão para eles. O que tinha acontecido com sua compostura fria, a capacidade de esconder suas emoções? De ser capaz de colocar de lado seus sentimentos e continuar em frente, fria?

Maverk era o que tinha acontecido. Ele veio, juntamente com o seu riso, brincadeira e gentileza...

Cautelosamente, ele olhou para ela, tentando ler as feições em branco do seu perfil.

—As minhas desculpas, — disse ela calmamente.

—O quê?

—Você veio atrás de mim e salvou as nossas vidas, então cuidou de mim quando eu estava doente. E eu o recompenso com cruel desrespeito por seus sentimentos.

—Não há nada para desculpar. — Ele franziu o cenho.

—Como muito bem assinalou, joguei-o de volta em seu rosto. Se não fosse por você, nós teríamos morrido em um inferno. Não vou esquecer o que você fez.

—Eu não estou pedindo a sua gratidão. — Sua voz profunda estava cheia de impaciência. —Só quero que pare de dizer que eu deveria tê-la deixado morrer.

Cansada, ela olhou para as mãos ainda deitadas no colo.

—Eu queria que você não tivesse me trazido para cá.

—Por quê? — Impaciente, ele inconscientemente deixou cair os ombros.

—Eu... nada.

—Há alguma coisa, — ele sondou suave, mas insistentemente. —Temos passado por tanta coisa juntos, Reya, você não pode me contar isso?

Estava na ponta da sua língua para recusar, para dizer-lhe que não era da sua conta, mas de repente, ela queria que ele entendesse

a sua aversão a este planeta. Quem sabe, talvez a explicação fizesse o que a frieza não podia e ele afastasse com nojo.

—Eu e outros mercenários fomos contratados por um poderoso senhor do Setor Outlaw para capturar ou matar Kiile. Não deu certo e fui capturada. Você sabe alguma coisa sobre os métodos Argon para prisioneiros, bonito?

—Alguns. — Ele observou o músculo apertar momentaneamente em sua mandíbula, e a turvação nos olhos dela.

—Kiile era muito fascinado para ter uma mulher guerreira em suas garras e colocou-me em exibição.

Estendendo a mão, ele gentilmente pegou a mão dela na sua. Um olhar desolado levantou em seu rosto.

—Você sabe o que é ser um brinquedo? Para ser colocado em exposição, para ser acorrentada da forma mais degradante e humilhada, de ser... tocada?

—Moça, nada disso foi culpa sua.

—Não tenha pena de mim, bonito, eu não preciso disso. — Reya puxou a mão. —Você pode soltar-me agora e ir embora. Tenho certeza que você não está interessado em bens sujos. — Quando ele soltou a mão, ela sentiu como se uma faca atravessasse em seu coração e levantou-se. —Desgostoso? Eu vim para matar seu amigo, fui pega e punida... na forma Argon. Agora você tem sua resposta, espero que esteja satisfeito.

Ela se virou, mas antes que pudesse dar um passo, um braço musculoso deslizou em volta da sua cintura e foi puxada para baixo, no colo de Maverk.

—O que o... — Ela começou a lutar. —Deixe-me ir!

Ele acalmou os seus movimentos com facilidade, envolvendo os braços em torno dela e puxando-a para perto.

Seus olhos a estudaram tão a sério, que causaram uma vibração em seu estômago.

—Não, não estou satisfeito.

—O que mais você quer? — ela exigiu um pouco sem fôlego. — Eu já não lhe dei o suficiente?

Capítulo 27

—Não, eu quero tudo que você tem para dar. — Quente e firme, seus lábios capturaram os dela.

As mesmas mãos que a tinham acalmado e cuidado, agora lhe dava um abraço de amante. Os lábios que tinham falado tão gentilmente com ela, durante as suas horas de febre, agora moldavam os seus lábios.

Ele procurou a entrada em sua boca, e quando os lábios entreabriram, sua língua deslizou para dentro para saborear a doçura. Com seus braços apertados em volta dela, ela sentiu que ele queria possuí-la de corpo, como fazia com a sua boca.

Finalmente ele quebrou o contato e levantou a cabeça, sua respiração estava mais rápida.

—Maverk. — Ela umedeceu os lábios e tentou novamente. — Maverk, eu...

—Sim? — Seus olhos brilhavam calorosamente para ela.

Tornando-se consciente da grande mão que repousava logo abaixo de seu seio, ela respondeu, sem fôlego,

— Ponha-me no chão.

—Por quê? Você não está confortável?

Ela estava muito mais do que confortável. A sensação das coxas duras sob o seu traseiro, o calor de sua pele queimava através do cetim, produzindo uma sensação tão sensual...

Sentir sensual? A raiva queimou novamente.

—Confortável? Isso é tudo o que pode dizer em resposta a minhas razões para não querer ficar neste lugar miserável?

—Eu ouvi o que você disse. — Capturando sua mão, ele pressionou um beijo quente na palma. —Não faz diferença para mim.

—Não faz diferença que eu tenha sido agarrada pelos homens de Argon? Você não se importa? Você não vê por que devo odiar esse lugar?

—Se eu soubesse que você não gostaria, teria evitado isso, moça. Os Argons têm métodos que não aprovo, mas acontece o mesmo com muitas raças.

—Fácil para você dizer agora, mas se soubesse de antemão, poderia ter sido uma história muito diferente!

Durante vários segundos ele olhou para ela em silêncio e depois disse:

— Eu já sabia.

—O quê?

—Eu tenho conhecimento disso desde o tempo que a conheci, um pouco mais de dois anos atrás.

—Você sabia? Quem disse a você?

—Nós ouvimos você falar com Tenia.

—Nós? — A mão sobre o peito enorme flexionou. —Quem mais sabe maldição?

—Reya, não importa...

—Quem? — Ela pegou parte do seu colete em um punho. — Diga-me!

—Seu cunhado.

—Darvk sabe da minha humilhação? Ele sabe o que aconteceu?

—Moça, acalme-se. — Maverk arrancou seu punho fechado de seu colete. —Não há nada para ficar chateada...

—Quem mais sabe? Cada um dos tripulantes que estava lá naquele dia?

—Claro que não, — ele tentou acalmá-la. —Apenas nós dois e mais ninguém...

—Ninguém, apenas o povo desta cidade sangrenta, você e Darvk! Seu filho da puta! Você fez-me passar pelo constrangimento de relacionar-lhe com o que aconteceu, quando sabia o tempo todo!

—Reya...

—Vá para o inferno e para trás! Não só isso, mas você me trouxe aqui, seu canalha sem coração! — Furiosamente ela lutou. — Você está correto, não importa para você, porque você não se importa!

—Eu me im...

—Não minta para mim! — Agarrando a mão espalmada sobre sua cintura, ela pressionou seu polegar entre o polegar e o indicador dele, apertou seus dedos ao redor. Angustiado ele puxou a mão para longe, ela atirou-se fora de seu colo.

—Ouch! — Maverk agarrou sua mão, sentindo a dor na sua mão na rede entre o polegar e os dedos. Ele se levantou. —Ouça-me por um minuto!

Afastando-se com as pernas tremulas, ela amaldiçoou a fraqueza nelas, quando tudo que queria fazer era chutá-lo e ir embora.

—Não chegue perto de mim! Ou as mercadorias sujas não são importantes? Foi por isso que você fez sexo comigo na taverna?

O calor em seu olhar foi substituído pela raiva.

—Não se atreva a falar sobre isso e transformar em algo sórdido. Eu *fiz amor* com você, porque eu queria!

—Porque você não precisa se preocupar, certo?

—Acalme-se e escute. Ele fez questão...

—Então, é um problema, eu sendo um bem sujo!

—Você não é mercadoria suja. — Seu temperamento deslizou vários entalhes.

—O que eu sou então? — ela explodiu. —Apenas uma assassina?

Eu vou estrangulá-la, pensou furiosamente.

Ele caminhou para frente e ela deu um passo em direção a ele, com a intenção de enfrentá-lo desafiadoramente, em sua raiva, independentemente de como era muito mais forte. Quando avançou para ele, suas pernas cederam e ela começou a cair. Em vez de bater no chão, encontrou-se balançando em seus braços.

—Ponha-me no chão. — Ela lutou fracamente, com o mundo inclinando diante de seus olhos.

—Você iria tentar a paciência de um santo!

—Um santo não suja suas sandálias para ficar perto de mim, em primeiro lugar! Droga coloque-me no chão!

—Alegremente, bruxinha!

Com delicadeza, apesar da fúria que queimava em seu rosto, ela foi colocada na cama. Ela começou a rolar para longe, apenas para ser parada abruptamente com a sua vinda para baixo de corpo inteiro em cima dela, prendendo-a ao colchão com seu corpo e segurando seus pulsos para baixo, aos lados de sua cabeça.

Maverk sentia cada uma das curvas suaves contra ele enquanto ela se debatia e perguntou se poderia haver uma tortura tão doce. Pacientemente, ele segurou-a até que ela finalmente desistiu, o que não demorou muito, devido a sua condição. Seus seios arfavam contra o peito dele.

—Terminou o seu acesso de raiva?

—Seu bas...

Ele colocou uma mão sobre sua boca, enquanto segurava os dois pulsos acima de sua cabeça facilmente com sua outra mão.

—Agora você vai me escutar, sua pequena gata infernal. Eu me importo com o que aconteceu, mas isso aconteceu antes que a conhecesse e não faz diferença para mim, porque você não é mercadoria suja. Mesmo se fosse, e eu disse se, isso ainda não faria diferença para mim. Você é quem você é, uma guerreira, a irmã da

esposa do meu melhor amigo e a moça que eu cuido. Você está ouvindo?

Debaixo da sua mão veio um som abafado e ela puxou contra seu poder.

—Não, não vou deixar você falar até que eu termine de falar, — ele informou-lhe duramente. —Você foi ferida e precisava de atenção urgente. Os curandeiros Argon podiam cuidar de você e eu teria levado você a qualquer lugar para buscar uma cura. Em qualquer lugar, você está me ouvindo?

Ela olhou para ele.

—Tudo bem, fique teimosa. Talvez deva saber que ninguém pensa em você do mesmo modo de quando foi uma prisioneira aqui. Quanto aos Argons, eles estão quites, você se redimiou e foi o fim do assunto. Você é agora, simplesmente, uma moça doente que precisava de ajuda e em troca, você cospe em suas caras. Eu posso entender os seus sentimentos e simpatizar, mas sabe o que, sua bruxa de olhos verdes?

O olhar que ela deu para ele teria queimado um homem inferior.

—O seu não gostar é apenas má sorte. Os resultados são tudo que eu desejava, tudo que você deve desejar, pois se você morresse, o que eu diria para sua irmã?

Ela estava ainda abaixo dele.

—Sim, isso é certo, Tenia e sua sobrinha ou sobrinho por nascer. Você preferia ter morrido a ser tratado por Argons, sem um pensamento sobre os seus parentes. Então o que você diz sobre isso?

Tirando a mão de sua boca, ele descansou-o entre os cachos perfumados, ao lado de sua cabeça e olhou seu rosto sombrio.

— Seu filho da puta — ela sussurrou.

—Diga o que quiser, mas alguém tem que lembrar que existem outras pessoas lá fora que se preocupam com você, por acaso você pensou sobre eles, para mudar de atitude.

Ela se encheu de auto-aversão.

—Sou uma desculpa muito triste para um ser humano, hein, bonitão? Sou apenas uma guerreira, não muito boa para qualquer coisa, exceto matar.

Xingando, Maverk ficou em pé.

—Maldição, você deve sempre ter que matar? Você escolheu voltar a matar, pode optar por não fazê-lo! — Ele atravessou o quarto, a porta se fechou atrás dele.

Ela se recusou a ceder à picada por trás de seus olhos.

—Sim, eu fiz.



Procurando o santuário do jardim de rosas, Maverk selvagemmente arrancou uma branca de um arbusto, esquecendo dos espinhos que picavam a sua pele e começou a arrancar as pétalas, enquanto andava ao redor do jardim.

Dane-se a bruxinha e sua língua ácida! Ela torceu cada palavra e ele ficou tão furioso que sempre acabava se machucando.

—Eu pensei ter visto vapor saindo dessa área.

Virando-se, olhou para o homem languidamente fazendo o seu caminho em direção a ele.

—Eu entendo que está zangado com alguma coisa? — Kiile estudou a rosa mutilada na mão de seu amigo.

—Moça sangrenta!

—Ah. — Uma sobancelha dourada arqueou preguiçosamente. —Qualquer pessoa em particular?

—Quem diabos você acha? Essa bruxa ruiva com uma navalha no lugar de uma língua!

—Reya? — Uma diversão leve amarrava a pergunta.

—Conhece alguém que seja tão sangrentamente ingrata?

—Palavras atravessadas, não é?

—Palavras atravessadas? Essa gata infernal poderia esfolar vivo um homem com poucas palavras!

—Tão ruim assim?

—Ela torce cada palavra minha. — A rosa mutilada, quase sem pétalas, foi arremessada para o mato. —Ela salpica o passado e agarra-o com a ferocidade de um tigre!

—Descobriu que ela estava em Argon, hmm?

—Sim, e ela acusou-me de não importar. Eu! Você pode acreditar nisso?

Os olhos de Kiile estavam sóbrios.

—As Reekas têm memória longa.

—Sim, essas sangrentas têm, mas porque não pode aceitar a ajuda? — Pegando outra rosa, Maverk arrancou o ramo inteiro. — Inferno sangrento!

—Sua última visita não foi agradável... para ela.

Maverk virou os olhos ardendo em seu amigo.

—O que quer dizer '*para ela*'?

—Você sabe o que quero dizer — Kiile voltou calmamente. —Ela é uma moça bonita, mas está tudo no passado, como você bem sabe. Obviamente, o sentimento de humilhação não se desvaneceu.

—Desvaneceu? Ela não vai esquecer. Não só isso, ela cospe na minha cara e jura que preferiria ter morrido a vir aqui. Eu disse a ela que os curandeiros Argons eram os únicos que poderiam ajudar, mas ainda assim me culpa por trazê-la aqui.

—Mas você a trouxe para cá.

—Inferno sangrento, agora você fala como ela! Em seguida estará acusando-me de não me importar.

—Longe disso. — Inclinando um ombro contra um tronco de árvore, Kiile cruzou os tornozelos. —Porque se importa você reage da maneira que faz.

—Você e eu sabemos que havia outro jeito, então por que ela nega?

—Já perguntou a ela?

—Toda vez que eu a deixo subir para respirar, ela nada mais faz, do que abusar verbalmente de mim.

—Deve ter algum argumento — ponderou o Argon interessado. Maverk apertou os punhos.

—Reya é tão sangrentamente irracional! Ela tem sorte, ainda está fraca ou teria sentindo a minha mão em seu traseiro!

Kiile não poderia ajudá-lo. Ele sorriu.

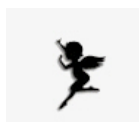
—Que diabos é tão engraçado?

—Você é uma pessoa calma, mas ela consegue deixá-lo explosivo. — Ele riu suavemente. —Ela é tão fria e composta que pode fazê-lo perder o seu temperamento tão rápido. Espantoso, não é?

—Sangrentamente incrível! — Maverk rosnou e pisou fora através do jardim.

Sorrindo, Kiile observou-o desaparecer de vista, então ele tornou-se pensativo. *Talvez fosse hora de visitar sua convidada e endireitar um pouco as coisas entre eles.*

Empurrando-se para longe da árvore, ele voltou para o palácio.



Ouvindo a batida na porta, Reya falou,

— Entre. — Quando viu o homem de cabelos dourados com os olhos verdes brilhantes, a sua expressão congelou. —Não se incomode.

Imperturbável com o brilho duro, Kiile fechou a porta.

—Eu vim para conversar.

—É só isso? — O sarcasmo estava misturado com as palavras. —Que alívio.

Parando ao pé da cama, ele olhou para seu rosto bonito, o selvagem vermelho-ouro dos cachos caindo sobre os delgados ombros, os seios macios que subiam e desciam por baixo da camisola de cetim, ele lembrou-se quão próximo esteve de enterrar-se dentro de seu corpo. Nobremente ele ignorou o aperto dos seus rins, lembrando-se que ela pertencia ao seu amigo.

—Viu o bastante e mudou de idéia? — As palavras o acertaram como um chicote, com a intenção de chamar a atenção. —Vocês pretendem terminar o que começou há três anos?

—Não. — Pegando uma cadeira ao lado da cama, colocou-a de volta para frente e sentou apoiando os braços sobre o encosto. —Eu vim para conversar.

—Duvido que haja qualquer coisa que você pudesse dizer que seria do menor interesse para mim, Argon.

—Talvez. Como você se sente?

—Quer que eu ajoelhe e agradeça a você? Vai ser uma longa espera.

—Eu nunca esperei qualquer agradecimento, guerreira. Eu sei como você se sente sobre mim.

—Eu não me importo se sabe ou não.

—E quanto a Maverk?

—Maverk? — Ela ficou surpresa.

—Você sabe o homem que salvou sua vida? — Uma aresta afiada cortou de leve a questão.

—Será que ele lhe enviou? Se assim for, é um desperdício de tempo.

—Você o conhece melhor do que isso. Ele não tem necessidade de enviar outro homem para falar por ele. — Correndo seu polegar cuidadosamente ao longo de seu lábio inferior, Kiile estudou-a. — Diga-me, a sua raiva é dirigida a ele ou a mim?

—Você? Não lisonjeie a si mesmo.

—Então você está zangada com ele?

—Ele trouxe-me aqui.

—Para fazer-lhe bem.

Ela sentiu como se estivesse correndo em círculos frustrantes.

—Nós já conversamos sobre isso.

—Muito bem. Se aqui não fosse Argon, você ainda estaria com raiva de Maverk?

—Não... sim.

—Não, você não estaria. — Ele não perdeu o tom leve de vermelho nas bochechas lisas. —O que significa que sua raiva é destinada a mim.

—Você não vale a pena a minha raiva.

—Deixe-me ver. Você não está brava comigo, mas com ele. Será que é porque ele a salvou?

—Claro que não. — A calma de gelo rachou um pouco.

—Por que ele foi procurar você, sabendo que precisava de sua ajuda?

—Você está sendo ridículo.

—Porque ele arriscou sua vida por você?

Reya olhou para ele.

—Não — ele respondeu à sua própria pergunta, em seguida, mais uma vez perfurou-a com um olhar penetrante. —Talvez você esteja com raiva porque ele passou as últimas semanas ao seu lado, cuidando de você, porque você não ia permitir que nenhum outro lhe tocasse?

—O que você quer dizer?

—Toda vez que alguém tentou atender as suas necessidades para que ele pudesse descansar você resistiu toda a ajuda e chamou por ele. —Vendo a descrença nos olhos dela, ele acrescentou — eu falo a verdade e você sabe disso. Não tenho nenhum motivo para mentir. Pense de volta, o que você se lembra de estar ao seu lado sempre que você estava lúcida?

A imagem imediatamente me veio à mente. O rosto forte e bonito vincado com a preocupação e o cansaço, seus cabelos longos e loiros amarrados para trás a esmo, os olhos castanhos cheios de ternura...

—Maverk. Seu argumento é comigo, guerreira, não com ele. Não tome a sua raiva para fora em um homem que fez o seu melhor por você, que salvou sua vida e de outra jovem. Ele se importa muito com você. —Seus olhos piscavam. —Quanto a nós...

—Não existe 'nós'!

—Não houve 'nós' — Kiile falou lentamente. —Tente ver o meu lado. Havia uma intrusa no meu quarto, pronta para matar-me. Eu a capturei.

—Você humilhou-me! — ela rosnou. —Você deveria ter-me matado, em vez disso!

—Esta é a sua maneira, não a minha. Quem está certo, guerreira? Você vive pela espada e sua sentença é a morte, não misericórdia. Eu vivo por aquilo em que acredito e, às vezes, como você viu, não mostro nenhuma piedade. O que é tão diferente? — Apesar de estar avaliando-a preguiçosamente, seu tom era levemente reprovador.

Reya endireitou-se na cama.

—Não se atreva a presumir de que somos iguais!

—Não somos? Sem piedade, do jeito que você colocou. Qual de nós tem a pior maneira, você ou eu? Dar morte ou tirar o orgulho?

Ela engoliu em seco.

—Não é o mesmo.

—Não, não é. Seu caminho não dá segunda chance. O meu caminho, bem, isso depende da escolha, não é?

—O que você quer dizer?

— Se eu escolher a morte, humilhação total ou apenas orgulho ferido.

—Humilhação total é o que você me deu!

Ele balançou a cabeça lentamente.

—Não. Em público você estava completamente vestida. A humilhação foi pior para você, sendo impotente e à mercê dos homens, mas não notou que nenhuma roupa foi tirada de você na luxúria?

—O que você está dizendo?

—Assim que a vi, sabia que seu orgulho era grande e procurei reduzi-lo, mas você nunca foi totalmente humilhada em público, como já vi outros líderes fazerem. Em uma cidade que eu vi uma moça acorrentada como você e estava totalmente nua. Aquilo foi uma humilhação total. Mas não sou tão insensível.

—Você fez-me ver uma mulher sendo... tomada... — Seus olhos piscavam ao lembrar. —Os homens...

—A escrava disposta. Sim, o seu orgulho não foi picado por isso. Em vez disso, você cuspiu desafio o que me irritou. As moças de nossa raça não são conhecidas por resistir aos nossos avanços e você era um enigma. Eu estava com raiva por você ter tentado matar-me, mas me fascinou também, então decidi levá-la para mim.

—Você me acorrentou à cama!

—Você não teria ficado de bom grado. — Os lábios de Kiile se curvaram com diversão. —Eu teria tentado fazê-la minha.

—Você não teria tido sucesso.

—Não, eu não teria, não só foi resgatada a tempo, mas você pertence a outro.

—Eu não pertenço a ninguém.

—O pertencer de que falo é de duas pessoas que pertencem um ao outro.

Desolada, ela olhou para ele.

—Ninguém me pertence. Eu não quero ninguém.

—Todos nós queremos alguém, quer admitamos ou não. Lá fora, em algum lugar, existe um companheiro para todos nós.

—Talvez eu já tenha matado o meu. — Seu sorriso era frio.

—Por que matar preocupa tanto você?

—Quem disse que me preocupa?

—Será que não?

—Não. É que eu sou boa, não é?

—É?

—O que lhe dá o direito de questionar-me?

Elegantemente, ele encolheu os ombros.

—Faço um monte de perguntas e formo as minhas próprias opiniões. — Em pé, ele a considerava atentamente. —E eu me considero seu amigo, o que me dá o direito.

Atordoada, ela o viu atravessar o quarto e sair pela porta. *Amigo? Um Argon, que a tinha humilhado agora achava que ela era sua amiga?* Ela podia sentir o começo de uma dor de cabeça. Reya caiu exausta nos travesseiros.

As palavras de Kiile ecoavam em sua mente, juntamente com suas acusações injustas para Maverk e isso era muito. Ela caiu em um sono profundo e perturbado.

Capítulo 28

A noite encontrou-a se agitando sem parar na cama, devorada pela culpa. *A verdade*, ela pensou, cansada, *nem sempre traz a paz*.

Um baque abafado e uma maldição lhe chamaram a atenção, lentamente sentou-se na cama. O barulho veio do quarto próximo, seguido de silêncio.

Incerta, ela mordeu o lábio inferior. Era obviamente Maverk, a quem não tinha visto desde as suas acusações dolorosas para ele, naquela manhã. Ela queria pedir desculpas por dirigir sua raiva de Kiile para ele. Não havia como ela pudesse descansar facilmente, até que tivesse feito isso.

Atirando as cobertas, saiu da cama, agradecida por suas pernas estarem estáveis, e atravessou até a porta.

O silêncio estava além e ela parou. *O que poderia dizer?* Desculpas não eram fáceis para ela, na verdade, havia poucas circunstâncias em que se lembrava de já ter feito isso.

Com um suspiro impaciente e uma respiração profunda, empurrou a porta e entrou no outro quarto, mal notando o aparador e a bela escultura, as cortinas de veludo na janela, ao largo, o sofá confortável e as poltronas ou o tapete macio sob os pés. Em vez disso, seu olhar caiu sobre o gigante loiro sentado na frente da mesa, com a cabeça em suas mãos e os cotovelos sobre a superfície polida.

Maverk parecia tão cansado e desanimado, nem parecia aquele homem feliz, provocante, que normalmente era.

Sentindo-se inferior a barriga de uma víbora, Reya começou a caminhar em sua direção, seus passos silenciosos no macio revestimento do piso.

Sentindo uma presença, Maverk levantou a cabeça.

Ele ficou em torno dos jardins até que sua raiva havia diminuído, mas ainda ardiam suas acusações. Como poderia fazê-la perceber que ele se importava? Será que realmente tinha uma chance com ela absolutamente? Ele não podia se ajudar, pois a amava muito. Mas amar a guerreira de gelo não era fácil. Como poderia chegar até ela?

Agora ela estava diante dele.

—Maverk, eu... — Ela limpou a garganta. —Maverk...

Ele franziu o cenho.

—Você está doente?

—Não, não, estou bem. — Ela baixou os olhos para suas mãos, com os dedos entrelaçados.

Se ele não soubesse, pensaria que ela estava nervosa. Mas, certamente, não Reya.

—Eu... — Ela engoliu em seco. — Isso é difícil para mim... Eu nunca quis... bem, fiz, mas...

O desespero rapidamente desapareceu. Seu comportamento o intrigou. Esta não era a moça com quem ele estava acostumado a lidar.

Seu silêncio não estava tornando mais fácil, caramba. Talvez ela merecesse isso.

—Hoje cedo... esta manhã, eu estava... Eu disse algumas coisas... O que eu disse... — *Desculpar-se era mais difícil do que parecia.*

Ele sentiu uma faísca de incredulidade. *A guerreira de gelo estava tão nervosa como o inferno! E parecia como se ela estivesse tentando se desculpar.*

Quando ela se pôs diante dele, de camisola, com os cabelos despenteados e pés descalços, estava nervosa, torcia suas mãos e seu rosto ficou rosa, ela parecia macia e adorável. Ele estudou-a com interesse.

—Sim?

Isso era ridículo. Respirando fundo, ela deixou escapar:

— Eu estava errada esta manhã e sinto muito. — Girando nos calcanhares para ir embora, o movimento repentino a fez cambalear perigosamente.

Rapidamente, Maverk ficou de pé, colocando as mãos em seus ombros e puxando-a de volta contra o seu peito.

—Você está arrependida? — Sua respiração agitou os caracóis em sua testa.

Sentindo cada plano rígido de seu corpo por trás, ela inconscientemente recostou-se contra ele.

—Eu disse algumas coisas imperdoáveis a você e sinto muito.

Calor floresceu em seu coração.

—Tudo bem, moça. Eu também disse algumas coisas duras.

—Kiile me fez ver como estava errada.

—Ele fez?

—Sim. Ele me fez perceber que eu estava realmente irritada com ele, mas redirecionei para você, não sou digna...

—Você nunca deve considerar-se como tal. O que você pensa, o que eu sei, são duas coisas diferentes.

—Eu sei coisas sobre mim que você não sabe.

—Diga-me. Eu não vou julgá-la.

—Eu não posso. Não pergunte. Por favor.

Ele suspirou.

—Tudo bem, por enquanto, mas estou aqui sempre que você precisar de mim.

Inclinando a cabeça para trás, ela olhou para ele.

—Tão bom e confiante. Não é à toa que está sempre aberto a ser ferido.

—Eu não sou tão frágil como você acredita que eu seja moça.

—Eu me viro para feri-lo com frequência.

—Você é a única com o poder de fazê-lo — foi a resposta suave.

Com espanto ela estava com os lábios entreabertos, mas antes que pudesse falar, ele reivindicou a sua boca suavemente em um beijo. Foi um beijo com ternura e era tão leve, que as carícias cauterizaram a sua alma.

Com um gemido mental ela entregou-se ao tumulto dos sentimentos dentro dela. Ela saboreava o seu gosto, o perfume masculino que era exclusivamente seu, que invadiu seus sentidos.

Sem quebrar o contato de suas bocas, Maverk abraçou-a. O desejo por ela, sempre latente, irrompeu entre eles. A sensação de suas curvas suaves contra a sua dureza inflamou ainda mais o desejo. Uma de suas mãos deslizou para a curva de suas nádegas para puxá-la contra a sua virilha, embalando-a.

Retornando seu beijo com uma paixão que foi progressivamente mais brilhante, ela espalmou a mão sobre o seu peito por baixo do colete aberto, sentindo o calor de sua pele e as batidas de seu coração, que tinha escolhido o ritmo.

Maverk levantou a cabeça para pegar uma respiração profunda, estremeando.

—Moça, eu acho que é melhor voltar para a cama. Não posso prometer manter minhas mãos longe de você por muito mais tempo.

—Seus braços já estão em torno de mim — ela sussurrou um pouco vacilante.

—O quê? Oh. — Ele começou a afrouxar seu aperto, mas independentemente de suas boas intenções, se recusava a liberá-la ainda, então a virou em seus braços.

—Maverk, o que você está fazendo?

—Eu vou levar você para lá. — Seus olhos ardendo de desejo reprimido, conseguiram parecer triste ao mesmo tempo. —Chame-me um glutão de castigo.

Seus braços eram fortes, seu passo firme, quando ele entrou no quarto e Reya se sentia segura. *Segura e cuidada e... sensual.* A dureza de seus braços musculosos debaixo dos joelhos, pele sobre pele, a mão forte atrás das costas. Coração batendo o dobro da batida, um calor pesado zumbia entre as coxas dela e sabia que queria que ele fizesse amor com ela.

Parando ao lado da cama, sentiu o tremor de Maverk passar para ela.

—Você está com frio, moça?

—Longe disso.

A voz rouca e o fogo baixo piscando no fundo dos olhos verdes pálido fizeram a dor na sua virilha intensificar. *Ela estava pedindo a ele para...* Ele quase deixou cair à mão em concha em seu queixo, quando ela pegou-a e passou seus lábios macios por ela toda.

O beijo pode ter sido suave, mas o contato acertou-o como um raio que foi direto de seus lábios para sua virilha.

Quando ela jogou a cabeça para trás, o olhar dele foi de arrastá-la com outro jogo para a queima de lenha no fundo da boca do estômago.

—Reya, você não está forte o suficiente...

O hálito úmido estava em sua garganta e os cachos sedosos derramados no seu peito, fazendo com que seus sentidos nadassem e seus braços tremessem.

Sua voz tinha um traço de riso.

—Talvez você não esteja forte o suficiente bonito.

A ponta de sua língua tocou o pulso, que batia descontroladamente em sua garganta e ele resmungou:

— Moça, sou forte o suficiente para segurá-la contra uma parede e levá-la por horas!

Por estritamente um segundo, antes de jogar a cabeça para trás, para satisfazer seu olhar, ela disse.

—Prove-o.

O convite enviou uma onda de sangue quente para seu pênis já latejante e ele gemeu.

—Meu Deus, você realmente é uma bruxa.

—Não está tão fraco, hmm?

Mesmo com o desejo, ele estava ciente da leveza de seu corpo, a magreza do seu rosto.

—Não sou tão fraco, não, mas também, você não está tão forte. A vibração de desânimo varreu-a.

— Você não vai me deixar, não é?

Sua risada era rouca, baixa e cheia de significado.

—Não em sua vida! Não moça, quero fazer amor com você também, mas de uma forma que não vai se cansar muito.

—Eu não entendo.

—Você vai. Apenas confie em mim, Reya.

Olhando profundamente em seus olhos, ela viu o calor e a paixão brilhando dentro deles.

—Eu confio.

—Bom. — Ele a baixou sobre os pés e colocou as mãos em seus ombros. —Deixe-me levá-la. Vou cuidar de você.

Ele traçou um beijo em sua têmpora, perdendo os lábios pelo seu rosto e finalmente para o canto da boca, ao mesmo tempo, enganchando os dedos nas tiras finas da camisola e facilitando-a sobre seus ombros e braços. No momento em que seus lábios finalmente reivindicaram os dela, a camisola de cetim estava agrupada em seus pés, deixando-a nua diante dele.

Deslizando as mãos debaixo de seu colete, ela empurrou-o e deixou-o cair no chão atrás dele. Seu peito nu e braços era uma alucinante mistura de pele lisa e dura que inchavam e flexionavam quando as suas mãos se moviam sobre suas costas, deixando um rastro ardente na pele dela.

—Maverk, — ela gemeu, quando sua boca quente encontrou o pulso batendo descontroladamente em sua garganta. —Por que o seu toque põe-me em chamas?

Sua resposta foi balançá-la em seus braços e deitá-la na cama.

Ela observava incapaz de desviar o olhar, quando ele descobriu o corpo magnífico para o seu olhar quente. Seu tempo entre mercenários e guerreiros a tinha habituado a ver corpos musculosos, mas nenhum chegava perto do espécime perfeito que estava diante dela. Ela ficou embevecida diante dos ombros largos, braços e peito que ondulavam com a força em cada movimento e um estômago liso com nervuras. Não, a construção deste comerciante Daamen, combinava com sua grande altura, envergonhando o guerreiro mais forte que já tinha visto. O fato de que ele tinha o rosto mais bonito, parecia quase injusto para com o resto da espécie masculina.

Certamente não poderia ter um homem mais perfeito em qualquer lugar da galáxia. Seu olhar caiu para sua masculinidade projetando-se dura e quente. Nem um tão grande.

—Gosta do que vê moça? — Uma sobrancelha arqueou e ele sorriu maliciosamente quando viu seu rosto ruborizar. —Poderia ser vergonha o que vejo no rosto da guerreira de gelo?

—Eu... — Ela limpou a garganta. —Eu nunca vi você nu antes.

—Oh, bem, então, sintase livre para olhar a vontade. — Descaradamente se virou para dar-lhe uma visão da parte traseira.

Ele era incorrigível. Seus olhos varreram das costas retas para as nádegas firmes.

—Bem? — Virando-se, colocou as mãos sobre os quadris. — Passei na inspeção?

—Você não tem vergonha, não é? — Um sorriso tremeu em seus lábios.

Colocando um joelho na cama ao lado do quadril dela, a ponta dos dedos passou pela pele sensível.

—No que concerne a você, moça, não tenho vergonha alguma.

Seu outro joelho tomou conta dela quando ele montou seus quadris, colocando as mãos em sua cintura, ele estendeu uma grande mão sobre o estômago liso e sorriu quando ouviu e sentiu um forte sugar da respiração. Mantendo o olhar em sua mão, ele deslizou lentamente para cima, parando entre os seus seios.

Sem descanso, ela moveu-se com o toque que queimava, os mamilos endurecendo, o latejar entre suas coxas intensificou-se com antecipação. Arrepios estremeceram sobre os braços quando a outra mão levemente arrastou até o seu lado, antes de seguir o mesmo caminho para descansar entre os seus seios.

Ela era tão macia e suave, mas com a firmeza da guarnição de uma guerreira. Ele ficou maravilhado com o jogo de músculos femininos dela. Apesar de forte, também era bem torneada e definitivamente, muito feminina, com todas as curvas generosas e vales. E ela era sua. Esta noite ela tinha dado a si mesma de boa vontade para ele e não iria desperdiçar esta oportunidade de ouro questionando-a.

Levemente ele arrastou seus dedos sobre os seios, passando as pontas dos dedos nos mamilos endurecidos, sentindo o seu arrepio entre suas coxas, ele olhou para cima para ver o calor que ardia como um fogo frio no cristalino, nas profundezas de seus olhos. Deliberadamente ele achatou as palmas das mãos em seus seios, saboreando tanto a sensação dos mamilos duros contra as palmas das mãos, como a visão de suas costas arqueadas, mordendo o lábio para manter o grito dentro.

Agarrando seus pulsos, ela sussurrou:

— Você está me deixando louca.

Dedos fortes passaram através dela e ele veio para baixo sobre ela, prendendo as mãos no colchão em ambos os lados de sua cabeça, seus lábios falaram um sopro.

—Isto apenas começou querida.

Ele reivindicou seus lábios em um beijo de boca aberta, quente, deixando-a sem fôlego e ansiando por mais, enquanto ele deslizou ainda mais para baixo do seu corpo, suas mãos fortes escorregaram em seus braços, fazendo com que o atrito aquecesse seu sangue, assim como a sensação dos beijos leves como plumas que deixou em seu rastro. Em seguida, os lábios fecharam sobre um mamilo, sugando longa e profundamente e ela arqueou para trás, incapaz de parar o choro que escapou.

Ao ouvi-la, o seu sangue, já em chamas, sentiu como se fosse virar lava derretida. Seu pênis latejava tanto que apenas o controle de ferro e o desejo de dar prazer a ela o impediu de derramar sua semente imediatamente. Puxando-se para trás, levantou-se de joelhos.

Sentindo-o se afastar, ela abriu os olhos, começou um protesto. O protesto morreu quando viu o desejo nu queimando em seu olhar, varrendo avidamente sobre seu corpo.

Sentada, ela deslizou as pernas para fora e Maverk pegou as suas mãos.

—Fique sobre seus joelhos, meu doce.

Lentamente, ela levantou-se, sem saber o que esperar.

Ele puxou-a rente a ele, colocando o rosto e olhando para baixo ternamente para ela.

—Eu nunca vou machucá-la.

—Eu sei. — Ele era de temperamento quente, alegre e gentil. Tudo o que ela não era, mas queria ser. Ela ansiava por ele, o que era loucura, uma maneira de desgosto, de participar mais uma vez do céu que só ele poderia dar a ela, um céu que não era para ser dela para sempre.

Com o pensamento do coração doendo, com os braços apertados em volta dele. Esta noite seria dela, sem arrependimentos. *Uma lembrança para levar quando o deixasse.*

Ele sentiu o tremor que passava por ela.

—Você está muito fraca.

—Não! — Seu sussurro era quase feroz.

—Reya...

Uma faísca de desespero queimou no seu coração e ela olhou para ele.

—Eu preciso de você hoje à noite. Por favor, não me deixe agora.

Ternamente ele tocou seu rosto.

—Não moça, eu não vou deixá-la.

Por alguns segundos incontáveis olhou para o outro lado, então ele disse:

—Vire-se.

Intrigada, ela olhou por cima do ombro, em seguida, voltou para ele.

—Vire-se?

Ele sorriu.

—Sim.

Em dúvida, ela fez como ordenado e seu braço deslizou em volta da sua cintura, uma mão grande espalhou sobre ela puxando-a pelo estômago contra ele.

—Separe suas pernas para mim.

Ele soprou em seu ouvido enviando um arrepio para o seu lugar privado. Ela respirou fundo.

—Maverk, eu não tenho certeza...

—Faça, — foi a gentil ordem.

Ela não poderia ter parado a si mesma se tivesse tentado. Sua respiração estava quente e úmida em sua garganta, enquanto seus lábios encontravam a pulsação batendo descontroladamente, seus longos cabelos loiros misturando-se com sua própria trança. Seus joelhos se separaram quase fluidamente, sem pensar, enquanto sua atenção estava voltada para a magia de sua boca. Então ela ficou tensa quando a mão na sua barriga deslizou mais abaixo.

Reya endureceu sentindo o outro braço rodeando a sua cintura, segurando-a contra ele.

—Sinta como você me afeta.

O comprimento quente e duro de sua virilidade estava pressionando contra suas nádegas, ela sentiu um pouco da dureza contra ela.

Quentes, os lábios sensuais se perdiam em sua orelha.

—Diga-me, como você se sente agora?

—Eu... — Ela mordeu o lábio quando sua mão roçou os cachos de sua feminilidade.

—Sim?

Seus joelhos estavam afastados, ela estava nua, o gigante loiro bonito estava atrás dela e ela estava completamente à sua mercê.

—Diga-me. — Levemente ele beliscou sua orelha.

Disposta a reconhecer a sensação estranha, ela engoliu.

Sua feminilidade era como uma concha em uma palmeira de grande porte.

—Diga-me.

—Vulnerável! — A palavra foi ofegante em choque, misturada com desejo.

—Sim, vulnerável. — Maverk escovou um beijo em sua têmpora, em seguida, descansou sua bochecha contra a dela, mais suave e viu a ascensão e queda dos seios cheios. —Mas só comigo, minha querida. Ninguém mais. Você é minha e você deve abrir seus sentimentos para mim. Tenha a certeza, vou mantê-los tão ternamente como faria com um bebê recém-nascido.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, sua mão moveu ainda mais abaixo, os dedos deslizando pelos cachos e encontrando a fenda para deslizar suavemente entre os lábios sensíveis para os tesouros escondidos.

No prazer chocado, ela se arqueou para trás quando os dedos fortes derivassem quase preguiçosamente onde nenhum homem tinha tocado, até agora.

Sentindo o calor úmido, Maverk teve que cerrar os dentes contra o desejo que passou através dele. Sedosas tranças deslizaram sobre o seu peito, as extremidades escovando a ponta ingurgitada e dolorosamente sensível de seu pênis. Ele não poderia esperar muito mais, ele sabia. Mesmo que ele buscasse o prazer dela, cada gemido suave e arrepio dela faziam adicionar combustível à sua própria paixão ardente, a sua vara pulsante latejava com a necessidade.

Através da névoa de desejo, ela tomou consciência da respiração quente em seu ouvido.

—Deite-se, meu amor.

Automaticamente ela começou a virar, mas seu braço apertou um pouco mais em volta da cintura, impedindo-a.

— Não. Sobre o seu estômago.

Antes que ela tivesse tempo de perguntar, ele inclinou-se sobre ela para colocar a mão sobre o colchão, usando o braço para baixá-la sobre a cama, deslizando o braço que estava sob o seu corpo, para rapidamente apoiar suas mãos para fora em seus lados, com a voz baixa e reconfortante ele falou.

—Relaxe, moça.

—O que você está fazendo?

—Lembra que eu disse que iria fazer amor com você de tal maneira a não sobrecarregar sua força? — Ele sussurrou veementemente contra seu ombro.

—Sim, — respondeu ela fracamente, quando seus beijos foram espalhados em seu outro ombro.

—Isso é parte disso. — Beijos quentes, de boca aberta, arrepiavam a sua espinha.

Sua respiração ficou presa, e o sangue em suas veias corria como mercúrio, quando sua mão seguiu o caminho da sua boca, mas onde sua boca parou, sua mão continuou.

Direito em sua profundidade de mel, um dedo longo resvalou para a entrada mais profunda, retirando-se lentamente antes de deslizar novamente.

—Maverk. — Ela arqueou para trás, gemendo.

—Sim? — ele perguntou com voz rouca.

—Por favor...

Ele desceu sobre ela, as duas mãos capturando-a, pressionando-a contra o colchão, enquanto ele preparou-se nos cotovelos acima dela. A ponta de seu pênis cutucou a entrada úmida de seu corpo e ele estremeceu com o calor que acenava para ele.

—Maverk!

Seu grito repentino, tão gutural com o desejo ardente, rompeu as correntes do controle de ferro e ele mergulhou nas profundezas escaldantes, acolhido pelo aperto de sua passagem quente, como seus músculos cerrados em torno dele, procurando mantê-lo dentro dela.

Seu corpo se movia com fluidez, reunindo suas estocadas, a chama ardente do desejo construindo até um escaldante e furioso inferno quando eles se moveram juntos, pele na pele, sua virilidade dentro dela, reivindicando como sua, invadindo seu corpo, tão certo como ele invadia seu coração.

Com os olhos bem fechados, ele jogou a cabeça para trás, tentando controlar a sua paixão, para fazer o amor durar, mas ela dirigiu sua paixão mais alta.

Era como se estivesse correndo em direção a luz de uma fogueira. A sensação do corpo musculoso acima dela, o muito da força dele em torno dela, e o comprimento aquecido dele inflamado dentro dela.

O fogo abrasador, onde começava o impulso de sua masculinidade em sua bainha, as chamas de fogo tremulando por meio de ambos, queimando e fundindo-os juntos como um só. Eles

chegaram ao clímax no mesmo instante, um vulcão soprando brasas ardentes, quebrando e atirando longe, desencadeando um ao outro, a bainha dela apertando em torno dele como uma luva aquecida, enquanto seu eixo pulsante derramou a semente quente dentro dela.

Como as brasas de fogo espalhadas que se desfazem, Maverk rugiu o nome dela, descendo sobre ela, envolvendo os braços em torno dela e segurando-lhe ferozmente enquanto cavalgavam nos seus orgasmos flamejantes.

Capítulo 29

Reya acordou lentamente, sentindo-se estranhamente letárgica e drenada. Cinzentos reflexos de luz entravam no quarto e uma brisa leve ondulava as cortinas de renda da janela. Estava amanhecendo.

Tornando-se consciente do peso sobre a sua cintura, rememorou junto com o reconhecimento do grande corpo adormecido pacificamente ao lado dela.

Maverk.

Rolando com cuidado sobre suas costas, Reya tirou as cobertas sob os braços, só para segurar sua respiração quando ele murmurou em seu sono e seu braço apertou em volta da sua cintura. Depois de alguns segundos seu poder relaxante e sua respiração voltou ao seu ritmo normal de profundidade.

No sono, ele parecia muito mais jovem. Ela estudou as linhas fortes do seu rosto limpo, o cabelo loiro desgrenhado que se espalhava por todo o travesseiro. Várias vertentes foram entrelaçadas em um de seus cachos. *Como dois amantes em um abraço íntimo.* Seu coração pulou uma batida com o pensamento.

Uma mecha de cabelo caiu sobre sua testa e ela gentilmente arrumou-a de volta. Ela o amava. *Como não poderia, afinal de contas eles não compartilharam uma noite cheia de paixão?*

Ela se lembrou de como ele rolou para o lado, levando-a com ele em um abraço. Ele não tinha falado nada, apenas um beijo suave na bochecha. Não havia dúvida que não ia deixá-la naquela noite. Eles tinham permanecido em silêncio, saboreando a intimidade calorosa entre eles, em algum momento durante o silêncio confortável, tinham caído no sono.

Ela olhou para o teto, um peso a enchia. *Era impossível.*

Silenciosamente Maverk a observava, vendo a expressão preocupada no rosto. O toque de seus dedos em cima da sua testa o tirara de seu sono, ele abriu os olhos para ver o seu perfil traçado pela luz da madrugada.

Pensando que ela não tinha visto todas as máscaras que tinham deslizado. Nenhuma reserva fria marcava os seus traços, sem rubor de paixão. Em vez disso, cada emoção era clara, a angústia, a preocupação e a tristeza. Isso rasgou em seu coração.

—Espero que sua expressão não seja devido ao arrependimento pela noite passada — disse ele em voz baixa.

—Não. Não me arrependo.

—Então, o que a incomoda, moça?

—Todo mundo tem problemas.

Ele levantou-se sobre um cotovelo para olhar para ela.

—Não se feche para mim agora. Diga-me com sinceridade.

Ela não queria dizer, sabendo a dor que isso causaria a ambos, mas enfrentou o seu olhar de frente.

—Eu não posso dar-lhe amanhã. Eu não posso mesmo dar-lhe hoje.

—Por que não? Somos feitos um para o outro. — Sua consideração era a intenção. —Por que é tão difícil para você aceitar isso?

Cuidando para manter as cobertas dobradas firmemente sob seus braços, ela sentou-se e deslizou uma perna para fora da cama.

—Não é difícil de aceitar, simplesmente não pode ser.

Empurrando a si mesmo, ele reclinou para trás contra a cabeceira da cama.

—Por que isso?

Pegando a camisola descartada no chão, ela olhou para ele, e uma centelha de chama iniciou na boca do estômago.

As cobertas foram empurradas perigosamente para baixo em seus quadris, mal cobrindo a sua masculinidade. Os braços estavam cruzados preguiçosamente no peito e quando seus olhos finalmente subiram para o rosto, foi para encontrar uma sobrancelha levantada interrogativamente.

—Bem?

Virando a atenção para a camisola, ela preparou-a para puxá-la em cima da cabeça.

—Nós passamos por isto muitas vezes. Eu não posso dizer.

—Eu vejo o grande segredo novamente. — Chegando mais, ele arrancou a camisola de seus dedos e jogou-a o chão do seu lado da cama. —Está secretamente casada com outra pessoa?

—O quê? Como você pode dizer tal coisa depois do que acabamos de compartilhar? Que tipo de puta você acha que sou?

As sobrancelhas subiram em leve repreensão.

—Nem mesmo tente insultar-me, referindo-se a si mesmo como tal, ou dizendo que é isso o que penso de você. Eu apenas pergunto por que você é tão contra o casamento comigo.

—Eu não sou contra o casamento com você, só não posso.

—Eu acho, — ele acariciou sua bochecha suavemente — que mereço uma explicação.

—Eu não posso.

Sua mão deslizou suavemente para baixo sua garganta.

—Deve ser um segredo profundo, escuro e antigo.

Abruptamente, ela afastou-se dele, deslizando para fora da cama, levando a coberta superior com ela e envolvendo-a sobre si mesma.

—Reya?

Com o rosto resoluto, ela respondeu:

— Tenha certeza, se eu quisesse que você me desprezasse e odiasse, contaria a você.

—Eu nunca poderia odiar você. Tenha alguma fé em mim quando prometo isto a você. Tudo o que você tem feito, o que acha que tem feito, nunca vou odiar ou desprezar você por isso.

—Não prometa o que você não conhece.

A frustração com sua teimosia começaram a afastar seu contentamento anterior.

—Tente-me.

—Não. — Ela começou a caminhar em direção ao banheiro.

Uma mão no ombro dela parou-a, e ela foi puxada ao redor para enfrentar um homem nu, mostrando todos os sinais de rapidamente estar perdendo a paciência.

—Você tem o mau hábito de presumir que conhece os meus pensamentos e reações, mas não me conhece bem como pensa, o que me decepciona.

—E você não me conhece, assim como pensa, o que não é nenhuma surpresa... — *Ela estava fazendo isso de novo, atacando dolorosamente o homem que amava.* —Sinto muito. Eu sei que você não entende, mas confie em mim, é para melhor.

—Não. Este segredo a impede de levar uma vida normal, faz você se distanciar de todos aqueles que ama e aqueles que a amam.

O coração de Reya começou a bater mais forte quando olhou em seus olhos, o sentido oculto em suas palavras. *Certamente ele não estava dizendo...*

—Eu te amo, Reya.

A alegria encheu-a, uma onda de alegria encheu seu coração solitário. *Ele a amava! Seu amor era correspondido! Profundo, dentro dela, sabia que ele estava atraído, ela suspeitava, mas ouvi-lo dizer!*

Assim como, de repente, seu coração caiu no fundo do poço.

Vendo a alegria nos olhos dela, Maverk ansiosamente aguardou para ouvir sua declaração de amor, até que viu a angústia em seus olhos, a desolação. A desesperança.

—Oh, bonitão. — Infelizmente Reya balançou a cabeça. —Que confusão.

—Moça...

—Não.

—Você espera que eu simplesmente saia depois de declarar meu amor por você? Não é sangrentamente provável!

Quebrando o coração, ela sabia que ia explodir em lágrimas a qualquer momento, mas não na frente dele. *Por favor, Deus, deixe-me ficar alguns minutos no controle de si mesma. Se ela quebrasse agora, lhe diria tudo, então...*

—Por favor, Maverk, se temos de falar...

—Oh, é preciso. — Ele cruzou os braços. —Vamos.

—Pelo menos me deixe tomar um banho e vestir-me.

—Não vejo que diferença que vai fazer.

—Eu já lhe perguntei alguma coisa de antes?

—Não. — Seu olhar fixou-a no local. —E não vou deixar isso ir, não importa o quanto você peça.

Ele não queria, e ela sentia a picada de lágrimas.

—Muito bem, vamos falar depois que tomar banho e vestir-me. Isso é tudo o que peço a você. Por favor?

Ele estudou-a detidamente antes de acenar abruptamente.

—Tudo bem, mas essa conversa vai continuar quando você tiver acabado. Está me ouvindo?

Incapaz de falar com o nó na garganta, ela balançou a cabeça.

Ele a viu entrar no banheiro, com a coberta arrastando no chão atrás dela e desaparecer, a porta cortando-a de vista. Sombriamente ele pegou sua roupa e fez o caminho para seu próprio quarto. Desta vez ele estava determinado a chegar ao fundo deste segredo escuro, para encontrá-lo de uma vez por todos. Até que fosse revelado, estaria sempre tirando qualquer chance de felicidade que teria com Reya, e ele não tinha a intenção de permitir que qualquer coisa o impedisse de estar com ela.



Manipulando o material macio do vestido sem mangas que ela usava, Reya mordeu o lábio enquanto olhava no espelho. Fechou o cinto na sua cintura. O vestido caia em dobras graciosas até os tornozelos, o modelo tinha uma fenda na frente, quando ela andava mostrava uma parte da perna.

Olhando para baixo, estudou as sandálias nos pés. Finas solas de couro com uma alça na parte superior dos dedos e fitas longas de cada lado do calcanhar que atravessavam sedutoramente as pernas antes de amarrar abaixo dos joelhos.

Essas roupas, fornecidas por Kiile, eram, definitivamente, para a aparência e sedução, não para trabalho e luta. *Ela percebia.*

—Estou pronto, Reya.

Ela olhou para cima para ver Maverk de pé atrás dela. Ela não tinha o ouvido entrar no quarto.

O olhar determinado em seu rosto suavizou o medo fugaz em seus olhos verdes.

—Venha, moça, vamos ao pequeno jardim de rosas. É muito calmo e privado, neste momento. — Ele estendeu a mão.

Lentamente, ela colocou a mão na sua e a força quente de palma de sua mão envolveu a dela.

Silenciosamente eles deixaram o quarto. O corredor estava vazio, havia uma sensação de paz e sossego no palácio. Maverk a levou através da porta que dava para o jardim de rosas, em seguida, fechou-a atrás deles.

Respirando profundamente o ar perfumado das rosas, seu olhar passou pelo pátio, pequeno e isolado. Rosas cresciam abundantemente nos bem cuidados canteiros, rosas trepadeiras subiam grossas até a parede de pedra que tinha três metros de altura. No meio do pátio havia um banco de mármore, enquanto uma fonte bonita no canto, que sussurrava jorrando um fluxo frágil de água para o ar e esta caía de volta para a bacia.

—Isto é bonito, não é?

Sentiu-o atrás dela, mesmo antes de ouvir as suas palavras. Sua mão segurava nas suas costas, empurrando gentilmente, mas com firmeza até o banco.

Maverk sentiu a ligeira resistência em seus degraus de madeira. Uma vez no banco, ela se virou para olhar seriamente para ele.

—Esta não é uma boa idéia.

—Eu acho que é. Sente-se.

Ela obedeceu em silêncio e observou-o sentar-se no banco para ficar em frente a ela.

—Diga-me, — disse ele.

Ela viu a determinação de aço. Mas, lhe dizer, seria perder seu respeito e amor. Ela poderia ter isso?

Lentamente, virou o rosto para frente, encarando cegamente as rosas, esticando os braços em seus lados e segurando o banco com as mãos.

—Não podemos nos acertar até você revelar o segredo, Reya. Você não vai me aceitar como seu destino, enquanto ele ainda se apodera de você.

—Você não vai aceitar-me se souber.

—Fale.

—Vou perder todos vocês.

—Não estamos perdidos de qualquer forma? Você distancia-se agora. Pelo menos me deixe entender.

Ele estava certo, de qualquer forma ela estava perdida. Ela não o tinha agora, pois vivia com medo da descoberta e a escuridão que tinha por dentro estava empurrando as pessoas que amava para longe.

—Três anos atrás, um aviso foi fixado em uma taberna, procurando mercenários para uma missão.

Finalmente! Maverk sentiu um salto de alegria.

—Eu escolhi ir. Eu não tinha estado em uma missão por um tempo e estava pronta para alguma ação. Se soubesse... — Respirando fundo, ela continuou com uma voz monótona: — Havia cinquenta mercenários reunidos e a recompensa era grande. O homem e a mulher examinaram-nos com cuidado, questionando nossas histórias para fazer a contratação.

Isham e Stellar, os condenados.

—Eles escolheram os trinta melhores, eu entre eles. — Não havia orgulho em sua voz, apenas cansaço e aceitação. —Fomos informados que assassinos percorriam o deserto perto de Yennan, aterrorizando o assentamento. Aqueles que tinham ido antes de nós, nunca tinham retornado. Esta era a quarta tentativa. As naves de transporte se recusavam a entrar no deserto, por isso fomos a cavalo. — Perdida nas lembranças, ela esfregou as palmas para baixo em suas coxas. —O deserto estava quente, os ventos sopravam fortes e as tempestades no deserto cobravam o seu pedágio. O capitão não tinha conhecimento mais aprofundado do deserto e colocou homens incompetentes no comando dos cavalos, que fugiram durante as tempestades. Acabamos ficando sem nenhum transporte, mas estávamos perto de nosso destino. — Ela olhou distante no muro de pedra. —A areia entrava em tudo, a pele ficava em carne viva pelo atrito com a areia. O sol é quente e dói muito quando o suor escorre

sobre as abrasões da areia. O deserto, bonitão, não é lugar para homem ou animal.

Ele esperou, observando enquanto ela olhava cegamente para as mãos, frouxamente deitadas no colo.

—Uma tempestade de areia explodiu naquele dia e fomos apanhados no inferno. Acima do barulho do vento, ouvimos fracos gritos. De repente, o vento diminuiu e os gritos de agonia e desespero eram claros. Eu e outro mercenário fomos à frente averiguar. Eu não consigo lembrar seu nome. Eu deveria.

—Vexa — Maverk disse calmamente.

—Sim, Vexa como...

—Quando você estava doente semana atrás, você chamou o seu nome.

—Chamei, é? — Ela esfregou as palmas das mãos.

—Vá em frente. — Ele sabia o que estava por vir, ele odiava ter que empurrá-la, mas sabia que era o único caminho. —O que você viu?

—O que vi? — Fechando os olhos, esfregou a ponta de seu nariz. —Corpos. Nós vimos corpos, queimados e sem pele. Eles tinham sido torturados vivos, você poderia dizer pelas marcas na areia. — Ela baixou as mãos para pressioná-las entre os joelhos, tentando não tremer. —Um não estava morto. Eu não sabia se era homem ou mulher, pois estava queimado de forma irreconhecível. Um mercenário tinha mencionado o cheiro de carne cozinhando. — Sua mandíbula apertou. —Ele não estava errado. Ele abriu os olhos. Levantando uma mão trêmula, ela segurou seu polegar e indicador rigidamente em forma de um laser. Não podia dizer uma palavra, mas eu sabia o que queria. — Sua mão tremeu. —Eu atirei nele. Foi a última coisa decente que fiz naquele dia.

Maverk doía para levá-la em seus braços, para acalmá-la, mas ele não se moveu. Reya tinha que contar tudo isso.

—Alguma coisa estava lá fora, eu podia senti-los nos observando. Começamos a voltar para os outros, mas sabia que era tarde demais. Eles sabiam que estávamos lá. O capitão estava confiante de que poderíamos lidar com eles, fossem quem fossem. Eles estavam em busca de sangue e por que não? Eles eram pagos para isso. Erradicar os assassinos. Nós não éramos os melhores.

—Você não tortura suas vítimas.

Havia um brilho de suor em sua testa.

—Nós podíamos ouvi-los se aproximando, os risos e gargalhadas... tão ardentes. Enervante. Quando vimos que vinham

sobre as dunas... eram crianças de não mais de oito a quatorze anos. Alguns usavam coletes e camisetas feitas de pele humana. Duas meninas usavam colares feitos de orelhas humanas. Um deles usava um colete de pele tão fresca que os pedaços de carne ainda estavam agarrados nela. Eles se aproximavam. — Enrolando seus braços ao redor, Reya estremeceu e inclinou-se, as lágrimas rolavam livremente pelo rosto. — Meu Deus, Maverk, eles eram como demônios das profundezas do inferno! Muitos deles tinham sangue seco em torno de suas bocas e um menino pequeno estava segurando uma mão cortada, meio mastigada!

Ele não poderia fazê-lo. A agonia e horror em seu rosto e voz rasgaram-no.

— Reya, não...

Surda, ela deixou cair à testa nas mãos e cobriu os olhos, sua respiração ofegante vindo em soluços.

— Eles carregavam facas de esfolar e estavam tão animados por ver-nos, sua próxima refeição e brinquedos. Nós estávamos pasmos. O capitão estava em pânico, querendo correr. As crianças conheciam o deserto melhor do que nós, a nossa única esperança éramos ficarmos juntos. O capitão correu e várias crianças se separaram do grupo principal e o seguiram sobre a duna. Eles eram tão rápidos. Ouvimo-lo gritando, seu laser detonando. Eu pensei que ele os tinha matado, mas então ele parou de gritar e o riso voltou...

Querendo confortá-la, Maverk estendeu a mão e tocou-lhe.

— Moça...

— Não, você quis saber e agora vai saber! Quando o capitão se foi, os homens olharam para mim como líder. — Chorando, em desespero, ela torcia as mãos, os nós dos dedos estavam brancos. — O que eles pensavam? Que por que sou mulher poderia saber o que fazer com essas crianças? Estes bebês?

Balançando a perna sobre o banco, Maverk caiu de joelhos ao lado dela, repousando a mão sobre sua coxa.

— Eu sinto muito...

Levantando-se, ela se afastou antes de girar para enfrentá-lo, e ele ficou chocado com a brancura de sua pele, os olhos ardendo de tormento interior.

— Eu dei a ordem errada, Maverk! Foi por minha causa que tantos morreram naquele dia!

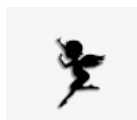
— Não. — Ele deu um saltou. — Você não pode culpar a si mesma.

— Você não sabe! — Ela jogou os braços. — Você não estava lá!

—Eu sei o que aconteceu. — De repente, com medo que ele a empurrasse longe demais, vendo a sua influência, ele pisou para frente. —Está tudo bem.

—Tudo bem? — Ela estendeu uma mão para se equilibrar, como se o mundo inclinasse sob seus pés. —Deus perdoe-me, como pode estar tudo bem?

Pulando para frente, Maverk a pegou enquanto ela caía.



Sarcen sorriu tranquilizador para o comerciante gigante, que olhava ansiosamente através do quarto para ele.

—Ela desmaiou, foi uma combinação da doença recente e estresse.

—Graças a Deus. Temi que lhe tivesse causado muito dano.

—Reya é mais forte do que pensa. Você fez mais bem do que mal, fazendo-a enfrentar seus problemas. Onde ela está preocupada, é melhor ir com sua intuição. Basta tratá-la com cuidado e ela vai ficar bem.

Maverk entrou no quarto em silêncio, seus olhos sobre a figura esbelta deitada de costas na cama, ela estava com o rosto voltado para a parede, um braço dobrado, descansando em sua cintura, o outro braço no travesseiro acima sua cabeça.

Temendo seu desprezo e ódio, ela não conseguia olhar para ele.

—Não sinto que você tenha que vir aqui e ver-me.

—Como é?

—Você ouviu. Você teve o que queria, então, agora pode ir.

Em pé ao lado da cama, ele olhou para ela.

—Você realmente acha que é o que vou fazer?

—Eu sei disso.

—Sabe o que penso?

Ela ficou tensa, esperando as palavras duras, as acusações cuspidas, o ódio... a quebra de seu coração.

—Diga-me, bonito. Tenho certeza que você não pode esperar.

—Eu não posso acreditar que você se atreva a pensar que eu iria virar a costa para você.

Lentamente, ela virou a cabeça para olhar para ele. As palavras foram rudes, mas não havia nada além de amor e preocupação nos olhos castanhos.

—Maverk?

O colchão afundou com o seu peso quando sentou-se, e inclinando-se sobre ela, ele apoiou os braços aos lados de sua cintura.

—Realmente acha que eu deixaria de amar você, moça? Você me conhece tão pouco?

—Eu... O que eu fiz...

—Não faz nenhuma diferença.

—Como pode não fazer?

Deslizando as mãos por baixo dela em sua cintura, ele enroscou os dedos juntos.

—Você fez o que tinha que fazer. Já é tempo de aceitar e seguir em frente.

Ele a amava. Ele sabia o seu segredo sórdido e ainda a amava. Lágrimas de alegria e alívio misturados enchiam seus olhos.

—Ei, agora, sem mais lágrimas, já é tempo de olhar para o futuro, moça. Um futuro comigo.

—Eu não sei...

—Por favor, explique o comentário.

—Eu... eu nunca pensei que você ainda me quisesse.

—Errado de novo. Eu nunca vou deixar você ir. — Ele se inclinou mais perto, o seu olhar era firme e amoroso. —Você me pertence, Reya. Para sempre.

Uma lágrima brilhante rolou sobre o seu rosto liso, e ele beijou-a antes ir para os lábios dela em um beijo suave.

Depois de um curto espaço de tempo ele levantou a cabeça para sorrir para ela.

—Quando você estiver bem, vai ser minha esposa.

—Esposa?

—Não se atreva a me insultar parecendo tão surpresa, ou vou esquecer que não está bem e lidar com você do jeito que ameacei recentemente. — As palavras foram desmentidas pelo tom de diversão em seus olhos.

Passando os olhos para suas mãos unidas, ela limpou sua garganta.

—Tem certeza que deseja se casar comigo? Eu não sou uma mulher fácil.

—Você não seria Reya se fosse de outra maneira. — Os olhos castanhos brilharam. —Eu vou domar você, não se preocupe.

Um riso, pequeno e frágil brindou essas palavras.

—Você pode tentar bonitão, mas suas chances são pequenas.

—Eu não iria querer de outra maneira. — Maverk aninhou seu rosto. —Mas há várias coisas em que insisto.

—Mmm? — Ela arqueou seu pescoço, enquanto os lábios dele buscavam pressionar beijos suaves em sua garganta.

—Quero você viva comigo em Daamen, desista de ser mercenária, para tornar-se uma esposa e mãe em seu lugar.

—Você acha que, depois de tudo que fiz que seria uma mãe adequada?

—Sim. — Ele beijou a ponta do seu nariz antes de recuar para olhar para ela. —Eu sei disso.

—Eu não tenho certeza. Crianças... não sei se estarei pronta para isso, não depois...

—O que aconteceu não foi culpa sua. Foi uma experiência desumana que deu errado.

—As pessoas fazem coisas estranhas para sobreviver.

Seu rosto estava sombrio.

—Não há desculpa para a desumanidade.

Os olhos verdes piscaram.

—Como você pode professar amar e aceitar-me quando o que fiz foi tão desumano?

—Você não tinha escolha, fez o que tinha que fazer para sobreviver. A tribo de Isham fez uma escolha deliberada. Não há comparação.

A expressão preocupada cruzou o seu rosto.

—Eu acho que existe.

—Não tanto quanto estou preocupado. Eu te amo, Reya, e a conheço melhor do que pensa. Agora, sem mais argumentos. Vamos nos casar em Daamen quando você estiver completamente recuperada, mas me recuso a esperar muito tempo.

—Está se transformando em um ditador, bonitão. — A centelha de diversão iluminou seus olhos. —Não posso prometer obedecer, você sabe. *Eu sou* uma guerreira, afinal.

—Eu não espero que obedeça. O casamento é uma parceria, moça. Partes iguais, digo iguais, sem exceção, — seus olhos começaram a cintilar — Exceto quando estou certo.

—Ou eu estou.

—Feiticeira.

—Espero que não se arrependa. — Ela ficou séria, mais uma vez.

—Nunca. — A promessa foi feita com segurança.

—Há uma coisa que eu pediria. — Reya apertou a mão de Maverk.

—Sim, meu amor?

—Leve-me para casa. Há pessoas que amo e que preciso ver.

Capítulo 30

Reya observava nervosamente através da vigia, como o planeta Daamen se aproximava.

Sempre sensível aos seus humores, Maverk deslizou o braço em volta dos ombros e apertou levemente.

—Tudo bem, moça?

—Sim.

—Estou aqui por você.

Ela sorriu para ele.

—Eu sei.

Estudando o seu perfil enquanto ela voltava a sua atenção para a cena fora da vigia, Maverk pensou na semana passada. Eles ficaram mais unidos do que já tinham estado e não apenas fisicamente. Todas as noites eles fizeram amor, foi mais do que ele sempre sonhou, assim era o seu tempo juntos quando eles conversavam e riam e argumentavam sobre tantos assuntos diferentes. Outras vezes, eles simplesmente sentavam calmamente juntos, cada um perdidos em seus próprios pensamentos, felizes e contentes. Ele sabia que demoraria um longo tempo antes que ela pudesse aceitar o passado e colocá-lo para trás, mas ele se contentou em apoiá-la, amá-la e estar lá para apertá-la contra ele quando acordava dos pesadelos.

Sim, seu tempo juntos tinha sido mágico, mas agora era tempo para ela familiarizar com suas irmãs guerreiras de ambos, de Daamen e Comll, e tomar as rédeas mais uma vez como co-regente das Reekas com Tenia.

—Eu me pergunto como está Dana — Reya murmurou, observando os mares e rios de Daamen tomarem forma de cobra em todo o planalto.

—Eu me pergunto como está Garret — foi a resposta seca de Maverk.

—Ele tem sentimentos por ela. É óbvio que ela não corresponde.

—Você não me queria, lembra? — Sorrindo, ele escorregou a mão para baixo do ombro para deslizar até seu seio, invadindo o seu colete de couro.

—Maverk! — Agarrando sua mão, ela olhou em volta rapidamente.

—Não há ninguém aqui. Por que, moça, você está com este rosto bonito ruborizado?

—Maldição, você vai parar?

—Não. — Ele pegou o outro seio com a mão livre.

Ela agarrou as duas mãos errantes, com a intenção de mantê-las afastadas, tentando manter um olho na porta para a cabine de comando.

—Se você não parar com isso, bonitão, darei lhe uma tosquiada nos ouvidos, que eles vão ficar tilintando durante uma semana.

—É mesmo? — Agarrando-a pela cintura, ele a puxou para seu colo.

—Ponha-me no chão!

—Um beijo é o preço, docinho.

Todos os pensamentos de protesto fugiram quando os lábios quentes dele capturaram os seus, moldando o formato de sua boca, sua língua que procurava a entrada, saboreando a doçura quente.

Uma voz divertida invadiu sua paixão cheia de neblina.

—Chegamos.

Kiile! Com as bochechas queimando, ela saltou do colo de Maverk.

—Alguém já informou que você tem um sincronismo ruim? — Maverk falou preguiçosamente, se levantando.

—Tenho certeza que você vai fazer isso — foi a resposta risonha.

Reya respirou fundo.

—Nós chegamos?

—Isso é correto. — Kiile sorriu para ela.

Maverk ficou ao lado dela.

—Vamos, moça. Sua irmã está aguardando ansiosamente este dia.

—É um dia que nunca esperei ver.

—Então, conte suas bênçãos.

Aprumando seus ombros, ela saiu da nave espacial para o sol e sentiu o beijo quente sobre seus ombros. Ar limpo e fresco fluiu sobre ela e o som dos insetos cantando adicionava a uma atmosfera de paz e harmonia. No entanto, sua atenção foi rapidamente desviada para o povo que esperava a poucos metros de distância.

Ela olhou para uma mulher em particular. Longos cabelos dourados pendurados por cima do ombro em uma trança grossa e profundos olhos violeta que se arregalavam de prazer.

—Reya! — Tenia correu para frente e lançou os braços ao redor dela. —Finalmente!

Abraçando-a perto, os olhos de Reya doíam com o espinho das lágrimas e um nódulo alojado em sua garganta.

—Olá, irmãzinha.

Puxando para trás, Tenia tocou seu rosto com uma mistura de felicidade e preocupação.

—Nós ouvimos que você esteve doente, mas que teve uma boa recuperação. Como se sente? Não é muito cedo para você? Maverk, ela está bem o suficiente? Talvez você deva levar...

—Eu não preciso disso, mas talvez eu devesse perguntar a mesma coisa de você?

Radiante, Tenia colocou uma mão em seu abdômen inchado.

—Eu estou bem, melhor ainda agora, que você está aqui.

A culpa comeu através dela. *Se não fosse por Maverk, não estaria aqui.*

—Antes tarde do que nunca, moça. —Dando um passo à frente, Maverk abraçou a jovem Reeka afetosamente. —Eu confio que Darvk tratou você gentilmente, hein?

—Talvez você deva perguntar-lhe sobre mim — o gigante de cabelos escuros ao lado de Tenia sugeriu secamente. —Agora dificilmente há lugar para mim em nossa cama, com o ventre que minha moça tem.

—Eu acredito que você desempenhou um papel importante neste processo. — Maverk sorriu.

—Ele certamente o fez e vendo que ele não tem esse peso ao redor, não tem motivo para reclamar, — Tenia riu.

—Ela é uma mulher difícil, a sua irmã. — Darvk se adiantou e deu um abraço em Reya.

Ela voltou-se brevemente, desconfortável entre o calor e felicidade ao seu redor, não era uma parte dela.

Darvk notou a rigidez, mas apenas disse:

— Bem-vinda a casa, irmã. Naturalmente, vai ficar com a gente. Nossa casa é sua casa.

—Obrigada.

—Reya!

Ela se virou para ver uma guerreira alta, de cabelos negros correndo em direção a ela. Era Connie, a Reeka que tinha cuidado dela e de Tenia tão amorosamente durante os anos após a morte de sua mãe.

Connie abraçou-a ferozmente.

—Irmãzinha! Finalmente, você está em casa! — Colocando as mãos sobre os ombros da guerreira mais jovem, ela abraçou-a e estudou seu rosto. —Você perdeu peso. Você está totalmente recuperada de sua doença?

Obviamente Maverk não tinha revelado os motivos da sua doença, ela encheu o seu alívio com culpa. *Elas teriam seu tempo juntas para ser preenchido com segredos de sua família? Era justo envolvê-la em uma teia de mentiras?*

—Reya? — Os olhos de Connie arregalaram.

—Claro, Connie. — Reya forçou um sorriso nos lábios, com anos de habilidade para manter seus pensamentos ocultos.

—Foi uma longa jornada. — Maverk estava logo atrás dela e colocou uma mão sobre o ombro. —Que tomou seu pequeno pedágio.

—Eu estou bem. Não se preocupe Maverk.

—Alguém tem que se preocupar. — Ele sorriu, escondendo a sua perplexidade diante da tensão que sentia em seu corpo. *O que estava errado?*

—Ele está certo, — disse Connie. —Tenia, nós devemos entrar.

—Claro. — Tomando o braço de Reya, Tenia puxou-a para perto e começou a voltar em direção ao grande assentamento.

Connie caminhava no outro lado Reya, elas conversaram entre si, enquanto caminhavam.

Darvk caminhava ao lado Maverk e Kiile.

—Como ela está realmente?

—Tudo bem agora.

—Agora?

—É complicado. Ela tinha uma razão para sair, um engano. Gostaria que lhe dissesse e a Tênia, ela mesma, é o seu segredo, só ela deve contar.

—Ah. Você sabe o que é, hein?

—Sim.

—Eu vejo. — O comerciante de cabelos escuros estudou Maverk. —E como você vai com minha cunhada?

Dentes brancos brilharam em um sorriso.

—Vamos nos casar aqui.

—Casar? Como você conseguiu convencê-la?

Maverk encolheu os ombros com uma indiferença fingida.

—Como ela poderia resistir a mim?

—Ela tentou — Kiile assinalou secamente. —Ela esteve mordendo um pouco, Darvk. Não foi uma conquista fácil.

—Eu posso imaginar!

—Não, não foi fácil, mas valeu a pena o trabalho duro, amigos.

—Ganhar essas guerreiras nunca é fácil. — Darvk assentiu. — Mas eu concordo, elas valem à pena. — Seu olhar voltou para Tenia, observando-a carinhosamente enquanto ela caminhava lentamente ao lado da irmã, a trança dourada brilhando ao sol. —Elas realmente valem à pena.

—Morgan está longe? — Kiile indicou Connie. —Eu não imaginei que ele poderia deixar sua esposa e filho tão cedo.

—Ele retorna dentro de uma semana. — O sorriso de Darvk tinha um toque triste. —Eu não sei por que, mas o casamento com estas moças parece manter-nos perto de casa.

—O casamento faz isso com um homem, — Kiile concordou. — Mas nunca esqueçam que elas são guerreiras, meus amigos. Vocês não podem tirar isso delas.

Ele riu suavemente.

—Como se pudéssemos! Tenia ainda estava praticando esgrima até um mês atrás. Connie retornou à prática dentro de uma semana após o parto. Morgan atingiu o telhado, exigindo que descansasse, mas ela apenas entregou o bebê para ele e saiu para praticar com Dana.

—O que me lembra, — disse Maverk curiosidade. —Ela e Garret estão aqui? Estou surpreso que ela não tenha aparecido para cumprimentar Reya.

—Eles ainda estão em discussão na sala de jantar, eu aposto. Ele insiste que ela descanse o seu tornozelo e ela ameaça lhe fazer danos físicos.

—Nada mudou, então. E seu tornozelo ainda não está curado?

—Devido a ter sido danificado por diversas vezes, o médico diz que só um repouso prolongado irá curá-lo, embora ele nunca vá ficar cem por cento forte novamente.

—Não é bom.

—Não é tão ruim. Ela ainda vai ser capaz de correr e caminhar, mas sem nenhuma luta dura e estresse, senão volta a ficar machucado.

Eles chegaram a um prédio de dois andares, a construção de pedra branca, com grandes janelas em arco e uma varanda circundando por todos os lados. Trepadeiras de jasmim preguiçosamente se arrastavam até os pilares de pedra branca, seu perfume enchendo o ar.

Movendo-se ao lado de Tenia, Darvk passou o braço em volta dos seus ombros.

—Entrem meus amigos. Estejam em casa.

Olhando ao redor, Reya viu que era como se lembrava. Pinturas e tapeçarias penduradas nas paredes de pedra, tapetes sobre a cerâmica branca acrescentava toques de cor ao piso. Mobiliário de madeira escura e confortável, macias almofadas foram aconchegantemente colocadas sobre a sala e vasos de flores estavam elegantemente em pedestais nos cantos.

Dois gatos pretos piscavam preguiçosamente para os convidados da poltrona em que aninhavam.

—Apresento nossos amigos de Saalm. — Curvando-se com alguma dificuldade, Tenia acariciou amorosamente os gatos.

Vendo o contentamento e felicidade de sua irmã, Reya estava satisfeita e perguntou se os seus pesadelos iriam deixá-la tempo suficiente para obter a mesma felicidade que Tenia tinha encontrado.

Escovando os lábios em sua têmpora, Maverk sussurrou em seus ouvidos,

— Está tudo bem, meu amor. Não se preocupe assim.

—Você está tão confiante. — Ela olhou para ele, com desesperança em seus olhos.

—Eu estou. — Ele passou o braço em volta da sua cintura.

Darvk sorriu para o rosto assustado de Tenia.

—Eles vão se casar, moça.

—Sério? Isso é maravilhoso!

Connie riu.

—Eu estava começando a me perguntar se Maverk não estava perseguindo você em vão, irmãzinha!

—Ela não pode resistir ao meu charme.

Kiile revirou os olhos.

—Eu simplesmente não posso esperar para ver o rosto de Dana quando ela souber. — Darvk gargalhou.

—É melhor eu dizer a ela — disse Reya. —Onde ela está?

—Lá vem ela agora — Tenia inclinou a cabeça. —Ouçam.

O som de vozes se ouvia, discutindo e chegando mais perto.

—Ainda discutindo. — Darvk sorriu. —Eles não fizeram mais nada desde que chegaram.

—Sério? — Kiile ergueu as sobrancelhas.

—Sim. Na verdade, Dana argumenta e Garret simplesmente deixa passar.

O som da voz aquecida de Dana estava mais clara.

—Você é um completo idiota! Se eu quiser dar uma caminhada, eu vou!

—Eu nunca disse que não podia — foi a resposta. —Eu disse que ia acompanhá-la, caso você fique cansada.

—Desde quando eu me canso?

—Na semana passada você tolamente caiu e uma das crianças teve que vir me chamar.

—O pequeno sapo sorrateiro! Então foi assim que você apareceu tão rápido!

—Sorte sua que cheguei rápido. Seu tornozelo estava pulsando tão...

—Uma dor leve, isso era tudo.

—Você não podia se afirmar nele, meu doce. Eu tive que carregá-la, lembra?

—Eu não sou seu doce! Eu tenho um nome, use-o!

—Ah, e é música para meus ouvidos. Dana...

—Tenia! — Dana entrou mancando na sala. —Por amor as primas, me salva — Reya! — Seus olhos se arregalaram em descrença e prazer. —Você está aqui!

Correndo para o lado dela, Reya enrolou um braço em volta da sua cintura.

—Sim, estou. Você devia estar sentada.

—Você também, não! Você chegou agora e já está começando a soar como eles!

Garret moveu-se para ser visto por trás dela, com um olhar alegre.

—Ela não concorda com os médicos.

—Eles são idiotas. — O olhar de Dana se estreitou em Kiile. —O que você está fazendo aqui?

Kiile deu um pequeno arco.

—Estou aqui em uma visita curta.

—Não curta o suficiente.

Sentindo o olhar de Maverk sobre ela, Reya deu um suspiro mental e decidiu que era hora de informar Dana dos recentes eventos, até certo ponto, de qualquer maneira. Ela não ia mencionar as crianças. Ela falou baixinho em seu ouvido.

Dana olhou para ela com curiosidade, em seguida, deu de ombros.

—Claro. Podemos ir conversar na cozinha. Se isso está certo para você, Tenia?

—Certamente. O resto de nós estará muito confortável aqui.

Reya ajudou Dana a sair da sala.

Todos esperavam ansiosamente, vários minutos se passaram, em seguida, eles ouviram o grito descrente de Dana.

—Você o quê? Você vai se casar com *Maverk*? Inferno sangrento!

—Sou, obviamente, uma adição bem-vinda à família. — *Maverk* sorriu.



O som da noite, folhas e insetos soavam suavemente com a brisa que sussurrava em torno das estátuas de Karana e Vulya. Eles estavam no jardim principal de Daamen, como um testemunho silencioso dos erros cometidos contra as Reeka e do triunfo do amor verdadeiro.

Ao pé da estátua de seus pais, Reya lentamente acariciou os nomes dos mortos, mulheres, homens e crianças, que foram gravados na base da pedra e seus olhos foram atraídos para o lema das guerreiras Reeka: *Liberdade ou Morte*.

—Nós temos a nossa liberdade, mãe, mas a morte nunca mais parou. — Ela olhou para as belas feições congeladas de Karana. —Eu tenho que ir.

Das sombras de uma árvore próxima, *Maverk* observava em silêncio. Ele tinha tido a sensação de que ela iria procurar a estátua e estava certo. Ele lembrou agora quando tinha solicitado ao seu amigo artista para pintar o que ele tinha visto naquela noite há muito tempo, quando notou o luar refletir nos cachos vermelhos e lançar uma luz etérea em seu rosto, destacando a tristeza que assombrava os seus olhos.

Voltando um passo, ela inclinou a cabeça para olhar para cima na estátua.

—Honra era uma característica admirável entre nós Reekas, mãe. Eu falhei nisso, mas que honra há no que fiz no passado? Eu escolhi a morte, a destruição e pior, depois que ganhei a liberdade, levei uma guerreira irmã no meu estilo de vida. Se você estivesse aqui e soubesse das atrocidades que cometi, você ainda me amaria? E quanto a você, pai?

Maverk engoliu o nó na garganta, sentindo-se como um intruso neste momento de privacidade, mas incapaz de fazer anunciar a sua presença.

Inclinando um ombro contra a base da estátua, ela olhou para fora sobre as flores, para a escuridão além delas.

—Talvez seja uma bênção que nenhum de vocês esteja aqui, para ver a profundidade que sua filha mais velha caiu. Agora tenho uma chance no amor, com um homem bom, que me ama independentemente do meu passado. Eu me lembro daqueles com quem lutei e matei e pergunto se mereço essa chance. Você acha que é justo, mãe?

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para as feições de seus pais, buscando, mas não encontrando resposta.

Incontáveis minutos se passaram antes que ela se afastasse da estátua com um suspiro e deixou o jardim.

Ela não percebeu Maverk deslizando de volta para a escuridão, para pegar um atalho de volta para a casa.

Dando os passos para a varanda sombreada, ela encostou-se para olhar a noite. Vários minutos se passaram em silêncio antes de uma voz perturbar a tranquilidade.

—Você está em um humor melancólico, moça.

A voz profunda escorria através de seus sentidos como o mel quente.

—Venha sentar ao meu lado neste balanço, — Maverk sugeriu. —Compartilhe alguns momentos de paz com o homem que te ama mais que a própria vida.

As palavras eram um bálsamo para a alma perturbada e ela fez seu caminho em direção à figura. Quando se aproximou, ele estendeu a mão e pegou a mão dela, puxando-a para o lado dele. Sentiu-se segura e acarinhada quando seu braço em volta a puxou apertado contra ele, ele apoiou a bochecha em cima da cabeça dela. Ela relaxou e ele pressionou sua bota contra o piso, ajustando o assento do balanço para balançar suavemente.

—Então, moça, o que busca na solidão? — Sua voz profunda retumbou em seu ouvido.

—Nada.

—Oh? — Uma grande mão corria confortavelmente para cima e para baixo do braço. —Eu sinto que você está com problemas. Você se arrepende de concordar em casar comigo?

—Isso nunca.

—Fico feliz em ouvir. Compartilhe comigo.

Reya suspirou.

—As coisas têm se saído tão bem, certamente, não do jeito que eu esperava. Eu acreditava firmemente que iria viver minha vida como uma mercenária até que...

—Até que fosse morta em batalha. E agora? Você se arrepende de deixar de ser mercenária?

Ela se puxou de volta para ver seu rosto, com um franzir de testa.

—Como você pode perguntar isso?

—Estou apenas preocupado com o que a incomoda. Eu te amo e só queria fazer você feliz.

Ela estendeu a mão e tocou no seu rosto.

Ele cobriu a mão dela com a sua.

—Esta é a primeira vez que você me toca voluntariamente, hoje.

—Mostrar carinho na frente dos outros não é o que estou acostumada. Em privacidade posso mostrar-lhe o meu amor abertamente e de muitas maneiras, mas em público... Sinto muito, Maverk. Eu vou lutar ao lado e para você, ficar orgulhosamente com você contra todos, mas mostrar afeto em público... — Os olhos dela pediam compreensão. —Você é um homem abertamente afetuoso, o completo oposto de mim. Tenho medo...

—Sim? — ele solicitou suavemente.

—É o suficiente para você? Não está em mim andar de mãos dadas, beijar ou qualquer das outras coisas que vejo casais fazendo em público. Não é algo que possa começar a fazer.

—Isso significa que não posso segurar sua mão ou segurar você em meus braços em público?

—Claro que não. Estou me acostumando com isso. Eu só preciso que você entenda que não é uma segunda natureza para eu fazê-lo. Quando você segura minha mão, — ela virou a mão para ligação com os seus dedos, — sinto seu calor, amor e força. Eu não me importo de você mostrar afeição por mim, mas não posso retribuir sempre estes gestos em público. Em particular terei prazer em dar tudo que tenho, mostrar-lhe o meu amor incondicional.

—Então do que você tem medo?

—É suficiente? Eu temo que alguém tão fria casada com alguém tão quente...

—Tais temores são injustificados, meu amor. Pelo contrário, prefiro que exiba o verdadeiro amor em particular, do que todas as falsas manifestações, no universo. Eu sei que você me ama. Não

importa para mim se em público sou eu quem toma sua mão, ou sou eu quem coloca os braços em torno de você.

—Eu vi as outras...

—Eu não vou casar com as outras, vou casar com você. Nosso amor é mútuo e isso é tudo o que sempre quis. — Maverk baixou os lábios para os dela, suave e gentil em primeiro lugar, procurando tranquilizá-la, mas depois sentiu a ascensão do desejo e seu beijo tornou-se mais urgente e devorador. Deslizando os braços em volta dela, ele deitou-se no balanço e puxou-a para baixo, em cima dele.

Ela retornou seus beijos com paixão, suas mãos deslizavam em seus cabelos, se enrolando nos fios louros, segurando-o enquanto tomava posse de seus lábios quentes, vorazmente.

Como sempre, sua resposta de fogo definia seus sentidos latentes e ele pegou suas nádegas em concha e puxou-a firme contra a sua excitação, rosnando,

— Moça, você me deixa selvagem.

—Como você me faz.

—Vamos procurar algum lugar mais privado.

—Onde? Garret vai ficar em sua casa e eu vou ficar aqui. — Acarinhando a sua bochecha, ela abriu o seu colete para descansar a mão dela contra o seu peito, seus dedos traçando as ondas musculosas. —Nós não podemos estar em '*particular*' enquanto somos convidados.

Ele gemeu quando os lábios deixaram um rastro ardente para o lado da garganta.

—Moça, tenha misericórdia!

—Você começou bonito.

—E eu vou terminá-lo, também! — Sentando-se rapidamente, ele pegou-a antes que ela pudesse cair. Em pé, ele balançou-a em seus braços.

—O que você está fazendo?

Piscando-lhe um sorriso, ele caminhou ao longo da varanda.

—Indo para algum lugar privado, com a minha mulher.

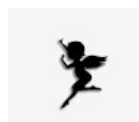
—Sério? Onde?

—Para a minha nave.

—É muito longe? — Ela tocou a ponta da sua língua na sua garganta.

—Feiticeira. — Ele deu passos longos, batendo com as botas na rua. —Eu iria a pé até os confins de Daamen para um momento a sós com você.

—E eu faria valer à pena.



Da janela acima, Tenia assistiu o casal desaparecer na escuridão, um sorriso no rosto.

Virando-se, ela observou Darvk cuidar amorosamente de seu filho recém-nascido em seu berço.

Darvk olhou para ela, seus brilhantes olhos azuis vívidos estavam cheios de amor.

—Você deve descansar moça.

—Eu vou. Eu só precisava esticar as pernas. — Ela encostou-se na parede, as linhas suaves de sua camisola tremulando em volta dos joelhos. —Eu sabia que Maverk amava minha irmã, mas vê-la retribuir esses sentimentos me faz tão feliz.

Depois de esticar as cobertas sobre a criança adormecida, Darvk se endireitou e caminhou até ela, pegando-a nos braços.

—Estou contente por você estar tão feliz, mas me agradaria ainda mais se descansasse. Você deu à luz apenas esta manhã.

—Você está se tornando um homem muito preocupado.

—Eu gosto de me preocupar com você, e agora, com o nosso filho também.

—Oh querido, você é um pai tão amoroso. — Timidamente, ela bateu as pestanas. —Você vai ter tempo para mim, então?

—Feiticeira. — Pegando-a com cuidado, Darvk ninou-a enquanto a levava para a sua cama. —se você não estivesse em recuperação, gostaria de demonstrar meu tempo para você! — Ele deitou-a sobre o colchão e puxou as cobertas até a cintura.

Ela acariciou sua bochecha.

—Esperamos que a recuperação não leve muito tempo.

Ele gemeu.

—Não me atormente!

Tenia riu.

Despojando-se de suas roupas, Darvk deslizou na cama ao lado dela. Deslizando um braço ao redor dela, ele puxou-a para o seu lado, como de costume. Ela se enrolou em seu calor, descansando seu rosto cansado em seu ombro.

—Outra coisa que você faria bem em lembrar, moça, — sua voz ressoou em seu ouvido.

—Mmm?

—Nós, comerciantes Daamen, somos bem conhecidos por pegar as nossas moças.

Ela riu.

—Como me lembro bem!

Ele beijou sua testa, esticou o braço e apagou as luzes, antes de se instalarem, os dois, confortavelmente. Dentro de minutos eles estavam dormindo, quentes e seguros em seu amor, um pelo outro.



Inclinando-se contra a pilastra, Maverk assistiu Reya segurando seu sobrinho e pensou como pacífica ela parecia. Então, ela levantou a cabeça e olhou para ele, e ele viu o tormento em seus olhos.

—Eu vou manchá-lo com meu passado.

—Eu pensei que você tinha aceitado o seu passado e o deixado para trás. — Ele ficou imediatamente alerta para a sua angústia.

—Eu tenho, graças a você, mas temo que vá arruinar o nosso futuro.

—De que maneira? — Atravessando a varanda para sentar-se ao lado dela, no banco do balanço, Maverk pôs a mão sobre o seu joelho.

—Há pessoas que conhecem os segredos do meu passado, as pessoas que estavam lá comigo. Um segredo não é segredo se mais de uma pessoa sabe disso.

—Você tem medo que um dia as suas irmãs guerreiras fiquem sabendo?

Com brilho de lágrimas nos olhos, ela balançou a cabeça.

—Ah, moça, não vou permitir que ninguém a machuque.

—Como você pode pará-lo? Estaremos sempre vivendo com esse segredo sangrento, esperando para ser revelado e separar as nossas vidas.

—Reya...

—E se tivermos filhos? — Ela olhou para seu sobrinho, dormindo confortavelmente em seus braços. —Suas vidas serão despedaçadas.

Em um gesto de conforto, ele esfregou seu joelho.

—Então, talvez, este seja um segredo que deva ser contado.

—Então vou perder Tenia.

—Você vende barato a lealdade de sua irmã mais nova. Você não me perdeu, não é?

—Não, e todos os dias ainda acho difícil de acreditar. Se você tivesse me deixado, eu teria sido destruída.

—Eu nunca deixaria você. — O voto era certo e verdadeiro, com os olhos firmes, ele disse, — Aconteça o que acontecer.

—Quanta fé. — Reya sorriu tristemente para ele.

—O que você me diz, moça? Você revela o seu segredo e levamos o resultado juntos? Ou você deseja ficar em silêncio?

—Estou muito assustada.

—Eu sei. Será sua escolha, o que você escolher, vou ficar do seu lado.

Parecia que, até hoje, aquele dia maldito ainda tinha o poder de destruir seu futuro, mas não teria mais força se não fosse mais um segredo. Se ela perdesse as suas irmãs guerreiras, ainda teria Maverk, o único brilho no inferno escuro do seu tormento. De qualquer maneira, a verdade sairia um dia, talvez. Ela sempre estaria vivendo sob a sombra do medo.

Ele viu o momento em que ela chegou a uma decisão, o aperto de sua mandíbula, a resolução misturada com medo. Ele pegou a mão dela na sua, segura, seu amor por ela brilhando tranquilizador.

Capítulo 31

Curiosamente, Tenia, Darvk, Connie e Dana se perguntavam por que Reya os queria todos juntos.

—Talvez ela e Maverk tenham definido a data do casamento, — Connie sugeriu.

—Onde eles estão afinal? — Dana apoiou o tornozelo doendo no banco diante da poltrona onde estava sentada.

—Eles estão se despedindo de Kiile, enquanto ele se prepara para sair logo. Eles vão voltar a qualquer minuto. — Tenia franziu a testa. —Você já descansou o tornozelo hoje?

—Sim.

—Dizer inverdades não vai torná-lo melhor. Você sabe o que os médicos disseram...

—Não me aborreça. Tenho o suficiente daquele idiota, Garret.

—Ele só tem as melhores intenções no coração. — Darvk riu do surto de raiva em seus olhos.

Antes que Tenia pudesse intervir, a porta se abriu e Reya entrou seguida por Maverk.

—Então, irmã, por que o segredo? — Connie perguntou casualmente.

Mentalmente Reya se encolheu na escolha das palavras.

—O que eu tenho que dizer não é fácil.

—O que vem a ser isso? — Tenia perguntou curiosamente.

Parando diante deles, ela respirou profundamente e apertou as mãos.

—Vocês todos saibam que foi por isso que saí depois que foi concedido o perdão. Tentei acalmar e como vocês sabem, consegui que até um ano atrás e voltei a ser uma mercenária. — Fixando o seu olhar para a pequena mesa à sua frente, Reya traçou o padrão de flor esculpida na superfície. —Dana veio comigo, minha prima querida, algo que eu nunca deveria ter permitido.

—Ei, agora você não venha me dizer isso, — Dana protestou indignada. —Foi a minha própria escolha.

—No entanto, meus demônios são meus. — Reya sorriu com carinho para ela. —Ainda que você fosse uma bênção, irmã. Você esteve ao meu lado em todos os momentos.

Como eu quero ser para sempre, Maverk pensou, tomando um lugar no sofá, para que ela pudesse ver o seu incentivo, caso vacilasse.

—Sim, também. — Dana se moveu desconfortavelmente. —Não vamos ficar piegas.

Reya desviou o olhar para encontrar os olhos de sua irmã.

—Eu tenho feito muitas coisas das quais não estou orgulhosa, coisas que estou tão grata pela mãe não estar aqui para ver.

—Duvido que haja qualquer coisa que tenha feito para fazê-la ter vergonha de você. — Tenia fez menção de levantar e ir para lado de sua irmã.

—Não, fique aí, senão vou perder a coragem e não falar mais do que me perturba.

Darvk pegou a mão de Tenia e apertou-a suavemente, dizendo,

— Fala, irmã. Nós não vamos interromper.

Endireitando os ombros, Reya contou sua história, o começo de seu pesadelo, que começou quando ela tinha dezessete anos e eles ouviram encantados. Uma lágrima perdida estava presente em sua bochecha, enquanto ela se aproximava do fim, uma lágrima que também estava presente nos rostos das guerreiras irmãs.

—As crianças vieram sobre as dunas. — Ela vacilou. —Eu dei a ordem, a ordem errada... — A garganta engolindo convulsivamente, ela cerrou os punhos e girou para ficar com a cabeça baixa, incapaz de terminar.

Doce Deus, ela deve terminar! Deve se desfazer desse segredo amaldiçoado! Em seguida, felizmente, ouviu Maverk continuar com a história.

—Reya tem vivido com o medo que as Reekas a rejeitem se souberem a verdade.

—Por quê? — Tenia estava indignada. —Crianças causando dor? Sendo mercenários? Claro que não!

—Você não entende. — Reya virou para enfrentá-los. —Foi a ordem que dei naquele dia, os assassinatos cometidos.

—Eu não entendo. — Connie franziu o cenho. —Que ordem foi essa?

Vendo sua angústia, Maverk falou novamente.

—Ela deu a ordem para correrem. Aqueles deixados para trás, morreram nas mãos das crianças.

Um rugido encheu nos ouvidos de Reya e ela balançou. *Não, não! Estava errado, muito errado! Não era a verdade!*

Ela tornou-se ciente de gritos distantes de alarme, em seguida, o rosto preocupado de Maverk encheu a sua visão, com as mãos firmando-a.

—Reya? O que está errado? Você está doente?

—Irmã... — Tenia estendeu a mão para ela, mas Reya afastou-se deles.

Quando Maverk estava se movendo na direção dela, ela ergueu as mãos, com os olhos brilhando.

—O que você disse? Sobre as minhas ordens?

Ele franziu a testa, com perplexidade e preocupação.

—Que você ordenou para os homens fugirem, que só os mais rápidos sobreviveram. Você não superou o fato de que teve que deixar alguns deles para trás.

As palavras bateram em seu cérebro selvagemmente.

—Quem lhe disse isso? Eu não.

—O povo do deserto, disse que somente aqueles ligeiros com os pés sobreviveram naquele dia. — Preocupadamente ele a observava, vendo seu desespero escuro. —Nenhum corpo foi encontrado. As crianças, obviamente, levaram aqueles deixados para trás para sua caverna abaixo do solo. Reya, eu não entendo...

—Não, você não! — Ela enfrentou-os, sentindo que seu coração estava aos pulos. —Não foi isso o que aconteceu. Eu gostaria que fosse. Eu gostaria de ter sido deixada para trás!

—Como você pode dizer isso? — Tenia clamou, irritada com o comportamento estranho de sua irmã. —O que aconteceu?

Reya varreu o braço para fora em um arco largo, com os olhos selvagens em Maverk.

—Você não sabe por que Ira procurou se vingar de mim? Por que ele teve tanto trabalho de me prender?

—Porque você foi embora, é claro.

—Nos afastamos por causa das minhas ordens e elas não incluíam a ordem de correr!

Um súbito clarão de compreensão passou no seu rosto, um entendimento horrorizado, que viu repetido no rosto dos outros ocupantes da sala.

—Eu dei a ordem de atirar para matar. — quebrando a compostura, ela gritou: — As crianças que escaparam procuraram se vingar de mim! Eu dei a ordem para matar as crianças!

Cada rosto na sala ficou sem cor e ela viu o choque e a negação horrorizada em seus olhos.

Era o seu pesadelo se tornando realidade.

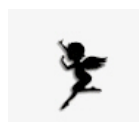
—Reya, não! — A repulsa enchia a voz de Tenia.

—Você mandou matar? — O nojo era evidente nos traços tensos de Maverk.

Tudo tinha dado errado, muito errado. O homem pensou que sabia o seu segredo, que ainda a aceitaria e amaria de qualquer maneira, não sabia de nada, depois de tudo. Ele estava tão chocado e revoltado, como Darvk, Tenia e suas irmãs guerreiras.

O poço escuro da insanidade se abriu e ela sabia que cairia se pisasse perigosamente perto da borda do mesmo. *Mas não aqui... não aqui. Se fosse enlouquecer, que fosse onde ela, uma assassina, pertencia.*

Girando sobre os calcanhares, saiu rapidamente da sala, deixando um silêncio atordoado atrás dela. Uma vez que a porta se fechou, correu pela casa, descendo as escadas e saiu para as ruas escuras, deixou as janelas calorosamente iluminadas para trás, onde as famílias felizes e as pessoas contentes moravam, ela não parou até ter deixado o assentamento.



Kiile cantarolava alegremente. Seus amigos estavam felizes e se estabeleceram, ele estava a caminho de casa com sua equipe. Ele poderia, mais uma vez, retomar a tarefa de descobrir quem estava por trás das muitas tentativas contra a sua vida no ano passado. Além disso, até que ele resolvesse o mistério, não havia nenhum jeito dele poder encontrar uma companheira.

Desejando boa noite ao seu piloto, ele deixou a cabine de controle e desceu o corredor para a sua própria cabine. Entrando, ele fechou a porta e acendeu a luz. Então parou e olhou com espanto.

Uma figura encostada na parede, os braços cruzados, olhando para ele com olhos como pedaços de gelo.

—Reya? O que você está fazendo aqui?

—Indo embora.

—Indo embora? Onde está Maverk?

—Acabou. — As palavras eram duras, o tom do gelo raspando toda a lâmina de uma serra.

—Mas como...

—Vamos apenas dizer que alguns segredos são melhores mantidos.

—Espere um minuto, do que você está falando? Pensei que Maverk soubesse o seu segredo?

—Assim o fez. — Seu riso era curto e duro. —Surpresa, surpresa. Acontece que ele não o sabia.

Desvanecendo a surpresa, ele conseguiu dar seu primeiro olhar real para ela e encheu-o de pressentimento.

Sim, a fachada de gelo estava presente, tudo bem, mas havia uma diferença, uma que um Argon poderia sentir facilmente. A guerreira de gelo estava em perigo de desmoronamento em um milhão de cacos. Ele podia ver nas profundezas geladas dos seus olhos assombrados, a fragilidade de seu sorriso leve e zombeteiro.

Se Maverk pudesse vê-la agora, ele estaria tão preocupado quanto Kiile estava.

—Talvez devêssemos sentar e discutir isso. — Ele fez um gesto para as duas poltronas em frente à cama.

—Não há nada para discutir.

Sentado, apoiou os cotovelos nos braços da cadeira e cruzou os dedos.

—Acho que o seu segredo não foi aceito da forma como você esperava?

—Correto, Argon.

—Não me chame assim. Você é minha amiga, Reya, chame-me pelo meu nome.

—Amiga? Perdi a minha família e o homem que amo. Eu não tenho nenhuma dúvida de que também perdi os poucos amigos que tinha.

Estudando-a, correu os dois dedos indicadores em todo o lábio inferior, antes de inclinar a cabeça ligeiramente para o lado.

—Eu duvido disso.

—Não presuma duvidar de nada.

—Muito bem, diga-me o seu segredo e permita-me julgar por mim mesmo.

A guerreira ficou tão imóvel que poderia ter sido esculpida em pedra.

—Dizer a você?

—Por que não? — Preguiçosamente, ele esticou as pernas e cruzou os tornozelos. —O que você tem a perder?

—O que, na verdade?

Ela fechou os olhos, sem vacilar e vários minutos se passaram.

Finalmente, sem quebrar o contato visual, Reya disse sem rodeios:

— Os filhos do povo do deserto, o que você sabe deles?

—É claro. Fomos informados de seus canibais e suas formas de tortura.

—Eles buscavam se vingar de mim por que dei as ordens, três anos atrás, quando os enfrentamos. Minhas ordens eram para os mercenários que estavam comigo, atirar para matar. As crianças fugiram depois de uma briga selvagem... ou melhor, os sobreviventes fugiram.

Kiile teve o cuidado de manter o rosto inexpressivo para a guerreira, enquanto ele digeria a surpreendente informação. Tão rapidamente como choque veio, a compaixão se levantou, mas ele não revelou.

—Eu vejo. E você diz que por causa disso, sua família e Maverk abandonaram você?

—E você não?

—Será?

—Eu não sei. Você faria Argon?

—Chame-me de Kiile. Todos os meus amigos o fazem.

Um lampejo de gratidão brilhou brevemente em seu olhar, em seguida, desapareceu.

—Eu agradeço a você, Kiile.

—Não há necessidade. Agora me diga, por que você acha que aqueles que a amam se voltaram contra você.

Pela primeira vez, ela desviou o olhar, trocando o seu olhar para a vigia, para olhar através dela para o infinito espaço.

—Eu vi o nojo e a repulsa quando ouviram que eu era uma assassina de crianças.

—Eles disseram isso?

—Não havia necessidade, sei o que vi.

—Você poderia ter se enganado. Eu não posso acreditar...

—Não há engano. — Seu olhar voltou para ele. —Quero que você me deixe em Visa.

—Por que lá?

—Isso é assunto meu.

—É um erro — afirmou calmamente. —Por que não volta para Daamen comigo e dê-lhes uma chance de...

—Não. O que está feito, está feito e não há volta.

Seus ouvidos aguçados pegaram a fragmentação em sua voz.

—Pelo menos retorne à Argon comigo e pense sobre isso tudo.

—E assim você poderá entrar em contato com Daamen? Não. Leve-me para Visa.

—E se eu escolher não levá-la?

—Se você é realmente meu amigo, você fará o que pedi.

—Eu sou seu amigo e duvido seriamente que esteja pensando claramente.

—Então você não vai me ajudar.

—Eu quero o melhor para você, pelo menos venha para Argon. De lá... — Ele estendeu a mão — a decisão é sua.

Ele olhou para ela, desejando saber o que ela estava pensando por trás de sua expressão inescrutável.

—Muito bem, vou voltar para Argon com você. Com uma condição.

—Fale.

—Você não entrará em contato com minha família ou qualquer outra pessoa.

—Feito. — Escondendo seu alívio, Kiile ficou de pé. —Você pode dormir na cabine que usou antes. Trouxe qualquer coisa com você?

—Não. As circunstâncias foram um pouco... apressadas.

Vê-la sair de sua cabine para buscar a sua própria, ele perguntou-se ela conseguiria chegar a Argon antes que o seu frio gelo quebrasse.



—Pobre Reya! — Tenia quebrou o silêncio atordoado.

—Meu Deus, de modo que, esse era o segredo que rasgava a sua própria alma. — O nojo de si mesmo era evidente nos olhos de Maverk. —Eu deveria ter adivinhado que ele era pior do que aquilo que eu acreditava! Como eu pude ser tão cego?

—Ela se culpava todo esse tempo — Connie sussurrou. —Ela fez o que tinha que fazer no momento, para sobreviver e nunca perdoou a si mesma.

A repulsa era clara na voz de Tenia.

—Aqueles cientistas sangrentos! Eles fizeram a minha irmã ficar tão assombrada!

—Não é à toa que ela estivesse tão desconfortável em torno das crianças. — Dana arrastou uma mão distraidamente através de seu cabelo. —Ela pensou estar contaminada.

Maverk começou a falar

— Ela temia manchar aqueles que amavam e tocavam.

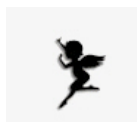
—Eles eram crianças apenas na idade. — Tenia levantou-se com determinação. —Mas por trás, eles eram cruéis assassinos, muito mais velhos que seus anos. Ela devia ter percebido isso.

—E sabemos que amar e cuidar dela não muda nada — acrescentou Connie.

—É melhor encontrá-la — disse Darvk preocupado. —Pela expressão no rosto dela, eu diria que pensa o pior.

—Reya! — Maverk disparou para a porta, abriu-a e freneticamente correu pelo corredor.

Ele estava vazio. Demorou poucos minutos para descobrir que ela tinha deixado a casa e, de madrugada, eles enfrentaram a dura verdade. Não havia nenhum vestígio de Reya. Ela havia fugido.



Quando a nave desembarcou em Argon, Reya permitiu que Kiile lhe oferecesse um dos apartamentos de hóspedes, mas logo depois que ele se foi, ela saiu do prédio e fez seu caminho para as docas de aterrissagem, ao abrigo de escuridão.

Kiile estava sentado pensando nela quando Marten irrompeu pela porta.

—Reya tomou uma embarcação da frota.

—O quê? — Ele saltou sobre seus pés. —Não, maldição! Você a tem no radar?

—Ela já está fora de alcance.

—Inferno! Por que ela não podia ter esperado? Ela não está em condições de ficar sozinha!

Marten viu o ritmo do seu líder no quarto, com frustração.

—Você entrou em contato com Maverk para avisá-lo que ela estava aqui?

Marten assentiu.

—Sim. Ele já está a caminho e vai chegar amanhã à noite.

Retomando o seu lugar, Kiile suspirou.

—Eu acho que é melhor eu contatá-lo com as más notícias.

—Ele pode pegá-la mais rápido em um das naves da nossa frota.

—Bem pensado. Vamos deixá-lo saber.

—Você acha que o comerciante sabe onde encontrá-la?

—Ele a conhece melhor do que ninguém e encontrou-a várias vezes. Ele é sua única esperança e rezo para ele encontrá-la antes que seja tarde demais.



Maverk socou o punho para baixo no braço da cadeira da cabine de comando.

—A maldita me fez de bobo! Isto é tudo minha culpa!

—O que você quer dizer?

—Eu deveria ter sido mais rápido para consolar Reya. Como ela poderia pensar que eu deixaria de amá-la?

—Pela mesma razão que ela pensa o mesmo de todos nós — disse Darvk. —Esta é uma escuridão que ela mantém trancada dentro si e está fora de controle. Não se culpe.

—É um fardo muito pesado para uma moça carregar sozinha.

Um mapa da galáxia surgiu na tela.

—Onde é que vamos iniciar a busca?

—Eu não sei. — Maverk olhou com frustração para a tela por vários minutos, em seguida, seu olhar se estreitou. —Ela acredita que é uma assassina, que ninguém se importa com ela. O Setor Outlaw é para onde ela foi.

—Faz sentido. Começaremos nossa busca lá.

—E a Tenia e o menino?

—Eles estão seguros em Daamen. — Darvk sorriu levemente para o seu amigo. —Você estava lá quando discutimos. Eu só ganhei contra ela nos acompanhar por causa do bebê.

—Você deveria estar com eles. Ela precisa de você agora.

—Reya é minha cunhada e isso faz dela a minha preocupação.

—Eu não discuto isso, mas isso pode levar algum tempo. Ela é muito eficiente em esconder seus rastros.

Darvk sorriu melancolicamente.

—Com certeza, eu particularmente não gostaria de estar afastado de Tenia e nosso filho agora, mas eles estão seguros e bem. Reya não está. Tenia sabe disso e nós concordamos.

—Não posso permitir...

—Se depois de um mês, nós não a encontrarmos, vou voltar para Daamen para visitar minha família, então recomeçar a busca.

Maverk ainda parecia duvidoso.

Darvk sorriu.

—Eu ou Tenia, Dana e Connie. Você sabe se eu voltar para simplesmente esperar, as três pegarão uma nave e farão a busca.

Sim, isso era verdade.

—Muito bem.

—Bom, está resolvido. Agora, onde é que vamos tentar primeiro?

Para onde iria? Onde é que ela procuraria abrigo? Ou, ele ficou frio, pior? Um rosto belicoso lhe veio à mente, olhos azuis, e Maverk soube imediatamente.

—Urion.

Sem questionar a severidade repentina no rosto de seu amigo, Darvk definiu as coordenadas.

—Nós vamos estar lá em uma semana e meia.

Maverk levantou-se, hesitou e depois disse:

— Eu lhe agradeço, Darvk. — Ele se virou e saiu da cabine sem outra palavra.

Sentando na cadeira, Darvk virou para o *viscomm*, para entrar em contato com sua esposa para informá-la de seus planos, dizendo baixinho quando o ligou:

—Isso é o que os amigos e família fazem, meu amigo.



Negligentemente, Reya caminhou no meio das ruas do assentamento fora da lei, indo para um lugar tão negro como a sua alma.

Brroca.

Muitos olhos assistiram o caminho da guerreira alta e mais do que um espectador comentou sobre o fogo congelado que brilhava no fundo de seus olhos.

Um bêbado tropeçou em seu caminho e ficou olhando para ela com olhos arregalados. Sem perder o passo, ela pegou a parte dianteira da sua camisa em uma mão e empurrou-o tropeçando e xingando pelo caminho da calçada.

—Ei — ele arrastava.

Ela não olhou para trás.

—Ei, você! — Ele cambaleou atrás dela. —Guerreira!

Ela o ignorou.

Irritado, ele agarrou o braço dela

— Escute aqui, irmã...

Suas palavras foram sufocadas por uma mão forte agarrando-o violentamente pelo pescoço. Reya forçou-o sobre a ponta dos pés, enquanto ele engasgava para respirar e atrapalhava-se na sua mão.

Espectadores assistiram com curiosidade mórbida quando ela empurrou-o para trás em toda a calçada e bateu-o contra a parede.

—Tende piedade — uma prostituta da taverna murmurou.

Com o rosto vermelho, ele agarrou freneticamente no aperto, com asfixia.

A respiração de Reya era um silvo frio do inverno em seu rosto.

—Eu não sou sua irmã, seu bastardo, entendeu?

Ele ficou com os olhos esbugalhados de terror quando um punhal brilhou com intenção mortal debaixo de seu nariz e ele ergueu os olhos para olhar na profundidade que brilhava com uma pitada de loucura.

—Calma aí, Reya — uma das prostitutas sussurrou, se aproximando. —Ele é apenas um bêbado. Ele não quis dizer isso.

—O que ele é para você?

—Ele é meu irmão. — Ela olhou do trêmulo bêbado para a guerreira alta. —Por favor...

Um rugido encheu os ouvidos de Reya pelas palavras da mulher e ela transferiu seu olhar para o bêbado, cujo rosto agora estava um pouco azul.

—Você permite que sua irmã se venda a qualquer comprador? Você é uma escória despudorada!

O punhal desapareceu e o agarre no pescoço afrouxou. Com gratidão ele chupou o ar, só para perdê-lo agonizantemente, quando um punho como o ferro bateu-lhe no estômago. Ele derrapou mais, apenas um empurrão vertical e um joelho bateu em seu rosto. Ele caiu no chão, o sangue começou a sair de seu nariz quebrado.

Descendo, Reya agarrou sua camisa e arrastou-o na posição vertical, seu punho o trouxe de volta, mas seu braço foi agarrado.

—Reya! Por favor, eu imploro a você! — a prostituta gritou. — Deixe-o!

Soltando o bêbado inconsciente, ela girou e agarrou a mão da mulher em seu braço. Virando e mergulhando em um movimento suave, ela se endireitou, forçando o braço da mulher a torcer e trazê-la gritando em agonia até os joelhos.

A névoa vermelha de raiva zumbia através de Reya e ela não estava ciente do punhal em seu punho. Liberando o braço da mulher, ela pegou um punhado de seus cabelos e empurrou a cabeça para trás para expor o liso branco da garganta.

Capítulo 32

A ponta do punhal provocou uma mancha de sangue na pele, lentamente ela se tornou consciente do medo nos olhos que a fixavam, a mulher estava petrificada e ajoelhada no chão aos seus pés. *Uma mulher indefesa que não tinha feito nada para ela.*

Com a garganta seca, coração batendo forte no peito, Reya soltou-a e viu quando ela afundou ao lado do bêbado inconsciente e agachou-se ao lado dele, choramingando.

Era verdade, ela era uma assassina. Num acesso de raiva cega que ela atacou uma mulher indefesa e um bêbado.

Ela olhou para os espectadores em silêncio, eles olhavam para a guerreira com olhos arregalados e medo em seus rostos. Apressadamente ela recuou sem palavras de despedida, eles limpavam um espaço para a Reeka, quando ela caminhou silenciosamente para fora.

Como se fossem um, eles viraram e a observaram ir, até que a escuridão engoliu-a, em seguida, um homem perguntou:

— Você viu seus olhos?

—O abismo do inferno queimava dentro — outro respondeu.



O sangue trovejou nas suas têmporas, o sussurro dos demônios em seus ouvidos. *Assassina! Assassina de crianças! Assassina de todas as coisas!*

A estrada de terra passava despercebida sob suas botas e os risos infantis ecoavam em sua mente. Ela caminhou em frente, em direção ao coração do assentamento fora da lei, até que ela chegou à escuridão de um beco. Fechando os olhos, ela oscilou vertiginosamente, a negritude rasgando sua mente e ameaçando tragá-la.

Assassina, assassina, assassina, — o pulso dela batia no ritmo. Sangue em suas mãos...

Uma criança vizinha riu, pulando junto, indo além da entrada do beco. *Garotinho esfarrapado... sangue e crianças, de mãos dadas...*

Um rugido em seus ouvidos, o riso cresceu mais alto, o suor em sua testa causado pelos ventos do deserto e seco...

Vagamente ela ouviu seu nome, mas os ventos do deserto chicotearam-na, arrebatando e arremessando-o no ar, girando e...

—Reya!

—É muito quente aqui, o vento e a poeira. — Chegando, ela tocou a forma fraca diante dela.

—Reya, sai dessa! — Palavras duras sopradas através da escuridão.

Ela encolheu-se, levantando as mãos na frente dela, sentindo a viscosidade.

—Tanto sangue, em toda parte. Está na areia...

—Droga. — Seus ombros foram agarrados e sacudidos. —Olhe para mim!

Olhos azuis, em um rosto aquilino, magro e escuro.

—Zadox? É melhor fogo. Fogo sobre eles antes que eles caiam sobre nós...

—Onde diabos está Maverk? Você não está no deserto agora, Reya, você está perto de Brroca! Acorde!

Maverk? Ela oscilava, as areias do deserto manchadas de sangue desvaneceram, para ser substituídas por uns risonhos olhos marrons, tão amáveis, tão carinhosos...

—Onde ele está Reya?

As palavras a arrastaram de volta a partir das memórias terríveis e se concentrou no rosto de Zadox.

Com alívio que viu clareza substituir a névoa nos olhos.

Ela recuou bruscamente, deslocando as mãos de seus ombros.

—Onde está Maverk?

—Não é de sua conta. O que você quer?

Silenciosamente eles estudaram um ao outro, então ele perguntou:

— Para onde você se dirige?

—Para nenhum lugar em particular.

—Seria muita honra se você consentisse em ficar comigo para passar a noite como minha convidada.

—Honra? Para ter a causa de toda a nossa loucura na sua casa?

—Você não foi a causa. Se não fosse por você, nós todos teríamos morrido.

—Uma parte de nós morreu, um pedaço de humanidade e nossa sanidade junto com eles.

Encostado na parede de pedra, ele cruzou os tornozelos.

—A sanidade é um estado da mente guerreira. Você tem que aprender a controlá-lo.

—Que especialista.

—Um sobrevivente. Eu atravesso a mesma coisa que você, todo dia e noite.

—Como você consegue ficar são?

—Eu não disse que estava completamente são.

Ela virou a cabeça para a entrada do beco.

—Então o que você está fazendo aqui?

—Basta caminhar. Vamos para a minha casa e então conversaremos, a menos que esteja com pressa de ir a algum lugar?

A dor rasgou através de seu coração. *Não havia nenhum lugar onde ela tivesse que estar, ninguém para ver. Ela estava sozinha. Verdadeiramente sozinha.*

—Não, vá em frente.

Ela o seguiu pelo beco escuro e por Brroca. A rua estava estranhamente calma, o único som vinha das conversas murmuradas na taverna.

—Ninguém caminha pelas ruas.

—Há uma reunião. Mercenários estão sendo contratados.

—Para que missão?

—Eu não sei. Não tomo mais parte nisso.

Ele abriu a porta para um edifício de um andar e acendeu a luz para mostrar uma sala cheia de escuros móveis e cadeiras.

Ela seguiu-o através da porta.

—Sente-se. — Ele apontou para a mesa no meio da sala.

—Eu prefiro ficar em pé.

Com um encolher de ombros, ele sentou-se.

—Como quiser. Então, onde está Dana?

—Você faz um monte de perguntas.

—Nós já passamos por muita coisa juntos. Permita-me o privilégio de fazer algumas perguntas.

—Não presuma que você tem direito a privilégios, — foi a resposta gelada. —Nós assassinamos em conjunto, isso é tudo, é a ligação que temos.

—Eu vejo. — Longos dedos tamborilando na mesa. —Temos também a ameaça de insanidade como uma ligação comum.

Ela recuou para as sombras do quarto.

—Talvez a ameaça já não exista, porque já estamos insanos.

—Talvez. O que você pretende fazer sobre isso?

O riso foi inesperado, baixo e zombador.

—Fazer? Ir com ela, claro.

—Por quê?

—Por que não?

—E a sua irmã? E Maverk? — Suas perguntas caíram como uma pedra entre eles.

—Isso não é de sua conta. Não empurre, se dá valor a sua vida.

—Reya se moveu em direção à porta.

—Para onde você está indo?

—Para fazer o que faço melhor.

A ansiedade o encheu.

—Não, Reya, não é o caminho.

—Você governa este grupo de assassinos, Zadox. É o rei de Brroca, o pior inferno em Urion. É esta a maneira como você lida com isso? — Seu tom era mordaz.

—Sim, faço as regras aqui, com um punho de ferro, — disse ele calmamente. —Se não o fizer, quem o fará?

Ela abriu a porta.

—Você se justifica por governar um bando de assassinos.

Com passos lentos e medidos, ele caminhou até ela.

—Eu controlo esses assassinos. Eu os mantenho sob controle, tanto como posso, porque se não fizesse, onde eles estariam agora?

—Eu não estou interessada. Somos todos assassinos, então me deixe dar-lhe uma dica, você não vai controlar-me, nunca, por isso recue com suas perguntas.

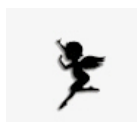
Ele parou diante dela, as feições do seu rosto aquilino estavam na sombra pela luz atrás dele.

—Muito bem, sem mais perguntas, mas alguns conselhos em seu lugar. Controle o escuro que ameaça ultrapassá-la, encontre o consolo e a paz que você precisa, antes que ele a consuma e puxe você para baixo para seu próprio inferno pessoal.

Ela sorriu amargamente.

—Tarde demais. Eu já estou lá, eu queimo com as sementes que plantei. Afeta a todos nós, mais cedo ou mais tarde.

Ele foi deixado olhando para a porta vazia.



Ela olhou para fora da escotilha do ônibus espacial, entre a massa de mercenários que estava prestes a juntar-se. Ela fez o

círculo completo. Lutando, para encontrar o seu pesadelo, para encontrar o amor e agora voltando para lutar.

—Tempo de se movimentar, — disse Etam, o mais velho dos mercenários, com cinquenta anos, chegando a ficar ao lado Reya e apertando a fivela do cinto de seu laser.

—A luta começou em cima da crista da colina. — Outro mercenário colocou a cabeça para fora da porta. —Vamos sair!

Como tinha feito inúmeras vezes antes, Reya saiu no meio dos mercenários. Lá em cima, barcos de combate disparavam, armas em punho, lutando no ar. Um explodiu, com jatos gritando, a embarcação vitoriosa moveu-se para o próximo desafiante. Tiros soaram, gritos, ordens e maldições à deriva ao longo da colina.

—Saíam, saíam! — A ordem foi gritada e como um, os mercenários foram em frente.

Ela estava na frente, quando eles chegaram à crista do monte e olhou para o vale abaixo, de onde os homens dos senhores do distrito travavam guerra.

—Isso vem acontecendo por muitos dias. — Etam olhou para baixo, para os homens lutando.

Varrendo a área, ela viu os edifícios ao longe.

—Um dos assentamentos?

—Sim, mas todos o deixaram. Os colonos fugiram cobertos pela escuridão.

—Ótimo. Vamos acabar logo com isto.

Como um, eles derraparam pelas encostas e em pouco tempo ela estava no meio da batalha. Depois de vários quase acidentes, ela teve plena consciência da ausência de Dana. Elas sempre assistiram as costas uma da outra.

Talvez, uma parte escura de sua mente sussurrou, esta batalha será a última. Talvez hoje ela fosse morrer. Sozinha. Sem amigos.

O pensamento prendeu em sua mente. Ela estava realmente sozinha, dentre estes lutadores, quem realmente se importaria se ela morresse neste dia?

Um disparo de laser quase a atingiu, o calor chamuscou seu ouvido. Ela foi puxada de volta para a consciência, com gritos e maldições enchendo o ar, com explosões, barulho de lasers e o cheiro de sangue. A picada de uma espada afiada cortando o seu braço a deixou em foco, ela mais uma vez tomou o controle de seus instintos, a guerreira veio à tona e assumiu seus sentidos.

A batalha durou mais dois dias antes que o lado que lutava venceu e a fortaleza foi tomada de madrugada. Quando eles

entraram pelos portões, um silêncio sobrenatural os cumprimentou. Escombros e cadáveres se espalharam pelo chão.

Ela ficou no meio de tudo isso e sentiu o primeiro toque dos raios de sol em seu suor e sangue que manchava seu corpo. Ela olhou ao redor e de repente ela, um dos melhores mercenários, sentiu-se tão doente que seu estômago revirou, só com um controle de ferro impediu o vômito.

Quantos desses homens ela matou?

Por que se preocupar? Seu consciente zombava dela. Você é uma assassina paga. É o que você faz melhor.

Seus pensamentos foram interrompidos por um grito agudo de terror e ela olhou para cima para ver uma mulher, com seu corpete embebido em sangue, tropeçar no pátio, segurando um bebê contra o peito.

Um mercenário ria e empurrou-a sobre os joelhos.

—Olha o que eu encontrei rapazes! Uma coisa doce nova escondida no porão!

—Ela está gravemente ferida? — Um bandido jovem caminhou para frente.

—Não sei. Vamos ver. — Descendo, arrancou o bebê de seus braços, ignorando seu choro e seus gritos.

O jovem fora da lei estava em sua frente em um instante, batendo-a para trás, para o chão e rasgando seu corpete.

—Apenas uma ferida superficial. Esta pequena senhora irá manter-nos feliz por um tempo.

—Não! Não, por favor! — Ela se arrastou até os joelhos, apertando o corpete sangrento contra o peito com uma mão, enquanto alcançava seu bebê chorando com medo. —Não machuquem meu menino!

—Fique quieta e ele vai viver. Talvez — O mercenário riu asperamente.

Vários homens estavam ao redor, rindo, seus olhos devorando a pequena mulher. Outros murmuravam inquietos, mas ignoravam a cena, no intuito de encontrar um tesouro, nos despojos de guerra.

—Deite de costas, cadela. — O mercenário jogou o bebê chorando no chão e pisou sobre ele, para desespero da mulher.

O bandido jovem riu também se aproximando dela.

— Se você valoriza sua vida, não a toque. — A voz soou como o quebrar do gelo em um lago congelado.

Ele parou, com a cabeça girando em torno para enfrentar os olhos verdes que ardiam em fogo frio.

—Cai fora. — Reya perfurou o mercenário com um olhar de advertência. —E você pode acompanhar o seu amigo, escória.

—Isto não é da sua conta! — ele rosnou o fogo da batalha ainda em seu sangue.

—Eu estou fazendo da minha conta. — Puxando o laser, ela apontou para o seu coração.

O bandido jovem levantou-se cautelosamente.

—Despojos de guerra, guerreira. Nós a encontramos em primeiro lugar.

Sua testa arqueou sarcasticamente.

—Pareço importar-me? Este é o seu último aviso. Volte.

A mulher teve sua chance para chegar até o bebê que chorava e pegá-lo. Ela tornou-se ciente do círculo crescente de mercenários e bandidos em silêncio, seus olhos estavam sobre os dois homens e a alta mulher. Instintivamente sabia onde estavam suas maiores chances de segurança, ela rapidamente se arrastou até a guerreira Reeka e agachou-se na sua sombra.

—Ela é o inimigo — o mercenário resmungou entre os dentes cerrados.

—Nossos inimigos são aqueles que não podem se dar ao luxo de nos contratar, assim lutamos para o outro lado. Poderia facilmente ser o povo desta fortaleza, com quem lutamos.

—Mas eles não são. — Resumidamente, ele olhou para a mulher apavorada. —E isso faz dela o inimigo.

Reya sorriu severamente.

—Então venha buscá-la fora da lei, mas seja advertido, é através de mim que você virá.

A antecipação enchia o ar enquanto a Reeka alta enfrentava os dois homens. A mulher tremia violentamente.

—Que diabos está acontecendo aqui?

Os mercenários e bandidos se separaram para o vitorioso senhor do distrito e seus três seguranças.

Reya não se virou mantendo os olhos sobre os dois homens à sua frente.

—A mulher foi encontrada por mim. — O mercenário olhou para ela. —Ela é minha.

—É mesmo? — O senhor olhou para o rosto da bela guerreira e sentiu o coração cansado saltar uma batida. —Despojos de guerra, Reya, você sabe o código.

—Sim, sei disso. — Ela olhou para o senhor, ao ver pela primeira vez o homem de barba grisalha, para quem ela havia combatido. —E você é o vencedor, não é?

—Você fala a verdade.

A carranca do mercenário aprofundou.

—Então, os despojos de guerra pertencem a você.

—Tecnicamente sim, mas, — ele deu a mulher e o bebê um olhar dúbio — eu não quero esses dois. Eles vão para quem os queira.

O mercenário riu e começou a avançar.

—Entregue a mulher, Reya.

Ela disparou o laser perto de seu pé e ele pulou para trás, praguejando.

—Eu a tomo como despojo de guerra, — declarou Reya. —e o bebê também.

—Maldição, você não pode fazer isso!

Seu sorriso era frio.

—Eu já fiz.

—Ninguém aqui vai aceitar a sua reivindicação — rosnou o fora da lei.

—Então vou matar vocês dois agora, só vão reivindicar esses dois por cima de mim. — Friamente, ela visou o laser em sua cabeça.

Ele ficou cinzento.

—Agora é só esperar um minuto, eu não...

—Certo. Você ainda a reclama? — O gatilho clicou de volta.

—Não! — Ele cambaleou para trás, vendo a ameaça de morte em seus olhos, lembrou cada história que ele tinha ouvido sobre ela. —Fique com ela! — Ele desapareceu na multidão zombando ao ver os mercenários e bandidos.

O laser oscilou para o mercenário.

—E você?

Sua carranca era feroz, mas ele se afastou.

—Ela é sua.

Guardando o laser, Reya varreu os observadores com um olhar desafiador, mas todos eles deram de ombros e foram embora. Como a ameaça de violência tinha passado, eles não estavam mais interessados.

A mulher agarrou-se chorando na bainha da saia de Reya.

—Por favor, tire-me daqui! Não deixe que eles me peguem!

O choro da criança chamou a atenção dela.

—O bebê foi machucado?

—Não, graças a Deus.

—Qual é seu nome?

Segurando a mão estendida para ela, a mulher viu-se, sem esforço, puxada sobre os seus pés.

—Ewin.

Ela balançou de repente e Reya estabilizou-a com ambas as mãos.

—Calma.

—Reya! Cuidado!

Ela olhou para cima, para encontrar-se olhando para o cano de um laser e a cara sarcástica do mercenário.

—Adeus, cadela!

Era isso. Hoje, ela morreria. Ela podia ver nos olhos dele e olhou para a mulher com o bebê em seus braços, não havia nenhuma maneira que pudesse salvar-se sem sacrificar os dois.

Com uma risada, o mercenário fez pontaria e um estalo soou, mas não foi Reya que caiu. O lado da cabeça do mercenário se abriu e ele caiu silenciosamente para o chão.

—Ele era um verdadeiro bastardo — disse calmamente Etam, botando seu laser no coldre. —Esperou por sua chance e a tomou.

—Por que você fez isso?

—Eu tenho uma esposa e filho esperando em casa.

—Obrigado. Você salvou a minha vida. Não são muitos que teriam se incomodado.

—Não? — Ele olhou para ela de forma estranha. —Ouvi falar de você pelos homens que lutaram ao seu lado. Eu sei de muitos que teriam feito o mesmo que eu.

Um sentimento estranho varreu Reya, mas tudo o que ela disse foi:

— Eu não vou esquecer isso, Etam.

Ele saiu com um encolher de ombros e um sorriso.

A atenção da guerreira foi desviada pelo gemido do bebê.

—Venha, é hora de sairmos daqui.

Ewin a seguiu, cuidando de ficar perto e atrás da alta Reeka que caminhou entre os escombros com passos firmes.

Reya encontrou o senhor do distrito perto da entrada da fortaleza em ruínas.

—Você veio pegar o seu dinheiro e mereceu. — Ele balançou a cabeça para um dos seus homens. —E sobre o transporte. Obtenha a sua parte. — Curiosamente, ele olhou para a mulher sangrando e tremendo. —O que você vai fazer com eles, Reya?

—Isso é problema meu.

—Verdade. Espero que você possa trabalhar para mim novamente. Eu vi você hoje, você luta bem.

—Sim, eu mato de forma eficiente, não é?

Sem saber o que dizer, ele permaneceu em silêncio até que o seu homem voltou com uma pequena bolsa de dinheiro, que entregou a ela.

—Você precisa de mais alguma coisa?

—Um transporte para o povoado mais próximo.

—Não tem problema. Veja uma das naves ali? O piloto irá levá-la.

—Posso levar dois extras?

Os olhos do senhor foram para Ewin e seu bebê.

—Sim.



—Lugar ruim — Darvk observou quando eles entraram em Brroca.

Maverk olhou para ele.

—Você deveria ter ficado na nave.

—Oh, sim, como se eu fosse permitir-lhe ir em frente sozinho. Você diz que ela poderia estar aqui?

—Eu apostaria minha vida nisso.

Um grito soou uma maldição, então, um corpo caiu de uma varanda do segundo andar para ficar abandonado no chão, com uma poça de sangue ao redor da cabeça.

Os comerciantes olharam para cima, para a varanda, para ver um homem negro olhando para baixo. Ele olhou para o corpo, então olhou para eles, apertando os olhos.

—Uh oh. — Darvk pegou o laser.

—Ei, não seja tão rápido para pegar isso, — o homem negro falou. —Eu reconheço você, louro. Você não é o Daamen que estava atrás de Reya naquela noite?

—Sou eu — respondeu Maverk. —Ela está aqui?

—Esteve.

—Onde ela está agora?

—Até onde sei, ela já foi — De repente ele parou seu olhar indo para trás dos comerciantes.

Esperando problemas, eles se viraram para ver o que estava atrás deles.

—Calma amigos. — Zadox encostou-se à parede, com os olhos indo do morto para o homem na varanda, que desapareceu imediatamente, de volta para dentro da sala.

—Você conhece este homem, Maverk?

—Sim. Darvk, este é Zadox. Ele estava com Reya na missão infernal.

O líder fora da lei estudou o gigante de cabelos negros diante dele.

—Eu nunca ouvi falar de você.

—Isso não me surpreende. Duvido que minha cunhada fale sobre qualquer um de nós.

—E por que será você sabe?

—Porque ela mantém sua vida pessoal, privada — Darvk retornou brevemente.

—Você a conhece bem.

—Assim como qualquer um possa conhecer.

—Onde ela está? — Maverk interrompeu impaciente.

—Há um pequeno problema com isso, comerciante.

—Oh, o quê?

—Ela parece pensar que você é parte do seu passado, não do futuro.

—Ela o quê? Inferno sangrento!

—Exatamente. — Zadox inclinou a cabeça para um lado. — Agora, por que você acha que ela diz que tudo acabou? Eu pensei que tivesse explicado as coisas para você. O que aconteceu?

Um músculo marcou a mandíbula forte.

—O que lhe dá o direito de questionar-me? Diga-me onde ela está, ou vou lutar e derrotar você!

Uma sobrancelha subiu preguiçosamente.

—Realmente Você poderia tentar, mas...? — Suas palavras foram cortadas por uma mão enorme agarrando-lhe a garganta e batendo-o de volta contra a parede.

—Responda-me — Maverk soprou, com fogo em seus olhos.

Zadox assistiu-o sem medo, mas com cautela.

—E se eu não quiser?

—Eu vou bater em você até virar uma polpa, permitir que se recupere e fazê-lo mais e mais até que, finalmente, você fale.

—E eu estarei esperando minha vez. — Darvk encostou a mão na parede ao lado do rosto de Zadox.

A ameaça estava em seus olhos e na severidade de suas feições.

—E você não vai sair vivo daqui — informou.

Olhando por cima do ombro, os músculos de Darvk apertaram ao ver seis homens armados com lasers alinhados atrás deles.

—Reforços.

Maverk não removeu o olhar do rosto do líder dos bandidos.

—Você vai morrer com a gente. Vou ter certeza disso.

Silêncio tenso encheu a área até Zadox finalmente perguntar suavemente:

— O que Reya é para você?

A resposta foi tão firme quanto o aperto em sua garganta.

—Ela é minha mulher.

—Por que você a deixou ir?

—Eu não sabia. — Olhos castanhos estreitaram furiosamente.

—Ela saiu correndo.

—Não parece ela. Diga-me o que aconteceu.

—Eu acho que dificilmente você estará na posição de dar ordens.

—E você não está em condições de negar.

Capítulo 33

Eles olharam fixamente para o outro, enquanto Darvk mantinha um olhar atento sobre os bandidos que estavam esperando por um sinal de seu líder.

Sabendo que eles estavam em um impasse, Maverk amaldiçoou silenciosamente.

—Reya disse-nos o que aconteceu naquele dia.

—Nós?

—Sua irmã, Dana, Darvk. Sua família.

—Você?

—Claro.

—Eu vejo — disse Zadox pensativo. —Acho que o segredo não foi bem?

—Nós ficamos chocados, se é isso que você quer dizer. Ela confundiu nossas reações e saiu correndo da sala. *E de minha vida.*

—Certamente, você esperava algo tão ruim?

—Esperava? — Maverk fez uma careta. —Eu pensei que soubesse, mas não sabia. Oh, sabia da maior parte dele, mas não completamente. Fiquei tão chocado quanto todos os outros.

—E você não podia escondê-lo, hein?

A mão em sua garganta apertou e a fúria queimou nos olhos do gigante.

—Não me julgue Zadox! Tudo o que ela fez, foi forçada a fazer! Ela ainda é a minha mulher e você pode dizer-me onde ela está, por que a minha paciência esgotou-se!

Era tudo o que precisava responder para ele ter a garantia de que o Daamen ainda cuidaria de Reya.

—Ela saiu daqui cinco dias atrás, para Lanta, em uma missão de mercenária. Ela foi contratada para lutar por um senhor do distrito.

Frustração e descrença apareceram em seu rosto, Maverk soltou Zadox.

—Por que diabos você a deixou fazer isso?

—Como alguém poderia impedi-la?

—Inferno sangrento!

Darvk fez uma careta para Zadox.

—Sabe a localização em Lanta?

—Perto de Gasgo, mas esteja preparado para o que você pode encontrar.

—O que você quer dizer?

—Encontrei-a no beco perto daqui. — Sobriamente ele os considerava. —Ela estava resmungando sobre os ventos do deserto e seus olhos estavam... distantes. Lembra quando falei sobre a loucura, Maverk? Temo que ela esteja indo ao longo da borda.

—Meu Deus! — o rosto de Maverk ficou branco. —Ela saiu daqui assim?

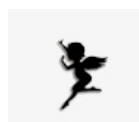
Intrigado, Darvk olhou para ele.

—Insanidade? Você não acredita seriamente que Reya... de jeito nenhum!

—Nós temos que encontrá-la!

Zadox assistiu com que pressa eles se foram, suas longas pernas cobrindo a distância rapidamente e disse calmamente:

— Eu espero que vocês cheguem a tempo, amigos.



Depois que terminou de definir as coordenadas, Darvk recostou-se na cadeira.

—O que é isso de insanidade? O que você sabe?

Girando a cadeira para encará-lo, os olhos de Maverk estavam sombreados de preocupação.

—Reya e eu tivemos uma briga na última vez que estivemos em Urion. Acabei em uma taverna. Para abreviar, Zadox encontrou-me lá e insinuou sobre o seu segredo. Ele também me informou que a maioria daqueles que lutou com ela naquele dia amaldiçoado e sobreviveu, tinham enlouquecido.

—Oh, inferno, você não acha que ela...

—Ainda não... espero. Eu vi seu surto. Naquela noite, ela entrou em Brroca desarmada, olhando para a morte. Ela queria morrer Darvk. Chegamos lá bem na hora. Ela correu para a nave e fui capaz de chegar a tempo de impedi-la de partir. — Maverk cerrou os punhos. —Foi quando ela surtou, perdeu o controle totalmente. Ela chorou e a dor... — Com lágrimas nos olhos, ele olhou para Darvk. — Isso está rasgando-a ao meio. Sua alma está sendo partida em pedaços.

Silenciosamente seu amigo inclinou-se para descansar uma mão em seu ombro em lealdade.

—Você sabe o que é pior? — Maverk sussurrou.

—Diga-me.

—Ela sabe que anda na borda. Isso é como os sobreviventes chamam. Andando na borda. Significa...

—O limite da insanidade — Darvk disse abalado.

Sua própria cunhada, uma fria mercenária controlada e guerreira no limite. Todo esse tempo ninguém tinha sequer percebido o que a havia impulsionado para frente, não até que houvesse revelado o seu segredo. Ele sentia falta de Tênia intensamente, mas agora ele estava feliz por ela não estar aqui para ouvir isso.

Eles tinham que encontrar Reya antes que fosse tarde demais.

Maverk continuava a vê-la olhando para ele tão confiante, colocando sua fé nele, acreditando nele. A cor tinha fugido de seu rosto quando ela tinha visto o seu choque, o desespero encheu os olhos dela quando tinha confundido o seu choque com horror e nojo.

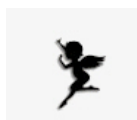
Era tarde demais? E se ele tivesse, sem querer, a empurrado sobre a borda?

—Eu vou trazê-la para casa, Darvk.

Os vividos olhos azuis olharam para ele diretamente.

—Nós vamos.

As palavras não ditas estavam entre eles. Se já era tarde demais ou não, se ela finalmente tinha caído pela borda ou não, eles iriam encontrá-la e devolvê-la para casa, onde pertencia.



Reya esperou até Ewin e seus bebês dormissem, antes que ela entrasse no banheiro e vomitasse violentamente. Ela estava doente do seu estômago, doente da morte e doente de fazer viúvas e órfãos.

Encostada à parede, ela limpou o suor de sua testa e enxaguou o gosto azedo da boca com um copo de água.

Se fosse tão fácil enxaguar o azedume de sua alma.

Ela viu o vermelho de seus olhos no reflexo do espelho, ela olhou-se, vendo o sangue seco misturado com sujeira em sua pele e roupas. Sujeira e dinheiro de sangue foram a recompensa para os dias de matança.

Esponaneamente, os sons de espadas em choque e explosão lasers tocaram em seus ouvidos, os gritos dos moribundos, a dura

respiração dos lutadores. Sua imagem desbotada, uma névoa escura que vinha sobre os olhos, outra cena tomando seu lugar.

O quente e seco vento do deserto, gritos de agonia, um rosto queimado e enegrecido implorando, sem palavras, pela misericordiosa morte. O riso das crianças e o medo nos olhos dos homens, horror e descrença, negação...

—Atirem para matar — ela sussurrou.

Pega no mais negro dos pesadelos, revivendo um passado tortuoso, escorregou para o chão. Enrolando em seu lado, Reya abraçou os joelhos contra o peito, tentando mentalmente afastar os horrores que a perseguiam.



Foi o choro do bebê e a tímida batida na porta do banheiro que a trouxe de volta para consciência, arranhando seu caminho freneticamente para fora da escuridão. Rigidamente levantou-se e abriu a porta.

Os olhos de Ewin estavam arregalados vendo o rosto branco e os olhos verdes assombrados, abaixo de quais sombras escuras tinham se formado.

—Você está bem?

—O quê? Oh, sim. — Reya empurrou-a para o quarto.

Balançando o bebê gentilmente, o olhar preocupado de Ewin permaneceu na guerreira manchada de sangue.

—Você não dormiu em sua cama na noite passada.

Isso explicava a rigidez. Ela tinha estado no abismo do inferno durante toda a noite.

—Está com fome? — Hesitante Ewin deu um aceno e ela disse, — Vamos comer alguma coisa.

Não sabendo mais o que fazer Ewin a seguiu.

Lá embaixo, a taverna estava aberta, mas elas eram os únicos clientes. Sentou-se uma em cada lado da mesa tosca de madeira, o bebê balbuciando feliz no colo de sua mãe.

O dono da taverna pegou sua ordem para o desjejum, quando veio, elas comeram em silêncio. Só quando terminaram que Reya falou.

—Seu marido foi morto na luta?

—Não. Eu fiquei viúva há quase um ano.

—Seu bebê não é muito mais velho do que... dois, três meses?

Os olhos de Ewin estavam nublados.

—Meu marido morreu enquanto eu estava grávida.

—Ah. — Sentada na cadeira, Reya traçou o contorno da caneca com um dedo. —Você morava no bairro do senhor onde lutamos nos últimos dias?

—Não. Eu estava visitando um amigo. Quando o ataque começou, estava no porão e fiquei lá, escondida.

—Não mover-se foi inteligente.

—Como eu descobri — Ewin suspirou. — Moro em VENDOR. Eu só quero ir para casa.

—Onde em VENDOR? Vou levá-la para casa.

—Você... você vai me liberar? — Seus olhos se arregalaram de esperança.

—O que você espera que eu faça? Vendê-la ou matá-la? O bebê, talvez?

—Não! Não, claro que não. — Apressadamente, ela ergueu a mão. —Eu só... Eu não sabia o que esperar. Eu... Eu ouvi histórias, mas você tem sido tão gentil comigo.

Um músculo assinalou em um rosto liso.

—Não se deixe enganar. Eu não sou o tipo gentil. — Reya parou abruptamente. —Você pode dizer-me onde mora no caminho para o ônibus de viagem.

Ela afastou-se, deixando Ewin correr atrás dela.



Dois dias depois, na periferia de Hamos em VENDOR, Reya parou e olhou interrogativamente para Ewin.

—Você está de volta com segurança — disse ela em tom monótono e se virou.

—Espere! Por favor, Reya, não vai descansar um pouco? Venha à minha casa e tenha um pouco de comida e bebida.

—Não, obrigada. É hora de seguir em frente.

Ewin mordeu o lábio preocupada, em seguida, deixou escapar:

— Você não dormiu por duas noites! Você precisa descansar!

—Sua preocupação é desnecessária. Tome cuidado no futuro. Siga o meu conselho e fique perto de casa a partir de agora.

—Reya...

—Adeus.

Ewin a viu desaparecer por entre as árvores, o último vislumbre da guerreira alta, manchada de sangue, com assombrados olhos verdes, uma guerreira de gelo que parecia ter olhado para as entranhas do inferno e viveu para contar.

Se você pudesse chamá-la de viva.



Reya andou por milhas, noite e dia, fugindo de qualquer sinal de civilização, vivendo de bagas e vegetais silvestres. O inferno sempre esperou que ela comesse a cochilar, então tentou não dormir. Ela ficou mais magra.

Duas semanas mais tarde, estava na beira de um rio de águas cristalinas e cansada sentou-se no banco, olhando para ele. A luz do sol brilhava na água e insetos diários cantavam alegremente entre as árvores.

Pegando o laser, ela o estudou. *Talvez a única maneira de parar os pesadelos seria acabar com ela mesma.* Ela acariciou o cano, o frio metal era suave sob o seu toque.

—Com certeza, mãe, eu não iria juntar-me a você no céu, — ela sussurrou. —Não há espaço lá para assassinos.

O laser mergulhava em suas mãos. Ela se sentia tão cansada, tão cansada. *Acabaria com isso agora...*

—Reya. — A voz era suave, cadenciada. —Abra seus olhos.

Era uma voz familiar, calorosa e amorosa.

—Mãe? — Não podia ser. Soldados tinham matado Karana há alguns anos.

—Reya. — A voz diminuiu entre as árvores, mais era profunda e mais exigente. —Você deve se levantar.

Ela olhou ao redor freneticamente. Era a voz de seu pai, mas não havia ninguém lá.

—Quem é você?

Silêncio. A brisa agora carregava o frio do rio e arrepiou os seus braços. *O que foi isso? Ela estava ficando louca?* Levantando, ela pegou a espada.

A brisa passava por ela, cada vez mais forte e mais fria. Nuvens apareceram do nada, pesadas e ameaçadoras, com relâmpagos no céu.

Seu nome cresceu no trovão.

Reya!

Deixando cair a espada no chão, ela olhou ao redor, o medo abraçou-a. Embora estivesse tremendo, estava em pé.

—Estou ficando louca, não estou? — ela gritou para a tempestade. —Você não está lá! Não há ninguém lá!

—Vá! — O vento assobiava em seus ouvidos.

Uma névoa violeta apareceu em uma das nuvens, verde claro na parte de cima. *Os olhos de seus pais.*

—Não! — Ela caiu de joelhos.

—Vá! — Outro boom do trovão, a palavra ecoando na vibração.

—Você não me quer, é isso? Tudo bem vou acabar com ela! Você me ouve? Eu vou acabar com ela agora! — Fechando os olhos, levantou o laser para sua têmpora, com a mão tremendo. Em seguida, um som a fez congelar.

Era o choro de um bebê, fino e frágil, mas verdadeiro. Seus olhos se abriram. O lamento parecia vir em torno dela, aflito e em pânico. Cambaleando sobre seus pés, ela olhou ao redor freneticamente, consciente pela primeira vez da chuva que agora caia torrencialmente.

—Onde está você? — ela sussurrou.

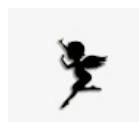
O grito ficou mais alto, em seguida, ela sentiu um puxão no interior de seu ventre, afiado e agonizante. Ela olhou para baixo, então sentiu um fio quente entre as coxas.

Sangue, quente e úmido. Ele começou como uma gota, mas cresceu de forma constante.

—Não! — Horrorizada, ela cambaleou para trás. —O que está acontecendo?

Um relâmpago cortou o céu mais uma vez, rasgando as nuvens escuras, tão certo como o que estava dentro dela a estava rasgando para longe da segurança do seu ventre.

Ela podia sentir que lutava para permanecer dentro dela, agarrando-se à vida com uma desesperança apavorada e o choro do bebê tornou-se gritos que ecoavam por ela.



Com o coração batendo forte e sua garganta seca, Reya levantou-se para olhar ao redor descontroladamente. O rio estava pacífico, movendo-se lentamente e a brilhante luz do sol invadia as suas profundezas cristalinas.

Foi apenas um sonho. Levantando a mão trêmula para limpar o suor de sua testa, ela levantou e andou até o rio, ajoelhando-se e juntou as mãos em concha, pegando água para beber, sedenta.

Quando terminou, empurrou os cachos pesados para trás e viu seu reflexo. Sangue seco e velho manchava as suas roupas e mal percebeu que ela não tomava banho em duas semanas. Mas era o sangue que incomodava. Por quê?

Ela correu a mão sobre uma velha mancha em seguida, congelou. Sangue. Ela não tinha sangrado...

Com o coração disparado, ela endureceu. Não! Não era possível! Colocando a mão sobre seu estômago, ela sacudiu a cabeça, tentando negá-lo.

Mas ela não podia. Com clareza ofuscante, percebeu que a última vez que tinha tido o seu período de mulher foi antes dela se juntar com Maverk, fazendo amor no calor da cama. Estava sem o seu período desde então, não teve sangramento.

O coração dela deu uma guinada, sua mente piscou de volta ao pesadelo, o lamento da criança aterrorizada e o puxar em seu útero.

—Oh, meu Deus, vou ter um bebê de Maverk!

Ela esperou que o pânico se estabelecesse, a loucura assumisse, mas isso não aconteceu. Em vez disso, a calma caiu sobre ela e o amor voou para a vida, queimando tão brilhantemente como o pequeno bebê em sua barriga ainda plana.

As lágrimas vieram.

—Ah, doce bebê, vou te amar mais do que a própria vida. Perdoe-me. Vou guardá-lo, enquanto você cresce dentro de mim. — a garganta doía, ela olhou para o rio através da visão turva, — Quando você nascer, vou mantê-lo apenas por um tempo curto, eu prometo. Você precisa mais do que posso dar. Meu presente para você por quase ter terminando sua vida, será enviar-lhe para sua casa, para o seu pai.

Piscou as lágrimas, ela ficou em silêncio. A tranquilidade da área infiltrou-se nela, mas ela não devia esquecer que estava no Setor Outlaw. Onde poderia ir para abrigar-se e manter o bebê em segurança dentro dela, até que ele nascesse? E se alguma coisa desse errado com o parto? Um arrepio percorreu-a com o pensamento dos médicos neste inferno.

Não, ela tinha que encontrar outro lugar. Outra pessoa. Alguém em quem pudesse confiar para assisti-la no nascimento, alguém que iria garantir que o menino fosse para casa se ela morresse durante o parto. Mas quem?

Um pássaro voou para um galho próximo. O estridente trinado cresceu mais e mais exigente, rompendo sua concentração, ela virou a cabeça para buscá-lo na árvore.

Ele se aproximou, inclinando a cabeça para um lado, vibrando as asas frágeis. Uma tira branca corria em sua cabeça e para trás, e a considerou interrogativamente com seus brilhantes olhos negros.

Ela o observou com curiosidade. Para um pássaro selvagem, era incrivelmente amigável. Aberto, confiante e sem medo, ainda assim não era tolo.

Ele pulou mais perto, conversando rapidamente e olhando para ela, o branco sobre a sua cabeça era um nítido contraste com o negro de seu corpo.

É claro! Reya percebeu, de repente.



Encostada no batente da porta, Beulah assistiu sua chegada. Uma trança grossa pendia da guerreira para trás, suas roupas estavam manchadas de sujeira, sangue e suor.

A Reeka parou no pé da escada olhando para ela.

—Eu a estive esperando. — Voltando atrás, Beulah apontou para a cabana.

—Por que eu fui obrigada a vir aqui? — Reya perguntou.

—Você se sente segura?

—Sim, mas...

—É por isso que está aqui, para recuperar a segurança. Isso é tudo que você precisa saber.

Reya não perguntou como a feiticeira sabia. Ela subiu os degraus e entrou na cabana. A porta se fechou atrás dela e Beulah apontou para o laser e espada. Sem uma palavra, ela retirou as armas e deixou-as cair sobre a mesa.

—Bom. — Os calmos olhos negros a consideravam. —Vá para a sala de trás. Você vai encontrar o que precisa lá. Use.

Sentindo-se como se estivesse em um sonho, Reya obedeceu. A cabana tinha um efeito quente e calmante sobre ela, o mobiliário simples parecia misturar-se com as paredes em calma harmonia.

Uma banheira estava no centro da sala de trás, numa cadeira ao lado dela havia uma túnica branca simples e roupas de baixo limpas, sandálias e uma toalha.

—Sua roupa será limpa. — Beulah apareceu atrás dela. — Entregue para mim e você pode tomar seu banho em paz.

A água na banheira era confortavelmente quente, penetrando em seus poros, o óleo perfumado levantava-se com o vapor para rodar em torno dela, sussurrando em seus sentidos. Seus músculos relaxaram e foi com esforço crescente que ela forçou os braços a se moverem, para pegar o sabonete e ensaboar seu corpo e cabelo, limpando-se.

Ela ficou na banheira até que a água esfriou e, em seguida secou-se e vestiu a túnica que caiu até os seus joelhos. Passando os dedos por seus cachos úmidos, ela olhou para a banheira, querendo saber onde esvaziá-la.

—Não se preocupe com isso, — Beulah falou do outro quarto. — Venha e coma um pouco.

A feiticeira era assustadora. Com um encolher de ombros, Reya fez como foi mandado e entrou na sala da frente para ver que duas tigelas de sopa e um prato de pão estavam em lados opostos da mesa. Beulah sentou-se em um lado e acenou para que tomasse o outro banco.

Sem muito apetite, Reya pegou a colher. Ela não queria comer, mas agora tinha mais com quem se preocupar do que apenas consigo mesma.

—Você é sábia em pensar no bebê.

—Você sabe?

Engolindo um bocado de cozido, Beulah pegou outra colherada.

—Seu e de Maverk, sim.

—Como você sabe disso?

Pegando o pão, ela respondeu:

— Foi concebido em amor profundo. Esse amor permanece dentro de você e do comerciante loiro. Agora coma.

Mergulhou a colher na sopa, comeu e achou surpreendentemente bom.

—Não é tão ruim, hein? — Os olhos negros brilharam quando viram a colher rapidamente ir até o ensopado.

—É bom.

Empurrando a tigela vazia de lado, a feiticeira estudou-a. Havia círculos escuros abaixo de seus olhos claros, agora profundamente sombrios de tristeza.

—O fardo é pesado, filha.

—Eu suponho que você sabe sobre isso também?

—Eu sei apenas o que preciso. Onde está Maverk?

—Em Daamen. Eu acho.

Você está para ter uma surpresa, Beulah pensou consigo mesma.

—Ele não tem conhecimento de seu bebê.

Reya balançou a cabeça.

—Ele precisa de seu pai, também.

Sua mandíbula apertou.

—Quando nascer, ele vai voltar para casa.

—Casa? — Uma sobrancelha preta arqueou.

Reya falou.

—Para Maverk. Como você disse, um bebê precisa de seu pai.

Longos dedos finos dobraram sobre a mesa.

—E não de sua mãe?

—Ele vai ficar melhor sem mim. Ele pode dar-lhe muito mais.

—Tais como?

—Você sabe o que eu fiz. Você sabe tudo, feiticeira. Tudo o que posso oferecer é uma vida manchada com horror, desonra e loucura. Ele vai dar-lhe amor, honra e segurança.

—Loucura? Eu diria que você andou ao longo da borda.

—Você sabe tudo, Beulah. — Amargura tingia as palavras de Reya.

—Então você diz. — Ela sorriu levemente. —Mas você não está louca. Na verdade, você passou por ela.

—Você fala por enigmas. Estou louca ou não?

—Insanidade é um estado da mente, dizem alguns. — A mulher mais velha começou a recolher as tigelas vazias. —Mas é tarde e vamos falar mais na parte da manhã.

—Tarde? É meio-dia, mas...

—Pensa assim? Olhe para fora da porta, criança.

Não podia ser. Não poderia. Não havia passado tempo suficiente. Indo para a porta, ela abriu-a.

— Está escuro!

—Vá para a cama, criança, — Beulah disse suavemente. —No quarto de trás.

—O que acontece aqui, feiticeira? Cheguei perto do meio-dia. — Um pensamento súbito passou por ela. —Ainda é hoje, eu presumo?

Sua risada parecia surpreendentemente jovem.

—Você duvida?

—Eu não sei... sim. — Ela se virou de repente. —Quão poderosa é você? Você pode controlar o tempo?

— Não. O tempo é incontrolável. Passa no seu próprio ritmo, independentemente dos nossos desejos.

—Mas eu não estive aqui tanto tempo.

—Você está cansada, Reya. Confie em mim, está segura aqui, como o seu bebê. Você não teria vindo de outra maneira.

Perturbada, ela olhou para o rosto gentil.

—Eu não sei o que me fez vir aqui. Quero dizer, sei que foi pela segurança do meu bebê.

—E a sua. — Atravessando a sala, Beulah tocou no seu rosto delicadamente. —Disseram para vir aqui, não foi?

—Disseram? Eu tive um sentimento...

—Acredito que a palavra era vá.

Seu rosto empalideceu.

—Não é possível.

Capítulo 34

—Tudo é possível. — Beulah voltou rapidamente para a pia e abriu a torneira. —Ainda assim, é hora de você ir para a cama. Vou ver você de manhã, bem cedo. Há trabalho a ser feito.

—Espere. O que... o trovão...?

—Boa noite, Reya.

Não haveria mais respostas hoje à noite, mas ela prometeu procurá-las na parte da manhã.

Entrando no quarto de volta, viu a pequena cama colocada no canto. *Quem tinha estado lá antes? E onde estava a banheira? Alguém devia viver aqui, pois a feiticeira não tinha deixado a sala da frente. Tinha? Não, claro que não. Mas então, era final da manhã quando ela chegou... e agora era noite... apesar de apenas algumas horas se passarem...*

Sua cabeça estava começando a doer com os pensamentos galopando uns após os outros ao redor e através de sua mente. Ela não tinha certeza do que estava acontecendo aqui. Ela não era boa com misticismo. Só sabia uma coisa sobre esse lugar.

Ela e seu bebê estavam a salvo aqui.



Aproximando-se da fortaleza em ruínas com cautela, os Daamens a encontraram deserta. Os únicos sinais de vida eram os dos insetos vibrando dentro e fora dos buracos nas paredes de pedra em ruínas.

—Parece que a luta acabou, — comentou Darvk. —Todos já foram embora.

—Assim, parece. — Maverk passou a mão pelos cabelos, sacudindo-o loucamente. —Droga, gostaria que tivéssemos um rastreador *viscomm*!

—Muitas pessoas andaram aqui para pegar as suas vibrações, de qualquer maneira.

Chutando um pedaço de entulho, ele olhou para as ruínas imponentes.

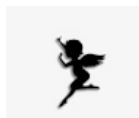
—Por que ela voltou a lutar?

—Talvez pensasse que era tudo o que restava para ela.

Eles voltaram para a nave da frota, ponderando sua próxima jogada.

—Nós sabemos que ela não tem transporte. — Coçando o queixo, o olhar de Maverk se estreitou no mapa da área, na tela visual. —Para ir a qualquer lugar, teria de contratar um transporte.

—Muito bem pensado. Vamos para o povoado mais próximo e conferir os estábulos e ônibus de transporte. — Darvk deu partida nos motores. —Alguém, em algum lugar, deve tê-la visto.



—Maverk! — Zina correu para cumprimentar o comerciante grande e louro, com o rosto que era só sorriso. —Bem-vindo de volta! Ele devolveu o sorriso.

—Como está Mara?

—Salva, graças a você e Reya. Ela agora está vivendo em Viksa, fora do Setor.

—Nós nos mudaremos para lá em breve, — acrescentou Chut. —Ela foi ficar com os amigos, até chegarmos lá.

—Estou contente por vocês. — Maverk olhou para o assentamento. — Reya esteve aqui?

—Não. Ewin diz que ela a trouxe de volta, mas nunca entrou no assentamento.

—Podemos conversar com esta mulher? — Darvk perguntou.

Zina tomou o braço de Maverk.

—Eu sei que ela vai ficar feliz em ajudar. Venha, vou levá-lo até ela.

Eles caminharam através do assentamento, os comerciantes abrandaram o seu ritmo para combinar com os passos menores e mais lentos da velha. A impaciência queria insistir para que ela se apressasse, mas o respeito o impediu.

Finalmente chegaram a uma pequena cabana com um jardim arrumado e Zina bateu na porta. Abriram quase imediatamente, uma mulher com cabelos castanhos claros olhou dela para os Daamens, com um toque de medo em sua expressão, à vista deles.

—Ewin, esses são amigos de Reya — Zina disse rapidamente. — Eles querem falar com você sobre ela.

—Amigos? — O medo deixou seus olhos e ela abriu mais a porta. —Por favor, então entrem.

—Obrigado, mas não. — Darvk sorriu brevemente. —Devemos ir em breve.

—Bem, como posso ajudar?

Maverk respondeu rapidamente.

—Reya retornou aqui?

—Sim. Ela salvou minha vida, trouxe meu bebê e a mim de volta para casa.

—Onde ela foi depois de sair daqui?

Arrependimento genuíno estava na expressão de Ewin.

—Eu não sei. Eu gostaria de saber. Ainda me preocupo com ela.

Um arrepio passou através de Maverk.

—Por quê? O que estava errado?

—Eu não sei, mas ela parecia... mal. Ela não dormiu e muitas vezes no caminho ficava numa espécie de torpor, distante. Não como se estivesse preocupada. — Franzindo a testa, ela tentou encontrar as palavras certas. —Mais como... ela não estava ali. Você sabe? Como se seu corpo estivesse lá, mas não seu espírito. Foi meio assustador. — Ela fez uma careta. —Mas ela estava lá por mim. Ninguém chegava perto de nós, assim que a via.

—Existe alguma coisa mais que você possa nos dizer? — Darvk pressionou consciente da tensão de seu amigo. —Qualquer coisa.

—Gostaria de poder. Tentei fazê-la entrar e descansar, mas ela não quis. Ela acabou indo. Senti pena dela. Você sabe, ela é forte e corajosa, mas eu podia sentir a sua solidão. Eu não sei como ela aguentava. Eu iria enlouquecer se estivesse tão sozinha quanto ela.



Olhando para trás, para as linhas de legumes que tinha acabado de plantar, Reya sentiu-se cheia de satisfação, quando contemplou a terra recém-revolvida. Ela tinha encontrado uma espécie de paz ao ajudar à feiticeira na enorme horta, capinando, plantando e escorrendo água sobre as mudas. A sensação de terra fresca era boa em suas mãos, o sol quente nas costas. A espada e o laser estavam embaixo de sua cama.

Apoiando-se na enxada, Beulah olhou para ela, com o rosto no sol.

—Depois de apenas uma semana, você tem a aparência de uma jardineira.

—Você acha? Não pareço mais com uma guerreira?

—Você sempre será isso. — A mulher mais velha enxugou o suor que pontilhava a sua testa com um pano. —Está em você. Mas uma guerreira não tem que lutar o tempo todo, como você descobriu.

Reya enrolou os dedos ao redor da terra em sua mão.

—Eu estraguei a chance quando a tive.

—Há mais de uma chance na vida, criança. Talvez não haja algo como ‘chances’. Eu acho que nós simplesmente escolhemos fazer o que quisermos e podemos mudar essa escolha a qualquer momento, se assim nós escolhermos.

—Isso é um monte de escolha.

—É. Assim como você escolheu vir até aqui.

—Será que eu escolhi? Eu me pergunto.

—Se não foi você, então quem? — A feiticeira moveu-se para o tanque de água da chuva e derramou uma bebida em uma caneca de lata.

—Eu tive um sonho.

—Coisas surpreendentes, não são? Eles fizeram você consciente de muitas coisas.

Inconscientemente a mão de Reya foi para seu estômago, esfregando suavemente. Sim, os sonhos tornaram-me consciente de muitas coisas. Tal como o bebê dentro dela e o quanto ela sentia falta de seu pai.

—Você sonhou com ele na noite passada. — Beulah sentou no banquinho.

Ela permaneceu em silêncio.

—E na noite anterior. Você chama por ele, muitas vezes, no escuro.

Escuro. Reya estremeceu.

—Você não está louca.

—Como você sabe? Talvez eu só esteja no meio de um momento de lucidez.

—Eu sei. Ainda uma cética! Você realmente aprendeu tão pouco aqui, filha?

Reya sorriu levemente.

—As coisas que já vi, ou não vi, para ser precisa. Eu não gosto de pensar.

—Mas você e seu bebê se sentem seguros.

—Sim, nos sentimos seguros — ela concordou, mas uma sombra cruzou o rosto dela.

—Mas há algo faltando.

—E o que seria isso?

—Você quer que eu diga a você?

—Você vai dizer de qualquer maneira.

—Ah, mas é aí que você está enganada. Cedo ou tarde você tem que encontrar a resposta por si mesma. —Beulah levantou facilmente sobre seus pés. —Eu estou indo cozinhar a refeição do meio-dia. Se limpe antes de entrar.

Reya observou-a ir para a cabana, os longos fios de cabelos brancos escapando do coque apertado.

Algo que falta...

Alisou a terra em volta, sobre a área em que ela tinha arrancado às ervas daninhas, empurrou os dedos no solo tão profundo e a cor marrom lembrou-se de... *Não!* Rapidamente se levantou. *Ela não devia pensar nele, não devia!*

Engolindo contra o aperto doendo na garganta, pegou o saco de ervas daninhas e a enxada, em seguida lavou as mãos e entrou na cabana.

Naquela noite, ela sonhou com uns olhos castanhos alegres em um rosto bonito, mas o que ficou cada vez mais perturbador era que, noites depois, os olhos perderam a alegria e tornaram-se tristes, com saudade, melancólicos... assombrando... suplicantes.

Na sétima manhã, ela acordou chorando, pensando que o ouviu chamando por ela. Por trás de sua chamada estava o choro de seu bebê por nascer.

Angustiada pelo sonho, com a tristeza e o desespero crescendo nela, sentou-se na varanda e olhou para o amanhecer. Beulah estava certa. Ela sabia o que tinha perdido e que necessitava tão seriamente dele, que braços doíam para abraçá-lo.

—Oh, Maverk — ela sussurrou.

O sol espreitava sobre a montanha, o seu brilho era um forte contraste com seu humor negro.

Beulah saiu para a varanda.

—Você tem a sua resposta?

—Se você se refere a eu perceber que Maverk é o que eu mais sinto falta, sei disso, mas não era para ser.

—Oh?

—Não quero falar sobre isso.

—Sua escolha, mas você terá que enfrentá-lo um dia.

Reya não respondeu e Beulah sorriu e olhou para o sol nascente.



Com o coração batendo forte e sua garganta apertada, Maverk estremeceu ao acordar. Com sua visão turva e voz trêmula, ele limpou a umidade de seus olhos, piscando rapidamente.

No beliche oposto, Darvk se agitou, empurrando para trás as cobertas. Seu olhar procurou e encontrou seu amigo sentado do lado do beliche, como ele tinha feito a cada vez que despertava na última semana.

—Maverk?

—Tive o sonho de novo.

—Reya?

—Chamando por mim. Gritando, suplicando, implorando. E outra coisa, algo novo...

Darvk levantou-se sobre um cotovelo.

—O quê?

—Um bebê chorando. O que significa?

—Eu gostaria de saber.

—Eu a sinto tão perto ainda que esteja tão longe. — Maverk cerrou os punhos. —Mas era muito real para ser apenas um sonho!

Puxando seu colete, Darvk estudou o rosto do amigo, vendo as sombras e a expressão assombrada.

Indo para o banheiro, Maverk jogou água fria no rosto, tendo respirações profundas. Os sonhos tinham começado nessa semana. Ela estava tão séria em seu primeiro sonho, então na noite seguinte, amorosa. Mas nas últimas cinco noites um desespero tinha caído sobre ela, um pedido e ela estava chorando seu nome. Esta manhã ele despertou e, não só o seu nome, mas também o choro de um bebê. *O que isso significava?*

—Onde está você, moça? — ele sussurrou.

Darvk apareceu na porta, com uma caneca fumegante de bebida na mão.

—Aqui, parece que você precisa disso.

Com um aceno de agradecimento, Maverk tomou a caneca.

—Ninguém aqui sabe alguma coisa de seu paradeiro. É como se ela desaparecesse da galáxia, três semanas atrás. — Darvk franziu o cenho.

—Três semanas — Maverk suspirou. —Temos procurado por mais de um mês. Você precisa ir para casa e ver Tenia e seu filho.

—Eu vou a apenas mais alguns dias.

—Tenia ficará preocupada.

—Entrei em contato com ela na noite passada. Ela se preocupa com todos nós.

Maverk inclinou-se, cansado contra a parede.

—Onde Reya poderia ter ido? Nós procuramos em toda parte.

—As Reekas sempre foram hábeis em esconder-se. — Darvk sorriu, lembrando. —Lembra-se como encontramos seu esconderijo em Urion? Acabamos indo até aquela feiticeira para ajudar...

Eles olharam um para o outro apertando os olhos, a mesma idéia ocorrendo ao mesmo tempo.

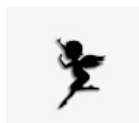
—Beulah.



Encostada no batente da porta, Beulah observava a chegada dos comerciantes. Pararam na parte inferior para olhar para ela.

Com um aceno para Darvk, ela transferiu sua atenção para Maverk.

—Eu estive lhe esperando.



Reya sentia-se estranhamente letárgica, temperamental e chorosa. O sonho assombrando e ela não podiam resolver qualquer coisa.

Finalmente, a feiticeira a mandou para fora para apanhar ar.

—Vá sentar-se lá atrás e veja os legumes crescerem.

—Legumes não crescem tão rápido.

—Então, mantenha os pássaros à distância.

—Eles não vêm perto de seu jardim. Você deve tê-lo encantado.

—Estamos suscetíveis, heim?

—Desculpe.

—Você não parece bem. Vá para trás e sente-se. Fale com o seu bebê.

—Você está cansada de mim, Beulah?

A feiticeira afagou seu rosto com carinho.

—Claro que não. Vá em frente, agora.

—Você acha que ele — ela — sabe o que estou dizendo?

—Você vai saber.

—Isso é para ser uma resposta?

—Você descobrirá isso.

—Eu pensei que você deveria estar me ajudando.

Um sorriso vinhou o rosto de Beulah.

—Eu estou.

Desistindo, Reya saiu, dando a volta, sentou-se no banquinho e inclinou-se contra a parede da cabana, olhando para fora, para a horta. Ela esfregou sua barriga.

—Beulah quer que eu fale com você. Você está me ouvindo, um pouco?

A suave brisa arrepiou uma onda perdida que tinha escorregado da trança pendurada em suas costas.

—Então, sobre o que vamos falar? O tempo? O jardim? — Ela suspirou humor escurecendo e a tristeza caindo sobre ela. —Talvez deva lhe falar sobre seu pai.

Sim, ela queria falar sobre ele. Ela tinha empurrado os pensamentos sobre ele para longe, por tanto tempo. Talvez se falasse dele, os sonhos perturbadores desaparecessem.

Acariciando sua barriga, ela começou baixinho:

— O nome do seu pai é Maverk. Ele é bonito, com alegres olhos castanhos e um toque tão seguro e forte, mas suave. Ele vai mantê-lo seguro com as mãos, pequenino. Ele vai aliviar as suas preocupações e beijar seus machucados para melhorar. — Ela sorriu melancolicamente. —Ele vai fazer todas as coisas que não estarei lá para fazer. Ele vai segurá-lo e apoiá-lo quando você der seus primeiros passos. Ele vai enxugar suas lágrimas e fazer você rir. Ele é assim. — Através de um borrão de lágrimas, ela olhou para fora, para as montanhas distantes. —Ele é bom e gentil, tudo o que não sou. Quando você nascer, prometo mantê-lo por apenas um curto período, antes de mandar você para viver com ele, mas não pense que não o amarei. Vou amá-lo até o céu cair e o chão desaparecer embaixo de nós. Eu vou amá-lo por toda a eternidade, como faço com Maverk. — Uma lágrima rolou por sua face. —Você vai ser tão afortunado, pequenino. Seu pai foi a melhor coisa que já aconteceu comigo e eu guardarei a sua memória como um tesouro até o dia que morrer.

—Você vai saber sobre mim, eu acho. Onde estou, quem sou. Eu não estarei lá para dizer a você, não sei o que vai ser dito, mas quero que se lembre que vou amá-lo para sempre. Não importa se não estarei lá, pois você sempre estará em meu coração. E vou sempre amar seu pai. Eu o amarei até o dia que morrer, quando estiver sozinha, vou pensar em vocês dois. — Acariciando sua barriga

com ternura, ela murmurou: — Você vai parecer com ele, eu me pergunto?

—Você vai estar lá para ver e descobrir — respondeu uma voz atrás dela, profunda e cheia de emoção.

Pulando do banquinho, ela virou para olhar para o homem que estava diretamente atrás dela. Sangue trovejou através dela, seu coração pulsando e pulando descontroladamente, seus olhos arregalaram-se com o choque. Alegria e pavor guerrearam dentro dela.

—Maverk!

—Você estará lá para acalmar as preocupações de nosso bebê e beijar o seu dodói para melhorar, moça. Juntos, vamos segurá-lo e banhá-lo, vamos apoiar seus primeiros passos, você estará lá para enxugar as lágrimas e dar-lhe todo o amor que você puder.

—Eu não posso... — ela começou entrecortada.

Segurando seu olhar, ele gentilmente colocou a mão contra a sua barriga.

—Deixe-me contar sobre sua mãe, pequenino. Ela é Reya das Reekas, uma raça de honra e força. Ela é linda, — seus lábios escovaram através de sua boca trêmula, rápido e suave antes de quebrar o contato para continuar, — honrada. Como poderia não ser, quando ela irá dar-lhe o que acredita ser uma vida melhor, para você?

Tudo que Reya podia fazer era sacudir a cabeça em negação, chorando.

A outra mão dele aproximou-se e um dedo pressionou levemente os seus lábios.

—Sua mãe também é teimosa, bastante, mas eu a amo por isso. Eu vou amá-la até o céu cair e o chão desaparecer embaixo de nós. Eu a amarei para a eternidade, assim como amarei você. —Com o polegar, ele pegou a lágrima que caía como um cristal cintilante pelo seu rosto, em seguida, com a palma da mão em concha, segurou o seu rosto com grande ternura. —Ao contrário do que você acredita moça, você é a melhor coisa que já me aconteceu.

Um soluço escapou e rapidamente ele pegou-a em seus braços, embalando-a contra ele, seu rosto repousou na sua cabeça de seda.

—Oh Deus, Maverk! Eu pensei que nunca iria vê-lo novamente! Eu pensei que você me odiava!

—Nunca! — ele disse ferozmente. —Eu vou amá-la para sempre. Nada, nunca vai mudar isso.

Ela se apertou contra ele, seu calor penetrando em seu coração gelado, suas palavras acalmando a sua dor.

O tempo passou enquanto eles simplesmente estavam abraçados, saboreando a proximidade, depois de semanas de medo, angústia e preocupação.

Sentindo-a mover, abrir a boca em protesto, sua boca cobriu a dela e sentiu-se tão bem, tão certo. Ela deu o amor que sentia por ele em um beijo, tão apaixonado e faminto que sacudiu sua alma.

Se afastando um pouco, ele respirou instável.

—Moça, eu a amo tanto.

—Mesmo depois de tudo que eu fiz?

—Você fez o que tinha que fazer, para sobreviver. Aceite e supere, deixe tudo para trás.

—Você pode?

—Eu já fiz.

—Você estava tão chocado, tão enojado...

—Sim, estava, mas não com você. Fiquei enojado que não tivesse percebido que você tinha sofrido tanta agonia todo esse tempo. Mas nunca de você. Sua dor interior me rasgou em pedaços.

—Eu... minha irmã... Dana... Connie, elas...? — Não conseguindo continuar, ela engoliu.

—Elas estão muito preocupadas com você, se culpam por não descobrirem o que tinha acontecido. Seu nojo foi pelo povo do deserto. Por você, somente o amor e preocupação.

—Então...

—Elas querem você em casa. Na verdade, Darvk nos espera lá dentro.

—Darvk? — Ela ficou surpresa.

—É claro. O momento mais difícil foi fazer Tenia ficar para trás, assim como Morgan e Garret com Connie e Dana. Apenas os ferimentos de Dana, o bebê de Tênia e a criança de Connie, as forçaram a ficar para trás. Pense sobre isso, — Maverk sorriu torto, — Houve alguns argumentos acalorados sobre quem ficava e quem saía.

Seu sorriso era trêmulo.

—É tão difícil de acreditar. Todo esse tempo eu pensei...

—Que você estava realmente sozinha? — Uma grande mão deslizou o braço para a parte de trás do seu pescoço. —Você estava tão errada. Sua família e amigos aguardam o seu retorno e eu, — seus lábios apoiaram em seus cabelos. —Eu nunca vou deixar você fora da minha vista novamente.

Desta vez, o beijo era doce e sem pressa, uma reaprendizagem gentil com o sabor um do outro.

Quando eles se afastaram, ele disse:

— Nós estamos indo para casa, moça.

— Eu preciso dizer-lhe algo. — Ela hesitou.

Ele viu a sombra nos olhos.

— Não tenha medo de me dizer, Reya. Esteja aberta.

— Depois que saí...

— Você foi a uma missão.

— Você sabe sobre isso?

— Conhecemos muitas pessoas em nossa busca por você.

Ela respirou fundo.

— O que eu estou prestes a dizer-lhe irá chocá-lo.

Mãos grandes apertaram a dela em um aperto forte e constante de encorajamento. Ele esperou pacientemente.

— Antes de vir para... Beulah, depois da missão... Eu não podia aguentar mais, a luta, a execução, os pesadelos. Eu não sei quanto tempo vaguei pelas florestas. Eu fui até a borda. — Ela estremeceu. — Um dia encontrei-me perto de um rio. Estava tão cansada, e pensei que tinha perdido tudo o que era importante para mim. Eu... perdoe-me, Maverk, eu... peguei o meu laser e pensei que deveria dar fim a tudo. Estava tão cansada. — Ela começou a chorar baixinho. — Eu tive um sonho. Ouvi o choro do nosso bebê. Juro que não sabia que estava grávida, pois nunca iria ferir o nosso bebê, nunca.

— Fique tranquila, meu amor. — Ele olhou para ela com ternura. — Eu sei. Talvez você estivesse passando por cima da borda... Deus sabe como você ficou sã por tanto tempo, mas sei disso, você não é mais insana do que eu. Você puxou-se para sair desse buraco pelo bem de nosso bebê, do nosso amor mútuo. O sonho foi uma mensagem, moça. Acabou. Você está em segurança, de volta comigo, conosco. Você entende?

Ela colocou a mão sobre a dele.

— Eu sonhei com você, Maverk. Você estava tão triste, implorando tanto.

Ele estudou-a atentamente.

— Eu tive o mesmo sonho, só que no sonho, você estava me chamando.

— Isso não é possível. Você ouviu o bebê?

— Chorando? — ele terminou. — Sim, eu ouvi.

Silenciosamente eles olharam um para o outro.

Capítulo 35

—O que significa tudo isto? — Reya perguntou confusa.

—Você não adivinhou filha?

Voltaram-se para enfrentar a feiticeira.

Cruzando os braços, Beulah sorriu.

—Vocês são almas gêmeas, amantes. Foi o espírito de vocês, alcançando um ao outro e o bebê, vocês não podem adivinhar?

Reya prendeu a respiração.

—Foi o espírito do bebê?

—Sim. Ele sentiu a sua tristeza e a de Maverk, e ele chorou. É uma parte de ambos, um produto de seu amor.

Deslizando o braço em torno da cintura de Reya, Maverk ficou ao seu lado.

—Como posso agradecer por cuidar da minha moça?

Ela acenou com a mão levemente.

—Não, não precisa agradecer. No entanto, antes de ir...

—Qualquer coisa.

Seus olhos brilhavam.

—Você pode ajudar a terminar de capinar a horta.

Ele meio gemeu, meio riu.

—Este parece ser o seu pagamento favorito, Beulah!

—Sim. — Darvk dobrava o canto da cabana. —Pagamos o mesmo preço há dois anos, pela poção da verdade.

Ele sorriu gentilmente para Reya.

—Estou satisfeito em vê-la segura e bem, irmã.

Hesitante, ela se adiantou.

—Eu sinto muito. Tania e o menino precisam de você agora.

Ele a abraçou.

—Não fale tolamente, moça. Ela estaria aqui se pudesse. Não, estou feliz por termos encontrado você. Agora é tempo de ir para casa, depois, é claro, de termos assistido Beulah.

—Sente-se e descanse moça — Maverk instruiu. —Você deve tomar as coisas mais fáceis, com o bebê.

—Bebê? — Darvk puxou para trás, para olhar para baixo, com surpresa para o seu rosto ruborizado. —Você está grávida?

Maverk sorriu orgulhosamente.

—Vou ser pai.

—Então, você definitivamente vai descansar, enquanto nós terminamos esta horta. — Ignorando seus protestos, ele a levou até uma cadeira. —Espere aqui.

Beulah riu.

—Ela é jovem, forte e saudável. Nada vai acontecer para prejudicar o bebê.

—Ela vai descansar — Maverk disse com firmeza.



—Maldição, nunca fuja de novo! — Tenia repreendeu-a em lágrimas.

Connie abraçou Reya mais perto.

—Você é uma moça boba! Maverk, eu espero que a castigue bem por atrever-se a pensar que nós a julgaríamos tão duramente.

—Na verdade, nunca cheguei a isso. Oxalá, mais tarde, quando estivermos sozinhos...

Dana apertou sua prima levemente no braço.

—Eu estou insultada, você não me levou com você. Inferno sangrento, este é o agradecimento que tenho por acompanhá-la por todos esses anos!

—Você foi minha tábua de salvação. Eu...

—Por piedade, não fique piegas, — disse Dana desconfortavelmente. —Eu prefiro que você grite comigo, a isso.

O riso, quente e carinhoso correu através do grupo.

Garret sorriu para a guerreira loira.

—Eu não vou ficar piegas com você, meu doce.

—Você sabe sangrentamente bem, não vai conseguir nada!

—Você é tão bonita quando está zangada.

—Eu vou dar-lhe '*bonita*' em um minuto.

—Eu não posso esperar.

Rindo, Maverk puxou Reya para o seu lado.

—As coisas não mudaram.

—Estou em casa, — ela sorriu para ele.



Tenia viu a mudança em sua irmã, uma suavidade nova nos olhos dela, as risadas, que todos os dias surgiram mais facilmente

aos seus lábios, quando estava com a família e os amigos íntimos. Com os outros, no entanto, ainda era reservada.

—Mas eu gosto quando você está tão fria em torno delas, — disse Maverk na noite de núpcias, entrando em sua casa com Reya em seus braços.

—Você acha? — Ela levantou uma sobrancelha interrogativamente.

—Sim. — Ele piscou. —É tão excitante saber como você é quente debaixo daquele comportamento gelado. — Chutando a porta com o calcanhar, ele começou a descer o corredor.

—É mesmo?

—Você não tem idéia do quanto eu gosto de aquecer você e derreter o gelo.

—Então, se segure, — ela falou com voz arrastada.

Colocando-a sobre seus pés no chão do quarto, ele endireitou-se e olhou para ela.

—Quando a guerreira de gelo derrete, você é tão quente que me deixa em fogo.

—Isso era para ser romântico?

—Não, sexy. Você não tem palavras doces para mim, mulher?

Tentando parecer pensativa, ela franziu os lábios.

—Deixe-me pensar, bonitão. Que tal grande, teimoso, cabeça dura, exigente e... *ouch!* —Ela esfregou o traseiro, que não doeu nem um pouco com a tapa brincalhona. —O que foi isso?

—Eu pedi coisas doces, não calúnias sobre o meu caráter. — Os olhos castanhos brilharam. —Devo beijá-lo para você melhorar? — Acariciando o seu bumbum, ele puxou-a com força contra ele.

Seu toque passou como um relâmpago.

—Você faria isso? — ela perguntou com voz rouca.

A saia longa foi lentamente levantada sobre as pernas delgadas até que os dedos longos pudessem escorregar sob ela e esfregar suavemente, sensualmente, contra a pele de uma nádega firme.

—Vire-se e eu mostrarei a você — foi a gutural resposta. — Seria o meu prazer. Eu vou beijar cada centímetro do seu corpo delicioso... e eu quero dizer cada centímetro.

Um calor ondulou em seu lugar feminino, puxando e arrancando as cordas sensíveis do desejo e ela chegou-se, entrelaçando os dedos em seus cabelos loiros. Suavemente ele abaixou a cabeça dele e ela o beijou.

Ele voltou-a avidamente, possessivamente, a língua dele entrou exigente em sua boca, varrendo o doce calor das profundidades,

pilhando e reivindicando. Ele deslizou as alças finas pelos ombros e empurrou o vestido para baixo até que caiu aos seus pés, deixando-a nua e aberta para as mãos ansiosas.

Gemendo em sua boca, ela puxou a camisa de seda dele e corajosamente deslizou as mãos na parte traseira de sua calça para alisar as nádegas tensas, apertando firmemente.

Ofegante, ele arrastou sua boca da dela e encostou testa contra testa.

—Moça, eu preciso de você. Agora.

—Então me leve. Eu sou sua.

Os últimos resquícios de seu autocontrole estalaram, caindo com a velocidade de um relâmpago, ele arrancou os pentes que prendiam o seu cabelo, de modo que os fios de seda caíram longos e soltos pelas suas costas. Emaranhando as mãos neles para mantê-la, continuou com seus beijos aquecidos, devoradores, Maverk a carregou por todo o quarto e a colocou em cima da cama. Rasgando fora o restante de suas roupas, ele abaixou-se sobre ela.

Com a respiração esfarrapada, olhou para ela.

—Moça, eu não posso esperar. Eu preciso estar dentro de você agora.

—Bom — ela sussurrou, arrastando as unhas levemente em suas costas. —Porque eu queimo para sentir você dentro de mim.

Ele entrou em sua profundidade aquecida com um golpe suave, sentindo a caverna quente ao seu redor e recebendo-o no fundo e mais fundo ainda, em um lago de fogo, de lava derretida.

Dobrando os joelhos para levá-lo ainda mais, ela o acolheu em casa, sentindo o pulsar do eixo rígido profundamente dentro de seu corpo, cheio e pesado. Ela recebeu suas estocadas, fogo frio e calor ardente combinado e em fusão, eram como faíscas impressionantes onde o pênis deslizava contra a bainha, pele contra pele. Homem na mulher.

O amor dos dois era quase agressivo, cada um lutando para obter o máximo do outro que podia, sua paixão era furiosa, viva e brilhante. Quando chegaram ao clímax, eles o fizeram junto, segurando firme um ao outro, quando a paixão quebrou em um milhão de cacos ardentes, espalhando em todas as direções e girando, deixando-os flutuar de volta juntos.

Rolando para o lado, Maverk a puxou contra ele, segurando-a perto, eles ficaram sem falar até que recuperaram o fôlego.

—Eu acho que Tenia foi cruel, fazendo você dormir em sua casa e eu com Garret. Olha o que perdemos toda esta semana.

Reya riu.

—Eles dizem que a abstinência faz um homem ansioso.

—Eles quase me deixaram louco. Tudo o que queria fazer, era levá-la a algum lugar privado e amar você!

—Eu pensei que você parecia desolado.

—Eu diria com fome.

—Isso também. Prefiro pensar que Dana fez uma boa escolha.

—Ela guardou você tão bem, só consegui roubar alguns beijos!

—Apalpar você quer dizer.

Ele riu.

—Eu consegui alguns toques, não foi?

Dedos suaves arrastaram sobre o seu estômago e seus músculos apertaram em resposta.

—Oh, sim, você fez, bonito.

Ele pegou a mão dela, entrelaçando os dedos juntos.

—Por que você me chama assim?

—Isso preocupa você?

—Pelo contrário — ele falou lentamente. —Como sou o único que você chama por esse nome, gosto bastante dele.

—Não é viril o suficiente para você? — Ela arqueou uma sobrancelha.

Agarrando-a pelos ombros, Maverk puxou-a para o seu peito.

—Pare de evitar a questão, moça, a não ser que, — sua sobrancelha arqueou, perversamente. —você goste de um pouco de castigo?

—Agora eu realmente estou medo.

Uma palma grande pousou suavemente em seu traseiro firme.

—Confesse.

—Eu não sei se devo. — Cruzando os braços em cima do seu peito, ela descansou o queixo sobre eles e olhou para ele provocadoramente. —Gosto muito da idéia de ser castigada por você.

—Feiticeira. — Ele sorriu para ela. —Eu duvido que você goste se minhas tapas fossem mais duras.

—Você não faria isso.

—Você está certa. — Maverk suspirou. —Eu não faria, não poderia machucá-la.

Sobriamente ela estudou-o, sua alegria desvanecendo.

—Quando eu o vi você pela primeira vez, dois anos e meio atrás, fiquei incomodada, inicialmente por sua arrogância...

—Eu percebi isso. — Ele sorriu.

—Lá estava você, tão alto e forte, sem medo de mim e assim abominavelmente bonito. Esta mandíbula forte, — seu dedo escorregou numa carícia sobre ele —e essa massa selvagem de longos cabelos loiros. — Delicadamente, ela torceu uma mecha de cabelo dele em torno de seu dedo. —Você tem esses belos e risonhos olhos castanhos brilhando para mim, convidando-me para compartilhar a sua diversão e ousadia, desafiando-me.

—Acho que vou gostar disto depois de tudo. Continue.

—Não são apenas os seus olhos, bonito. Com essa boca linda você ri e diz coisas doces, coisas carinhosas.

Lentamente a sua cabeça abaixou até seus lábios.

—Esta sua boca, bonito, é quente, sensual e tão adorável.

O beijo foi suave, doce e leve como a asa de uma borboleta, escovando os lábios. Ela levantou os olhos e ele viu o fogo queimando nas profundezas da geleira, o desejo piscando dentro deles. Ele prendeu a respiração e o calor correu através dele, enchendo-o como uma onda de chamas. Sua masculinidade endureceu, latejava e sua mão no traseiro dela pressionou firme.

—Essa boca, bonito. Num minuto tão suave e dando palavras de conforto, depois beijando todas as minhas mágoas, e no próximo, — lábios sedosos roçaram o canto da sua boca provocadoramente — ela está me levando ao desejo tão profundo...

Ela não terminou, pois uma mão estava em concha no seu traseiro e outra na sua cabeça segurando-a, quando ele tomou posse quase selvagem de seus lábios. Bebendo na essência dela, levando por diante a barragem do desejo.

Virando-a em suas costas, ele capturou e prendeu-lhe os pulsos acima de sua cabeça.

Os olhos castanhos ardiam para ela.

—Eu vou mostrar-lhe o que mais minha boca pode fazer.

Seus gemidos encheram o quarto.



Despertou abruptamente, Reya olhou ao redor, de imediato, alerta. Nada perturbava o silêncio do quarto. Não havia ameaça dentro do quarto, em qualquer lugar. *Então, o que a tinha perturbado?* Ela sentiu Maverk atrás ela, com um braço sobre sua cintura, sua respiração profunda e uniforme.

Uma brisa agitou as cortinas na janela e sussurrou seu nome suavemente. *Reya*.

Um arrepio serpenteava para baixo, em sua coluna e, lentamente, ela sentou-se, cuidadosamente saindo da cama, sem despertar o seu marido adormecido. Avançando sobre o revestimento do piso, ela olhou pela janela.

A noite estava quieta e silenciosa, de onde esta brisa vinha? Um tênue brilho vinha dos jardins, nas proximidades. O mesmo jardim onde estava a estátua de seus pais.

—*Reya*. — O sussurro girava em volta dela. —*Vem*.

Ela estremeceu. *Não é possível*.

A voz de sua mãe, então de seu pai, mais forte, mais exigente.

—*Reya*.

Em poucos minutos saiu da casa, usando seu vestido descartado. Ela fez o seu caminho para os jardins antes que sua coragem pudesse falhar e com o coração batendo forte ela se aproximou da estátua que se destacava no céu noturno.

Ela estava ficando louca, afinal? A última vez que ela ouviu as vozes de seus pais... ela estremeceu.

—Você me disse para vir. — Ela olhou para os rostos de pedra, a sorrir, expressões definidas. —Será que realmente ouvi? Mãe, você falou comigo?

Silêncio foi a única resposta.

—Eu ouvi você me chamar, pai. — Cruzando os braços, ela estremeceu. —Por favor, não me deixe estar enlouquecendo de novo.

Nenhum som ou movimento agitou a quietude do jardim. O ar estava muito carregado com a fragrância das flores da noite, o céu brilhante, com milhões de estrelas cintilantes.

—Por favor. — Sua voz quebrou. —Deus, por favor, não me deixe enlouquecer, não agora.

A lua brilhava sobre a estátua, lançando uma sombra, clara e escura preta e branca, sanidade e insanidade.

Caindo de joelhos, as lágrimas começaram a deslizar pelo seu rosto.

—Não com o bebê. Não quando encontrei a felicidade com Maverk. Eu não posso passar por cima da borda, não posso!

—*Reya*? — Mãos fecharam sobre os seus ombros e lá estava o calor sólido em suas costas.

Vestido apenas com calças, Maverk ajoelhou-se preocupado, atrás dela.

—Eu ouvi que chamavam meu nome. Eu acho que estou ficando louca de novo!

—Não! — Braços fortes enrolaram em volta dela, puxando-a de volta contra o seu peito nu. —Você não deve pensar isso!

Em busca de conforto, ela se apertou contra ele.

—No rio, naquele dia, chamaram-me no trovão, disseram-me para ir. — Reya agarrou seu braço convulsivamente com uma mão, o outro apertando mais na sua cintura magra. —Fiquei mais perto da borda naquele dia. Está acontecendo de novo!

Ouvindo o pânico em sua voz, ele disse ferozmente:

— Não, você não está indo ao longo da borda. Eu estou com você, meu amor. Basta segurar em mim. Segure-se firme.

—Eu não posso perdê-lo, Maverk, não posso!

—Você não vai — ele prometeu com veemência. —Eu estou aqui, sempre.

Uma brisa suave começou, girando em torno deles de forma calorosa, com o mais fraco dos sussurros nela.

—Reya.

Vozes em sua imaginação. Ela se encheu de pavor.

—Maverk!

—Silêncio, meu amor, está tudo bem, eu estou...

—Reya. — Mais alto mais insistente. Claro.

Ele congelou.

A brisa acariciou sua bochecha, mexendo no cabelo do homem, segurando-a no seu abraço protetor.

—Reya. — Novamente. Exigente. Um tom mais profundo.

Tremores sacudiram-na.

—Eu ouvi.

Foi sua vez de congelar.

—O quê?

—Você não está ficando louca. Se assim for, então também estou.

Ela levantou os olhos chocados ao ver a sobancelha de Maverk enrugar em confusão.

—Você ouve? As vozes?

—Sim. — Ele olhou em volta cautelosamente. —Alguém está aqui. — Mantendo-a protetoramente no abrigo de seus braços, ele a puxou sobre os seus pés.

—Reya. — A voz vinha da estátua e eles olharam para o brilho suave que os rodeava.

—O que está acontecendo?

—Eu não sei moça — respondeu ele, inquieto.

—Reya. — A voz era suave, familiar para ela, nunca esquecida.
—Filha.

—Mãe? — ela sussurrou.

Era como se pedras de gelo escorressem na coluna de Maverk, quando o brilho deixou a estátua e começou a deslizar em direção a eles. Ele tentou afastar-se com Reya, mas não conseguia se mover.

—Eu não sei o que diabos está acontecendo — disse laconicamente: —Mas não vou permitir que nada aconteça com você, Reya.

O brilho tornou-se duas esferas, uma violeta e a outra verde pálido. De repente, elas se fundiram, tornando-se uma, embora de alguma forma mantivessem sua individualidade.

As cores eram familiares e com um sentimento de admiração, ele percebeu que eram as cores dos olhos de Tenia e de Reya.

A luz chegou mais perto e, de repente, tomou conta do casal, rodopiando sobre e através deles, trazendo consigo uma sensação de paz e amor.

Palavras fluíam sobre eles, desarticuladas, mais fracas, então mais fortes e mais fracas novamente, uma mistura das vozes de Karana e de Vulya.

—Filha. Nenhuma culpa... não é necessário perdão. Você encontrou o caminho que vai trilhar. Felicidade e paz, Reya. Amo você sempre.

Ela se foi, tão de repente quanto havia aparecido, o brilho desapareceu e a brisa acalmou.

Silenciosamente, Reya olhou sobre ela, em seguida, virou o rosto até o marido confuso.

—Eles se foram.

—Sim. — Ele olhou à sua volta. —Eles se foram.

Olharam um para o outro, digerindo o que tinham visto e ouvido.

—Meus pais estavam aqui. Eu não imaginei isso, não é?

—Não, moça. Vi e ouvi tudo. Você não imaginou.

—Sabe o que isso significa?

—Diga-me.

Seus olhos brilhavam com as lágrimas não derramadas.

—Eles me amam ainda.

—Eu nunca duvidei disso, moça.

—Eu duvidei. Naquele dia, no rio, eles não estavam com raiva de mim, eles não estavam me descartando. Avisaram-me da

presença do bebê, eles fizeram-me ir até Beulah. Maverk, meus pais estavam lá naquele dia, para salvar a minha vida!

Ele sorriu para ela.

—Sim, eles estavam. Moça, não sei muito sobre fantasmas e tal. Eu acredito em Deus e vida após a morte, minha fé é simples. O que aconteceu aqui agora, — ele olhou ao redor — não sei o que foi. Tudo que sei é que, finalmente, você pode estar em paz e isso é tudo que importa.

Ternamente ela tocou seu rosto.

—Como eu pude ser tão abençoada para encontrar um homem como você?

—Somos almas gêmeas, como Beulah disse. — Ele a beijou delicadamente. —Venha, vamos para casa.

Olhando mais uma vez para a estátua de seus pais, seu olhar seguiu a direção do dedo indicador de Vulya, pela primeira vez, ela percebeu que ele apontava para a casa que dividia com seu marido.

Calor varreu através dela e ela olhou para Maverk.

—Sim, vamos para casa.

Ele abraçou-a, um braço em volta da cintura delgada, com a cabeça loira curvada, protetora, sobre seus cabelos vermelho-ouro.

A guerreira mercenária tinha encontrado refúgio com o comerciante, grande e suave. Sua alma estava brilhando outra vez, as trevas foram banidas para sempre.

Finalmente, Reya tinha voltado para casa.



Sobre a Autora

Nasci em Victoria, Austrália, minha infância foi passada em uma variedade de lugares, tanto nas cidades como no interior.

Agora vivo na Austrália Ocidental e trabalho como enfermeira.

Um amor pelos animais fez envolver-me com o seu bem estar e, certamente, explica os gatos em minha cama e a garrafa de água quente!

A leitura tem sido sempre a minha fuga, meu sonho de escrever.

Horror, mitos, lendas, fantasias e história, não há limites para as maravilhas a serem encontradas. E o romance?

Bem, adiciona o tempero de esperança e felicidade para sempre.